3 1761 07149790 3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/relaodaembai00barr

Inês Francisca
Carmelita parda suma
com notícias

PRIMEIRAS EMBAIXADAS DE EL-REI D. JOÃO IV

RELAÇÃO DA EMBAIXADA A FRANÇA EM 1641

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

PRIMEIRAS EMBAIXADAS DE EL-REI D. JOÃO IV

Relação da Embaixada a França em 1641

POR

JOÃO FRANCO BARRETO

REIMPRESSA COM

NOTICIAS E DOCUMENTOS ELUCIDATIVOS

POR

CARLOS ROMA DU BOCAGE

E

EDGAR PRESTAGE

Sócios correspondentes da Academia das Sciências de Lisboa

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1918

LIBR
FEB 6 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
634
B35
1918

PARECER

Redigido pelo Sr. Joaquim Coelho de Carvalho àcêrca da reimpressão da obra intitulada «A embaixada do Monteiro-mór e do Doutor António Coelho de Carvalho»

Haveis-nos dado a dupla tarefa de examinar um manuscrito, cópia do livro impresso intitulado *A Embaixada do Monteiro Mór e do Doutor António Coelho de Carvalho a França,* e de dizer-vos em parecer fundamentado, se o temos por obra digna de ser, por conta da Academia das Sciências de Lisboa, reimpressa, como alvitrado nos foi pelos nossos ilustres consócios Srs. Carlos Roma du Bocage e Edgar Prestage.

Lemos com toda a atenção o livro com a cópia manuscrita e consideramos que, fazendo-o reimprimir e correr, a nossa Academia prestará um bom serviço às belas letras e à história pàtria; porquanto é obra, pela vernaculidade e elegância da linguagem, digna do seu auctor, o clássico João Franco Barreto, o célebre erudito que compoz em oitava rima a *Eneida Portugueza,* a qual, mais dum século volvido, veiu a ser a mais copiosa fonte

do diccionário de Morais e Silva. E sendo dêste livro da *Embaixada do Monteiro Mór e do Doutor António Coelho de Carvalho* a tal ponto raros os exemplares impressos que Inocêncio disse constar-lhe a existência apenas dum, o da biblioteca de lcrd Stuart em Inglaterra, mal fôra não se facultar aos estudiosos da lídima linguagem portuguesa tão clara lição. É de notar a simplicidade ática desta narração escrita numa época em que, na Península, a clareza do conceito se afogava e perdia no refolhado estilo de Luiz de Gongora e J. Argote. Mas além destas qualidades de estilística possuir, é o livro da Embaixada opulento repositório curioso de utilíssimas notícias de usos e costumes, de lendas e pragmáticas, tanto das províncias de França pela Embaixada percorridas, como da côrte do seu então monarca Luís XIII.

É, pois, meu parecer que se reimprima a obra; com a condição porém de os nossos ilustres consócios, que a reimpressão propuzeram, a opulentarem de anotações, indispensáveis especialmente para a identificação dos lugares (cidades, vilas, aldeias, herdades e castelos), onde os embaixadores se detiveram ao passar ou a que o narrador de suas jornadas faz referências, pois, na forma em que estão escritos nomes tais, difícil nos é hoje reconhecê-los, e até impossível será achá-los em alguma bôa carta topográfica da França moderna, nem sôbre ela seguir, por aqueles nomes, o itinerário dos embaixadores de D. João IV ao rei de França, tanto na ida, desde o desembarque em La Rochelle até Saint Germain, onde então Luís XIII havia residência

e côrte; como na volta, regressando, por Orléans, áquele porto.

Egual trabalho de identificação muito convirá também, se possivel lhes fôr, em relação aos nomes de familia dos senhores que intervieram a festejar os embaixadores de el-rei, em as jornadas verdadeiramente triumfaes, desde que em França entraram, até que a Lisboa volveram trazendo, de escolta de honra, navios franceses da real armada.

E como o facto da cordealíssima acolhida que houve a primeira Embaixada do Portugal restaurado, tanto pela parte do monarca e da Rainha, como pela dos nobres franceses, mostra só por si quão grande significação política tinha para a própria França aquela missão, cumpre-nos exigir ainda que os Srs. Roma du Bocage e Edgar Prestage nos dêem, em prefácio ou em *post loquia*, a notícia crítico-histórica das relações da côrte de Luís de França com a de Madrid na época em que Portugal foi restaurado do poder de Filipe IV de Castela; e ainda dizerem a influência que o acôrdo de Lisboa com Saint Germain, resultante da Embaixada de Monteiro Mór e do Doutor António Coelho de Carvalho teve na política externa da França e na dos dois reinos da península no decorrer do tempo que se seguiu até à paz definitiva com a Hespanha.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1915.

A. Braamcamp Freire.
Júlio M. de Vilhena.
Joaquim Coelho de Carvalho (relator).

PREFACIO

Na «*Relaçam da viagem que a França fizeram*» os primeiros embaixadores enviados á côrte de Luiz XIII pelo nosso D. João IV apenas subiu ao throno, tal como a escreveu e publicou João Franco Barreto, secretario particular do embaixador Francisco de Mello, não se deve procurar uma noticia circunstanciada das negociações realizadas em Paris. Sobre ellas guardou o auctor a mais discreta reserva, não alludindo mesmo ás successivas e desencontradas variantes por que passáram e ás manifestas tergiversações dos negociadores francezes, influenciados por causas extranhas ás relações entre a França e Portugal, como adeante veremos.

O que nos dá Franco Barreto, bom escriptor, investigador curioso e erudito, é a narração fiel de uma viagem tal como no anno

de 1641 a fizeram os enviados do rei de Portugal ao soberano da França e o seu sequito luzido e numeroso.

Constituiam a missão portugueza dois embaixadores de egual cathegoria, o monteiro-mór Francisco de Mello e o desembargador Antonio Coelho de Carvalho, entre cujos companheiros se destacava, com merecida preeminencia, o secretario da embaixada, desembargador tambem, porém da Relação do Porto, Christovam Soares d'Abreu, jurisconsulto abalisado e homem de boas letras [1].

Com elles ia Pedro de Mello, moço e brilhante fidalgo, filho do Monteiro-mór, destinado certamente a uma brilhante carreira, se a morte impiedosa o não tivesse arrancado prematuramente, durante a missão, aos affectos paternos e á entranhada sympathia que despertára em todos os membros da embaixada e até conseguira desde logo alcançar na

[1] Dos dois Embaixadores, de Soares d'Abreu, e de Franco Barreto nos occupamos na segunda parte da *Introducção* relativa ao *Pessoal da Embaixada.* A Pedro de Mello, filho do Monteiro-mór, e aos que desde Portugal acompanharam a missão ou a ella se aggregaram em França referir-nos-hemos nos *Personagens e logares citados.*

sociedade franceza que tão pouco tempo frequentou.

Como estribeiro do Monteiro-mór vemos mencionado Manuel Freyre de Macedo, sem que lograssemos obter ácerca d'este personagem, a que Franco Barreto apenas allude uma vez, qualquer noticia ou pormenor.

Outro companheiro de viagem foi o celebre polygrapho Padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, «que a negocios seus passou occulto a todos, em nossa propria nao, áquelle Reyno, pera dali se ir a Roma», como d'elle diz Franco Barreto; e cujo extraordinario saber foi utilissimo á missão portugueza, conforme claramente especificam tanto o secretario do embaixador como o proprio secretario da embaixada.

Pois em tão brilhante companhia não se encontrava quem conhecesse a lingua franceza, tão rara era então a practica de linguas vivas mesmo entre os homens de maior cultura; sabiam latim e sabiam-no bem tanto o Padre Macedo como Franco Barreto, traductor da *Eneida,* não podiam ignoral'o nem Coelho de Carvalho nem Soares d'Abreu e fallavam decerto muitos d'elles o hespanhol;

do Monteiro-mór sabemos que se servia da lingua castelhana nas suas conversações com Anna d'Austria e com o proprio Richelieu; mas do francez nenhum podia usar senão o interprete Pero de Oliveiros, a quem a *Relaçam* por vezes se refere, sem que nos dê da sua pessoa desenvolvida noticia.

Tal era, rapidamente enumerado, o pessoal da embaixada, a quem mais desenvolvidamente nos havemos de referir, sobretudo pelo que toca aos dois embaixadores, ao secretario official e ao nosso auctor.

Nas notas, muito numerosas embora ainda incompletas, ácerca dos *Personagens e logares* citados por Franco Barreto ou por Soares d'Abreu, encontram-se os dados que sobre uns e outros alcançámos, recorrendo para os francezes, de quem não seria facil encontrar em Portugal noticia segura, á generosa benevolencia do illustre professor e notavel escriptor francez, o Sr. Alfred Morel Fatio, particularmente competente em quanto respeita a manuscriptos e documentos portuguezes e hespanhoes existentes em França, a quem n'este logar consignamos a expressão

do nosso respeito e do nosso reconhecimento [1].

Á *Relaçam* de Franco Barreto, pareceu-nos util accrescentar alguns *Documentos elucidativos;* vamos enumeral'os dizendo sobre cada um d'elles o indispensavel para se poderem apreciar.

São bastante conhecidas as *Instrucções ostensivas* da embaixada, transcriptas por Franco Barreto, (pagg. 71 e segg.), de que o Visconde de Santarem publicou no *Quadro Elementar,* um desenvolvido extracto e a que varios escriptores se teem referido com o merecido elogio [2]; mas, com ellas foram dadas aos dois

[1] Apesar da sua particular competencia e amavel dedicação, nem sempre o illustre professor conseguiu identificar os personagens mencionados por Franco Barreto, de quem diz: «*Beaucoup de personnes mentionnées par Barreto n'ont qu'une très mince importance et on ne les trouve pas toujours recensées dans les ouvrages de l'époque*». Sirvam-nos estas palavras de desculpa se as nossas notas a alguem parecerem escassas.

N'ellas procurámos identificar quanto possivel pessoas e logares, orthographando correctamente os nomes sempre que os pudémos conhecer e algumas vezes adivinhar; não pensámos, porém, em corrigir erros historicos e geographicos, o que nos teria levado muito longe, deixámol'os á responsabilidade de Franco Barreto.

[2] V. *Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplo-*

embaixadores umas *Instruções Secretas* que se conservam na Torre do Tombo, sem que tenham sido impressas na integra; damos-lhe o primeiro logar nos nossos *Documentos Elucidativos* (pagg. 153 e segg.) por nos parecerem interessantes tanto as referencias á Catalunha e á Hollanda, como as indicações e perguntas quanto ao soccorro de tropas e officiaes; e bem assim as recommendações que dizem respeito á necessidade de coordenar os esforços das differentes embaixadas, mantendo entre todas uma util correspondencia, que a distancia da côrte e a escassez de communicações tornava indispensavel [1].

maticas de Portugal pelo Visconde de Santarem, (Paris, Aillaud, 1843), T. IV, P. I, pagg. 5 e segg. Tambem se podem ver estas *Instrucções Ostensivas* resumidas e commentadas em: *Subsidios para o Estudo das Relações Exteriores de Portugal em seguida á Restauração,* por C. R. du Bocage, (Lisboa, Academia, 1916), T. I, Cap. IV, pagg. 59 e segg.

[1] Não vem fora de proposito mencionar que durante os quatro mezes que a embaixada permaneceu em França apenas recebeu por trez vezes cartas de Portugal, devendo concluir-se do que diz Soares d'Abreu nas suas *Advertencias,* (pagg. 199 e seg. *infra*), que haveria em Lisboa negligencia em as mandar e que muito conviria estabelecer constantes relações maritimas entre Portugal e a França.

As unicas cartas que encontrámos, dirigidas aos nossos embaixadores, damol'as no *Documento III,* (pagg. 159 e segg.).

A designação das attribuições do secretario Soares d'Abreu e cuidados que se recommendam quanto ás contas, as mais minuciosas, provam que na chancellaria portugueza se mantinham as melhores tradições de ordem e de economia.

O *Documento II* (pagg. 157 e seg.) é uma simples noticia da chegada dos nossos embaixadores á Rochella, extrahida do diario de um contemporaneo habitante d'aquella cidade. Foi-nos communicado este documento pelo Sr. Morel Fatio a quem tributamos por elle os nossos agradecimentos.

Seguem-se, *Documento III* (pag. 159 e segg.) duas cartas, ambas de 7 de Abril, assignadas por D. João IV e dirigidas aos seus embaixadores em França; foi portador d'ellas o bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, que ia por embaixador a Roma e devia encontrar-se com a nossa embaixada em Paris. A primeira carta refere-se aos serviços d'esta missão e parece ser resposta a outras, que o Monteiro-mór e Coelho de Carvalho escreveram ao Rei, em 2 de Março, ainda da Rochella; a segunda diz respeito ao infante D. Duarte e não parece ter sido

conhecida de Ramos Coelho, pois não a menciona.

Ambas estão em cifra e em parte decifrada a primeira, o que nos permittiu achar a chave e decifrar completamente as duas; conservam-se ambas na Torre do Tombo.

Seguem, *Documento IV* (pagg. 164 e segg.) umas cartas de Gaspar Fernandes de Lião para Christovam Soares d'Abreu; são curiosas não só pelas noticias que nos dão da vida intima da embaixada e das suas relações sociaes, mas sobretudo porque mostram a acceitação que o signatario d'ellas tinha na corte de França; e a parte que tomou mesmo nos trabalhos diplomaticos mais confidenciaes, um simples negociante, que nem era portuguez nem francez, nem ao menos sabia bem qualquer das linguas, coisa que é facil ver lendo o que elle escrevia, e que se mettia por pedido do proprio Chavigny a traduzir documentos diplomaticos para serem communicados ao Cardeal, juntamente com um portuguez residente em França.

Este ultimo, Manuel Fernandes Villa Real se chamava elle, que exercia não sabemos até que ponto as funcções do consul portuguez, que

Soares d'Abreu designa por capitão, e que Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo veiu mais tarde a denunciar como judeu, acabou por soffrer pena de morte em Lisboa, em 1652.

Não é das coisas menos interessantes esta intervenção de officiosos, ricos mas suspeitos de christãos novos, nas negociações d'aquelle tempo, em que elles, conhecedores do meio, mettediços e pouco escrupulosos, suppriam a falta de preparação de improvisados diplomatas e exploravam o seu desconhecimento da lingua do paiz em que negociavam, intervindo muito particularmente quando se tratava da acquisição dos valiosos presentes, que era uso trocarem-se quando se concluiam as negociações.

O *Documento V, Advertencias de Christovam Soares d'Abreu* (pagg. 171 e segg.), se acaso não era inteiramente desconhecido, permanecia inedito; e, quanto a nós, merece bem ser conhecido porque contém, a par de judiciosos conselhos dados por quem tinha adquirido a necessaria experiencia para os poder dar, noticias ácerca do meio que não são para desprezar. As *Advertencias* foram compostas

por Soares d'Abreu para D. Vasco Luiz da Gama, conde da Vidigueira e primeiro marquez de Niza, quando ia partir, em 1642, para a sua primeira embaixada em Paris, e tanto bastaria para que nos interessassem se não tivessem tambem particular utilidade para ficarmos sabendo muitos pormenores da nossa, que a penna erudita de Franco Barreto deixára no olvido.

A *Relação da viagem* e a parte narrativa das *Advertencias* completam-se; pena é que nem uma nem outra nos informem ácerca da parte politica, das negociações e do seu resultado; mas esses assumptos bem claramente indicam tanto o secretario da embaixada como o secretario do embaixador que os consideravam vedados, eram segredos de chancellaria.

Segue-se ás *Advertencias* uma *Memoria sobre as contas da Embaixada de França,* do mesmo auctor, que publicamos no *Documento VI,* (pagg. 210 e segg.), em que Soares d'Abreu diz como foram gastos uns 600$000 reis que lhe entregáram para a jornada de França.

É digno de notar-se que o pedido de justificação é feito em Novembro de 1645 e o se-

cretario da embaixada responde, de memoria, em 12 de Dezembro, lamentando que o não advertissem de que tinha de dar contas quando lhe entregáram o dinheiro pois, se o tivessem feito, teria elle trazido quitações e mais documentos. A nota dos gastos é curiosa, não escapando mesmo ao Desembargador enumerar os volumes da sua propria bagagem: «4 baús, duas arcas da minha cama, e dous caixões de miudezas» (pag. 211).

Queixa-se por fim Soares d'Abreu de que se individou para pagar as suas despezas durante a embaixada, e queixa-se ainda mais amargamente de que fossem melhor recompensados os serviços de outros secretarios, Antonio de Sousa de Macedo e Antonio Moniz de Carvalho; não entraremos a apreciar se teria razão.

O *Documento VII* que publicamos (pagg. 215 e seg.), é um breve extracto de um livro manuscripto a que terá forçosamente de recorrer quem queira estudar os primeiros annos do reinado de D. João IV e, muito particularmente, as relações exteriores de Portugal n'esse periodo; é um precioso manancial de informações que nenhum outro, de nós conhecido,

pode supprir. Surprehende-nos mesmo que ainda ninguem se abalançasse á obra utilissima da sua publicação em edição commentada e acompanhada de documentos elucidativos; pois seria obra utilissima, tanto mais que o auctor, manifestamente contemporaneo, corrige muitas vezes erradas apreciações do conde da Ericeira, de quem toda a gente copiou sem mais exame, salvo muito raras e não menos meritorias excepções.

Referimo-nos, sem ainda o ter dito, aos «*Anaes de Portugal restituido a Reis naturaes*», códice n.º 6818, supplemento, da Bibliotheca Nacional de Lisboa, sem nome do auctor[1], de

[1] O sabio academico Ramos Coelho, que bastante se serviu d'este codice para a sua *Historia do Infante D. Duarte*, (Lisboa, Academia, 1889), manifesta (a pag. 709 do T. I) a opinião de que: «Os *Annaes de Portugal restituido a reis naturaes* foram escriptos por um dos advogados dos réos da conspiração de mil seiscentos e quarenta e um, como se colhe da pag. 174 dos mesmos», onde, com effeito, se lê o seguinte: «Não lansamos aqui as sete cartas», a que atraz alludira, «porque posto que as ly quando se deu vista aos advogados dos reos, como fossem tantas e tão difusas e o tempo que se dava aos letrados para defenderem os presos fosse abreviado não ouve lugar de as copiar».

Não tivémos occasião para levar as nossas indagações mais longe do que as levou Ramos Coelho; ficaremos portanto ignorando quem seria o advogado dos réus, na conspiração

mais de quatrocentas folhas, devidido em sete Livros e cada um d'estes em numerosos Capitulos. Os cinco primeiros referem-se ao desastre de Alcacer, á conquista de Portugal por Filippe II e ao direito que tinham os portuguezes á sua independencia, não teem particular interesse e são brevissimos; mas logo o VI e o VII dão interessantes noticias ácerca da acclamação de D. João IV, continuadas nos seguintes com pormenores que seria inutil procurar no *Portugal Restaurado*. Á nossa embaixada refere-se todo o Capitulo VII do Livro II (fol. 74 a 77), bem como o Capitulo I do Livro IV, (fol. 180 a 182), que trata do regresso dos embaixadores a Lisboa na armada do marquez de Brézé.

Os ultimos acontecimentos a que o interessante manuscripto allude correspondem ao principio do anno de 1644; no Capitulo XIII do Livro VII, trata da partida de D. Alvaro Pires de Castro, conde de Monsanto que acabava de ser elevado a marquez de Cascaes, como embaixador extraordinario

do marquez de Villa Real e do arcebispo de Braga, que tão grande serviço prestou á historia dos primeiros annos do reinado de D. João IV escrevendo os *Anaes*.

para dar os pesames da morte de Luiz XIII, partida que foi em 12 de Fevereiro de 1644; e nos Capitulos XIV a XVIII, que são os ultimos, menciona as operações do conde de Castello Melhor na provincia do Minho, na campanha de inverno de 1643-1644. Podemos assim definir exactamente o periodo que os *Anaes* abrangem: são os trez primeiros annos do reinado de D. João IV.

Do interessante codice apenas reproduzimos um trecho em que d'algum modo se atribue ao Monteiro-mór a culpa de se não ter feito a liga formal com a França; e ao Bispo de Lamego o merito de ter mostrado a Francisco de Mello o seu erro. É assumpto de que nos propomos tratar n'outro logar e que porisso não desenvolvemos aqui.

A seguir ao breve extracto dos *Anaes* damos, *Documento VIII*, um poema em castelhano escripto em louvor da embaixada, com todos os defeitos da epocha, estylo emmaranhado, rhetorica desnecessaria e exaggeradas louvaminhas para todo o pessoal da missão; démol'o por ser rarissimo e por conter uma descripção pormenorizada da recepção feita por Luiz XIII aos nossos embaixadores.

Fecha a serie dos *Documentos Elucidativos* com que nos pareceu util completar a *Relaçam* de Franco Barreto, sob o n.º IX, com uma «*Carta regia em favor de Garcia de Mello*» filho do nosso embaixador, na qual se allude largamente aos serviços do pae e do avô, permittindo-nos assim juntar mais algumas informações, absolutamente fidedignas, ás que possuiamos com respeito á biographia d'aquelle fidalgo que, digam o que disserem os seus detractores, foi um zeloso servidor do seu paiz.

Rapidamente enumerámos os elementos de informação que tivemos por necessario accrescentar á *Relaçam da viagem;* vamos agora, na primeira parte da *Introducção,* expor n'um quadro breve, mas de facil comprehensão, a situação internacional dentro da qual a nossa missão se moveu e as *Negociações Diplomaricas* que realizou, com maior exito do que lhe foi attribuido; por ultimo, n'uma segunda parte, referiremos quanto conseguimos saber ácerca do *Pessoal da Embaixada,* comprehendendo só os dois Embaixadores, Christovam Soares d'Abreu e Franco Barreto.

Com respeito aos outros membros da missão e aos numerosissimos personagens e logares

citados, tanto por Franco Barreto como por Soares d'Abreu, reunimos em breves notas, coordenadas por ordem alphabetica, todas as indicações que pudémos conseguir, lamentando não ter podido levar mais longe o nosso inquerito, apezar do auxilio valiosissimo que nos prestáram os Srs. Morel Fatio e Dr. José Maria Rodrigues, illustre professor e academico, a ambos os quaes agradecemos aqui os valiosos subsidios com que para o nosso trabalho concorreram.

Para o estabelecimento do itinerario da embaixada servimo-nos de um antigo atlas bastante detalhado pertencente á Bibliotheca da Academia, a que tambem recorremos para a identificação de um grande numero de logares mencionados por Franco Barreto [1].

Crêmos assim ter cumprido a nossa missão e seguido, tão de perto quanto nos foi possivel, as indicações do douto Parecer da Secção de Historia, approvado pela Segunda Classe da Academia.

[1] *Atlas contenant les cartes générales et particulières de la France pour servir à l'Histoire de l'État présent et ancien de ce Royanne, t. II, suivant la collection du Sr.* DE BEAURAIN, *Géographe ordinaire du Roi, à Paris, 1750.*

INTRODUCÇÃO

I

Negociações diplomáticas

Qual fosse o intuito da embaixada a França é materia demasiadamente conhecida para que nos cumpra n'este momento expol'a e desenvolvel'a: dizem-n'o as *Instrucções Ostensivas* que Franco Barreto transcreveu na integra [1] e ainda o confirmam as *Instrucções Secretas,* a que damos o primeiro logar nos nossos *Documentos Elucidativos* [2], ao que ainda veem accrescentar-se as indicações contidas em duas cartas de D. João IV para os seus embaixadores, escriptas muito depois d'elles partirem e que tambem inserimos no seu logar [3].

Não renovaremos aqui as apreciações, já por muitas vezes feitas, d'essas instrucções e do objecto da missão; apenas consignaremos que, de todos os artigos das Instrucções, de todos os objectivos que se indicavam aos nossos diplomatas, um só ficou

[1] Pagg. 71 e segg.

[2] *Documento n.º I,* pag. 153 e segg.

[3] *Documento n.º III,* pag. 159 e segg.

sobresahindo no espirito do publico a todos os demais, de um só se occuparam os auctores contemporaneos e até os mais auctorizados e recentes. Tudo o mais esqueceram e desprezaram, subordinando o seu juiso a esse modo de vêr, quanto a nós errado; e, accusando Francisco de Mello e Coelho de Carvalho pelo que não alcançáram, nem mesmo cuidáram de indagar o motivo da sua falta de exito, quando tão facil se antolhava a todos esses escriptores o conseguimento do que era, para elles, para a voz publica, para a tradição, o verdadeiro e unico intuito da missão que fôra confiada aos nossos embaixadores.

Era esse fundamental objectivo da missão: que entre as duas coroas houvesse «irmandade paz e liga», *liga* indissoluvel e completa sem que um dos reis pudesse fazer pazes com os inimigos do outro, nem guerra aos amigos d'elle. N'essa *liga,* assim formal e absoluta, entrariam todos «os Reys, Princeppes, Potentados e Republicas» que tivessem «aliança, paz ou tregoas, com ambas as Coroas». N'ella seriam emfim: «admittidos especialmente os estados das Provincias unidas de Olanda, Zelanda e Friza, querendo entrar n'ella...» [1].

Eis o que os nossos diplomatas haviam de conseguir, désse por onde désse, a bem ou a mal; como não o alcançáram, choveram sobre elles asperas censuras, que primeiro vieram a publico no

[1] V. *Instrucções Ostensivas,* a pag. 75.

Portugal Restaurado e foram constantemente reproduzidas durante dois seculos.

Procuremos nós apreciar agora o caso com a imparcialidade devida; sejamos justos senão benevolos com quem fez o que poude, com esclarecido e patriotico zêlo, e conseguiu, quanto a nós, o mais que era humanamente possivel conseguir.

Vejamos, em primeiro logar, o que diz Ericeira: «Usou», o cardeal Richelieu, «com os Embaixadores agradaveis termos e excessiva cortezia, offerecendo-lhes logo muito mais do que lhe pedirão: porém elles uzando de uma errada fantasia aceitarão muito menos do que era necessário á defensa de Portugal, dizendo que nenhuma couza lhes faltava: e o tempo trouxe comsigo o arrependimento de não saberem uzar do primeiro ardor do Cardial, em todas as operaçoens daquella nação sempre o mais util» [1].

Um outro auctor de boa nomeada, Alessandro Brandano, ainda vae mais longe; esse accusa os ministros portuguezes de terem confiado vaidosa e exaggeradamente nas proprias forças do Reino, para a sua defeza; «recusaram imprudentemente», diz, «acceitar o que, n'esse tempo, com mão generosa lhes teria sido concedido, talvez superabundantemente», e, coisa ainda peor, prescindiram «*con stupido e pernicioso consiglio*» (vae mesmo na lingua original para não tirar á expressão o seu maximo

[1] V. *Historia de Portugal Restaurado*, por *D. Luiz de Menezes*, CONDE DA ERICEIRA (Lisboa 1751), t. I, liv. III, pag. 162.

vigor), «de estabelecer uma liga offensiva e defensiva, como facilmente teriam podido contractar. Erro foi tão grande», continúa, que depois o não pudéram corrigir os outros embaixadores que D. João IV mandou á França, sendo assim Portugal abandonado, por occasião da paz dos Pyreneus [1].

Esta sentença passou em julgado sem que ninguem a contestasse, e até o proprio visconde de Santarem arguia os nossos diplomatas: «como já o havia feito o conde da Ericeira, posto que sem apontar documento algum, de se não terem aproveitado dos offerecimentos do Cardeal de Richelieu» [2].

Isto diz o visconde de Santarem depois de ter examinado uma serie de documentos do Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, que nos não foi possivel consultar, comquanto conheçamos indirectamente alguns d'elles pela correspondencia de Richelieu publicada por Avenel.

Em vista d'esses documentos concluiu Santarem que: «o Cardeal Richelieu estava determinado, ainda antes da chegada a Pariz dos nossos Embaixadores, a acceder a todas as proposições que lhe fizessemos.

[1] V. Alessandro Brandano, *Historia delle Guerre di Portogallo, succedute per l'occasione della separazione di quel Regno dalla Corona Cattolica.* (Veneza, 1689), liv. 3.º, pag. 112.

[2] V. Santarem, *Quadro Elementar*, t. IV, p. II (Paris, Aillaud, 1844); *Introducção*, pag. V e nota 2.ª, em que faz referencia a t. IV, p. I, pag. 27, onde veem reproduzidas as palavras de Ericeira por nós acima citadas.

As primeiras e segundas instrucções dadas por este Ministro ao Agente Saint-Pé, e as que foram dadas ao Marquez de Brézé, em 29 de Maio de 1641, assim nol'o demostrão» [1].

São conhecidos e foram ainda ha pouco reproduzidos os trez documentos a que se refere o erudito Santarem; vamos vêr portanto, e com a maior facilidade, o que elles dizem sobre *liga-formal* [2].

As primeiras instrucções para o agente Saint-Pé, ou, para melhor dizer, para a pessoa que este mandaria em seu logar a Portugal com cartas suas, são de 15 d'Agosto de 1638, escriptas sem mesmo se saber se o duque de Bragança quereria ser candidato ao throno, e prevendo a hypothese, no caso contrario, de se mandar de França aos portuguezes que se quizessem levantar contra o dominio da Hespanha um pretendente eventual, que seria «*un des héritiers de leurs derniers Roys*». N'estas instrucções promettem-se soccorros de tropas e navios, e pergunta-se: «*quelle assurance le pays de Portugal veut donner aux François et aux Hollandois*» (já os hollandezes note-se) «*ou aux François seuls,*

[1] V. Santarem, *Quadro Elem.*, t. IV, p. II, *Introd.*, pag. VII.

[2] V. C. R. du Bocage, *Relações Exteriores de Portugal:* Cap. IV *passim, Negociações entre Portugal e a França, Primeira Embaixada,* pagg. 53 e segg.; *Appendice, Doc. n.º I,* pagg. 183 e segg., as primeiras *Instrucções Saint-Pé; Doc. n.º III,* pagg. 189 e segg. as segundas; e *Doc. n.º IV,* pagg. 192 e segg., as *Instrucções para o marquez de Brézé.* Os trez documentos veem todos reproduzidos na integra.

ainsi qu'ils estimeront plus à propos, si on va les secourir avec une armée de douze mille hommes de pied, cinq cents chevaux, cinq cents hommes avec selles, armes et pistolets, pour se monter étant dans leur pays, et une armée navale de cinquante vaisseaux».

Do que se trata, vê-se bem, é de uma expedição armada, dirigida contra a Hespanha e tendo por base a conquista de «*tous les forts qui sont depuis l'embouchure de la rivière de Lisbonne jusques à la tour de Belem*» [1]; o que se pede é a cumplicidade dos portuguezes, que se sublevariam no momento opportuno e auxiliariam a empreza. Não ha a mais remota referencia a uma *alliança formal* com um poder constituido, nem de tal se poderia tratar porque semelhante poder não existia, nem se podia saber em França quem quereria e poderia vir a exercel'o. A unica coisa que no documento se affirma é o desinteresse da França em materia de conquistas territoriaes; estas seriam todas para os portuguezes, se os portuguezes adherissem ao movimento, se a expedição tivesse exito, e se conquistas houvesse.

Não crêmos que ninguem, examinando despreoccupadamente estas primeiras instrucções para Saint-Pé, pudésse nunca concluir de boa fé que n'ellas se contivesse, ainda mesmo no estado embryonario, uma promessa de *liga-formal* entre Portugal e a

[1] *Loc. cit.*, pag. 184.

França; o que havia n'ellas era um projecto de expedição, que não foi ávante, e nada mais.

Vejamos agora as segundas instrucções, datadas de 6 de Março de 1641 quando já estavam em terras de França os embaixadores de Portugal; n'essas é que se exprime muito claramente quaes eram n'aquelle momento as intenções do governo francez; teem um verdadeiro valor, que não pode ser contestado.

N'este documento não se ordena já ao agente Saint-Pé que mande a Lisboa um emissario da sua confiança, tem de ir elle e o mais depressa que pudér; e ha de dirigir-se ao Rei e ás principaes pessoas do reino em nome do rei de França, para saber o que em Portugal necessitam e affirmar a amizade «*que la France a toujours eue pour la nation portugaise et pour leurs derniers Rois*», offerecendo aos portuguezes, «*de prendre soin de ce qui les touche, et de lier leurs interêts avec ceux de la France si etroitement, qu'elle ne fera pas de difficulté de s'obliger à ne traiter aucun traité avec les Espagnols, sans que les Portugais y soient compris à leur contentement*».

Logo a seguir se accrescenta que irá tambem alguem a Portugal da parte dos Estados Geraes das Provincias Unidas, para «*y faire la même chose que fera ledit de Saint-Pé de la part du Roi*»; e logo se accentúa que «*Sa Majesté avec la jonction desdits sieurs États, peut assister les Portugais d'un corps considérable de vaisseaux, ce qui se pourra*

ajuster et toutes autres choses concernant cette affaire, avec leur ambassadeur qui viendra icy» [1].

Por estas ultimas palavras se vê bem claramente que Saint-Pé não tem plenos poderes para tratar nem mesmo está auctorizado a fazer uma proposta formal de alliança; vae apenas encarregado de orientar o governo de D. João IV ácerca das disposições da França a seu respeito e do que o governo francez será capaz de fazer, *associado aos Estados Geraes das Provincias-Unidas*, (convém não o perder nunca de vista), a bem da independencia de Portugal.

Eis o que realmente se contém nas segundas instruções para Saint-Pé, querer vêr n'ellas mais do que isto é exaggerar-lhes a importancia; dizem-nos que a França, *conjunctamente com as Provincias-Unidas,* iria eventualmente até á conclusão de uma *liga-formal* comnosco, e portanto até tomarem compromisso de não fazerem aquellas *duas nações*

[1] *Loc. cit.*, pag. 189 e segg., o documento citado. Com respeito ao emissario hollandez que chegou a estar nomeado, o secretario Euskerke e, em geral, á attitude das Provincias-Unidas relativamente a Portugal veja-se *loc. cit.*, Cap. VI. *Primeira embaixada ás Provincias Unidas, passim,* pagg. 97 e segg. Convém notar que este secretario Euskerke, devia ser um experimentado diplomata; pois já em 1636, quando van Oosterwijck foi nomeado embaixador em Paris, fôra Euskerke encarregado de o informar previamente ácerca dos particulares do seu serviço. V. WADDINGTON, *La République des Provinces-Unies la France et les Pays-Bas Espagnols.* (Paris, 1895), t. I, pag. 288, a que adiante nos referimos.

alliadas pazes com a Hespanha sem nós as fazermos tambem; assim se pensava na côrte de França no proprio momento em que os nossos embaixadores chegavam á Rochella e eram alli gentilmente recebidos pelo Grão-Prior de França, tio do Cardeal.

Vamos a vêr agora o que dizem as Instrucções para o marquez de Brézé, sobrinho de Richelieu, quando este está a ponto de partir para Portugal, com o caracter de embaixador e o commando da esquadra em que os nossos embaixadores regressam ao reino. Pretende o visconde de Santarem que essas Instrucções demonstram, bem como as primeiras e segundas dadas ao agente Saint-Pé, a resolução de «acceder a todas as proposições» que nós fizessemos; mas, por mais que se leia e releia o documento não vemos maneira de tirar d'elle semelhante conclusão.

De que n'ellas se trata é do modo de tornar effectiva a cooperação das forças navaes francezas com as de Portugal e da Hollanda, são instrucções para o almirante não são instrucções para o embaixador; e no emtanto são estas, as instrucções de 29 de Maio de 1641, as que veem insertas no proprio codice que é citado pelo visconde de Santarem, no *Quadro Elementar,* e por Avenel, nas *Lettres de Richelieu.* Ha umas outras, confidenciaes, a que Santarem se não refere e que Avenel não transcreve dizendo apenas o que n'ellas se contém: «*c'est une série de conseils pour se défendre vigoureusement contre l'Espagne*».

Quanto a uma memoria a que Santarem allude, deve ser a mesma citada pelo Cardeal ao Secretario d'Estado Chavigny n'uma carta, de 27 de Maio, que acompanha as Instrucções ostensivas redigidas sob a sua direcção immediata; é uma memoria de caracter technico elaborada por um commendador *des Gouttes,* particularmente competente no assumpto, ao que parece, que ficava na Rochella e de quem se diz nas proprias Instrucções que: «*s'il n'est en personne à la dite flotte, il y sera de cœur et d'affection*» [1].

[1] As *Instrucções ostensivas* para o marquez de Brézé, podem vêr-se em *Relações Exteriores de Portugal,* t. I, pag. 192, reproduzidas de Avenel, em *Lettres et Papiers d'État du Cardinal de Richelieu,* que fazem parte da *Collection des Documents Inédits relatifs à l'Histoire de France* (t. VII, pagg. 860 e segg.); foram extrahidas do codice citado por Santarem no *Quadro Elementar,* (t. IV, p. II, *Introducção,* pag. VII, nota 2.ª), e pertencente ao Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, (*Correspondance de Portugal,* t. I, fol. 48 e segg). Com respeito ás *Instrucções confidenciaes* para o mesmo Brézé, veja-se *Relações Exteriores de Portugal,* (t. I, pag. 79, nota 1.ª).

Santarem parece não ter tido conhecimento das *Instrucções confidenciaes,* pelo menos não lhes faz a minima referencia; portanto só conhecemos a seu respeito o que diz Avenel: «*Après avoir donné au roy de Portugal les asseurances de l'affection du roy de France, il lui dira que je l'ay chargé de l'asseurer de mon très humble service, et de le conjurer pour l'amour de luy mesme de ce qui s'ensuit*». *C'est une série de conseils pour se défendre vigoureusement contre l'Espagne*» (V. *Lettres de Richelieu,* t. VII, pag. 1048).

A particular deferencia que merece a opinião do visconde de Santarem levou-nos a examinar, com detenção talvez exaggerada os trez documentos a que allude; pois, na realidade, só um d'elles tem importancia para o caso que nos interessa, as segundas instrucções para Saint-Pé, e d'esse mesmo unicamente se deduz que a França, «*avec la jonction desdits sieurs Etats*», estaria disposta a «*assister les Portugais d'un corps considérable de vaisseaux*», como realmente fez; e que poderia ir, até á *liga formal,* coisa que realmente não fez, embora estivesse muitas vezes a ponto de o levar a effeito.

Saber porque o não fez por occasião da primeira embaixada é o que agora realmente nos importa por terem dito os contemporaneos que foi por culpa dos nossos embaixadores; e convém mencionar entre estes o auctor dos *Anaes de Portugal*, tão bem informado na maioria dos casos que entendemos dever reproduzir nos *Documentos Elucidativos*, a sua opinião [1].

Ahi se lê ter dito Richelieu aos representantes de Portugal, logo na primeira audiencia que lhes deu, (em quinta feira de endoenças), fazendo-lhes «*extraordinarias cortesias*» que «*não só avia El Rey Christianissimo mandar a armada que promettera, mas por general della e embaxador extraordinario ao Marques de Bresé seu sobrinho, e que França avia faser liga formal com Portugal*».

[1] *Documento n.º VII,* pagg. 215 e seg.

O resto do trecho é confuso e quasi incomprehensivel; d'elle se poderia deduzir que o Monteiro-mór se não atrevêra a acceitar a offerta do Cardeal sem consultar Tristão de Mendoça, que estava como embaixador na Hollanda, o que não tem razão de ser da parte de Francisco de Mello visto que lhe offereciam em França aquillo mesmo que nas suas proprias *Instrucções* se lhe determinava que pedisse. Tambem se não pode justificar que fosse necessaria a chegada do bispo de Lamego para os embaixadores comprehenderem o seu erro e que o embaixador destinado a Roma interviesse na negociação dos seus collegas; bastante tinha elle que pedir para o exito da sua propria embaixada e até para a segurança da sua pessoa, como em Portugal muito bem se sabia e os factos sobejamente provaram [1].

D'esta vez o auctor dos *Anaes* estava muito mal informado, ou algum copista infiel viciou o trecho primitivo, coisa que tambem pode ter succedido.

O mais natural é que na audiencia de quinta feira santa, Richelieu offerecesse a armada e os

[1] Com respeito á embaixada do bispo de Lamego a Roma, ao acolhimento que teve em França e ao auxilio que recebeu do governo francez, pode vêr-se: *Relações Exteriores de Portugal,* t. I, cap. VIII *passim,* (pagg, 137 e segg). Damos nos *Documentos Elucidativos*, *Documento n.º III,* (pagg. 159 e segg.), uma carta de D. João IV para os nossos embaixadores em que se lhes recommenda que facilitem e accelerem a passagem para Roma de D. Miguel de Portugal.

soccorros, dizendo sempre que seria necessario concertar o procedimento da França com o das Provincias-Unidas, quanto aos compromissos futuros; d'ahi resultaria escreverem os nossos embaixadores a Tristão de Mendonça e Richelieu ao embaixador de França na Hollanda.

É o que nos quer parecer, mas, por emquanto, apenas formulamos uma hypothese, nada mais; para mostrarmos desde já quanto ella é verosimil invocaremos a auctoridade do Conde Almirante D. Vasco Luiz da Gama, quarto conde da Vidigueira e primeiro marquez de Niza, reproduzindo o que elle proprio escreveu no relatorio das suas embaixadas, composto a pedido de Pedro Vieira da Silva, que então era secretario d'Estado, ao regressar definitivamente ao reino em Maio de 1649.

N'este interessantissimo documento [1], começa o

[1] Faz este documento parte de um codice manuscripto da Academia das Sciencias de Lisboa, *(Gab. 5, E. 13, n.º 7)*, com o titulo de *Cartas de Francisco de Sousa Coutinho embaixador em Holanda, França e Roma do Augusto Soberano Dom João IV;* n'este interessante codice encontra-se, entre as cartas de Sousa Coutinho, a «*Copia de hum Papel em que o Marquez de Niza dá conta a El Rey do estado em que deixou os negocios de França, e de tudo o que passou nelles, no tempo de suas Embaixadas naquella Corte*, (pagg. 137 a 165 do Codice). Deve portanto ter sido escripto ao regressar o illustre diplomata da segunda embaixada, em Maio de 1649 ou pouco depois, e contém uma noticia muito completa ácerca das duas missões de D. Vasco Luiz da Gama a França; merece bem ser

seu auctor, depois de indicar por quem lhe fôra encommendado, dizendo: «Notorio foi sempre, que os primeiros e mais necessarios pontos que convinha ajustarem-se entre esta coroa e a de França erão a aliança preciza entre ellas para a segurança de huma mesma fortuna na paz e na guerra, e alcançarem-se da coroa de França, ou (?) os soccorros que ella deu sempre aos outros aliados».

«Estas duas columnas hião levantar os primeiros dois Embaixadores, que forão áquelle Reino, e tudo se podia prometer seguramente do aplauso com que forão recebidos e dos dezejos com que o Cardeal esperava; porém na mesma occasião de se colherem os frutos da Embaixada... *(sic)* já pelos Francezes; se embrulharão, e entrelaçarão de tal modo as duvidas de aceitar sobre se esperarem avisos de Olanda, e outros fundamentos que se considerão infelizmente, que *sem culpa dos Embaixadores*» (o italico é nosso) «foi fatal o successo com a dilação que houve nos acordos; porque sabendo-se que estavão feitos em Olanda, tornarão atraz os Francezes, e não somente se resolverão a não fazer liga formal em que tomassem sobre si a obrigação de não fazer paz, ou tregoa sem nós, mas ainda não quizerão obrigar-se lisamente, nem a dar soccorros, nem a dizer quantos, mas só que procurarião liberdade com que os podessem dar quando fisessem paz com a Casa d'Austria...».

publicado, como decerto o mereceria tambem a correspondencia de Sousa Coutinho.

Assim ficava a França com a faculdade de soccorrer ou não Portugal em tal hypothese; e d'isso se gabava Richelieu, em Abbeville, ao conde de Morete, embaixador de Saboya, que o contou ao conde da Vidigueira; porquanto disse ao diplomata italiano quando os nossos embaixadores partiram: «que ficára mui contente pois tinha a separação de Portugal, sem empenho nenhum de França».

Para remediar estes males, dil'o elle proprio, foi mandado o Conde Almirante a França, com instrucções feitas em 27 de Março de 1642; e essas cifravam-se em que: «procurasse o melhoramento do artigo secreto, e algum soccorro de dinheiro, e finalmente que, não havendo Vossa Magestade de entrar nella, fizesse quanto podesse para impedir, e dilatar a paz da Coroa de França com Castella».

Que não conseguiu emquanto á *liga formal* exito completo, é o Conde da Vidigueira quem o diz logo a seguir em termos inequivocos: «Para alcançar a alliança formal trabalhei com deligencia e muitos papeis, e fiz continuas instancias, seguindo a Corte para todas as partes sempre com o mesmo requerimento até que tive resposta del Rey escusando-se da liga, *pelo encargo em que poria os seus alliados*» (o italico é nosso), «mas com grandes seguranças de assistencias, que daria a este Reino, sem embargo de que havia de fazer muito por deixalo incluido na paz».

Não iremos mais longe na transcripção do pre-

cioso documento; basta-nos o que fica dito para se saber que vieram de Hollanda, na opinião do Conde Almirante, as difficuldades para a negociação da nossa primeira embaixada; e tambem que a França continuou indefinidamente a recusar-se á *liga formal*, pelo «*encargo em que poria os seus alliados*».

O que não chegamos a comprehender é que dez annos depois de escripto o papel do marquez de Niza que acabamos de analysar, Duarte Ribeiro de Macedo, que foi com o conde de Soure como secretario da embaixada a França contemporanea das negociações para a paz dos Pyrineus, ignorasse quanto se passára anteriormente e se atrevesse a dizer no seu *Discurso Politico:* que Luiz XIII promettêra «com seguranças e firmas reaes» nem mais nem menos do que «não fazer paz, ou tregoa com Castella, sem incluzão dos Portuguezes muito a seu contentamento, unindo com estreito vinculo os interesses de ambas as Coroas». Pois ainda foi mais longe na sua ousadia permittindo-se affirmar que o Duque de Bragança, «se não declarara rei de Portugal, entendendo, que desamparado da França havia de ver sobre seus Reinos unido todo o poder da Caza da Austria; e o fez porque Luiz XIII, com obrigação solemne, firmada por sua real mão, e pelo seu Secretario de Estado, o segurou, mostrando que a conservação de Portugal era o maior interesse da França». Quem o resolveu, diz assim Ribeiro de Macedo a Luiz XIV, foram as obrigações contrahidas pelo seu antecessor e seu pae; e,

para o dizer funda-se nas *Instrucções* dadas, em 1638, a Saint-Pé! E accrescenta no seu livro impresso que vae publical'as, mas, de facto, não se encontra tal documento nem na edição de 1743 nem na de 1767 [1].

A ousadia do secretario da embaixada de 1659 teve prompta e merecida resposta; deu-lh'a o cardeal Mazarin em uma nota ostensiva datada de Saint-Jean-de-Luz, de 18 de Agosto de 1659, e dirigida ao conde de Soure [2].

[1] V. *Obras do* Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Lisboa, A. R. Galhardo, 1767, t. I; a pag. 103 e seg, os trechos citados; e a pag. 10 a referencia ás instrucções de Saint-Pé. V. egualmente sobre este assumpto *Relações Exteriores de Portugal*, t. I, pag. 72, nota 2.ª, em que as affirmações de Ribeiro de Macedo são apreciadas e discutidas, mostrando-se quanto eram insufficientes os seus fundamentos.

[2] Este documento, bastante curioso, foi extrahido de um manuscripto *in-folio*, intitulado *Lettres et Mémoires de Mgr. le Cardinal Mazarin*, que fazia parte da bibliotheca de D. Antonio Cánovas del Castillo, e publicado por este insigne estadista e historiador nos seus *Estudios del Reinado de Felipe IV (Madrid, Coleccion de Escritores Castellanos, 1888*, t. I, *Apendice, Documento* III, pagg. 339 e segg.). Vem alli transcripto na integra com manifestos erros de copia que entendemos não dever corrigir.

Não nos consta que tivesse sido conhecida dos escriptores portuguezes que se occupáram do assumpto esta resposta, um tanto aspera, ás famosas allegações do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, que foram enviadas ao *Cardeal* pelo residente Feliciano Dourado, em 15 d'Agosto de 1659, segundo um documento do *Archivo do Ministerio dos Negocios Es-*

Começa por lhe dizer que bem poderia dar a resposta á memoria de Ribeiro de Macedo o residente que está em França, Feliciano Dourado, por quem havia sido enviado ao Cardeal o *Memorial do Conde de Soure*, em 15 do mesmo mez; mas nem porisso deixará de «*répliquer à vostre Excellence que quelque chose qui arribe (sic) des Interests de Portugal la Chrestienté aura peine à croire les pas que le Roi mon maitre a fait pour obliger celuy d'Espagne à concluire (sic) la paix laissant le Roi de Portugal paisible possesseur de tout ce qu'il a presentement jusqu'a siestre (sic* por *s'y estre) avancé d'offrir pour cela non seulement le fruit d'une guerre de vingt cinq ans, c'est à dire toutes les conquestes que l'on voit bien que l'Espagne tombera d'accord de nous laisser, mais aussi de restablir*» o principe de Condé e o filho em todos os bens e cargos que possuiam, antes de se passarem para o serviço da Hespanha.

Seria ocioso transcrever aqui todo o documento, bastará reproduzir o trecho mais elucidativo, (pag. 341): «*Et je dirai de plus que le feu Roi de glorieuse mémoire ne s'y est pas aussy engagé en aucune maniere car d'avoir fait esperer que l'on traiteroit et conclurrait la dessus lorsque le Roi de Portugal envoyeroit un Ministre en France avec pouvoir sur cela, c'est une assez bonne preuve que le feu*

trangeiros de França, de que tomámos nota, inserto na *Correspondance de Portugal, Supplément*, t. I (1510 a 1662).

Roi n'avoit rien promit (sic), et qu'il croyoit bien de pouvoir ajuster ce point et s'engager a ce que souhaitoit le Roi de Portugal pourveu qu'on luy accordast d'autres choses qu'il croyoit aussi de pouvoir pretendre, ce qui n'ayant pas esté fait l'affaire demeura sans aucune conclusion, comme il paroist assez par les diligences continuelles qui se sont faites depuis, durant ce règne, pour obliger sa Majesté par un nouveau traité de ne point faire d'accomodement avec l'Espagne, sans que le Portugal y fust compris»,

«Et s'il estoit vray, comme il est porté sans aucun fondement dans le dit mémoire, que la France eust promis de ne faire jamais la paix sans le Portugal, je ne comprends pas à quel propos on aurait continuellement depuis dix-huit ans sollicité et pressé pour une chose qu'on presupposait deja accordée».

De resto, quando o Cardeal mandou a nota ao conde de Soure já tinha, (é a nota quem o diz a pag. 342), conversado com elle sobre o assumpto, parecendo-lhe nessa occasião que o conde de Soure *«n'y avoit point de replique, neantmoins j'ay bien voulu luy marquer succintement dans cette lettre ce que je ne pouvois pas m'empecher de luy repliquer à cause du memoire qu'elle m'a envoyé».*

Tambem esta nota do Cardeal não ficou sem resposta; deu-lh'a o conde de Soure, logo no dia 27, mas teve de confessar que o compromisso, a que a *Memoria* alludira estava representado: *«Por*

un papel firmado por S. M. en San German a 6 de marzo de 1641 sobescrito por el Secretario de Estado Bouthelier» do qual «*consta que S. M. Chr.ª enbió a dezir al Rey D. Joan de gloriosa memoria que embiandole embajadores no aria dificuldad ninguna a se obligar a no azer tratado alguno con los castellanos sin que los portuguezes fuessen comprehendidos en el a su satisfacion*» [1].

Accumula em seguida o nosso embaixador numerosos argumentos para demonstrar o seu asserto; mas a referencia ao documento citado, as segundas instrucções para o agente Saint-Pé, é o seu primeiro e principal fundamento.

Parece-nos ter deixado sufficientemente elucidado o assumpto, com que não podemos deter-nos muito mais; mas ainda queremos mencionar duas cartas da rainha D. Luiza, então regente, ambas de 31 de Dezembro do mesmo anno de 1659, dirigidas a Luiz XIV e ao cardeal Mazarin, em que agradece as diligencias anteriormente feitas para que Portugal fosse comprehendido na paz.

Na primeira diz que eram inacceitaveis as propostas apresentadas pelo marquez de Chouppes, enviado a Portugal em fins de 1659 com o caracter de embaixador, que fôra portador da noticia das pazes entre França e Hespanha; e accrescenta que

[1] *Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, Correspondance de Portugal,* t. IV (1656 a 1659). *Fol. 285 a 286 v.* Carta do Conde de Soure ao Cardeal de 27 de Agosto de 1659.

o paiz está prompto para se defender e tem confiança no futuro. Na segunda, porém, mostra-se resentida do isolamento em que nos deixáram e pede ao cardeal Mazarin que soccorra estes reinos como tanto carecem [1].

Indirectamente e quanto possivel a occultas já esses soccorros estavam sendo fornecidos; d'isso temos numerosas provas, e uma d'ellas é uma carta de Feliciano Dourado ao Cardeal, de 6 de Setembro de 1659, em que o nosso residente recordava ao ministro francez ter-lhe dito em 27 de Agosto, por mandado do embaixador, que os castelhanos se preparavam para entrar na provincia de Entre Douro e Minho, facto este que muito penalizara o conde de Soure por haver elle escripto a el-Rei, da parte do Cardeal, que os hespanhoes não fariam invasão nem hostilidades em vista de estar Portugal tacitamente comprehendido na suspensão d'armas que a França havia publicado. Sua Eminencia respondera n'essa occasião que tudo estava em socego por aquellas partes pois assim lh'o assegurára D. Luis de Haro; no emtanto, as noticias que o embaixador tivéra confirmavam-se agora, porquanto constava que estavam passando tropas da fronteira de Catalunha para a fronteira de Portugal.

Invocando este poderoso argumento Feliciano

[1] *Corr.e de Portugal, t* IV, *fol. 312 e seg.* Carta da Rainha a Luiz XIV de 31 de Dezembro de 1659. *Loc. cit., t.* IV, *fol. 314.* Carta da Rainha ao Cardeal Mazarin, da mesma data.

Dourado pedia ao Cardeal, em nome do embaixador, para embarcarem em Nantes ou no Havre de Grace uns 2.000 homens que este ultimo tinha ajustados com o conde Inchiquin e seu irmão. Pedia resposta o conde de Soure e iria elle mesmo sollicital'a pessoalmente se não estivesse com um ataque de gotta [1].

Assim fica demonstrado que nem ignorava nem contrariava a organização da expedição o cardeal Giulio Mazarino, esse «*astuto e refalsado italiano*» de quem tanto mal teem dito os nossos historiadores, de Ericeira para cá. Nem seria crivel que pudésse ser levada a effeito contra a vontade do governo da França, como aqui disséram, uma expedição militar constituida em grande parte, é certo, por protestantes francezes mas em que figu-

[1] *Correspondance de Portugal, Loc. cit.* Carta de Feliciano Dourado ao Cardeal Mazarin de 6 de Setembro de 1659. O conde *Inchiquin* a quem Feliciano Dourado se refere (escreve *Enchequin*) é *Murrough O'Brien, Earl of Inchiquin*, que mais tarde veiu a servir em Portugal, bem como seu irmão o major-general *Christopher O'Brien*. Irlandezes e realistas, não é estranho que o primeiro se encarregasse em França de recrutar tropas para Portugal entre os emigrados inglezes; com effeito, em 1662, trouxe elle comsigo 400 homens de cavallaria, tendo vindo antes mais 150, e esperando-se pouco depois a infanteria (V. Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, *Historia do Exercito Portuguez, Provas*, t. II Lisboa, 1904). Com respeito ao conde *Inchiquin* e ao irmão podem vêr-se interessantes noticias em «*The Manuscripts of I M. Heathcote. Esq.*» publicados pela «*Historical Manuscripts Commission*», 1899, *ad. v. Inchiquin* e *O'Brien*.

ravam antigos e conhecidos officiaes, e cujo commandante era o conde Armando Frederico de Schönberg, allemão de nacionalidade mas desde 1650 ao serviço da França e que muito se illustrára nas Flandres. D'essa expedição militar fôra, á vista de todos, o verdadeiro organizador Henri de la Tour d'Auvergne, visconde de Turenne, tão illustre pelo sangue como pelas suas façanhas militares, que vencêra Condé na batalha das Dunas, em 14 de Junho de 1658, tendo Schönberg sob as suas ordens, e que no dia 5 d'Abril do proprio anno de 1660, fôra elevado a marechal general, a mais alta dignidade nos exercitos da França.

Mostrámos ha pouco, com documento inilludivel, que em Setembro de 1659, já se pedia pela nossa parte licença para se preparar a expedição; pois, passado mais de um anno e até ao ultimo instante, ainda intervinha o cardeal Mazarin para lhe apressar a sahida. Em fins de Outubro de 1660 iam finalmente levantar ferro, devendo embarcar no Havre, o conde de Soure que retirava para Portugal, e o conde de Schönberg; com elles estavam na cidade umas quarenta pessoas, quasi todas antigos militares, nas aldêas proximas haveria mais um cento de officiaes menos graduados e inferiores, (*petits officiers* é o termo), de artilheria e de sapadores. O embaixador ia n'um navio de 40 peças comprado em Inglaterra e levava mais outro de 30 a 40 que Carlos II lhe emprestára; era possivel que do lado de Dieppe e de Nantes, por onde o

embaixador mandára as suas bagagens, partisse mais gente.

Tudo isto contava ao Cardeal, em cartas de 26, 27 e 28 de Outubro de 1660, um seu agente chamado Tronson, que fôra mandado expressamente ao Havre para instar com o conde de Soure afim de que este não demorasse a partida. O motivo de tal empenho por parte de Mazarin eram as reclamações constantes do conde de Fuensaldaña, embaixador de Hespanha [1].

E não faltava razão ao representante de Sua Magestade Catholica para protestar contra uma expedição que fôra preparada emquanto Mazarin negociava, nas aguas do Bidassoa, o celebre tratado conhecido na historia pelo nome de tratado dos

[1] *Correspondance de Portugal, Loc. cit.* Cartas do agente Tronson ao cardeal Mazarin, datadas do Havre em 26, 27 e 28 de Outubro, na ultima das quaes diz que o conde de Soure está a partir. A expedição que estivéra demorada pelo vento contrario, largou, com effeito, do Havre em 28 e chegou a Lisboa em 11 de Novembro.

As cartas que citamos, e de que infelizmente não tirámos copias, dão interessantes pormenores ácerca do que se passava no Havre, onde foi preso um espião que Fuensaldaña encarregára de vigiar o Conde de Soure; referem-se tambem a uns motins que alli houve por se suspeitar que um negociante portuguez mandava embarcar trigos para Portugal. É digno de notar-se que as cartas não estão em perfeito accordo com a versão de Ablancourt que os escriptores portuguezes teem seguido. (V. *Mémoires de M.r d'Ablancourt, envoyé de Sa Majesté Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal, 1 vol, Amsterdam, 1901,* pagg. 3 e segg.).

Pyreneus, em que se pactuavam pazes entre a França e a Hespanha, cimentadas pelo casamento de Luiz XIV com Maria Thereza d'Austria.

O tratado assignou-se em 7 de Novembro de 1659; o conde de Soure, com Schönberg e a expedição partiram em 29 d'Outubro de 1660, em plena vigencia do tratado; taes são os factos que se deduzem da propria correspondencia de Mazarin e hão de ser um dia convenientemente esclarecidos.

Julgámos util contrapor aqui esta singela exposição de factos ulteriores aos preconceitos existentes antes mesmo de procurarmos explicar, a nosso modo, o que se deve ter passado realmente com a embaixada do Monteiro-mór, apesar de tudo quanto se tem dito em contrario.

Até aqui expuzémos opiniões alheias que fizéram fé; procuraremos agora fundamentar a nossa em documentos fidedignos e factos incontroversos, hoje conhecidos.

O primeiro ponto assente é que o cardeal Richelieu, em principios de Março de 1641, esperava com impaciencia a chegada da nossa embaixada e que sentimentos eguaes pareciam animar os governantes das Provincias-Unidas, cujo emissario, já escolhido, devia acompanhar a Portugal o do governo francez. Ambos elles iriam dizer a D. João IV que a França, conjunctamente com os seus alliados e designadamente as Provincias-Unidas, estavam dispostos a concorrer para que Portugal se mantivesse

independente, auxiliando aquellas nações os portuguezes na sua defeza contra os hespanhoes. Estavam mesmo auctorizados os emissarios a incitar o Rei a que mandasse á França e aos seus allíados embaixadores com quem se poderia tratar de uma *liga formal*. Eis o que resulta de irrefutaveis documentos [1].

Tambem sabiamos, e confirma-o amplamente a propria narração de Franco Barreto, que os nossos diplomatas gastaram umas trez semanas na viagem de La Rochelle a Paris onde fizeram a sua entrada solemne em 25 de Março, vinte e quatro dias depois de terem entrado no porto francez. Pelo contrario, nem Luiz XIII nem o seu ministro tivéram a minima demora em receber o Monteiro-mór e o seu companheiro; em 27 realizou-se a audiencia regia apesar de ser quarta-feira de trévas, e no dia seguinte, em quinta feira santa, recebia-os Richelieu, cardeal da Santa Egreja Romana!

Não precisariamos allegar mais provas da impaciencia com que o grande ministro queria animar os esforços da nação portugueza para manter a sua independencia, dar alento ao nosso nacionalismo, vincular Portugal ás nações que, conjunctamente com a França, procuravam diminuir por todas as

[1] Referimo-nos ás *Instrucções*, de 6 de Março de 1641, para M.r de Saint-Pé, já citadas, (pag. XXIX, n. 2); e á resolução dos Estados Geraes de enviar a Portugal o secretario Euskerke, a que já tambem alludimos n'outro logar (pag. XXXII, n. 1).

fórmas o poder immenso que representavam, alliados, a Hespanha e o Imperio.

N'essa impaciencia, Richelieu não somente luctava contra a relativa inercia dos nossos diplomatas, que as fadigas da viagem tinham prostrado; mas tambem contra a resistencia, por emquanto passiva, que oppunham aos designios da França os Estados Geraes das Provincias-Unidas.

É n'essa resistencia que existe, quanto a nós, a verdadeira explicação das difficuldades que encontraram os nossos embaixadores em Paris e na Haya, difficuldades que levaram os primeiros a acceitar por ultimo muito menos do que a principio lhes fôra offerecido. Para justificar esta nossa opinião, sem a podermos documentar irrefutavelmente, vamos expôr o estado das relações entre a França e as Provincias-Unidas, na primavera de 1641, e as ambições que as grandes companhias neerlandezas nutriam com respeito ás possessões de Portugal.

No principio do anno de 1641, Frederico Henrique de Nassau conservava-se inabalavel na sua attitude de alliado da França; ás diligencias do Cardeal-Infante, regente dos Paizes-Baixos, para o malquistar com Luiz XIII, respondêra o *Stathouder* que «estava ligado ao rei de França e nada faria sem elle» [1]; e, no emtanto, segundo as for-

[1] Para o estudo das relações entre as Provincias-Unidas e a França recorremos quasi exclusivamente á obra, abundantemente documentada: *La République des Provinces-Unies,*

maes palavras do professor Waddington: «*De 1635 à 1642, pas une année ne s'écoula sans qu'il fut question de quelque intrigue en vue d'une entente particulière, sans que Philippe IV ou l'infant fit tâter le pouls à l'opinion dans les Provinces-Unies par un commis, un marchand ou un ecclésiastique quelconque. Les aspirations pacifiques de la province de Hollande étaient avéreés, et nul ne savait si elles ne l'emporteraient pas à la longue sur les sentiments de loyauté qui liaient la République à la France*» [1].

Eis o motivo porque, no dizer do mesmo auctor, apezar da declaração do principe de Orange a que acima nos referimos «*le cardinal de Richelieu se troubla, quelques semaines plus tard, en apprenant que le roi d'Espagne et l'Empereur d'Allemagne allaient faire de concert une nouvelle tentative auprès des Hollandais*» [2].

Com effeito o Imperador resolvêra enviar á Haya um dos seus conselheiros aulicos, o conde de Auersperg, com o fim de offerecer aos Estados-Geraes

la France & les Pays-Bas Espagnols de 1630 à 1650 par A. Waddington, *t. I. (Paris, 1895)*, já citada, cuja proveitosa leitura recommendamos a quem pretenda inteirar-se do assumpto. As palavras que citamos eacontram-se a pag. 355, extrahidas (n. 4) da *Correspondance de Hollande*, conservada no Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, sob a data de 1 de Fevereiro de 1641.

[1] V. Waddington, *Provinces-Unies*, t. I, pag. 345.

[2] V. Waddington, *Provinces-Unies*, t. I, pag. 355.

os seus bons officios em vista de um accordo com a Hespanha; o emissario imperial levava por companheiro um agente officioso de Filippe IV, por nome Jean Friquet, natural de Dole no Franco Condado, advogado astuto que nos deixou da sua missão interessantes noticias.

Informado a tempo da embaixada, Richelieu teve artes de se atravessar deante d'ella, exigindo dos Estados que não recebessem Auersperg; chegaram á Haya os dois emissarios alli por 18 de Março e retiraram-se no fim de Junho sem terem conseguido ser recebidos officialmente por Frederico Henrique de Nassau, que para lhes negar audiencia invocára o futil pretexto de um vicio de forma nas credenciaes de Auersperg.

Entretanto os dois emissarios foram vendo o maior numero possivel de hollandezes e intrigando quanto pudéram contra a França; e decerto tambem contra nós, embora d'isso se não gabe Friquet na *Memoria* apresentada ao Cardeal-Infante em que dá conta da sua missão [1].

Principia logo o agente de Filippe IV o seu escripto felicitando-se da aproximação entre a Inglaterra e as Provincias-Unidas representada, quando não motivada, pelo casamento do primogenito do *Stathouder,* Guilherme de Orange-Nassau, com Ma-

[1] A Memoria interessantissima a que alludimos foi publicada na integra por WADDINGTON (*Provinces-Unies,* t. I, pagg. 439 e segg.). Friquet permaneceu quasi seis mezes na Haya, de Janeiro a Junho de 1641.

ria de Inglaterra, filha primogenita de Carlos I; casamento este, começado a tratar em Janeiro e realizado em Maio d'esse mesmo anno de 1641, que desagradava profundamente ao cardeal Richelieu, porque devia acarretar comsigo uma sensivel diminuição na dependencia da França em que estavam as Provincias-Unidas.

Não contente com as circumstancias favoraveis que vae encontrando no seu caminho, procura o agente hespanhol, segundo conta, augmental'as e ir destacando da França os seus alliados; assim, é elle proprio quem se gaba de ter intrigado com o residente do Rei de Dinamarca junto das Provincias-Unidas para o induzir a fazer intervir aquelle soberano a favor d'uma trégua, d'onde afinal havia de sahir a paz; e taes argumentos empregou que o diplomata dinamarquez chegou a dizer, é Friquet quem o affirma: «*que no se puede hallar otro medio mas secreto ni mas efficaz para penetrar la intencion del principe de Orange y grangear su voluntad sino que Su Magestad se fie del Rey de Dinamarca y le pida que debaxo de mano proponga al Principe lo que conviene*».

Se por influencia das intrigas de Friquet o rei Christiano interveiu ou não junto do principe de Orange não averiguámos nós; nem precisavamos indagal'o porque já sabiamos que por esse mesmo tempo o velho Rei, que fôra um dos mais poderosos sustentaculos da politica franceza, tinha pelo menos negociações officiosas com o Imperador e com Fi-

lippe IV; e sabemol'o porque elle proprio o mandou dizer ao nosso embaixador na Dinamarca, Francisco de Sousa Coutinho [1].

Tal era a situação, melindrosa em extremo no que toca ás relações da França com os seus alliados, logo no começo do anno de 1641; situação esta que se foi aggravando de dia para dia desde Fevereiro até Junho.

Vejamos agora, pelo que diz respeito a Portugal e aos seus dominios d'além mar, a evolução que se ia dando ao mesmo tempo na Haya, desde o dia em que alli chegou a noticia da nossa revolução até áquelle em que foram cabalmente conhecidas as

[1] As palavras, que acima transcrevemos da Memoria de Friquet (Waddington, *Provinces-Unies,* t. I, pag. 441) estão plenamente d'accordo com o procedimento de Christiano IV, em principios de Maio do mesmo anno de 1641, mandando dizer pelo governador de Copenhage ao secretario da nossa embaixada, Antonio Moniz de Carvalho, que: «vindo Elrrey da Dinamarca com Sua Magestade em qualquer tratado» o Imperador «tomaria essa leve occasião para lhe faltar ás promessas e pretenções que no Imperio tinha»; accrescentando que nem em Copenhague sabiam ao que se teria compromettido o embaixador que tinha em Castella.

Reportamo-nos n'este ponto ao que diz o proprio secretario da embaixada, Antonio Moniz de Carvalho, na sua *Memoria da jornada e successos que ouve nas duas embaixadas que Sua Magestade que Deus Guarde mandou aos Reynos da Suecia e Dinamarca* (Lisboa, 1642). Sobre esta embaixada pode ver-se: *Relações Exteriores de Portugal, t.* I, *cap.* VII. *I. Dinamarca, passim*, pagg. 113 e segg. O trecho que reproduzimos vem transcripto a pagg. 121 e seg.

intenções do governo portuguez com relação ás nossas possessões ultramarinas, algumas das quaes estavam nas mãos das Companhias das Indias, pouco dispostas a abandonal'as.

No primeiro momento, apenas foi conhecida a noticia da revolução do primeiro de Dezembro, da acclamação de D. João IV e dos esforços que os portuguezes estavam fazendo para manter a sua independencia, houve em todas as Provincias-Unidas um movimento geral de sympathia e de regozijo: surgia deante da Hespanha mais um inimigo, teria agora Filippe IV de luctar ao mesmo tempo no oriente e no occidente da Peninsula, na Catalunha e em Portugal, e assim mais facil seria ás companhias neerlandezas conquistar vastas, ricas e cubiçadas possessões de além-mar. As suas proprias menos bem as defenderia a Hespanha; e quanto ás dependentes da coroa de Portugal, nem de tal cuidaria já.

Assim se pensava na Hollanda; e porisso trataram desde logo, Stathouder e Senhores dos Estados, de incluir Portugal na liga das nações inimigas da Hespanha, á testa da qual estava a França e em que as Provincias-Unidas occupavam o segundo logar, depois da morte de Gustavo-Adolpho da Suecia.

Pouco a pouco, porém, foram chegando noticias de que as possessões ultramarinas de Portugal adheriam ao movimento do primeiro de Dezembro e sacudiam com patriotica energia o dominio de

Filippe IV. Umas após outras, á medida que lhes chegava a boa nova, iam as mais distantes colonias reintegrando-se no exclusivo dominio da coroa portugueza e acclamando D. João IV. Agora eram novamente portuguezas; e as Companhias das Indias tinham de as arrancar aos seus antigos e legitimos senhores, com quem não estavam nem havia razão para que estivessem em guerra as Provincias-Unidas; a situação tornava-se mais difficil.

Filippe IV vira immediatamente que o desmembramento de Portugal e das suas colonias devia ter uma influencia sensivel nas disposições das Provincias-Unidas e tornal'as menos intransigentes com relação á Hespanha, facilitando uma trégua, talvez mesmo uma paz definitiva. Este pensamento do Rei, ou de Olivares, acha-se expresso n'um documento cujo titulo é já por si sufficientemente suggestivo: *Discurso sobre lo que puede aver innobado en Olanda el accidente de Portugal, cerca de el tratado de tregua.* Não conhecemos este documento na integra; mas sabemos que elle contém um certo numero de offerecimentos feitos por parte do governo hespanhol, na esperança de vencer a resistencia do principe de Orange e de fazer prevalecer as tendencias pacifistas dos Estados Geraes. No conjuncto das propostas subentendia-se que a estes ficava livre e facil a conquista das possessões portuguezas, desde que Filippe IV deixasse de as defender; porisso que D. João IV tinha de luctar com todas as suas forças pela conservação da inde-

pendencia, tão facilmente restabelecida porém tão difficil de manter, do continente portuguez [1].

As condições de trégua offerecidas pela Hespanha estavam no emtanto, muito longe de poder ser acceites pelas Provincias-Unidas e a influencia da França continuou a prevalecer; mas, pouco a pouco, as ambições coloniaes foram crescendo e as sympathias para com Portugal diminuindo, á medida que a experiencia e a razão mostravam ás Companhias coloniaes quanto era preferivel ir alargando as suas possessões á custa do dominio collectivo de el-Rei Catholico, que «tratava de acudir ás conquistas de Castella como suas e ás de Portugal para defendelas como alheias», como dizem os *Annaes de Portugal*; ao passo que um governo genuinamente portuguez defenderia as portuguezas como proprias e até á ultima extremidade [2].

Quando os nossos embaixadores na Inglaterra e na Hollanda íam a caminho de Londres e da Haya, ainda prevaleciam os mais amigaveis sentimentos dos hollandezes para comnosco, apressavam-se almirantes e diplomatas d'aquella nação em offerecer

[1] V. Waddington, *Provinces-Unies*, t. I, pag. 355 e n. 5, em que cita o documento mencionado do *Archivo de Bruxellas*; (*Correspondence des Gouverneurs Généraux*, LI, fol. 178 e segg.). O auctor dá perfeita idéa do documento porém não o transcreve.

[2] V. *Anaes de Portugal. (Bib. Nac. de Lisboa, Cod. 6818). P. I, Cap. IX, fol. 80.* Todo o *Cap. IX* (*fol. 79 v. a 87*), trata da embaixada ás Provincias-Unidas e merece ser lido.

aos nossos embaixadores os seus serviços, e não havia amabilidade que não tivessem uns e outros para com os representantes de Portugal; não nos deteremos a apresentar provas e exemplos, limitamo-nos a mencionar um facto conhecido e assente: «que os olandezes esperavam» (a nossa embaixada) «com grande gosto, pello haverem recebido de que este Reyno se livrasse da sugeição de Castella, por ficar o castelhano com menos poder» [1].

Tal era a situação até ao dia 12 de abril em que Tristão de Mendoça Furtado foi recebido pelos Estados Geraes, e lhes apresentou, com as suas credenciaes, um documento escripto constando de cinco artigos em que se continham as propostas do governo portuguez. Não as reproduziremos aqui, por serem já sufficientemente conhecidas; na primeira tratava-se de uma trégua de dez annos, com suspensão de qualquer acto «de hostilidade, por mar e terra em todos os logares e conquistas de Portugal daquem e dalem da linha»; na terceira pedia-se a restituição a Portugal das «praças occupadas no Brazil, costa de Africa e Guiné, entendendosse que por se haver exemido e libertado da injusta posse e dominio de Castella lhe tocava verdadeira restituição». Estas eram as relativas ás possessões ultramarinas.

A clausula quarta referia-se ao restabelecimento de antigos privilegios e liberdades commerciaes;

[1] V. *Anaes de Portugal*, *Cap. IX*, *fol. 80 v.*

não offerecia materia de grandes duvidas, pelo menos em principio, attenta a reciprocidade prevista.

A segunda e quinta eram clausulas puramente militares, que representavam e importavam uma intima cooperação, pelo que ao continente europeu respeita, entre as duas nações; tratava-se de uma esquadra de «vinte naos de guerra» que os Estados Geraes haviam de enviar aos mares e costas de Portugal para juntar a outras tantas naos e galeões da nossa armada e combatermos juntos os inimigos communs; e tambem se pedia a faculdade de recrutar nas Provincias-Unidas officiaes do exercito de terra e tropas technicas, bem como de adquirir armas e municões de guerra [1].

Como não fosse feita por parte do nosso embaixador communicação alguma verbal na sessão de 12 d'Abril, os Estados Geraes resolveram acto continuo submetter credenciaes e propostas a uma commissão, eleita d'entre os seus membros, que sobre os assumptos militares havia de conferenciar com o Stathouder e daria opportunamente o seu parecer por escripto [2].

[1] Estão publicadas na integra as propostàs em *Relações Exteriores de Portugal* (*T. I, Cap. VI, pagg. 104 e seg.*); reproduzidas dos *Anaes de Portugal* (*Cap. IX, fol. 81 e seg.*).

[2] Referimo-nos, quanto ás resoluções dos *Estados Geraes* e dos representantes da *Provincia de Hollanda*, á reproducção photographica das respectivas actas, cujos extractos temos á vista e de que tencionamos servir-nos mais largamente quando

Das notas que possuimos ácerca d'esse parecer conclue-se: quanto á tregua de dez annos, haver accordo em que cessassem as hostilidades nos dois hemispherios, ficando para ser negociados pormenores e consequencias; quanto porém a restituir a Portugal qualquer praça nas Indias Orientaes, no Brazil, na Guiné, na Africa, fosse onde fosse, a recusa é formal. O que se propõe é que cessem as hostilidades entre as Provincias-Unidas e Portugal n'aquellas terras, acima nomeadas; e que se a guerra vier a passar para as Indias Occidentaes hespanholas, as conquistas que vierem a fazer-se sejam amigavelmente repartidas. A clausula quarta não offerece objecção de principios; e emquanto ás clausulas militares apresentam-se modificações que permittem negociar. Em summa, a objecção irreductivel da commissão, refere-se unicamente á restituição das conquistas já realizadas.

Em 11 de Maio, quasi um mez depois, voltou o assumpto das negociações com Portugal a ser debatido em sessão dos Estados Geraes, sendo ouvidos os pareceres do Stathouder e do Conselho de Estado, especialmente com respeito ás Indias Orientaes; mas suspendeu-se o debate porque os representantes da provincia de Hollanda quizeram consultar os seus commitentes antes de votar, e a resolução ficou addiada *sine die,* até que os hol-

tratarmos em especial da *Relação da Embaixada ás Provincias-Unidas*, para cujo estudo estamos reunindo elementos.

landezes se declarassem auctorizados a emittir o seu parecer definitivo.

D'elles, ou, para melhor dizer, das Companhias das Indias era a verdadeira opposição. Depois de acalorada discussão na Assembléa do Estado de Hollanda, ao que parece; tanto que só em 17 de Maio resolvem os representantes d'este Estado: «que haja tréguas dos dois lados do equador nas conquistas que seguirem a parte de Portugal contra a Hespanha, devendo essas tréguas ser por dez annos e começar nas Indias Orientaes um anno, nos districtos da Companhia das Indias Occidentaes seis mezes, e na Europa immediatamente depois da ratificação do tratado; isto comtanto que se chegue a accordo com o embaixador com relação ás objecções apresentadas pelas duas Companhias, e ainda com excepção da restituição da Bahia pretendida pela Companhia das Indias Occidentaes, e da indemnização por despezas feitas com equipamentos & pretendida pela Companhia das Indias Orientaes».

Para se chegar a esta resolução longos e laboriosos tinham sido os debates na assembléa do Estado da Hollanda; principiaram em 20 de Abril quando foi dado conhecimento á assembléa de que o embaixador em Paris, van Oosterwyck, communicára ter resolvido o Rei de França auxiliar os portuguezes com vinte náos e que Luiz XIII pedia com urgencia que a Republica fizesse o mesmo em cooperação com elle. O *Pensionario* informa

que o principe de Orange insta por uma rapida e acertada resolução d'este assumpto; e, ao mesmo tempo, dá conta á assembléa do que se tem passado entre Tristão de Mendoça e os deputados dos Estados Geraes, encarregados de tratar com elle [1].

Não seguiremos passo a passo as deliberações dos hollandezes em numerosas sessões da assembléa Provincial, com audiencia dos representantes das Companhias das Indias apostados em demorar e contrariar a negociação; bastará recordar que em 10 de Maio já haviam adherido ás disposições favoraveis do Stathouder os representantes de cinco Provincias nos Estados Geraes, mas Zelandia hesitava e Hollanda resistia ainda [2].

[1] *Pensionario de Hollanda,* ou *Grande Pensionario,* é o titulo por que era designado o presidente do conselho da provincia de Hollanda, que representava esta provincia nos Estados Geraes, fallando em nome della, e tinha uma grande influencia, ás vezes preponderante, sobre Suas Altas Potencias os Senhores dos Estados seus collegas. Em 1641 exercia este elevado cargo Jacob van Cats, notavel homem de lettras, que o desempenhou de 1636 a 1651.

[2] Assim consta de uma communicação do Pensionario ao conselho de Hollanda, ácerca do que se passára na sessão da manhãa d'aquelle mesmo dia: «Cinco provincias (Gueldra, Utrecht, Groningen, Frisa e Overysel) tinham ficado muito surprehendidas com a resolução do Estado da Hollanda e tinham reclamado uma trégua formal, d'um e d'outro lado do equador, para todos os dominios que seguissem o partido de Portugal. Os deputados da Provincia de Zelandia, não estando auctorizados a votar, tinham manifestado o desejo

Em 11 ha uma reunião dos Estados Geraes *in plenis,* cujo objecto é resolver sobre a resposta a dar ao embaixador de Portugal; todas as provincias menos a Hollanda estão de accordo, esta mantém-se na negativa, em vista do que o Grande Pensionario consulta uma vez mais a assembléa Provincial, que finalmente cede, em 17 de Maio, nos termos que acima indicámos.

Pouco resta a fazer, o accordo em principio realizou-se, vae-se agora redigir o tratado; e em França Richelieu vae tambem concluir as negociações comnosco mas sem incluir na convenção, que ha de assignar-se em 1 de Junho, compromisso algum relativo á *liga formal,* que já não poderia ser simultaneamente com a França e as Provincias-Unidas, solidarizadas n'uma resolução commum, como a que se antevia nas instrucções que estavam sendo preparadas para Saint-Pé, em Março d'aquelle mesmo anno.

Que essa aliança collectiva já não era possivel bem o mostram as negociações da Haya; e uma *liga-formal* só com a França representava um enfraquecimento tal na situação d'esta potencia que o ministro de Luiz XIII não podia consentir n'ella; os nossos embaixadores fizeram muito bem em não a exigir porque nunca a alcançariam.

Se o Monteiro-mór e Coelho de Carvalho, se

de consultar previamente os seus constituintes. (V. Extracto da Sessão do Conselho de Hollanda em 10 de Maio).

Tristão de Mendoça Furtado, se teem mostrado intransigentes que succederia? Não tinhamos tratado com a França, porque as Provincias-Unidas pesavam muito mais do que nós na balança da Europa e Richelieu não podia romper com ellas e com todos os seus alliados, disse-o elle proprio ao seu confidente Chavigny e disse a verdade [1].

Pois sem tratado com a França tambem não tinhamos em Lisboa a armada do marquez de Brézé e o valiosissimo soccorro de officiaes e de tropas, o auxilio material e o appoio moral, que ella nos trouxe. Sem o tratado com as Provincias-Unidas não conseguiamos a execução das clausulas militares propostas por nós, que nos eram favoraveis, e não teria limites a ambição das Companhias das Indias; nem nos restava contra os seus abusos, contra os seus excessos, a faculdade de reclamar junto dos Estados-Geraes, e a possibilidade de reprimir os actos de má fé dos seus pouco escrupulosos agentes.

Confrontemos agora datas e factos; combinemos o que occorria em Paris com o que se passava na Hollanda, e veremos como logo se torna facilmente comprehensivel toda a dupla negociação.

Nos ultimos dias de Março realiza-se a primeira

[1] Veja-se a carta de *Richelieu* a *Chavigny*, de Abbeville em 28 de Maio de 1641; por extracto em *Relações Exteriores de Portugal (T. I, pagg. 66 e seg.)*; e na integra em Avenel *Lettres de Richelieu* (*t. VII, pag. 859 e seg.*). *Apud. Arch. Aff. Etr. Portugal*, (*t. I, fol. 45*, minuta de Cherré).

audiencia dos nossos embaixadores; e logo nos principios d'Abril mostra Richelieu a maior pressa em iniciar as negociações comnosco ao mesmo tempo que activa as suas diligencias para que as Provincias-Unidas o acompanhem na sua politica relativamente a Portugal; em 15 d'Abril escreve elle de Ruel ao Secretario d'Estado que mande partir M.r d'Estrades com as instrucções para M.r de La Thuillerie, embaixador na Haya, ao mesmo tempo que trata do assumpto em Paris com o embaixador da Hollanda [1].

Bem se explica o procedimento do Cardeal, se recordarmos de que elle tinha motivos para recear que as intrigas de Auersperg e de Friquet compromettessem d'algum modo a situação de Frederico Henrique de Nassau, ou que o casamento do filho d'este, Guilherme de Orange, com Maria de Inglaterra diminuisse a dependencia em que o Stathouder se mantinha para com a França. Porisso mesmo,

[1] *Il faut faire partir M.r d'Estrades, avec copie de l'instruction envoyée à M.r de la Thuilerie pour le traicté des Portugais, afin qu'il sollicite de son costé le traicté des Hollandois avec les Portugais, duquel dépend la ruine de l'Fspagne s'il est bientost faict et qu'on l'executte.* V. *Relações Exteriores de Portugal* (*t. I, pag.* 57 *e n.* 2.ª), onde se faz referencia a outros interessantes documentos. Com effeito, na sessão de 20 de Abril do Conselho de Hollanda, dá conta o Grande Pensionario de duas cartas do embaixador em Paris, dirigidas aos Estados Geraes e ao Stathouder, informando-os das disposições do governo francez a respeito de Portugal.

apesar de ter visto e examinado já o nosso projecto de tratado em 16 d'Abril, não tem pressa agora em negociar comnosco; do que elle trata com o maior empenho é de levar: «*M^rs les Estats à considérer l'importance de l'affaire de Portugal, qui est telle qu'en la maintenant on ruine l'Espagne, et ce à l'avantage de M.^rs les Estats à cause des Indes, dont apparement on déboutera aisément l'Espagne, les Portugais en estant non seulement séparés mais unis avec les Hollandois*». Infelizmente as diligencias e os argumentos de Richelieu não conseguem convencer os negociantes de Amsterdam, que não veem senão o seu interesse immediato e directo, no Brazil, nas Indias Orientaes, na Africa; o que elles querem é apossar-se do que é ou antes do que fôra nosso, e não cedem das suas ambições [1].

No fim d'Abril parece que se resolve a questão da cooperação naval, La Thuillerie escreve que os Estados se mostram dispostos a conceder 20 náos, graças, decerto, á influencia do Stathouder que se manifesta como preponderante emquanto ás clausulas que representam a acção commum, naval e militar, na Europa; mas no tocante ás relações nas possessões d'além mar a Hollanda, as Companhias, resistem e as negociações estacionam. La Thuillerie vem a Paris no principio de Maio e só volta

[1] *Richelieu* a *Chavigny* em 23 d'Abril; citado em *Relações Exteriores*, *(t. I, pag. 57 n. 2.ª)*, *apud* Avenel, *Lettres de Richelieu* (*t. VI, pag.* 772).

para a Haya no fim do mez, quando a Hollanda cedeu... o menos que poude.

Entretanto, em França, aos primitivos projectos de tratado succede um novo texto, em fins de Maio, que os nossos plenipotenciarios não acceitam; querem ir a Abbeville encontrar-se com o Cardeal, e este acha inutil que elles vão; «ainda que lá fossem e lá ficassem cem annos», diz Richelieu a Chavigny, «não conseguiam a liga formal; porque não a podiam conseguir, visto que o Rei de França, tendo compromissos anteriores com a Suecia e a Hollanda antes de entrar em negociações com Portugal, não pode fazer nada sem a participação dos seus alliados, tanto mais que os inimigos communs usam de todos os artificios para as separar da França» [1].

Esta era a verdade; e nunca foi ignorada dos nossos diplomatas nem em Paris nem na Haya, temos d'isso prova cabal em cartas de Christovam Soares d'Abreu e do proprio Antonio Coelho de Carvalho para Antonio de Sousa Tavares, secretario da embaixada na Haya. Em 7 de Abril escreve Soares d'Abreu: «Esperamos saber como

[1] «... *Sa Majesté estoit engagée avec la Suède et la Hollande avant d'entrer en traitté avec le Portugal, elle ne peut rien faire sans leur participation, d'autant que les ennemis usent de toutes sortes d'artifices pour les séparer de la France*». V. *Relações Exteriores* (*t. I, pag. 64*); extracto de uma minuta do proprio punho de Chavigny, publicada por Avenel, (*Lettres de Richelieu, t. VII, pag. 857 e segg.*; *Apud Arch. Aff. Étr. Portugal, t. I, fol. 90*).

querem os Hollandezes entrar nas nossas alianças; para isto lhe tem escrito Sua Eminencia e não sei se viria n'este correyo a resposta»; e em 18 de Maio torna a dizer: «Estamos esperando cada dia aviso de Sua Eminencia depois da vinda do expresso» (o correio que fôra mandado a Hollanda), «para concluirmos as alianças conforme o que está proposto e com as condições dos Sres. Estados, etc., o que tem alcançado com o secretario que foi d'aquella embaixada».

Finalmente, em 25 de Maio, ao fechar a negociação em França, é o embaixador Coelho de Carvalho quem escreve: «Muito nos vay em que se concluão de todo os assentos das alianças d'esses Estados, porque os nossos se forão dispondo de modo assy ou assy, que pararão até chegar avizo do em que lá se acordão, e em outro modo não ha mais que esperar e ter paciencia por força, sendo que todas as razoens que V. M. nos dá são muy conformes a toda a razão, e no principio não faltou quem as apontasse, ou quem gritasse com ellas; não pareceo seguillas, agora não ha lugar mais que o de esperar» [1].

Não nos parece necessario accrescentar nem uma palavra mais para demonstrar quanto as negociações da Haya influiram nas de Paris, e quanta

[1] V. «*Discurso Politico em aprovação do tratado da tregoa com os Estados das Provincias Unidas* por *Antonio de Sousa de Tavares*; inedito. Ms. 601, da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

razão tivéram tanto o Monteiro-mór e Coelho de Carvalho como Tristão de Mendonça Furtado para acceitar o que pudéram conseguir, convencidos como deviam estar de que nem a França nem as Provincias-Unidas queriam dar-lhes mais.

Se alguma duvida existisse ainda a tal respeito teria de desapparecer em presença de um documento extrahido da *Correspondencia de Portugal*, no archivo do ministerio dos negocios estrangeiros de França, que nos foi gentilmente communicado pelo Sr. Morel Fatio; não conhecemos a sua data mas deve ser dos ultimos dias de Maio e certamente dirigido por Chavigny ao Cardeal, que estava com a côrte em Abbeville. Transcrevemol'o na integra:

«*Mémoire sur les articles à insérer dans le Traité entre la France et le Portugal*».

«*Les Ambassadeurs de Portugal, après avoir considéré chez eux le projet de Traitté qui a esté cy devant mis entre leurs mains, et le nouveau qui leur a esté donné duquel on retranche l'article qui portoit que lhe Roy de Portugal ne pourroit faire aucun traitté sans le Roy, et que Sa Majesté se reserveroit par la paix la liberté de l'assister, respondirent hier au soir*».

«*Qu'ils faisoient leur principal fondement sur cet article, sans lequel tous les autres ne sont pas presque considerables. Qu'ils ont donné compte à leur Roy du premier projet, que comme il aura receu une très grande joie voyant par le dit article*

dont il est question la bonne intention et affection du Roy, ils jugeoient que le changement que l'on y apporte luy donneroit grande mortiffication, et à tous les Portugais, parmi lesquels cela pourrait produire un grand refroidissement».

«Ils demanderent instamment de se rendre près de Son Eminence pour luy representer leurs raisons sur cette affaire qui paroist les toucher sensiblement».

«Sur quoy leur ayant fait cognoistre que lorsqu'on leur avoit donné le premier projet on n'avoit jamais pensé de le signer que conjointement avec les Hollandois, et qu'eux ayant tesmoigné qu'ils désiroient passer un traitté presentement, on leur avoit donné le dernier projet, duquel on avoit osté l'article susdit, pareceque le Roy ne pouvoit entrer dans cette obligation sans l'intervention de ses alliez, et que Sa Majesté faisoit beaucoup plus pour eux que lesdits Sieurs Estats qui n'avoient voulu convenir d'autres choses que du secours de vaisseaux qu'ils envoient presentement en Portugal».

«Lesdits Sieurs Ambassadeurs, après grande contestation, ont enfin consenty que l'article soit osté du traitté, moyenant qu'il soit dit que Messieurs les Etats consentans a un pareil article cy-après, le Roy de sa part le passera aussi».

.....

«Article secret qu'on pourroit signer avec les Ambassadeurs de Portugal pour les contenter».

«Le Roy par le present article secret demeure

d'acord d'assurer le Roy de Portugal, quand la paix se conclura, de faire tous efforts possibles affin de se reserver la liberté de l'assister tousjours, pourveu que ledit Roy promette de ne faire aucun traitté avec les ennemis sans le consentement de Sa Majesté, et ce toutesfois et quantes que les alliez de sa dite Majesté consentiront d'entrer avec elle dans une pareille obligation».

O auctor da memoria accrescenta, á maneira de commentario, o seguinte:

«*Je mets les alliez du Roy en general affin que Sa Majesté ait d'autant plus le moyen d'eviter de s'obliger à une telle condition, quand mesme les Holandois le voudroient admettre. Je ne sçay si les Ambassadeurs Portugais agreeront cet article secret comme il est, mais il semble qu'ils desirent passionnement de faire quelque traitté presentement*» [1].

Informados directamente por Mendonça Furtado do que ao mesmo tempo se estava passando na Haya; e talvez tambem do que occorrera na Dinamarca, onde Francisco de Sousa Coutinho nem mesmo chegára a ser officialmente recebido; os nossos embaixadores em Paris acceitáram, á falta de melhor, o artigo secreto que apenas soffreu ligeiras modificações de redacção [2].

[1] V. Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, *Correspondance de Portugal*, t. I, fol. 40.

[2] V. Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França, *Correspondance de Portugal*, t. I, fol. 86, d'onde ex-

Que elles procederam acertadamente em concluir com o governo francez um pacto, que importava o reconhecimento da nossa autonomia e a promessa de importantes soccorros, foi a principio a opinião geral. A noticia da assignatura do tratado e da proxima chegada da armada franceza foi recebida com grande contentamento, mandando El-Rei por decreto de 2 de Julho que durante trez dias houvesse em Lisboa luminarias e repiques de sinos [1].

trahiu a copia d'este artigo, na sua forma definitiva, o Sr. Morel Fatio que nol'o communicou. Encontra-se egualmente, transcripto na integra em *Relações Exteriores de Portugal*, t. I, pag. 66 e seg.; e, com todo o tratado, na *Collecção de Tratados de Borges de Castro*, t. I, pag. 16 e seg.

Devemos notar que Borges de Castro affirma ser em latim o texto official do tratado de 1 de Junho, sem comtudo nos dizer porque o affirma nem indicar onde exista semelhante texto, apresentando o que encontrou em *Dumont*, em francez, e uma traducção particular, em portuguez.

A titulo de informação acrescentaremos nós que no *Archivo Nacional da Torre do Tombo* apenas existe uma copia em francez, no t. XIV da *Collecção de S. Vicente;* entretanto no *Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França* há varias copias em francez sem as assignaturas; e tambem as não tem o *Ms. 305, fonds Colbert*, da *Bibliotheca Nacional de Paris* de que se serviu Santarem, segundo as informações particulares que devemos a M.r *Tausserat-Radel* a quem muito particularmente as agradecemos.

[1] V. Ramos Coelho, (*Historia do Infante D. Duarte*, t. I, pag. 716), que cita a data do decreto, 2 de Julho de 1641; foi depois, muito depois, que uma vehemente opposição se manifestou, contra os diplomatas e contra o secretario d'Estado Francisco de Lucena, que os invejosos leváram ao patibulo.

Depois, rivalidades e invejas, mesquinhas intrigas e sordidas ambições, desvirtuaram a obra dos nossos diplomatas, sinceros patriotas, bons e leaes portuguezes a quem não faltáram detractores. É tempo de que a posterioridade lhes faça justiça e para isso quizémos nós concorrer quanto coube em nossas forças.

II

Pessoal da Embaixada

FRANCISCO DE MELLO

Tendo de referir-nos ao pessoal da embaixada é justo que dêmos o primeiro logar áquelle dos dois embaixadores a quem a sua mais elevada cathegoria naturalmente o attribuia, quando mesmo perceptivamente lh'o não déssem as instrucções da Côrte; occupar-nos-hemos pois antes de todos do Monteiro-mór, Francisco de Mello, que já de seu pae herdára este cargo honorifico.

Ignoramos a data do seu nascimento; mas sabemos, por um documento que em seu logar publicamos [1], ser elle filho de um Manuel de Mello, Monteiro-mór em Portugal e do conselho de Filippe II, fallecido em 28 de Novembro de 1597.

Ao pae do nosso futuro embaixador, em paga

[1] *Documentos elucidativos*, n.º IX. Carta Regia em favor de Garcia de Mello filho de Francisco de Mello, onde se referem os serviços do Embaixador, pag. 251 e segg.

dos serviços d'elle e de seu irmão Antonio de Mello, fôra feita pelo mesmo Filippe II, em 25 d'Abril de 1593, a concessão de uma tença no valor de duzentos mil reis, com sobrevivencia para a mulher ou filhos. Por morte, pois, do Monteiro-mór Manuel de Mello reclama para si o filho Francisco que herdára o cargo, decerto o primogenito, metade d'essa tença, passando a outra metade para seu irmão Jorge de Mello, por alvará de 3 de junho de 1598.

Sabe-se mais que, além da tença acima referida, teve Francisco de Mello ainda sob o dominio castelhano duas commendas na ordem de Christo, a de Santiago na villa de Santarem e a do Pinheiro d'Azere no bispado de Vizeu[1]; e tambem consta que renunciou, em 16 de março de 1626, a favor de Rui Dias da Cunha a capitania de Chaúl, que decerto lhe viera por sua mulher D. Luiza de Mendonça filha de Pedro de Mendonça Furtado, que era commendador de Mourão e capitão de Chaúl. É de crer que o sogro viesse a fallecer por esse tempo e que assim a capitania transitasse para o genro, ou que D. Luiza a levasse em dote, se o sogro de Francisco de Mello era o Pedro de Mendonça de quem adeante fallaremos e não o pae d'este como tambem podia ser.

O que sabemos é que desde a morte do pae até

[1] *Archivo Nacional da Torre do Tombo.* Chancellaria da Ordem de Christo, Livro XXI, fols. 65 v.º, 66 v.º

á data, 16 de março de 1626, em que renunciou a favor de Ruy Dias da Cunha, á capitania de Chaúl[1], o nosso Monteiro-mór se não esquivou a prestar serviços ao paiz.

Parece que principiou a sua carreira, fazendo o seu tirocinio militar nas armadas, como era costume com os jovens fidalgos do seu tempo, pois temos noticia[2] d'elle ter entrado em 1607 na «armada das Ilhas», conservando-se ahi n'esse anno e no seguinte; e, tomando depois parte na «empresa de Larache» e na «armada da costa de seiscentos e des, sempre com criados a sua custa».

É de suppôr que mais tarde fosse viver para a sua commenda de Santarem, talvez recem-casado, visto ser notorio que alli fez por vezes importantes levas de gente, a quem sustentava «com grande despeza da sua fazenda». O inapreciavel documento que tudo isto nos ensina cita particularmente duas expedições para que Francisco de Mello assim concorreu, uma em 1624, a recuperação da Bahia aos Hollandezes («quando foi da jornada da Bahia de Todos os Santos»); e outra no anno seguinte, «com occasião de se esperar a armada ingreza», mandada contra a Hespanha por Carlos I e pelo seu valido duque de Buckingham.

[1] *Archivo Nacional da Torre do Tombo.* Chancellaria de Filippe III (em Portugal). Livro XXX, fol. 295.

[2] *Documentos elucidativos,* n.º IX. Carta regia, etc., pags. 253 e seg.

D'essa vez levantou elle na comarca de Santarem nada menos de trezentos homens, «gente de cavallo» com que acudiu a Cascaes, alojando-se com elles em Oeiras «com grande despeza de fazenda, por dar a muitos meza». Era sempre assim: «estando prompto cada ves que se lhe avisou para acodir onde fosse necessario com a gente de cavallo que tinha a cargo».

Não teve porém occasião Francisco de Mello de combater os antigos alliados de Portugal, porque a armada ingleza em logar de vir sobre Lisboa dirigiu-se a Cadix, d'onde foi repellida, depois de ter tentado inutilmente interceptar os galeões carregados de prata que vinham da America hespanhola.

A partir d'esta data e durante alguns annos perdemos de vista o futuro embaixador, que só torna a apparecer-nos quando se aproxima a restauração da independencia patria, de que elle foi, bem como seu irmão Jorge de Mello a que atraz alludimos, um dos primeiros propugnadores e dos principaes agentes.

É sabido que o ponto de partida para o movimento nacionalista, em que tomou parte preponderante a nobreza de Lisboa e que veiu a ter tão feliz resultado no dia primeiro de Dezembro de 1640, foi a nomeação do duque de Bragança para ir residir em Almada, com o titulo de governador das armas de todo o Reino e o encargo de cuidar da sua defeza. Julgava-se esta ameaçada pela proxima vinda

da armada franceza commandada por Henri de Sourdis, arcebispo de Bordeus, com o intuito de atacar Portugal e causar á Hespanha serios embaraços, forçando-a a distrahir, chamando-as para o occidente da Peninsula, as forças preparadas para resistir ás do principe de Condé, que na primavera d'esse anno de 1639, devia atacar o Russilhão e ameaçar a Catalunha; isto para não fallar senão do que se passava na Peninsula, sem cuidar dos exercitos que a Hespanha era obrigada a sustentar em outros theatros de operações variados e remotos.

Dando ao duque de Bragança, candidato eventual ao throno, o encargo de defender Portugal contra os inimigos da Hespanha, auxiliares naturaes de quaesquer movimentos de revolta que surgissem no seu proprio paiz, destribuia Olivares ao futuro rei o papel mais ingrato que era possivel imaginar.

Se D. João de Bragança organizasse como lhe cumpria a defeza do reino, mostrava-se submisso ás ordens de Madrid, subdito fiel de Filippe IV, obediente servidor do seu poderoso ministro; e tanto bastava para que perdesse entre os seus numerosos partidarios todo o prestigio que a sua conducta, sempre habil e prudente, lhe havia grangeado.

Mas se o Duque desobedecesse; se aquelle a quem fôra confiada a guarda do valle do Tejo, o melhor e o mais seguro d'entre os caminhos estra-

tegicos que ao coração da Hespanha conduzem, atraiçoasse o Rei; se o pretendente se puzésse a conspirar com os descontentes, fidalgos irrequietos e populares insubmissos para quem a regencia da duqueza de Mantua e o governo de Miguel de Vasconcellos não eram a mais generosa das regencias e o melhor dos governos possiveis: então o potentado de Villa Viçosa manifestava-se como um réo de alta traição, merecedor do mais sevéro castigo.

Em tal caso não seria difficil ao pouco escrupuloso Conde-Duque apoderar-se, com justa razão, da sua pessoa e dos seus opulentissimos bens, quando andasse visitando alguma fortaleza bem guarnecida de tropas castelhanas, ou quando entrasse a bordo de alguma náo d'aquella nação. Preso o Duque, uma rapida e bem urdida devassa designaria os conspiradores seus cumplices por demais conhecidos, que expiariam no patibulo o crime de conspiradores contra a real magestade de Filippe IV, legitimo soberano d'estas ditosas terras de Portugal que a generosa iniciativa de Filippe II e a espada do duque d'Alba haviam juntado, n'um carinhoso e fraternal amplexo, ás outras terras da Hespanha, unificando a Iberia.

Era bem urdido o plano, mas as circunstancias não favoreceram o seu exito; e d'esse mesmo plano resultou em grande parte, não a perda do prestigio ou a da liberdade e riqueza, talvez da vida, para o futuro D. João IV, mas precisamente o contrario: a sua ascensão ao throno.

O duque de Bragança obedeceu ás ordens do Conde-Duque, deixou a sua pequena e tranquilla côrte de Villa-Viçosa, affastou-se da coutada que era o seu enlevo, e veiu habitar em Almada, como lhe cumpria. Mas Almada está a dois passos de Lisboa, é facil a travessia do Tejo, e uns após outros os mais illustres e poderosos fidalgos foram cumprimental'o. Uns, ou por serem seus parentes e adherentes ou por mais ousados, abriam-se com elle e deixavam-lhe entrever a posse eventual da coroa; outros, mais prudentes, ou mais desejosos de conservar ambicionadas situações que a Hespanha lhes garantia, aparentavam certa reserva, mas iam sempre cumprimentando aquelle que, sendo agora o mais poderoso d'entre os fidalgos, poderia vir a ser um dia o soberano.

Mais cauto, mais circumspecto, mais habil que todos elles era o neto da infanta D. Catharina e herdeiro dos seus direitos: acolhia todos muito bem, ouvia-os com amavel e sorridente attenção, e não se abria com ninguem.

Um dia veiu a Lisboa visitar a duqueza de Mantua; ella era senhora e princeza, elle um duque muito chegado ao throno e ambos sabiam practicar, sem quebra da propria dignidade, extremos de cortezia. Passou-se tudo muito bem na entrevista, o duque retirou para Almada e os fidalgos, o proprio povo, acclamáram-no; não voltou a Lisboa.

Tambem a armada franceza não veiu; e como já fosse entrando o inverno de 1639-1640 o Duque,

saudoso dos seus couteiros, foi pôr-se á frente d'elles; recomeçaram as caçadas, Villa Viçosa reanimou-se.

Entretanto os fidalgos de Lisboa ficavam discutindo se haveria no Duque excesso de prudencia ou excesso de timidez; e se elle, no fim de contas, acceitaria ou não acceitaria a coroa.

É n'esta altura que nós vemos reapparecer o nosso Monteiro-mór, de quem andavamos desde 1626 apartados e esquecidos; com effeito, d'entre os fidalgos que fizéram então maiores instancias com o duque D. João para que acceitasse a coroa: «Hum dos que mais vivamente as apertava era Francisco de Mello, Monteiro-mór: escrevia a D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira, e a D. Affonso de Portugal Conde de Vimioso, pedindo a hum, e outro que representassem ao Duque as molestias que padeciam os Portuguezes, que de justiça nacerão seos vassallos; que tomasse a coroa que voluntariamente lhe offerecião, pois era a mesma que os Castelhanos roubaram a seus Avós; que a esta offensa se não devia antepor perigo algum, e que este se devia ter por muito remoto na consideração de se acharem os Castelhanos com o poder devidido por muitas partes, e que neste sentido nunca o tempo podia ser para a resolução mais opportuno» [1].

[1] *Portugal Restaurado,* P. I, liv. II, pag. 91 e seg. (Ed. de 1751). ANTONIO CAETANO DE SOUSA confirma, transcrevendo-as

Taes eram, segundo as formaes palavras do conde da Ericeira, as razões que o nosso futuro embaixador fazia valer junto do futuro rei, do marquez de Ferreira e do conde de Vimioso em nome de um escolhido grupo de conspiradores, de que faziam parte D. Miguel d'Almeida, Pedro de Mendonça Furtado, e D. Antão d'Almada, em cuja casa junto ás portas de Santo Antão passávam a encontrar-se depois de terem tido por ponto de reunião a casa de Jorge de Mello, irmão do Monteiro-mór, que foi o encarregado de transmittir verbalmente ao duque de Bragança, ao marquez de Ferreira e ao conde de Vimioso, os poderosos argumentos dos fidalgos reunidos em Lisboa.

O que deixamos dito, invocando o testemunho conforme do conde da Ericeira e de D. Antonio Caetano de Sousa, parece-nos sufficiente para ajuizar do papel que teve na restauração o primeiro dos embaixadores a França; não nos demoraremos pois a transcrever o que se passou, com a sua assistencia e a de João Pinto Ribeiro agente da casa de Bragança, em doze de Outubro; e menos ainda iremos narrar, na fé dos mesmos auctores, as variadas peripecias que acompanháram a acceitação do Duque, e os acontecimentos do dia primeiro de Dezembro de 1640, do qual bem se pode dizer que foi o dia de maior felicidade que a historia de Por-

quasi palavra por palavra, as affirmações de Ericeira. (*Historia Genealogica*, t. VII, liv. vii, pag. 69 e segg.).

tugal conta, por ser aquelle em que a nação portugueza, libertando-se do amplexo iberico, recuperou a perdida independencia.

Para a fortuna d'esse dia foram Francisco de Mello e seu irmão Jorge de Mello dos que mais contribuiram, tendo dado durante a sua preparação grandes provas de energia e capacidade. Razão havia pois para que aos dois irmãos fossem concedidas as merecidas recompensas pelos seus serviços, e que lhes fossem confiados cargos de representação e de responsabilidade.

Coube ao Monteiro-mór a primeira pela importancia de todas as embaixadas, a de Paris. Para a de Londres, dirigida aos nossos tradicionais alliados, ia outro conjurado, D. Antão Vaz d'Almada, o representante legitimo de Alvaro Vaz d'Almada, primeiro conde d'Avranches e cavalleiro da Jarreteira, cujo honrado brazão figura no palacio de Windsor ao lado dos mais nobres e gloriosos de Inglaterra. Na Gran-Bretanha, onde nenhuma tradição se perde, havia de ser apreciada a escolha.

Os restauradores, e á frente d'elles, o Rei, avizado e prudente, sabiam confiar aos mais competentes os elevados cargos, eis porque a revolução portugueza vingou; inspirava-os o amor da patria «não movido do premio vil», porisso a memoria d'esse punhado de bons portuguezes ha de ser abençoada emquanto portuguezes houver.

Se pretendermos seguir o nosso Monteiro-mór no curto espaço de tempo que mediou entre o pri-

meiro de Dezembro e a sua partida para França, havemos de encontral'o em todos os actos solemnes, e com elle o irmão Jorge de Mello, e um Pedro de Mendonça Furtado, alcaide-mór e senhor de Mourão, que não pode deixar de ser sogro ou cunhado de Francisco de Mello e que figura conjuntamente com um filho, Luiz de Mendonça, e com Tristão de Mendonça, decerto o embaixador ás Provincias-Unidas, bem como o filho d'este, Henrique de Mendonça, na lista dos conjurados impressa em 1641 e reproduzida na *Historia Genealogica* [1]. Como tinham ido incitar o Duque a que acceitasse a coroa, foram annunciar-lhe o que em Lisboa se passára, os mesmos emissarios, Jorge de Mello e Pedro de

[1] N'essa lista, tal como o reproduz a *Historia Genealogica* (t. VII, liv. VII, pag. 81), encontramos logo no terceiro logar, depois de D. Miguel d'Almeida e D. Antão d'Almada, Jorge de Mello, porém não vemos n'ella o nome do Monteiro-mór, ao passo que alli se veem os de Tristão de Mendonça (o futuro embaixador ás Provincias-Unidas) e seu filho Henrique de Mendonça, bem como Pedro de Mendonça Furtado e Luiz de Mendonça seu filho. O conde da Ericeira, porém, inclue na lista dos *Fidalgos da Acclamação* (*Portugal Restaurado*, p. I, liv. II, pag. 109 e seg.), depois de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór d'Elvas, um Francisco de Mello, que bem poderia ser o nosso embaixador; a seguir vem Luiz de Mello, que foi porteiro-mór de el-Rei e alcaide-mór de Serpa (*Historia Genealogica*, pag. 226) com o filho Manoel de Mello, e logo depois Tristão e Luiz de Mendonça, ao passo que Pedro de Mendonça é dos primeiros mencionados e que Jorge de Mello não se encontra n'esta lista. O que devemos concluir d'aqui é que nem uma nem outra é completa.

Mendonça, e vieram com o Rei, no seu proprio coche [1], conjuntamente com o marquez de Ferreira, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, conde de Tentugal, que ia ser duque de Cadaval, e com o conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, que mais tarde foi marquez de Aguiar; acompanhavam o coche alguns creados a cavallo. Sem mais escolta, sem o minimo receio, vinha D. João de Bragança ao encontro da coroa de Portugal: não havia perigo de que attentassem contra elle parciaes da união com a Hespanha; se alguns houvéra no triste occaso do seculo XVI depois do tristissimo reinado do cardeal D. Henrique, sessenta annos de iberismo tinham-n'os feito desapparecer. Já os não havia quando foi acclamado D. João IV; e se alguns descontentes vieram a manifestar-se depois, quer emigrando para Hespanha, quer conspirando contra o seu rei legitimo e nacional, devemos attribuir o caso a invejas e despeitos pessoaes, não a mais elevadas causas.

Não tardou muito que se realizasse a coroação de el-Rei; logo em 15 de Dezembro se levou a

[1] Para não termos de nos referir novamente a elles, diremos que Jorge de Mello foi feito general das galés, na ausencia do marquez de Porto Seguro que ficára em Hespanha, e membro do conselho de guerra (*Historia Genealogica*, pag. 232); e que Pedro de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, foi nomeado por D. João IV «Guarda mór da sua pessoa» (*Historia Genealogica*, pag. 225), e já desempenhava este cargo de confiança na cerimonia da coroação. (*Portugal Restaurado*, pag. 122).

effeito esse acto solemne, com applauso de todos os bons portuguezes. Assistindo a elle na «parte esquerda do estrado grande» do throno [1], vemos o nosso Monteiro-mór no exercicio do seu cargo hereditario; na lista das primeiras mercês não fôra elle comprehendido, como o irmão, mas decerto ficou logo resolvida a sua nomeação para a embaixada a França, cujas instrucções foram assignadas em 21 e 23 de Janeiro, ainda antes da reunião das côrtes que foi a 28 [2].

Pois logo no domingo seguinte áquella importante cerimonia, «3 de Fevereiro, dia do glorioso São Bras», segundo diz o nosso Franco Barreto no começo da narração da viagem, foram os nossos embaixadores despedir-se de el-Rei e da Rainha, e n'esse mesmo dia embarcaram nas gondolas que os puséram a bordo da nao inglesa *Maria João;* na quarta-feira 6 foi el-Rei a São Gião e mandou buscar Francisco de Mello para jantar com elle; na quinta tentaram partir, mas faltou-lhes o vento. E na sexta-feira largáram definitivamente o Tejo, no dia 8 portanto e não no dia 28, como dizem, copiando

[1] *Historia Genealogica*, pag. 102.

[2] As *Instrucções Ostensivas* podem vêr-se desenvolvidamente reproduzidas no *Quadro Elementar* pelo Visconde de Santarem, (t. IV. p. 1, pag. 5 e segg.); e tambem, mais resumidamente, em *Relações Exteriores de Portugal* por C. R. du Bocage, (t. I, pag. 59 e segg.).

Damos na integra as *Instrucções Secretas* nos *Documentos Elucidativos*, (Doc. I, pagg. 153 e segg.).

um do outro, Ericeira e D. Antonio Caetano de Souza; a 2 de Março desembarcaram elles na Rochella [1].

Agora, quanto á viagem que os nossos embaixadores tivéram e ao mais que passáram, nada temos a accrescentar ao que diz Franco Barreto, pois não ha ninguem mais competente do que o nosso auctor para contar aquillo a que assistiu; não deixaremos, porém de fazer notar que os embaixadores, tendo levantado ferro em Lisboa a 8 de Fevereiro, só desembarcaram na Rochella a 2 de Março e entraram em Paris a 25, gastando na viagem quarenta e cinco dias. Tivéram a sua primeira audiencia de Luiz XIII, da Rainha e do Delphim, em S^t^. Germain quarenta e oito horas depois de chegarem á capital, na quarta-feira de trévas 27 do mesmo mez, e a do Cardeal Richelieu logo no dia seguinte, em 28, apezar de ser quinta-feira de endoenças; o primeiro ministro estava com pressa, e viera de proposito de Ruel a Paris para se encontrar sem demora com os embaixadores de D. João IV.

Estava reservada ao nosso Monteiro-mór, entre as gallas da sua viagem e as satisfações que não

[1] É de notar que Ericeira dê erradamente a data de 28 de Fevereiro para a partida da embaixada e a de 5 de Março para a chegada á Rochella (*Portugal Restaurado*, pag. 161). D. Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, pag. 124), copia servilmente o que disse Ericeira, sem repararem, nem um nem outro, na extraordinaria rapidez da viagem. O seu erro é manifesto.

podiam deixar de proporcionar-lhe as provas de consideração com que era recebido, uma dôr profunda, que certamente lhe amargurou os dias restantes e lhe exigiu um poderoso esforço de vontade para continuar tratando dos negocios do Estado; referimo nos á grave e rapida doença, uma febre de mau caracter, que acommeteu em Paris o filho primogenito do embaixador, Pedro de Mello. Veiu a fallecer este desventurado moço em 24 de Abril, tendo a pranteal'o todos os seus companheiros da missão portugueza, que muito o apreciavam, e sendo esta prematura morte occasião de que a côrte de França désse aos enviados de Portugal inequivocas provas de consideração, cuja iniciativa tomaram desde logo o Rei, a Rainha e o Cardeal-Duque, que mandaram dar os pesames a Francisco de Mello em 27.

Nem assim as negociações se interromperam; lá vae o pobre pae a Ruel, quatro dias depois da morte do filho, para ter mais uma entrevista com Richelieu; e em 9 de Maio vemol'o representar o seu soberano, assistindo a uma cerimonia religiosa, porque o seu companheiro Coelho de Carvalho adoecêra e não poude comparecer. Tratava-se de uma missa em que officiava o Cardeal, e a que foram presentes Luiz XIII, Anna d'Austria e Gastão d'Orleans.

Durante a cerimonia, o nosso embaixador «esteve sempre praticando com El Rey, que alli lhe tornou a dar os pesames pela morte do filho, e perguntou

muito particularmente por El Rey Nosso Senhor e pella Raynha, e quantos filhos tinha, machos ou femeas, de que tudo o Monteiro-mór lhe deu inteira relação». Decerto falláram castelhano, visto que Francisco de Mello não era forte na lingua franceza, e decerto não conversariam por meio de interprete na egreja, durante uma cerimonia religiosa de tanta solemnidade [1].

Francisco de Mello quiz aproveitar a occasião de estarem Suas Magestades em Paris e jantarem no Louvre, para mandar á Rainha: «humas caixas de brincos de ambar, com luvas do mesmo, e outras caixas de doces e frascos de agoas, que sua Magestade mostrou estimar muito» [2].

[1] V. *Relaçam*...[pag. 96.

[2] V. *Relaçam*... pag. 98. A proposito do presente de *brincos* e *luvas de ambar*, que os embaixadores offereceram a Anna d'Austria, não deixa de ser interessante reproduzir aqui uma noticia que encontrámos no cod. 4173 da Bibliotheca Nacional de Lisboa (nucleo antigo), intitulado *Do Governo de Portugal*, que contem as despesas da casa da Rainha D. Luisa de Gusmão e no qual, a folhas 77, vem o rol dos presentes mandados de Portugal á França por occasião duma das embaixadas alli enviadas em seguida á Restauração. Os presentes para a Rainha (Anna d'Austria) são, alem duma cama de pao preto, 12 caixas concertadas de pivetes, pastilhas e brincos de ambar, 136 duzias de pastilhas em caixas, 6 duzias de couros de ambar, 2 caixas de pucaros de Estremos, 4 caixas de brincos de ambar e outras 12 caixas de doces, quantidade de porcelanas, 200 pentes de cara, 12 arrateis de benjoim de boninas e 6 frasqueiras de aguas de cheiro. O Cardeal recebeu, entre outras cousas, 12 caixas concertadas com pivetes e pastilhas

Foi gentilissima para com os nossos diplomatas a irmã de Filippe IV; pois, apenas entregue do presente, mandou logo chamar para que fossem vel'a os dois embaixadores, dizendo que não queria retirar-se para S^t^. Germain sem novamente os ter recebido.

Coelho de Carvalho, sempre doente, não poude assistir á audiencia da Rainha; mas Francisco de Mello foi, e parece que, fallando sempre com ella em hespanhol, se sahiu muito bem da situação algum tanto difficil, e soube mostrar que era homem da côrte e homem de espirito; veja-se o que conta o nosso Franco Barreto, que talvez exaggere um pouco, mas se não atreveria a dizer o que diz sem algum fundamento, pois era homem sincero e de boa fé.

O tempo ia correndo, estamos agora em 22 de Maio; as negociações avançam, sem se poder dizer que prospéram, porque as objecções vindas da Haya, como n'outro logar vimos, mostráram quanto era

e brincos de ambar, 2 caixas com 32 pares de luvas de ambar e 18 bolsas de ambar e bordados, 2 caixas com varios brincos de briscado e de ambar e rosarios. Ao Gram Prior foram offerecidos, entre outros presentes, 6 caixas grandes concertadas com pivetes, pastilhas e brincos de ambar, 12 caixas de diferentes doces, 4 frasqueiras de 6 frascos cada uma de aguas de cheiro, 4 caixas de assucar, 2 pipas de vinho e 2 de azeite.

Entre outros gastos que se registam neste codice vem a fol. 47 as contas do jantar que a Rainha mandou dar ás donas que vieram ao paço ver o Auto da fé de 15 de Dezembro de 1647.

difficil realizar a alliança formal, que a principio parecêra a todos, incluso Richelieu, tão facil de contrahir.

N'este meio tempo tinha chegado o bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, na sua viagem para Roma, onde ia como embaixador, e que, logo no dia seguinte ao da sua chegada, seguira para Abbeville a encontrar-se com o Cardeal-duque. No mesmo dia 23 de Maio, os nossos embaixadores, já os dois, reunem-se em casa do chanceller Séguier com os dois Bouthilier, pae e filho; estamos nos ultimos dias da negociação, nove dias depois havia de assignar-se o tratado.

Eis tudo o que Franco Barreto nos diz; mostra-nos as negociações por fóra, conta-nos o que se podia vêr do exterior, não nos revella os segredo das chancellarias; quanto ás proprias negociações, se as queremos conhecer, temos de ir estudal'as na correspondencia de Richelieu, temos de ir devassar os archivos de França e da Hollanda; pois documentos nossos, se os ha, ainda não foram descubertos.

Assignado o tratado, começa a viagem de regresso; mas antes de a iniciarem, ainda, movidos do seu zêlo pelo serviço real, resolvem os nossos diplomatas ir até Abbeville, despedir-se de Luiz XIII e de Richelieu, e a S^t^. Germain, beijar a mão á Rainha.

Para que foram elles a Abbeville? Decerto que não emprehenderam essa viagem por simples cortezia, nem foi uma viagem de recreio, com dois dias

de jornada na ida e dois na volta, entre o dia 12 de Junho em que partiram, e o dia 17 em que já estavam de regresso em S^t^. Germain. Se foram a Abbeville os dois embaixadores, um dos quaes apenas tivéra tempo para convalescer da sua doença, e o outro mal pudéra consolar-se do seu desgosto, é porque julgáram conseguir, fallando de viva vóz com Richelieu, alguma promessa verbal que o ministro de Luiz XIII não tivésse confiado ao papel, que nem mesmo dos negociadores francezes fiasse, e que poderia repetir em Lisboa o sobrinho do Cardeal, o marquez de Brézé, embaixador e almirante, em cuja esquadra os dois diplomatas regressavam. Se a houve, não o sabemos; o que sabemos é que, durante a vida do ministro e durante a vida do Rei, nunca o appoio da França nos faltou.

Tambem sabemos, e convém dizel'o, quanto foi elevado o numero e escolhida a qualidade dos officiaes e cavalheiros francezes, «Senhores e Monsiures» lhe chama o nosso Franco Barreto, que vieram na armada de França e ficaram servindo em Portugal; o nosso auctor menciona apenas uns trinta e tantos, além dos commandantes dos navios da esquadra, mas ha documentos que mencionam muitos mais, publicados graças ao trabalho intelligente e incansavel do douto academico o Sr. Christovam Ayres. Ha uma «*Lista dos coroneis e capitães dos Regimentos francezes*» muito completa, e um «*Rol das pessoas que vieram de França na Armada do Sr Marquez de Brézé para servir em*

Portugal», documentos officiaes assignados por Francisco de Lucena, em que se contam uns cem nomes, entre os quaes, apesar de muito adulterados pelas successivas transcripções, se reconhecem alguns de officiais distinctos e de fidalgos francezes, representantes de familias conhecidas e ainda hoje existentes, prova manifesta da importancia da missão que o sobrinho de Richelieu acaudilhava [1].

Chegados a Lisboa os nossos embaixadores, é de crêr que Antonio Coelho de Carvalho e Soares d'Abreu voltassem a desempenhar as suas elevadas funcções nos tribunaes a que pertenciam, ao passo que Francisco de Mello, antigo militar, mais directamente se occuparia da organização dos regimentos francezes e de dar emprego adequado aos numerosos officiaes a que acima nos referimos. Suppomol'o sem documentos que nos permittam affirmal'o; do que temos documentos é das nomeações, feitas a partir de 24 de Setembro, dos commandantes de regimento e capitães de cavallaria, e

[1] O Sr. Christovam Ayres publica na *Historia do Exercito Portuguez, Provas, tomos I a IV*, numerosos e interessantes documentos que dizem respeito a estes officiaes e que dão bem a medida dos serviços, quanto a alguns d'elles distinctissimos, que prestaram. A *Lista* e o *Rol*, que citamos, bem como o decreto de 21 de Setembro de 1641, que determina a organização das forças commandadas pelos officiaes francezes, vindos com o marquez *de Brézé*, encontram-se a pagg. 305 e segg. do *t. I das Provas;* são documentos officiaes extrahidos do *Archivo da Torre do Tombo, Documentos do Conselho de guerra, Consultas, maço I.*

mais nos consta que sobre assumpto relativo a um d'estes foram consultados e déram parecer ambos os embaixadores, em Novembro do mesmo anno de 1641 [1].

Tambem se deduz de documentos que temos á vista o ter-se, no mez d'Agosto, «resoluto que neste reyno se levantem companhias de cavallos para a defensa d'elle» e, entre outras, «huma companhia de cavallos couraças . . . » «a qual companhia se formará dos Estrangeiros que aqui se vão alistando». Devia ella ter por commandante um conde Francesco Fiesco, italiano, cuja patente tem a data de 14 d'Agosto, que não figura entre os que vieram de França, mas que nos apparece mencionado n'um dos regimentos francezes de cavallaria ligeira, sob o commando do coronel Chantereine [2].

[1] A primeira patente, pela data, é a de *Jean de Bucquoy*, senhor *de la Motte*, que vinha muito recommendado para que ficasse sendo o mais antigo *(Historia do Exercito, Provas, t. I, pag. 317)*; o documento, digno de lêr-se, tem a data de 24 de Setembro de 1641 e n'elle se determina que o soldo lhe seja abonado desde 29 de Agosto (*Loc. cit.*, pag. 352 e seg.). Egual data vem fixada na patente de um outro official *Barnabé Brisson* (*Loc. cit.*, pag. 347), sendo esta de 26 de Setembro, bem como muitas outras, de coroneis e capitães de cavallaria que vem mencionadas n'uma longa lista (*Loc. cit.*, pag. 318 e segg.).

A consulta a que nos referimos vem publicada na integra na *Historia do Exercito, Provas, t. I, pag. 348.*

[2] O despacho que manda passar a patente a este official designa-o por *Francesco Fiesco, conde de Lavanha, Ginoves,*

Ás forças vindas de França, e a outros estrangeiros que tinham vindo anteriormente para Portugal, com que em Setembro começáram a constituir-se cinco regimentos de cavallaria ligeira, um de carabineiros, um de dragões e quatro de infantaria, juntáram-se em Outubro as que vieram de Hollanda, uns mil e quinhentos homens, formando um regimento de cavallaria hollandeza montada e outro «de infanteria ou dragões», mas que parece não ter chegado a ser montado [1].

diz que elle se veiu offerecer para servir na guerra, e tem a data de 14 d'Agosto de 1641 *(V. Historia do Exercito, Provas, t. IV, pag. 280)*; a patente, da mesma data, é muito honrosa para *Fiesco* e manda-o servir na provincia do Alemtejo como capitão da companhia de cavallos couraças a que no texto nos referimos *(Loc. cit., pag. 281)*. É de crêr, porém, que mais tarde, no mez de Setembro, quando se organizáram regimentos com os officiaes vindos de França, n'elles se incorporassem outros que de là não vieram, pelo menos na armada do marquez de Brézé, porquanto n'um dos regimentos de cavallaria, sob o commando de *François de Huybert*, senhor *de Chantereine*, vemos citado em primeiro logar entre os capitães «*de fiesque*», na «Lista dos Coroneis e Capitães dos Regimentos franceses» *(Historia do Exercito, Provas, t. I, pag. 307)* embora o seu nome não appareça no «Rol das pessoas que vieram de França na Armada do Sr. Marquez de Brézé para servir em Portugal» (*Loc. cit., pag. 309 a 317*).

[1] As forças vindas da Hollanda, na armada commandada pelo almirante *Gysels* e sob as immediatas ordens de *D. Francisco Manuel de Mello:* «constavam de um regimento de cavallaria hollandeza montada, e de outro de dragões, que entr'ambos passavão de 1500 homens, e duzentos soldados Portuguezes»,

Taes eram as forças que as nossas duas embaixadas, em França e na Hollanda, tinham conseguido recrutar; não nos pareceu inutil enumeral'as aqui para melhor se comprehender a obra dos nossos diplomatas. Compostas de estrangeiros, em que abundavam experimentados officiaes, chegaram tarde, é certo, para entrar em campanha n'esse mesmo anno

vindos estes de Flandres, da Catalunha e até das Indias, onde estavam servindo nos exercitos hespanhoes e d'onde tinham fugido para defender o seu paiz. (*V.* Edgar Prestage, *D. Francisco Manoel de Mello, Esboço Biographico, Coimbra, 1914, pag. 159 e seg.*). A armada chegou em 10 de Setembro de 1641. *(Loc. cit., pag 161, nota 1.ª)*; mas as forças hollandezas só em Outubro vieram a ser organizadas em dois regimentos «um de cavalaria, outro de infantaria», constituindo uma mesma *coronelia*, como então se dizia, sob o commando superior de *Lambert Floris van Til*, valente e experimentado official que para tal effeito recommendára o proprio principe de Orange, como se vê da sua patente, datada de 29 de Outubro *(V. Historia do Exercito, Provas, t. III, pag. 348 e seg.)*. Para o regimento de cavallaria vae como tenente coronel *Hans Wilelm van Til*, irmão do coronel, por morte do qual vem a succeder-lhe em Fevereiro seguinte (*Loc. cit., pag. 363 e seg.*); para o outro regimento, que algumas vezes apparece designado como de dragões, mas que suppomos nunca ter sido senão de infanteria, vae um official que mais tarde se distinguiu bastante, cujo nome os nossos escriptores escrevem geralmente *Pique*, mas que assignava elle proprio *Eustachius Pyech.* (*Loc. cit.*, pag. 335). Comquanto não diga propriamente respeito ao nosso assumpto, pareceu-nos interessante apresentar este resumo do que apurámos com respeito ás tropas hollandezas, consultando os numerosos documentos insertos no terceiro volume de *Provas* da *Historia do Exercito.*

de 1641, pois tudo leva a crêr que só nos dois ultimos mezes, Novembro ou Dezembro, se completariam e se distribuiriam pelas differentes fronteiras, mas estavam a postos para a campanha da primavera seguinte, a de 1642.

E não tinham, até então, feito grande falta, porque em 1641 apenas houvera ligeiras escaramuças, mesmo na fronteira mais exposta, a do Alemtejo; comquanto logo no fim de Dezembro de 1640 tivesse ido para Elvas o conde de Vimioso, como capitão general do Alemtejo, e se tivesse tratado immediatamente de fortificar melhor aquella importante praça, para o que muito contribuiram os proprios moradores, sendo especialmente encarregado de superintender nas fortificações Mathias de Albuquerque. Ao mesmo tempo haviam sido nomeados capitães móres para Elvas, Campo Maior e Olivença, D. Alvaro de Athayde, Gomes Freire d'Andrade e Francisco de Mello, de quem diz Ericeira: «estavão elles dispostos á defensa, esperando que o valor supprisse a falta de sciencia militar de que Francisco de Mello por estudo tinha muita noticia» [1]. Escusado será dizer não ser este Francisco de Mello o nosso Monteiro-mór, que ao tempo estava

[1] O que dizemos relativamente á campanha de 1641 no Alemtejo é tirado do *Portugal Restaurado (Parte I, liv.* IV, *pagg. 218 e segg.)*, não fizémos do assumpto estudo especial. As palavras que transcrevemos relativamente a Francisco de Mello veem a pag. 230. É o mesmo Ericeira quem n'outro logar lhe chama Francisco de Mello Torres.

em França, mas sim, segundo crêmos, um outro diplomata e não menos illustre; devia ser Francisco de Mello Torres o celebre embaixador em Londres, primeiro conde da Ponte e primeiro marquez de Sande, que pouco depois, graças á sua defeza de Olivença, foi nomeado mestre de campo, sendo-lhe entregue o commando de um terço de infanteria, que por bastante tempo conservou.

Pois apesar dos nossos preparativos, n'um ataque dos hespanhoes á nossa fronteiriça de Olivença, em 16 de Setembro, n'um ataque nosso a Valverde, em 28 de Outubro, ambos sem resultado apreciavel e n'algumas correrias que de parte a parte se emprehenderam, talando as comarcas raianas, se cifrou a campanha de 1641 [1].

Tudo fazia prevêr que outro tanto não aconteceria com respeito á de 1642: as nossas tropas, mais abundantes e mais bem organizadas, estavam a postos desde o principio da primavera; ao seu lado enfileiravam-se francezes e hollandezes, que d'algum modo lhes excitavam os brios; no commando das armas do Alemtejo estava Martim Affonso de Mello, que depois foi primeiro conde de S. Lourenço, disposto a atacar os hespanhoes em vez de esperar que nos atacassem, comquanto não

[1] *V.* Ericeira, *(pagg. 244 e seg.)*; onde se menciona a data do ataque a Olivença e se diz que Francisco de Mello deixára o governo da praça por ter ido occupar o posto de Mestre de Campo.

Loc. cit., *(pag. 250 e segg.)*, quanto ao ataque de Valverde.

faltasse pericia nem practica da guerra em D. Juan de Garay que os commandava; não se atemorizava o nosso general com a fama do adversario.

Até fins de Março ou principios de Abril não houve combate algum de importancia; mas a situação mudou logo que chegou o nosso Monteiro-mór, nomeado general da cavallaria, «esperando el-Rey» segundo as palavras de Ericeira, «que o seu valor supprisse a pouca experiencia que tinha d'este exercicio». Com effeito «querendo hospedallo com alguma empreza», diz aquele auctor; satisfazendo ás instancias do que fôra nosso embaixador a França, para que se fizesse guerra offensiva, diremos nós sem poder documental'o; logo a 25 de Abril mandou Martim Affonso de Mello atacar Codeceira, pequena villa hespanhola entre Albuquerque e Arronches. O resultado não foi grande, os moradores retiraram para o castello, que a guarnição defendia, e os portuguezes não podendo tomal'o de assalto, contentaram-se em saquear e queimar o logar [1].

Pouco tempo depois foi o governador das armas a Lisboa, e assumiu o mando o nosso Francisco de Mello; pois logo, sem mais delongas, partiu elle para Olivença, e reunidas as forças da praça ás d'Elvas e de Campo Maior, foi-se atacar Alcon-

[1] *V.* Ericeira, *Portugal Restaurado, P. I, cap.* vi, *pag. 350 e segg.* As palavras que transcrevemos e a primeira referencia ao Monteiro-mór veem a *pag. 358.*

chel, de que era alcaide-mór D. João de Menezes Soto-Mayor, marquez de Castro-Fuerte; repetiu-se o mesmo que succedêra em Codeceira, saque da villa, resistencia do castello e retirada dos atacantes.

Mas d'esta vez D. Juan de Garay não quiz deixar impune a ousadia do Monteiro-mór: no dia seguinte veiu sobre Olivença com 1000 cavallos e 200 infantes. Sahiu-lhe ao encontro o nosso embaixador, levando comsigo duas peças de artilheria, e o general hespanhol abandonou o campo.

N'outro dia o Monteiro-mór foi novamente sobre Alconchel, mas sahindo o sol antes d'elle chegar á villa, retirou sobre Valverde e foi degolando uma companhia de «infanteria de Waloens», que encontrou no seu caminho. Como não gostava de perder tempo, foi o nosso general logo d'alli sobre Chelles, mas os castelhanos estavam prevenidos e resistiram n'um fortim que haviam construido; os portuguezes incendiaram o logar, apezar das trincheiras que o defendiam, e retiraram sobre Telena; passáram depois o Guadiana e voltáram para Olivença. Garay corrêra logo em soccorro dos de Cheles com 1200 cavallos e 300 infantes, mas já não encontrou os nossos, seguiu-os até ao Guadiana e estacou, vendo que elles tinham passado o rio.

Estamos em pleno mez de Julho, mas nem o sol ardente do Alemtejo detém a furia do Monteiro-mór; agora manda Gaspar Pinto Pestana com 300 cavallos e D. Diogo de Menezes com 50 mos-

queteiros atacar Figueira de Vargas, logar de 350 vizinhos a quatro leguas de Olivença, leguas do Alemtejo. Foram de noite, ao amanhecer chegáram ao logar, saquearam-no e foram sobre Alconchel. Souberam entretanto os hespanhoes quanto era diminuta a força dos nossos, e vieram atacal'os n'um combate da rectaguarda, em que se distinguiu o coronel francez Chantereine com os seus 50 cavallos, e tambem se houvéram muito bem os infantes de D. Diogo de Menezes; largáram fogo ás searas, e ateou-se um incendio que abrazou mais de oito leguas de terra.

Para que havemos de continuar? Quasi pelos dias se contam os combates: no dia de Sanctiago temos um entre Corchuela e Telena em que se distinguem dois coroneis francezes, o do segundo regimento de cavallaria ligeira François de Huybert, senhor de Chantereine, já citado, e o do regimento de carabineiros Edme de Pillavoine, senhor de Boisemont; eram assim testemunhas presenciaes da incansavel actividade do nosso embaixador, podiam mandar dizer para França no que elle se empregava [1].

Assim se foi passando o resto do verão; em Setembro vemos ainda o general da cavallaria atacando Villa Nueva del Fresno, e por occasião das

[1] V. Ericeira, *Loc. cit., pag. 360 e segg.*; a *pagg. 364 e seg.* veem citados os dois coroneis francezes, *Chantereine* e *Boisemont.*

vendimas, que os hespanhoes realizavam nos campos de Telena protegidos pelas suas tropas, houve ainda mais um combate, que não queremos descrever, para não alargar mais a narrativa d'esta campanha de 1642, em que Francisco de Mello deu inteira medida da sua iniciativa e da sua prudencia; a experiencia, que lhe faltava, pouco a pouco a foi adquirindo, e assim se desenvolveram n'elle as aptidões para o commando, porque nunca desamparava as suas tropas, nem mesmo consta que fosse á côrte; os governadores das armas mudavam, mas o general da cavallaria era sempre o mesmo, sempre o nosso Monteiro-mór.

Não pretendemos fazer a biographia militar do embaixador a França, e menos ainda a historia das campanhas que succederam á de 1642; bastará para o nosso proposito accentuar que na primavera seguinte apenas houve pequenos combates ao longo da fronteira do Alemtejo, e que o nosso embaixador pouca ou nenhuma parte teve n'essas insignificantes correrias. A verdadeira campanha d'esse anno foi a do outomno. Com effeito D. João IV resolveu em Julho ir estabelecer-se em Evora, afim de melhor poder dirigir as operações do exercito do Alemtejo, governado pelo conde d'Obidos, que «havia servido no Brazil e em Flandres com muito bom procedimento» [1], e tinha sob as suas ordens, como mestre de campo general Joanne Mendes de Vasconcellos,

[1] V. Ericeira, *Loc. cit.*, *pag. 369.*

como general da cavallaria o Monteiro-mór, e como general da artilheria D. João da Costa, que havia sido promovido pouco antes a este posto. D'esta vez reunira-se na fronteira um verdadeiro exercito de 12.000 infantes e 2.000 cavallos, com 10 peças de artilheria de campanha, 2 morteiros e o material de sitio apropriado; nas forças de cavallaria figuravam francezes e hollandezes; numerosos voluntarios, na sua grande maioria fidalgos de nomeada, se incorporáram n'este exercito, merecendo particular menção Mathias d'Albuquerque e D. Francisco Manoel de Mello [1].

Em 6 de Setembro iniciou-se a campanha, sahindo o exercito de Elvas e indo atacar Valverde; o conde de Santisteban, que substituira no commando dos hespanhoes D. Juan de Garay, não se julgou no caso de soccorrer a praça, e esta rendeu-se depois de curta defeza, capitulando a guarnição.

Entretanto retirava para Merida o general hespanhol com a maior parte da infanteria e cavallaria de que podia dispôr, deixando em Badajoz o conde de Torrejon, mestre de campo general, com muito pouca guarnição.

Informado d'estas favoraveis circumstancias, resolveu o conde d'Obidos sitiar Badajoz, sem pensar nas difficuldades da empreza e na falta de meios

[1] V. Ericeira, *Loc. cit.* Quanto á presença de D. Francisco Manoel de Mello no exercito V. E. Prestage, *Esboço Biographico,* pag. 171.

para a levar a bom termo; e sem mesmo consultar el-Rei, que para poder ser consultado ácerca das operações de guerra viera para Evora. Logo que os portuguezes começáram a investir a praça, resolveu Santisteban vir em seu soccorro com quatro mil infantes e mil cavallos; e dahi resultou que o conde d'Obidos, reconhecendo o seu erro, abandonou a empreza, assentando marchar sobre Alconchel, Cheles e Villanueva del Fresno. Entretanto o rei, informado do modo porque se intentára e se abandonára o cerco de Badajoz, e irritado com o descredito que um tal procedimento ia lançar sobre as nossas armas, resolveu tirar do exercito os dois principaes responsaveis, Obidos e Joanne Mendes, e confiou novamente o governo das armas a Mathias d'Albuquerque.

Com o novo commandante em chefe vemos assumir funcções mais activas o general da cavallaria; mas a estação ia adiantada, estava-se no fim de Setembro, e já não dava para recomeçar uma verdadeira campanha; porisso apenas podemos registar numerosas e atrevidas correrias, em que ficáram desvastadas e incendiadas villas e aldeias fronteiriças: Albufera, Almendral e Torre, d'uma vez; d'outra Alconchel; depois Figuera de Vargas e finalmente Villanueva del Fresno, que se defendeu com energia e foi preciso sitiar.

É esta a ultima operação do exercito, el-Rei vae para Villa-Viçosa matar saudades da sua antiga residencia, e ao seu encontro Mathias de Albuquer-

que, recebido alli com merecidas honras; entretanto o general da cavallaria, que fôra assistir em Elvas, ainda teve ensejo de atacar Piedra Buena e de aprezar algum gado, que por alli passava; mas entrava já o inverno e não havia logar para novos emprehendimentos até á primavera de 1644 [1].

Logo que o inverno acabou, principiou a nova campanha no Alemtejo, onde continuavam, no governo das armas Mathias de Albuquerque, á frente da cavallaria o Monteiro-mór, e commandando e artilheria D. João da Costa. Do lado dos hespanhoes o conde de Santisteban fôra substituido por Carlos Caracciolo, marquez de Torrecusa, que, apesar de ser napolitano, creára boa fama em anteriores campanhas e passava por ser muito dedicado ao serviço da Hespanha; sob as suas ordens exercia as funcções de general da cavallaria o barão de Molingen, pessoa muito da sua confiança, que pouco antes chegára das campanhas de Flandres, paiz d'onde era natural.

Iniciaram as operações os castelhanos, atacando Ouguella, que resistiu; respondeu Albuquerque, mandando saquear e queimar a villa de Montijo por D. Rodrigo de Castro, tenente general de cavallaria, com 2500 infantes e 260 cavallos, que o nosso Francisco de Mello devia logo appoiar com mais 800 cavallos. A villa estava defendida por

[1] V. Ericeira, *Portugal Restaurado, t. I, liv.* vi, *pag. 429 a 439.*

uma trincheira que a nossa infanteria transpoz, começando logo o saque e o incendio. Sobrevieram então 1.000 cavallos hespanhoes, que tinham sahido de Badajoz ao primeiro rebate; retirou da povoação a infanteria portugueza, e as forças de cavallaria de D. Rodrigo e do Monteiro-mór, ambas reunidas, fizeram frente á cavallaria adversa, que preferiu evitar o combate.

Em revindicta atacam os adversarios Portalegre, e os nossos, logo a seguir, Membrillo, que saquêam e queimam. Dias depois, o general da nossa cavallaria faz o mesmo a Villanueva de Barcarota, povoação de 700 fogos e uma das melhores d'aquelle districto, retrocede sobre Alconchel e vae reunir-se em Campo Maior com Mathias de Albuquerque, que alli o esperava com o grosso das forças do Alemtejo [1].

A verdadeira campanha ia começar: com o general em chefe, estava reunido um exercito de 6000 infantes, 1100 cavallos, e 6 peças de artilheria, provido de munições e bagagens para vinte dias; a primeira intenção do commando era atacar a praça de Albuquerque, que tinha 3000 habitantes e era uma das mais importantes da fronteira, mas Torrecusa mandou-a guarnecer a tempo, e o nosso general preferiu marchar sobre o Montijo, queimando e saqueando as povoações que encontrou no caminho.

[1] V. Ericeira, *Portugal Restaurado*, *t. II*, *liv.* vii, *pag. 50 a 53.*

Entretanto resolvêra Torrecusa reunir sob o commando de Molingen todas as forças disponiveis, que montavam a 8000 infantes e 3000 cavallos, no dizer dos hespanhoes [1], e que o nosso Ericeira

[1] Referimo-nos particularmente a Estébanez Calderon. *Obras; de la Conquista y perdida de Portugal*, t. I, cap. III, pagg. 107 a 124 e *Apéndices*, F, G e H, *pagg. 304 e segg., 317 e segg., 320 e segg.*, onde vem muito desenvolvida a versão hespanhola, que considera a batalha do Montijo como uma victoria, dizendo mesmo, ao iniciar o cap. IV (pag. 125), que: «*El ejercito castellano, llevando los prisioneros y banderas tomadas al enemigo, dió la vuelta como en triunfo á Badajoz*». Verdade seja que logo acrescenta Caldéron, auctor contemporaneo, que Torrecusa, depois de fazer em publico grandes elogios aos soldados, «*reprendió en secreto ágriamente a Dionisio Guzmán, jefe de la artilleria, porque no cuidando-se de mandar volver las acémilas que con la artilleria había enviado á la otra orilla del río al principio de la pelea, no pudo, después de lograda la victoria, transportar la artilleria portuguesa, poniéndola á cobro en la misma ribera, lo que fué ocasión para empeñarse un nuevo combate, y deslucirse en parte la gloria del vencimiento*». *(Loc. cit., pag. 125 e seg.)*.

Aqui temos bem clara a origem da versão hespanhola: considera a primeira parte da acção e faz caso ommisso da segunda, para lhe poder chamar victoria. Entretanto os portuguezes lançam um véo sobre o primeiro embate das forças, não insistem sobre as perdas soffridas, e projectam toda a luz sobre o que os hespanhoes chamam «*el nuevo combate*», a segunda parte da acção, em que Mathias d'Albuquerque e D. João da Costa mostram presença d'espirito, valor pessoal e energia de commando dignas do maior elogio; e alcançam a retirada das forças contrarias, as taes que vão triumphar para Badajoz, logrando portanto o vencimento da acção.

A versão portugueza que seguimos é a de Ericeira, por não

avalia em 6000 de pé e 2500 de tropas montadas; e marcham os castelhanos ao encontro das nossas tropas, que os esperam a pé firme junto á povoação de Montijo. Era o dia 26 de Maio de 1644 e ia realizar-se a primeira batalha das guerras da restauração; até alli não houvéra senão combates sem importancia, pequenas operações, sem alcance apreciavel, nem influencia decisiva.

Não faremos aqui a descripção da batalha do Montijo, que não importa directamente ao nosso assumpto, por n'ella não ter tido o Monteiro-mór papel preeminente. Apenas d'elle sabemos que tinha sob o seu immediato commando a cavallaria da ala direita, e portanto não pode ser tido como responsavel do que se passou com a da ala esquerda, que estava sob o commando immediato de Gaspar Pinto Pestana e ia compromettendo completamente o exito da batalha pela desordenada fuga dos hollandezes, que romperam atravéz da nossa infanteria e abriram assim facil caminho ao ataque da cavallaria hespanhola. Tambem não vemos o nosso Francisco de Mello mencionado entre os que, depois de

termos outra que nos inspire mais justificada confiança, comquanto não concordemos com elle em que a batalha do Montijo merecesse «ser celebrada como uma das mais insignes acçoens, que tem acontecido no mundo»; procurando ser imparciaes, fazemos nossa a opinião de Torrecusa, (que elle certamente não apregoou), de que «nem os nossos soldados soubéram dar-lhe principio, nem os Castelhanos acabá-la». (V. Ericeira, *Portugal Restaurado*, *loc. cit*, *pagg. 52 a 63*).

perdida a primeira parte da acção, a que pouco faltou para ser uma irreparavel derrota, immediatamente se juntaram ao general em chefe e a D. João da Costa para restabelecer a ordem nas nossas tropas, levando-as a acommeter de novo os hespanhoes, quando estes, julgando-se já senhores da victoria definitiva, se dispunham para saquear as bagagens do nosso exercito e despojar os mortos que jaziam no campo da batalha [1].

Uma natural inducção porém, leva-nos a crêr, embora Ericeira o não diga, que fosse a cavallaria da ala direita, conservada intacta pelo Monteiro-mór no bosque do Xevora, quem, intervindo na ultima parte da acção, obrigasse o barão de Molingen a passar para alem do Guadiana, abandonando o terreno onde combatêra; e quem, finalmente, protegesse a marcha das nossas tropas sobre Campo Maior, guardando livre para ellas a passagem do Xevora.

O certo é que a batalha do Montijo, festejada por

[1] É justo mencionar aqui um acto de corajosa dedicação practicado por um capitão francez, Henri de la Morlaye, cavalleiro de Malta, que commandava a escolta de Mathias de Albuquerque, e, vendo-o desmontado por lhe terem morto o cavallo, lhe cedeu immediatamente o seu, defendendo ás cutiladas a vida do general com risco da sua. Novamente posto a cavallo, o futuro conde de Alegrete, com D. João da Costa, que havia de vir a ser primeiro conde de Soure, la Morlaye e poucos officiaes mais que os acompanhavam, conseguiram elles mudar a sorte das armas. Merece ser citado o cavalleiro de Malta. (V. Ericeira, *loc. cit., pag. 60*).

nós como uma brilhante victoria, não foi para os hespanhoes um confessado revéz, e que as perdas de parte a parte foram importantissimas, em mortos e prisioneiros.

No numero d'estes contava-se um filho do Monteiro-mór, Jorge de Mello, o primogenito que lhe ficára depois da morte do que perdêra em Paris; foi para elle dolorosa a batalha do Montijo, ferido no coração de pae, nem ao menos uma apregoada gloria lhe foi balsamo suavizador.

Á batalha do Montijo seguiu-se, ao que parece, um periodo de relativa tranquillidade, pois só em 12 d'Agosto vemos Molingen novamente em campo atacando Santo Aleixo, que os habitantes defendem com energia; prepara-se Mathias d'Albuquerque, a esse tempo já conde de Alegrete, para ir ao encontro dos hespanhoes, mas elles abandonam a posição e retiram; um pouco mais tarde vae o Monteiro-mór queimar Salvaleon e ainda depois atacar Talavera; como se vê, são tudo combates sem consequencias.

No fim de Novembro, porém, resolve Torrecusa atacar Elvas com todas as forças de que dispõe, que são 12.000 infantes, 2.600 cavallos, 10 peças de artilheria e o competente material de sitio; em 28 de Novembro passáram a ponte do Guadiana em Badajoz para virem sobre a nossa praça fronteira, a que puséram cerco no dia primeiro de Dezembro, o glorioso anniversario.

Entretanto preparára o conde d'Alegrete a defeza

da praça e mandára o Monteiro-mór com a sua cavallaria para Villa Viçosa afim de organizar, com as forças que el-Rei lhe mandasse, um exercito com que viesse soccorrel'a.

Nem tanto foi necessario; pois no dia 8 de Dezembro Torrecusa levantou o cerco, reconhecendo que não tinha forças sufficientes para a empreza a que se abalançára, em vista da boa defeza da praça e das importantes forças que vinham em caminho. Assim terminou a campanha de 1644 [1].

Na de 1645 já vemos de parte a parte outros commandantes: no governo das armas do Alemtejo é substituido o conde de Alegrete pelo de Castello Melhor, que acabava de exercer as mesmas funcções com pleno exito em Entre Douro e Minho; do lado de Hespanha o marquez de Leganés substituira o de Torrecusa. Nem porisso tomáram grande calor as operações d'esse anno; apenas intenta o novo general portuguez um ataque a Badajoz, que não chega a realizar, e forma diversos projectos que a opposição da corte o impede de executar; assim decorrem a primavera e o verão, no outomno é Leganés que se prepara para invadir-nos, mas as suas tentativas tão pouco dão resultado [2]; em resumo um anno perdido e um anno em que não encontramos a mais leve noticia do

[1] *V.* Ericeira, *Portugal Restaurado, p. II, liv.* VII, *pagg. 64 a 76,* onde vem exposto quanto occorreu no Alemtejo em seguida á batalha do Montijo e até ao fim de 1644.

[2] *V.* Ericeira, *Loc. cit., liv. VIII, pag. 110 a 121.*

nosso Francisco de Mello; é de crêr que estivesse ausente por doença ou outro impedimento, visto que só no anno seguinte, na primavera de 1646, vemos mencionada por Ericeira a resolução de el-Rei de «que se passasse patente de governador da cavallaria a D. Rodrigo de Castro, com o mesmo soldo de oitenta mil reis cada mez que levava o Monteiro-mór, general d'ella, que se havia desobrigado d'aquelle posto a respeito da sua muita idade» [1].

Acabára a carreira militar do nosso embaixador começada em 1607 «na armada das Ilhas»; havia quasi quarenta annos! Dos seus trez annos de campanha no Alemtejo, e vimos com quanta actividade os passára, só levava como recompensa uma mercê, uma commenda de Christo, concedida em Outubro de 1642, com respeito á qual ainda se póde entrar em duvida sobre se era destinada a recompensar os serviços prestados em campanha já n'esse anno, ou os que prestára um anno antes na embaixada de França [2].

Em materia de graças e mercês não fôra dos mais felizes o nosso diplomata, a quem tãopouco

[1] *V.* Ericeira, *Loc. cit., liv. IX, pag. 162 e seg.*

[2] Referimo-nos á commenda dos *Altos Céos*, do logar da Lousa no bispado da Guarda, pertencente á ordem de Christo, que foi concedida ao Monteiro-mór Francisco de Mello por alvará de 12 de Outubro de 1642. (*V. Archivo da Torre do Tombo*, Chancellaria da Ordem de Christo, liv. XXXVI, fol. 86).

fizéram justiça os historiadores, que até o accusáram de pouco atilado.

Pois melhor o apreciava, e tinha em alta conta os seus serviços o próprio Rei, pois consta de um officio do encarregado de negocios de França, Lanier, para o seu governo, datado de 4 de Janeiro de 1642 e dirigido já a Mazarin, citado no *Quadro Elementar,* que D. João IV se queixára áquelle diplomata de que o abandonassem alguns dos que mais haviam contribuido para que elle acceitasse o throno e citára pessoalmente Francisco de Mello, que se havia retirado para a sua quinta [1].

Pois não se tinha retirado muito tempo antes, porque em Novembro o vemos nos assignar, com o seu companheiro Coelho de Carvalho, um documento relativo a um official francez [2]; e em fins de Março ou principios de Abril seguinte vemol'o já nomeado general de cavallaria no Alemtejo, portanto se elle se retirára para uma quinta, não teve por lá grande demora; talvez que o proprio Rei o mandasse chamar.

Tambem ainda não foi definitivo o seu retrahimento de 1646, porque em 1648 vemol'o nós entrar outra vez na vida activa como governador do Algarve «logar que exercitou com grande prudencia e trabalho» como se lê n'um documento que

[1] *V. Santarem, Quadro Elementar, t. IV, p.* II, *Introd., pag.* XI.

[2] *V.* CHRISTOVAM AYRES, *Provas, Historia do Exercito, t. I, pag. 65.*

adiante transcreveremos [1]. Alli se conservava elle ainda em 1650, visto que em carta de 18 de Junho d'esse anno lhe recommenda el-Rei que auxilie Antonio de Sousa de Macedo, que ia ao Algarve em missão do governo [2].

D'essa data em deante é que nada mais d'elle sabemos, senão que em 1652 o substitue no seu elevado cargo hereditario o unico filho varão que lhe restava, Garcia de Mello, a quem n'esse anno é concedida a successão no cargo de Monteiro-mór [3].

Infelizmente nem conhecemos a data do nascimento, nem a da morte do embaixador e militar illustre que foi Francisco de Mello, apenas nos consta que teve quatro filhos e uma filha [4] do casamento a que n'outro logar alludimos.

[1] *Documento IX, pag. 254.*

[2] *V. Archivo da Torre do Tombo, Collecção de S. Vicente, t. XIV, fol. 84.*

[3] O officio do Monteiro-mór respeitava antigamente só á caça de montaria, assim como o de Caçador-mór á de volataria, que depois se vieram a reunir. A Francisco de Mello, o Embaixador, seguiram no officio seu filho, Garcia de Mello, que o foi com os Reis D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, e seu neto Francisco de Mello, com D. Pedro II e D. João V. *Politica Moral e Civil* de Damião Antonio de Lemos Faria e Castro (Lisboa, 1751), tomo IV, pag. 505.

[4] Foram elles: Garcia, que lhe succedeu como Monteiro-mór; Manoel, que foi para o Brasil com o Conde da Torre morrendo na viagem; Pedro que acompanhou o pae na embaixada a França e a cuja morte em Paris nos referimos; e Jorge que serviu nas guerras da restauração, foi feito prisioneiro na batalha do Montijo e veiu a morrer das feridas rece-

Tambem casualmente consta que foi sepultado no convento de S. Francisco de Santarem, porque d'isso nos informa o elegante prosador Frei Manoel da Esperança: «finalmente aqui na capella-mór veiu esperar a ressurreição geral Francisco de Mello, Monteiro-mór do Reino, governador do Algarve e embaixador em França, cuja piedade grande de todos foi conhecida» [1].

D'elle se pode dizer com justiça que foi um bom portuguez e serviu honradamente a Patria e o Rei; se os contemporaneos lhe não fizéram inteira justiça, hão de fazer-lh'a os vindouros, que melhor estudarem e mais exactamente conhecerem a sua campanha diplomatica e os seus serviços militares.

bidas em combate; teve tambem uma filha D. Marianna Josepha de Mendoça, a quem Franco Barreto dedica a sua *Relaçam.*

[1] *V. Historia Serafica, t. I, pag. 471.* Da sua fidelidade aos preceitos da Igreja refere um caso Franco Barreto, e pode-se dizer em geral que os embaixadores portuguezes da Restauração todos se estremavam na observancia religiosa, dando assim bom exemplo nas cortes em que assistiam, quer catholicas, quer de protestantes. A este proposito, basta citar os nomes de Francisco de Sousa Coutinho e de Antonio de Sousa de Macedo.

ANTONIO COELHO DE CARVALHO

Comquanto não pertencesse, como o seu companheiro Francisco de Mello, á primeira nobreza do Reino, era tambem de boa familia Antonio Coelho de Carvalho, natural de Gouvêa, e fidalgo da Casa Real, por ser filho de Feliciano Coelho de Carvalho e D. Maria Monteiro.

Não conhecemos a data do seu nascimento; mas podemos calcular que seria nos ultimos annos do seculo XVI, porque sabemos ao certo ter elle sido nomeado desembargador para a Relação do Porto em 1621 [1], depois de se ter formado em direito na universidade de Coimbra e de ter sido collegial de S. Paulo, cujas collegiaturas se distribuiram a pessoas já graduadas em sciencias. Foi rapida a sua carreira na magistratura, passando a desembargador dos aggravos na Relação do Porto em 1623 [2], d'onde foi transferido para a Casa da Supplicação em 1625 [3],

[1] Carta de 10 de Septembro de 1621 (V. *Archivo da Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe III, Liv. IX, fol. 47 v.*).

[2] Carta de 30 de Março de 1623 *(Chancellaria de D. Filippe III, Liv. XVIII, fol. 110 v.).*

[3] Carta de 5 de Junho de 1625 *(Chancellaria de D. Filippe III, Liv. XI, fol. 305).*

e depois nomeado juiz das Coutadas do Reino em 1626 [1].

Menciona-o a *Historia Genealogica* na qualidade de juiz dos aggravos, entre os representantes dos tribunaes que assistiam á acclamação de D. João IV em 15 de Dezembro de 1640 [2]; e sabemos finalmente que foi elevado ao Dezembargo do Paço em 15 de Janeiro de 1641 [3] e nomeado para o conselho d'Estado em 23 do mesmo mez [4], quando já estaria talvez indigitado para a embaixada a França.

Professára o nosso embaixador na ordem de Christo em 16 de Fevereiro de 1634 [5], e fôra-lhe conferida, por alvará de 15 de Março do anno seguinte, a commenda de S. Martinho das Moutas no bispado de Vizeu [6], não constando que outra lhe fosse concedida na sua longa carreira. Que tambem foi familiar do Santo Officio consta dos documentos da sua habilitação que se conservam na Torre do Tombo [7].

[1] Carta de 14 de Septembro de 1626 *(Chancellaria de D. Filippe III, Liv. XVI, fol. 123 v.).*

[2] V. D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* t. VII, liv. vii, pag. 104.

[3] Carta de 15 de Janeiro de 1641 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. XII, fol. 8 v.).*

[4] Carta de 23 de Janeiro de 1641 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. XI, fol. 87).*

[5] *Archivo da Torre do Tombo, Chancellaria da Ordem de Christo, Liv. XXV, fol. 369 v.*

[6] *Chancellaria da Ordem de Christo, Liv. XXV, fol. 369 v. Liv. XXVII, fols. 152-3 e Liv. XXVIII, fol. 11 v.*

[7] *Habilitações do Santo Oficio, Maço I, Diligencia 43.*

Pouco mais teriamos a dizer com respeito a Coelho de Carvalho se não tivesse acontecido ser nomeado governador das terras do Maranhão e Pará, que em 1623 tinham sido erigidas por Filippe III em governo distinto do resto do Brasil, um filho illegitimo do nosso embaixador, Francisco Coelho de Carvalho [1], e se este não tivesse, na divisão em capitanias, que fôra auctorizado a fazer das terras do seu governo, em virtude da provisão regia, conferido ao proprio pae a capitania de Cumá, com cincoenta leguas de costa, vastissimos terrenos para povoar e incalculaveis riquezas [2]. Eram condições da doação, na qual se incluia a jurisdicção civil e criminal, que os herdeiros e successores na capitania haviam de usar o nome e as armas do primeiro governador e capitão general.

Como por vezes succedia n'estas remotas e vastissimas concessões, a capitania trouxe ao donatario mais despezas e vexames do que lucros. Eram constantes as contendas com os visinhos sobre os limites das terras, eram por vezes exaggeradas e intoleraveis as exigências das auctoridades superiores, e, sobretudo, era quasi invencivel a difficuldade de encontrar braços, quer entre os indigenas, pouco numerosos e rebeldes ao trabalho regular e á cultura das terras, quer por meio de immigrantes,

[1] Segundo o Barão do Porto Seguro, era irmão e não filho do embaixador.

[2] Carta de 15 de Março de 1639 *(Chancellaria de D. Filippe III, Liv. XXXIV, fol. 73).*

difficeis de contractar e de transportar, como de aclimar e dirigir, para d'elles se alcançar qualquer proveito.

As terras eram muitas; mas nas cincoenta legoas da costa não havia uma povoação, e terras sem braços não dão riqueza, consomem-n'a; foi o que succedeu ao respeitavel desembargador.

Porisso, em 1644, desejoso o donatario de continuar com a povoação das suas terras, que a guerra com os hollandezes cada vez mais difficultava, pediu e conseguiu um alvará régio [1] em que se mandava ao governador do Maranhão, decerto já não seria o filho, que não impedisse de passarem á capitania os indios das aldêas que o donatario contractára com grande despesa sua; mas sómente el-Rei lhe dá essa auctorização, «querendo elles vir para ella por sua livre vontade», e ainda manda ao vigario geral do Estado «que nomee pessoa ecclesiastica de boa satisfação que vá em sua companhia, e faça averiguação se os ditos Indios e Aldeãos baixão voluntariamente, ou violentados ou captivos». A clausula é certamente muito louvavel e demonstra os sentimentos humanitarios do governo de Lisboa; mas não havia de ser muito facil conseguir que se cumprisse: de duas uma, ou os indios não vinham cultivar as terras, ou vinham em tão onerosas condições que não era possivel exploral-as.

[1] Alvará de 4 de Novembro de 1644 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. XVI, fol. 276).*

É de crêr que assim tivesse succedido, porque já em abril do anno seguinte de 1645, apparece um outro Alvará [1] mandando ao governador do Maranhão que dê «ajuda e favor» ao Dr. Antonio Coelho de Carvalho, documento em que se registam as grandes despezas por elle realizadas com o fim de povoar a sua capitania, fundando villas na ponta de Quitapera, agora chamada de Santo Antonio de Alcantara, situada na barra do Cumá e na ilha de S. João.

Não ficam por aqui as tribulações do antigo diplomata com respeito á sua capitania, cujos direitos pareciam não ser muito respeitados pelo governador do Maranhão; com effeito em todo o anno de 1646 succedem-se os diplomas emanados do poder central que lhe dizem respeito [2], acabando por uma sen-

[1] Alvará de 3 de Abril de 1645 *(Chancellaria de D. Filippe III, Liv. XXXVI, fol. 161).*

[2] Por carta de 10 de Janeiro de 1646 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. II, fol. 277 v.)*, é confirmada por D. João IV a doação da capitania feita a Antonio Coelho de Carvalho pelo seu antecessor Filippe III.

Em carta de 8 de Março de 1646 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. XVI, fol. 404 v.)*, «constando que certas pessoas tinham induzido os indios a sairem da capitania», ordena-se ao Governador do Estado do Maranhão que os mande tornar para lá.

Em 20 de Agosto, do mesmo anno, obtem o Dr. Antonio Coelho uma sentença contra os officiaes da camara de S. Luiz do Maranhão, que lhe tinham embargado a posse que pretendia tomar e conservar da capitania, e consegue que esta sen-

tença de 12 de dezembro contra o governador, que então era Antonio Teixeira de Mello, por ter desrespeitado a jurisdicção de Coelho de Carvalho sobre a villa de Santo Antonio, mandando prender alguns moradores da capitania [1].

Verdade seja que a respeito do acto do governador e da sentença alcançada pelo desembargador do Paço, corre uma outra versão que a probidade historica nos obriga a não occultar; é a que apresenta um consciencioso escriptor brazileiro, o Barão do Porto Seguro no seu livro ácerca das *Luctas com os Hollandezes no Brazil* [2]; ahi se lê que Teixeira de Mello mandára prender os colonos de Coelho de Carvalho para os mandar servir na guerra contra os hollandezes, que então occupavam a cidade de S. Luiz e a capitania do nosso diplomata. Afinal o governador conseguiu expulsar o inimigo, mas o Dr. Antonio Coelho, em logar de mostrar-se grato, processou-o, sendo este condemnado por um tribunal de Lisboa a pagar quatro mil cruzados por perdas e damnos ao capitão mór, ficando o pobre Teixeira de Mello reduzido à miseria.

Damos a opinião de Varnhagen sob a sua responsabilidade, sem ter feito do assumpto, que não

tença seja copiada no livro da Chancellaria, para que a todo o tempo conste o seu direito *(Chancellaria de D. João IV, Liv. IV, fol. 45 v.)*.

[1] *Chancellaria de D. João IV, Liv. IV, fol. 64.*

[2] *Op. cit.* (2.ª ed.), pag. 255.

nos interessava directamente, mais detido exame, tanto mais difficil quanto parece incontestavel a má vontade das auctoridades locaes, que exigia a cada momento a intervenção da coroa.

Assim, no anno seguinte de 1647, sabemos que o Dr. Antonio Coelho de Carvalho contractou nos Açores, Ilha de Santa Maria, uns cincoenta casaes de colonos para irem povoar as terras, cerca de duzentas pessoas, e fretou um navio inglez, do commando do capitão Jorge Broutão (Bruton?), para lh'os ir levar a S. Luiz do Maranhão; o navio tinha de ser veleiro, seguro e bem artilhado, por causa dos corsarios hollandezes que infectavam os mares do Brazil, de modo que não seria obra de pouca monta o transporte dos emigrantes açorianos.

Para a ida do navio e para facilitar ao capitão o cobramento das fazendas que lhe eram devidas no Pará, teve Antonio Coelho[1] de sollicitar e obteve dois alvarás regios.

Qual fosse o exito da empreza não o sabemos nós, apenas nos consta que, pouco tempo depois, já em 1648, tendo fallecido Francisco Coelho de Carvalho, foi confiada ao Dr. Antonio Coelho a

[1] Alvará de 10 de Julho de 1647 *(Chancellaria de D. João IV, Liv. XIX, fol. 241)* concedendo licença para mandar ao Brazil o navio; e Alvará de 15 do mesmo mez *(Ibid., fol. 243)*, dando instrucções ao Governador e Officiaes do Estado para facilitar ao capitão do navio a cobrança de certas dividas no Pará.

administração da capitania de Camutá ou Cumutá, até o sobrinho Antonio de Albuquerque Coelho tirar carta em forma [1]; e logo dois mezes mais tarde se ordena ás auctoridades locaes que guardem ao Desembargador os privilegios da capitania.

Pois apesar dos seus direitos sobre a sua tão vasta e importante capitania e do favor regio com que elles foram amparados e defendidos, não morreu na abastança o antigo embaixador; possuia, que nos conste, umas casas em Lisboa, na rua das Salgadeiras ao Bairro Alto [2], mas decerto não tinha grandes bens de raiz, a julgar pelas mercês de que encontramos vestigio feitas a D. Maria Manuel, sua viuva, e a duas filhas solteiras, em seguida à sua morte, que parece ter occorrido em 1649. Á viuva são concedidos, por pedido d'ella, cem mil reis de tença cada anno n'um dos almoxarifados «em attenção aos serviços do marido».

Á filha D. Inez Coelho de Carvalho faz El-Rei mercê, para seu casamento, da commenda paterna (a que atraz nos referimos) com cincoenta mil reis de renda, em virtude do pae «ter servido desde 1621 com limpeza e se ter valido da legitima da

[1] *Chancellaria de D. João IV, Livro XX, fol. 127 v.* Alvará de 6 de Outubro de 1648.

[2] Pode vêr-se a este respeito o Alvará de 11 de Outubro de 1644 *(Chancellaria de D. Joao IV, Liv. XIX, fol. 2)*, auctorizando Francisco Tavares da Costa a aforar ao Dr. Coelho de Carvalho bens da Capella instituida por Luiz de Figueiredo Falcão.

filha», certamente para as despesas que fez na embaixada, deixando-lhe em testamento a «aução» dos serviços referidos e o dote diminuido. Finalmente a uma segunda filha, que era freira em Lorvão, mandou dar D. João IV vinte mil reis de tença emquanto viva fosse [1].

Nada mais teriamos a dizer sobre o magistrado-embaixador, se nos não julgassemos na obrigação de reproduzir aqui uma noticia que encontramos a seu respeito na *Corographia Portugueza* do Padre Carvalho da Costa [2] que, n'uma noticia ácerca da sua ascendencia diz ter sido casado Antonio Coelho de Carvalho com D. Brites de Barros, filha de um Arnaldo de Hollanda, filho elle proprio de Henrique de Hollanda, barão de Rhensberg e de Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI. Pela nossa parte só nos cumpre accrescentar que Adriano VI, filho de um tecelão e nascido em Utrecht em 1459, foi preceptor de Carlos V, e por sua influencia elevado á Sede Apostolica em 1522. Morreu em 1523.

A ser verdadeira a noticia dada pelo Padre Carvalho da Costa, seria D. Maria de Barros primeira mulher do nosso diplomata.

[1] *Portarias do Reino, Liv. II, fol. 240 v.*

[2] 1.ª ed., vol. III, pagg. 532-3.

CHRISTOVAM SOARES D'ABREU

Pouco nos diz Franco Barreto ácerca das pessoas dos seus companheiros, e menos ainda com respeito aos serviços por elles prestados durante a embaixada; teremos portanto de procurar por outro lado noticias, infelizmente escassas, ácerca de cada um. Dos dois embaixadores dissémos quanto pudemos averiguar, e alguma coisa diremos tambem do secretario da embaixada, que, a julgar pelas provas de competencia dadas em outras missões e que a sua correspondencia tornou bem patentes, deve ter sido um valioso auxiliar para os dois embaixadores.

Ignoramos a data do nascimento de Christovam Soares d'Abreu, apenas sabemos que foi natural de Ponte de Lima e filho de Francisco Soares d'Abreu, provedor da fazenda do Estado do Brazil.

Consta tambem que foi cavalleiro da ordem de Christo; estudou direito na universidade de Coimbra, e, depois de formado n'essa faculdade, desempenhou varios cargos, vindo nós a encontral-o como desembargador da Relação do Porto, quando foi nomeado para fazer parte da embaixada do Monteiro-mór.

Diremos desde já, para não voltar ao assumpto, que passou para a Casa da Supplicação em 23 de

novembro de 1646, na occasião em que era mandado para Osnabruck afim de substituir o dr. Rodrigo Botelho de Moraes, sahindo de Lisboa em 19 de dezembro d'esse mesmo anno, na companhia de D. Vasco Luiz da Gama, conde da Vidigueira, recentemente elevado a marquez de Niza, illustre diplomata que o honrava com a sua particular confiança.

Que essa confiança era merecida, provam-n'o as *Advertencias* que adeante reproduzimos [1], em que o secretario da primeira embaixada a França transmittia ao novo embaixador, que para alli ia partir em 1642, o conde da Vidigueira, noticias, informações e conselhos, com os quaes o dr. Soares d'Abreu abonou o seu zêlo e competencia.

A redacção d'estas *Advertencias* tem uma historia que merece ser contada e se deduz das proprias cartas de Soares d'Abreu para o futuro marquez de Niza [2]: parece que o embaixador quizera levar comsigo Soares d'Abreu como secretario, mas este recusou o posto, porque ainda não tinha podido liquidar as dividas contrahidas na embaixada de 1641, para satisfação das quaes foi forçado a recolher-se durante mais de dois annos á sua quinta de Val de Flores, no termo de Alemquer [3], como elle proprio

[1] *Documentos Elucidativos, V, pagg. 171 e segg.*

[2] V. *Cartas de Soares d'Abreu ao Conde da Vidigueira, Codice da Bibliotheca de Evora* $\frac{\text{C. VI}}{2.7}$, fol. 1-8.

[3] Informa-nos o Sr. Commendador Guilherme Henriques que se encontram no livro 7.º de notas do tabellião de Alemquer Jorge d'Oliveira de Carvalho, escripturas de compras

refere ao dar contas de uma verba de seiscentos mil reis, que lhe fôra confiada para despezas da embaixada do Monteiro-mór antes da sua partida para França, contas estas que só lhe foram pedidas em novembro de 1645 [1].

Por essa occasião se queixa o nosso Soares d'Abreu da parcimonia com que tinham sido remunerados os seus uteis serviços; é de esperar, porém, que lhe fossem augmentados os vencimentos, quando foi mandado para o congresso de Munster e Osnabruck, com residencia n'esta ultima cidade. Não encontrámos acerca d'este ponto informação especial; o que nos consta é que não foi longa a sua demora entre os representantes das nações não Catholicas no congresso, porque em 1648 já o vemos servindo em Paris como residente, conservando-se alli n'essa qualidade até á chegada de Francisco de Sousa Coutinho, que foi nos principios de 1651.

Tudo nos leva a crêr, portanto, que sejam da

feitas pela esposa de Soares d'Abreu, D. Maria do Amaral durante a ausencia do marido no estrangeiro, com o intuito de alargar a quinta de Val de Flores. Na igreja do convento da Carnota, agora propriedade do referido cavalheiro, havia um jazigo onde por todo o seculo XVII se enterraram membros da familia Amaral, como se vê do cartorio da igreja paroquial de N. S. d'Assumpção dos Cadafaes.

É de crêr que a quinta viesse á posse de Soares d'Abreu pelo seu casamento com D. Maria do Amaral, em vista d'esta interessante indicação que muito agradecemos ao nosso amavel informador.

[1] *Documentos Elucidativos, VI, pagg. 210 e segg.*

sua lavra e destinadas a este diplomata umas novas *Advertencias para França,* sem assignatura, mas com a data de 19 de Setembro de 1651, que se encontram reunidas com as *Cartas de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em França e varios papeis pertencentes á mesma embaixada* n'um codice existente na Academia das Sciencias de Lisboa [1], documento este que um dia e em seu logar contamos publicar.

São estas *Advertencias,* de sua natureza confidenciaes, ainda mais interessantes do que as primeiras e revelam da parte do auctor um incontestavel tino diplomatico e um profundo conhecimento do meio onde exerceu as suas funcções de residente, qualidades estas largamente comprovadas na sua propria correspondencia, que fornecerá, quando um dia fôr publicado como merece ser, não somente bastantes materiaes para uma sua desenvolvida biographia, mas tambem abundantes subsidios para a historia diplomatica de Portugal no interessante periodo, infelizmente tão pouco conhecido, que vae da Restauração a 1651 [2].

[1] *Mss. da Academia das Sciencias de Lisboa, Gab. 5, E. 13, n.º 7. Correspondencia de Francisco de Sousa Coutinho,* pagg. 5 e segg.

[2] Vide *os cod. 49 | X | 10 a 14 da Bibliotheca da Ajuda.* Conteem estes codices os papeis relativos ás *ministrarias* dos seus avós e d'elle, cartas originaes que lhe foram dirigidas, minutas e borrões das cartas por elle escriptas a varios diplomatas e litteratos (entre os quaes M. Godefroy, historiographo do Rei

Pena é que d'aquella data em deante fossem tão mal aproveitados os serviços de Soares d'Abreu, e tão pouco utilizada a sua experiencia, que o não vemos nomeado para nenhuma importante missão no estrangeiro.

Durante mais de trinta annos, ao que parece, o deixaram esquecido, de muitos certamente ignorado, na sua quinta de Val de Flores, cultivando as lettras, no remanso do lar, d'onde acaso sahiria para fazer parte do senado da Camara de Lisboa e recitar a «Oração» [1] com que o primeiro municipio do paiz saudou, em 29 de agosto de 1666 o enlace, bem pouco auspicioso por certo, de el-Rei D. Affonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

Nos dezoito annos que ainda teve de vida, pois veiu a fallecer em Lisboa [2] em 4 de junho de 1684, teve tempo de sobra o velho diplomata para obser-

de França), bem como os seus diarios dos annos de 1648 e 1649, minuciosos e importantes documentos para a historia diplomatica, que merecem ser impressos.

[1] Com effeito Soares de Abreu publicou: *Officium in laudem Sacrosancti Eucharistiae Sacramenti cum litania, precibus et hymnis in usum privatum devotorum* (Lisboa, 1630); e anonyma, *Oração em nome da Camara de Lisboa a El Rei D. Affonso VI e á Rainha D. Maria Francisca Isabel, entrando na dita cidade em 29 de Agosto de 1666* (Lisboa, 1666).

Tambem, segundo a sua propria declaração, imprimiu a *Arvore Genealogica dos Reis de Portugal.*

[2] É de crêr que fallecesse em Lisboa, pois consta ter sido sepultado na capella de S. Francisco do Convento de Santa Anna.

var quanto eram falliveis os seus vaticinios esponsalicios; mas tambem ainda lhe chegou a vida para vêr consolidada a independencia patria, e em paz o Reino, que os intelligentes esforços do secretario da primeira embaixada a França, do amigo e confidente do primeiro marquez de Niza, do residente em França, tão bem haviam defendido contra as acommettidas do iberismo, mantendo-se elle sempre, zeloso collaborador dos nossos mais intelligentes e patrioticos diplomatas, entre os defensores do nacionalismo e os propugnadores da nossa boa intelligencia com a França e, mais tarde, com a França e a Inglaterra, quando esta ultima nação, restabelecida a dynastia de Stuart, serenadas as luctas civis e as luctas religiosas, poude retomar o papel que lhe pertencia na politica internacional e reatar a alliança tantas vezes secular, solida base da nossa politica externa.

JOÃO FRANCO BARRETO

Sabemos muito pouco do nosso autor, e não seria este o logar proprio para darmos da sua obra litteraria uma desenvolvida noticia critica. Contentar-nos-hemos pois com indicar os titulos das suas producções do que temos conhecimento, remettendo o leitor particularmente interessado no assumpto, quer para a noticia publicada na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, quer para o extenso juizo critico sobre os meritos e defeitos de Franco Barreto como poeta e traductor, com particular referencia á sua traducção da *Eneida*, que se encontra no *Ensaio Biographico Critico* de Costa e Silva [1].

No proprio anno em que deu á estampa a *Relaçam* [2], publicou Franco Barreto um *Catalogo dos Christianissimos Reis de França e das Rainhas suas esposas, prosapia sua, com os annos de sua vida e reinado e onde estão enterrados*, obra que certamente foi redigida em presença dos elementos de informação que o auctor colheu durante a sua viagem, n'aquella ancia de illustrar-se e de adquirir

[1] T. v, pag. 267.

[2] A sua primeira publicação foi um poema em oitava rima, *Cyparissa, fabula mythologica*, impressa em Lisboa em 1631, que não pudemos ver.

erudição de que elle dá tão significativas provas na noticia da sua viagem.

Mencionaremos em seguida a sua traducção portuguesa da *Eneida* de Virgilio, livro muito conhecido e apreciado, em duas partes, publicado em Lisboa em 1664-1670 e dedicado a Garcia de Mello, que veiu a ter mais duas edições; é certamente a obra mais conhecida do auctor e em que elle melhor abonou os seus meritos litterarios.

Depois d'esta publicou o nosso auctor a sua *Ortographia da lingua portugueza,* dedicada a Francisco de Mello, filho de Garcia de Mello e portanto neto do embaixador, que ao pae e ao avô succedeu no cargo de Monteiro-mór; e bem precisava Franco Barreto expor as regras a que, no seu entender, devia obedecer a escripta da lingua portugueza, porque dos seus livros impressos é difficil deduzir como escrevia o auctor; e d'isso elle proprio se queixa na sua *Orthographia*, attribuindo a culpa aos revisores, como se deduz das suas palavras: «o que tudo succede por falta de correctores que assistam ás emendas das erratas que nossos impressores cometem exorbitantemente, como se verá da minha *Eneida Portugueza*, de que nenhuma folha pude emendar, por viver fóra de Lisboa» [1].

[1] Comprehende-se bem quanta razão tinha Franco Barreto para se queixar, vendo os erros que os seus revisores e talvez elle proprio deixáram escapar; quando publicou a *Eneida* estava elle residindo no Barreiro, mas succedeu-lhe o mesmo

Lancemos, com o nosso auctor, as culpas de quantos erros pudessem ter-se accumulado na primeira edição da *Relaçam da viagem* aos revisores do seculo XVII, e, para descargo de consciencia do auctor vamos tambem attribuindo áquelles a forma, por vezes phantastica, por que alli veem reproduzidos os nomes francezes, de personagens e logares, mesmo alguns dos mais conhecidos, que o auctor decerto viu escriptos e bem escriptos.

A ultima publicação que traz o nome de Franco Barreto foi uma obra grande, a traducção portuguesa do *Flos Sanctorum* do jesuita hespanhol Pedro de Ribadeneyra, impressa em Lisboa em 1674, que teve segunda edição em 1704. Resta-nos mencionar o *Discurso Apologetico sobre a vizão do Indo e Ganges*, (a favor de Camões, contra os reparos de Manuel Pires de Almeida), cujo manuscripto original, que se suppõe autographo, pertence ao S.r Visconde da Esperança e por muitos annos se julgou perdido. O *Discurso* foi impresso em 1881, no Porto, no *Annuario da Sociedade Nacional Camoneana*, sobre uma copia imperfeita, e novamente mandado imprimir conforme o original pelo Visconde em Evora em 1895, sob a direcção de Antonio Francisco Barata. D'esta ultima edição tiraram-se apenas 150 exemplares; é portanto bastante rara.

com a *Relaçam* (como notámos a pagg. 102 e 109), e, no emtanto é de suppor que estivesse então residindo em Lisboa.

Que diremos agora da propria *Relaçam*? Quanto ao seu estylo, nada poderiamos acrescentar ao elogio que d'ella faz o proprio auctor: «Conto o que vi, e refiro o que ouvi, sem acumular palavras inchadas e arrogantes... Só tive respeito á verdade, e á authoridade de alguns Authores que consultei, ácerca de algumas antiguidades e historias, que de caminho toco, por não molestar com o fio seco de huma relação o spirito de quem a lesse, como se verá no discurso seguinte» [1].

Assim é; Franco Barreto escreve singelamente em boa linguagem portugueza, despretenciosa e correntia, sem aquelles pretenciosos trocadilhos, sem aquella adjectivação exaggerada e ridicula, que tão frequentemente tornam enfadonhos os escriptores do seu tempo.

Pena é que o secretario do Monteiro-mór se não julgasse auctorizado a revelar-nos alguma coisa ácerca das negociações a que assistiu e que certamente conheceu em todos os seus pormenores; mas a tal respeito nem uma palavra sequer escapou á sua discrição. Bem fez elle em intitular o livro *Relação da viagem...*; é isso e nada mais do que isso; não é uma *relação da embaixada*, não dá a menor noticia diplomatica; mas conta-nos com um admiravel sabor de verdade, forma agradavel, dizer por vezes pittoresco, todos os incidentes que podem ser divulgados sem perigo de indiscrição e alguns

[1] *Relaçam da viagem...*, pag. 6.

com manifesto interesse para o leitor, como a cura das alporcas [1], a cerimonia religiosa em que officia Richelieu, as recepções de Anna d'Austria... Não iremos mais longe na exemplificação; o leitor verá e não perderá o seu tempo, e mesmo quando lhe parecer fastidiosa a erudição de Franco Barreto, terá de a deitar á conta da epoca em que o livro foi escripto. Não deixará de haver interesse em saber o que se pensava e o que se sabia no meado do seculo XVII, como tem interesse saber de que modo se viajava, e até o que se comia e se bebia n'esse tempo na côrte dos reis de França, onde o nosso narrador, amigo de beber agua, não encontrou esse liquido precioso, e em casa de fidalgos francezes, cuja hospitalidade generosa ficamos conhecendo como se tivéssemos feito parte da comitiva dos nossos embaixadores.

Pouco poderemos dizer agora da vida do proprio auctor; são escassissimos os dados biographicos que encontramos a seu respeito. Segundo Barbosa Machado [2] nasceu João Franco Barreto em 1600, de familia nobre, sendo seus paes Bernardo Franco e Maria da Costa Barreto; foi educado pelos jesuitas no collegio de Santo Antão, de Lisboa, e começou por seguir a carreira das armas, servindo na celebre expedição que, em 1624, retomou a Bahia de Todos os Santos de que os hollandezes se tinham apossado.

[1] Cf. SHAKESPEARE, *Macbeth*, acto IV, scena 3.

[2] *Bibliotheca Lusitana*. V. João Franco Barreto.

Trocando depois as armas pelas lettras, foi cursar direito canonico na Universidade de Coimbra, mas teve de interromper o curso em 1640 para acompanhar á capital os filhos do Monteiro-mór, de quem era mestre.

É natural que já ligassem quaesquer relações de gratidão o futuro secretario ao futuro embaixador, quando o primeiro tão devotadamente seguiu a sorte do segundo e tão fiel lhe foi no decorrer da vida, que o vemos dedicar a *Relação* á filha de Francisco de Mello, Dona Maria Josepha de Mendoça, logo ao regressar de França, a Garcia de Mello a *Eneida* e ao filho de Garcia de Mello a *Ortografia*.

O que ainda não dissémos, é que Franco Barreto foi casado, e ao enviuvar, tomou ordens sacras e foi nomeado, em 1648, vigario da vara na villa do Barreiro. Ignora-se a data da sua morte e não consta do *Flos Sanctorum*, que examinamos, se elle chegou a vel-o impresso.

Eis o que sabemos do auctor da *Relaçam da viagem*, que reproduzimos por nos parecer interessante, e serem rarissimos os exemplares conhecidos da primeira edição [1]; apenas nove conseguimos contar, apezar de termos procurado informar-nos junto de varios possuidores de importantes biblio-

[1] Ao reimprimir a *Relaçam da viagem*... procurámos reproduzir a folha do rosto da primeira edição, sem comtudo respeitarmos as suas dimensões, que são muito menores. Dos exemplares que pudemos examinar, o menos aparado, que é o do S.r Francisco van Zeller, mede 0m,193 por 0m,140.

tecas, que amavelmente nos informaram de que não possuiam o livro; aqui lhes agradecemos a amabilidade das suas respostas.

Os exemplares da primeira edição de que temos noticia são os seguintes:

Do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Da Academia das Sciencias de Lisboa.

Do Sr. Francisco van Zeller (Lisboa).

Do Sr. Anselmo Braamcamp Freire (Lisboa).

Do Sr. Motta Gomes (Lisboa).

Da Livraria Coelho (Lisboa).

Do Sr. Abel de Andrade (Lisboa).

Do Sr. Antonio Pereira da Nobrega Sousa da Camara (Villa Viçosa).

Da Bibliotheca de Evora.

Não o possuem, nem a Bibliotheca da Universidade de Coimbra, nem a Biblioteca Pública do Porto, nem a de Lisboa.

NOTA. — Devido á sua morte repentina, o meu amigo e collaborador General Bocage, auctor do *Prefacio* e *Introducção*, só poude emendar as provas desta até a pag. CXI. A secção de *Personagens e Logares citados* é tambem de sua lavra e já estava impressa antes. Cabe-me a mim a responsabilidade da secção dos *Documentos* e dos apontamentos biographicos sobre o pessoal da embaixada. A revisão do texto da *Relação* e a organisação do mappa (gravado com muita pericia pelo Sr. Manuel Igreja) foi obra commum.

E. P.

RELAÇAM DA VIAGEM QUE A FRANÇA

FIZERAM FRANCISCO DE MELLO, Monteiro mòr do Reyno, & o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, indo por Embaixadores extraordinarios do muito Alto, e muito Poderoso Rey, & Senhor nosso, DOM IOAM o IV. de gloriosa memoria, ao muito Alto, & muito Poderoso Rey de França LUIS XIII. cognominado o Iusto, este presente anno de 1641.

DEDICADA A SENHORA

Dona Mariana Iosepha de Mendoça.

ESCREVEOA IOAM FRANCO Barreto, Secretario do Monteiro mòr.

Com todas as licenças necessarias

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anveres & á sua custa - Anno 1642.

A SENHORA
D. MARIANA IOSEPHA

de Mendoça, Dama da Raynha nossa Senhora, & filha de Francisco de Mello, do Concelho de S. Mag. seu Monteiro mòr, & General da Cavallaria

Não tivera confiança para tirar a luz em meu nome este papel, a que agora me obrigão alguns respeitos, senão me prometera do favor de V. S. o patrocinio e amparo, de que necessita, quem no theatro do mundo se entrega a juizos diversos: que se a Aguia illustrada com os rayos do Sol (como dizem os naturais) causa tam grande horror e espanto ás serpentes, que as faz fugir; que obra, por falta e imperfeita que seja, haverá, que pondo-lhe V. S. os olhos, a não redima das serpentinas linguas dos detractores?

Mas se em o pouco que offereço, acumullo, e não pago obrigações, desejo com tudo que V. S. veja, que quando não igualo favores, conservo pello menos a memoria.

Nem quero dilatarme em publicar as excellencias de que o Ceo dotou a V. S., porque são ellas taes que nem podem crecer com meus louvores, nem diminuir com meu silencio. Sómente pedirei a Deos conserve a vida de V. S. por muitos annos, com os augmentos que seus criados lhe desejamos. Do cubiculo, a 7 de Novembro de 1641.

Criado de V. S.

João Franco Barreto.

A TODOS

Por entender faria á Patria algum serviço em darlhe conta dos grandes jubilos e alegrias, com que em o Reyno de França forão geralmente ouvidas as felices novas de nossa Restauração, sacudido o tyrannico jugo de Castella, me movi a escrever esta Relação da viagem que a elle fizerão os senhores Embaixadores, Francisco de Mello, Monteiro mór do Reyno, do Conselho de Sua Magestade Serenissima, e o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, do mesmo Conselho, e Desembargador do Paço: que os grandes contentamentos, disse hum discreto, se hão de celebrar, pera dobrarse com os que participão delles.

Se lhe faltar o atavio e ornato, que pera aparecer em publico com a decencia conveniente, lhe era necessario, sirva-me de desculpa a tenção, pois agora me anima a romper cumulos de desconfianças, que não ha veneno mais frio que o medo, e esta seja a satisfação de ser tam tarde.

Parecer largo, ou breve, numa cousa, ou noutra, he me até forçado, porque he casa na praça, e como

disse o Poeta Lyrico, os gostos são mui varios; mas com huma medicina, e mais a hum mesmo tempo, não se podem curar todos os humores.

Conto o que vi, e refiro o que ouvi, sem acumular palavras inchadas e arrogantes; e os que com ellas querem fazer ostentação de sua sabedoria, advirtão que differe muito huma Relação de huma Gigantomachia; porque, como disse Altamero: «*Ridiculum est in oratione nihil aliud spectare, quam verborum ornatum*». Só tive respeito á verdade, e á authoridade de alguns Authores que consultei, acerca de algumas antiguidades e historias, que de caminho toco, por não molestar com o fio seco de huma relação, o spirito de quem a lesse, como se verá no discurso seguinte.

Em Domingo, 3 de Fevereiro, dia do glorioso São Bras, deste presente anno de 641, forão (como he notorio) pellas 3 da tarde os senhores Embaixadores, Francisco de Mello, Monteiro mór, e o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, beijar a mão a elRey, Nosso Senhor, e a Raynha Nossa Senhora, e ao Principe; e assi o fizerão o Doutor Christovão Soares de Abreu, Secretario da embaixada, e Pero de Oliveiros, interprete, ambos pessoas muito benemeritas de seus cargos, e algumas pessoas mais da companhia; donde nos fomos embarcar em as gandolas (1), que esperavão á Campainha (2), e nos puserão

(1) Deve ser: *gondolas.*

(2) Ponte dos Embarques Reaes junto ao jardim do Paço da Ribeira.

a bordo de huma nao Inglesa, por nome Maria João, de 26 peças de artilharia, que para esta viagem se fretou por conta de Sua Magestade.

Desamarramos do porto de Lisboa ao outro dia pella manhã, e o mesmo fizerão em outras duas naos Inglesas os senhores Embaixadores de Inglaterra e Olanda: e em hum churrião mais os capitães móres de Ceita e Tanger, e outras embarcações, que hião pera diversas partes, fazendo todas numero de 13; e por acalmar o vento, demos outra vez fundo em a enseada de São Joseph.

A quarta feira seguinte, foy Sua Magestade, em a galé Real, jantar á Fortaleza de São Gião, e passando ao longo das naos em que hião seus Embaixadores, se lhe fez a devida salva por tão assinalado favor. Mandou huma gandola em busca do Monteiro mór, e o teve consigo na fortaleza até a noite que voltou ao Paço. A quinta feira tornamos todos a dar vella, com vento Noroeste, mas acalmando logo, lançamos outra vez ferro em a mesma enseada; somente sairão os ditos Capitães de Ceita e Tanger, levando consigo outros fidalgos de companhia em huma lancha ligeira (que talvez se dá pressa ao danno proprio); os quais, deixando sua verdadeira derrota, forão voluntariamente dar consigo em Castella; porque muitas vezes procede mais o medo dos que temem de seu pouco valor, que do muito do temido.

A sesta feira, 8 do mes, botamos de foz em fora, engolfandonos na volta de Loeste cento e tantas le-

goas ao mar; e entrando o vento largo, mareamos em popa na volta do Nordeste quarta do Norte. E com esta bonança se dividirão todas as 13 naos referidas, e seguio cada qual sua derrota; pello que daqui por diante tratarei somente da nossa.

Ao Domingo, que forão 10, pello meyo dia, saltou o vento a Nordeste com hum chuveiro grosso; mas dando lugar a se tomar o Sol, acharão os Pilotos havermos então ganhado de nossa derrota 49 legoas. Em este dia á tarde, 4 legoas pouco mais ou menos a nosso sotavento, descobrimos huma vella, que devia ser alguma das companheiras, e vimola tambem o dia seguinte.

A terça feira, que forão 19, tivemos linda viração: durou até á tarde, em que o vento saltou a Norte, e á quinta feira pellas 9. 10. horas do dia, tornou assoprar em popa por espaço de 24 horas, porem á sesta feira, entre as 11 e as 12 do dia, toda esta bonança se converteo em huma tempestade desfeita. E foi tanto o trabalho da nao em este tempo, que admira como não se fez em pedaços. Quebrarão-senos tres cavilhas da enxarcia do masto grande, e tres curvatões da proa, por onde abrio muita agoa, sem que pera ella nos pudessemos valer das bombas, porque estavão entupidas com a area do lasto: e assi nos ajudamos de baldes, em o qual trabalho os Ingleses se portarão com muito valor e industria. Pellos bordos entravão mares tam grossos, que verdadeiramente nos ouvemos muitas vezes por perdidos; mas duas principalmente, vendo a nao

adornada a hum bordo, por grande espaço. Não faltárão votos, confissões, e promessas; mas todos a huma voz recorremos á Virgem Nossa Senhora da Penha de França, pera cuja casa tiramos entre nós huma esmola, e entendemos que por sua intercessão foy Deos servido livrarnos de tam evidente perigo; pois nada tinhão obrado as muitas e sanctas reliquias, que ao mar lançavamos; nem muitos exorcismos e esconjuros, que os Religiosos, que acompanhavão ao Monteiro mór, pessoas de muy exemplar vida, fazião. Durou este infortunio até segunda feira ás mesmas horas em que começou, e neste tempo esteve o navio sempre á capa; daly por diante fomos seguindo nossa viagem com pouco panno, por razão de alguns tufões de vento, que de quando em quando nos assaltavão tam furiosos, que a todos enchião de temor e de espanto. Continuarão até terça feira á noite, em a qual, por entendermos estar muy chegados á terra, nos pusemos tambem á capa; e á quarta pella manhã descobrimos mais de cem vellas, as quais, segundo os Pilotos dizião, levavam a derrota de Bretanha, cargadas de sal da Rochella, e Ilhas adjacentes.

A quarta feira, pellas duas da tarde, ouvemos vista de terra, e disserão ser a Ilha de Belilha, que contem sete legoas de terra, em a qual ha muito pasto pera os gados, que cria em grande numero, e assi tem outros muitos bens, que a fazem rica. Nella dizem alguns historiadores habitarão molheres, que não consentindo entre sy varões, vivião á

maneira de Amasonas. Neste dia vimos mais quatro vellas, que devião levar a mesma derrota das outras; e todo elle andamos á vista de Olona, vendo claramente em terra andar os moinhos de vento, que por aquella parte sam innumeraveis.

A quinta feira foy vespora do entrudo dos Ingleses, e assi pera o celebrar com mais festa, matarão huma porca que em a nao trazião, e a sesta feira a guisarão e comerão, com grande quietação de suas consciencias. Na quinta feira descobrimos lá sobre a tarde huma vella, e era a que de Lisboa sahio com titulo de nossa Almiranta; e junto á noite ouvemos vista da Ilha de Rey, a cuja vista demos fundo, por ser o vento contrario, e andarem os mares muito grossos. Tem a Ilha de Rey sete legoas em circuito, e nellas sinco lugares, dos quais o principal se chama de Sam Martinho, e posto que os moradores da Ilha pella mayor parte são Calvinistas, ha junto deste lugar hum Mosteirinho de Capuchos barbados, da Ordem Seraphica, Religiosos de muito santa vida. A terra he abundantissima de vinho e sal, que se leva pera Inglaterra e Olanda. E da parte que olha pera a Rochella, de que está distante duas legoas, tem hum bizarro forte, quasi pella traça do nosso de São Gião. Pela meya noite da quinta pera a sesta feira, primeiro de Março, por nos favorecer a maré, levámos ferro, e fomos lançallo em o porto da Rochella, huma grande legoa ao mar.

Tratarão logo os senhores Embaixadores de fazer

sabedor de sua vinda ao Governador da terra, e assi ordenarão fosse o mensageiro Pero de Oliveiros, interprete, e o Mestre Ingles. Lançouse ao mar o bote, embarcarãose nelle, e apenas desamarrarão do bordo da nao, quando os ventos começárão assoprar de maneira que por mais que seis fortes marinheiros puxavão pellos remos, jámais pudérão bogar avante; e em quanto andárão com os ventos á porfia, começou a decer a maré com tanto impeto, por ser delles ajudada, que se lhes não largaramos com grande acordo o batel mayor per huma espia, sem duvida se irião perder em o golfo do Oceano, pera onde forão descaindo; e erão as ondas tam grandes, que muitas vezes os vimos nellas somergidos, mas finalmente meyo alagados os tiramos á nao pella espia (que quis Deos alcançasse o batel), porque os marinheiros já não podião menear os braços.

Em o mesmo tempo chegou a nosso bordo em huma fragata de guerra, das que ali ha naquelle porto, o Marques de São Christovão, filho natural do Governador, e de sua parte visitando aos senhores Embaixadores, e dandolhes as boas vindas da parte de todo aquelle povo, lhes pedio quisessem sair logo em terra, porque estavão todos muy alvoraçados, e desejosos de os ver. Os senhores Embaixadores, dandolhe os agradecimentos devidos pello trabalho que tomára, e pella boa vontade que lhes manifestava, sua, do povo, e do Governador da terra, lhe pedirão os desculpasse de não

sair logo em terra, por razão do tempo, que lhes não dava lugar ao fazerem com sua gente, como convinha; mas que ao outro dia, abonançando o tempo mais alguma cousa, o farião, e irião beijar as mãos a sua Excellencia, a quem tornárão mandar, em companhia do dito Marques, a Pero de Oliveiros; o qual, saindo em terra (não sei se imaginarão que era o Embaixador) foy recebido com grande salva de artilharia e mosquetaria, e levado em os braços de todos ao Governador, a quem disse o que os senhores Embaixadores lhe ordenarão; e com resposta sua tornou em o mesmo dia a bordo, posto que o Governador lhe requereo e pedio muito quisesse descançar aquella noite com elle em terra.

Em companhia do Marques veyo tambem a nosso bordo o Capitão Ruy de Brito Falcão, pessoa de muitos merecimentos, pellos muitos e bons serviços que a esta Coroa tem feito por discurso de muitos annos, a quem os Franceses tomárão, vindo de Indias de Castella, onde fora com nossa infelice armada, e estava prisioneiro avia alguns 5 meses na Rochella. Delle se informárão os senhores Embaixadores de algumas cousas daquella terra, e da pessoa do Governador della, que ao presente he hum Cavaleiro de Malta, por nome Amador de la Porte, grão Prior de França, Embaixador da Ordem de S. João de Hierusalem, Intendente general da navegação e comercios de França, e Governador por sua Magestade Christianissima de Brouage, Rochella, paiz de

Aulnis, e Ilhas adjacentes, de idade de oitenta annos, boa estatura, alegre e veneravel na pessoa, e entende muito bem a lingoa Castelhana, e se deixa nella entender, irmão da mãy do eminentissimo Cardeal Richieliu.

Ao Sabbado, que forão dous de Março, tornou o dito Marques em a mesma fragata, acompanhado de alguns Capitães e pessoas graves da terra, em busca dos senhores Embaixadores; e assi nos embarcamos todos, parte em a fragata, e parte em os bateis da nao, e outros que de terra vierão; e fomos desembarcar em hum posto distante da cidade tres tiros de mosquete, onde sua Magestade Christianissima, quando tomou esta praça, mandou fazer o dique, que foy das principaes causas de seu vencimento. Aqui estavão tres coches esperando os senhores Embaixadores e sua gente, e era tam grande o tumulto do povo, que aly concorreo a nos ver, que difficultosamente podérão suas Excellencias chegar a elles, por mais que em lhes abrir caminho trabalhassem alguns officiaes de justiça e milicia, que pera esse effeito aly vierão. Não se podem contar as acclamaçoens e vivas com que este povo nos recebeo, tanto que chegamos a desembarcar, nem podérão dar mayores mostras de alegria e contentamento se todos fossemos seus irmãos e parentes, que de longas terras chegassemos a descançar a nossas casas, cheyos de despojos e trofeos inimigos. Ouve grande salva de artilharia no mar, e as companhias da terra estavão todas postas em

ala pellas ruas por donde havião de passar os senhores Embaixadores, e dando muitas cargas de mosqueteria, lhes abatião as bandeiras.

Chegarão á casa da Villa, que assi chamão aos Paços em que vive o Governador, levando tras sy innumeravel gente; e o Governador veyo á porta da rua a recebellos, tam alegre e contente, que já nos pronosticava os anuncios de nossos bons despachos. Passarãose de parte a parte largos comprimentos, posto que o Governador não he de cerimonias, como geralmente são os Franceses, e finalmente sobirão, e entrárão numa camara, onde assentados, despois de haverem brevemente tratado dos successos da viagem, o Governador lhes perguntou muito pello miudo dos da nossa liberdade, e o modo que se teve para conseguir huma cousa tam grande e rara, ou pera milhor dizer, nunca no mundo vista; do estado do Reyno, idade, e disposição del Rey Nosso Senhor e da Raynha, e se tinhaõ filhos, e quantos; a que os senhores Embaixadores respondêrão com toda prudencia devida, dandolhe de tudo inteira informação, e o dia se gastou em semelhantes praticas.

As mesmas tinhamos nós todos em diversos corrilhos com varias pessoas, que ainda que he natural nos homens o desejo de saber, he mais proprio em a nação Francesa, e deixando as razoẽs que de nossa parte se lhes podíão dar, que facilmente poderá cada qual colligir, considerando as que tambem daria, achandose em semelhante occa-

sião, com animo e zello de verdadeiro Portugues, as suas erão todas encaminhadas a diversos louvores dos Portugueses, e assi dizião que sempre esperárão delles, havião de lançar de seus colos o pesado jugo da tyrannia de Castella, porque não era seu animo valeroso pera estar sugeito a mando e Imperio de Principe estrangeiro, e mais tendo entre sy o Principe natural e legitimo, que Deos quizesse conservar por largos annos; em quem confiavão se havião de renovar as antigas amizades e lianças, que sempre ouve entre os Reynos de Portugal e França; pois era de maneira, que se conta de Carlos VIII. que dizendolhe como os Principes todos de Europa fazião liga contra elle, respondeo: «Não importa, que eu tenho da minha parte os Portugueses.» E Francisco Primeiro mandou levar desta cidade o retrato natural do famoso Capitão Antonio da Sylveira, que venceo aquelle grandioso e primeiro cerco de Dio, em tempo que governava a India o grande Nuno da Cunha, e no de Dom Garcia de Noronha, reynando el Rey Dom João o III, e o mandou pôr em França, em huma casa que havia feito, com os retratos de todos os mais famosos homens do mundo. E assi dizião que o mesmo era dizer Portugal, que porto de Gallia, ou França; e o mesmo era dizer Lisboa, que boa Lis, ou boa flor de lis, querendo mostrar que o nome de Lisboa se dirivava de França. E se prezavão muito de que os Portugueses eramos origem sua, e os Reys de Portugal descendentes dos Reys de França, di-

zendo como o muito religioso e sabio Roberto Rey de França, filho de Hugo Capeto, foy pay del Rey Henrique Primeiro, e de Roberto Duque de Borgonha; como de Henrique descenderão até o presente 27 Reys de França, tres Emperadores de Constantinopla, muytos Reys de Sicilia, Napoles, Ungria, Polonia, e Navarra, e numero de grandes Duques e Principes, e entre outros os Duques de Borbon, Bretanha, e os quatro ultimos de Borgonha, tres do Paiz Baixo; e como de Roberto vierão não somente os Duques de Borgonha do primeiro ramo, Andre, Guido e Ioão, Delphins de Vienna, mas tambem os Reys de Portugal, porque Henrique filho do Duque Roberto tivera tres filhos, a saber, Eudo e Hugo Duques de Borgonha, e Henrique Conde de Portugal, que foy pay del Rey Dom Affonso Henriques o I, com outras muitas particularidades que por brevidade deixo.

Naquelle tempo, a companhia dos Juizes, que faz a justiça Real naquella cidade, escolheo em nome del Rey Christianissimo quatro pessoas de seu corpo, pera ir beijar as mãos a suas Excellencias, e darlhe as boas vindas, a saber; o senhor de Remigius, lugar tenente particular daquella curia presidial; o senhor de la Motte Aigron, Conselheiro del Rey, e Capitão de Cavallaria na mesma cidade; o senhor Gressean, e o senhor Durant; os quais, despois de haver buscado a suas Excellencias em as casas que lhe estavão preparadas, se forão a casa do Governador em sua busca, e chegando a sua pre-

sença, o senhor de Remigius, em sua lingoa natural Francesa, disse o que em Portugues soa desta sorte. «Senhores Illustrissimos, nossa companhia, a quem «el Rey tem honrado de sua justiça Real, e dado «poder de a fazer a seus subditos e vassallos desta «cidade e governo, nos manda a vossas Excellencias, «pera lhes certificar a grande alegria que tem de «tam boa e desejada nova, qual a da entrada de «vossas Excellencias em este Reyno e cidade; prin«cipalmente porque entendemos, que com aquella «generosidade que he natural dos Portugueses, elles «lançárão de seus colos o jugo intoleravel da tyran«nia de Castella; e são aqui vindos, por ordem de «seu Rey poderoso e sabio, pera renovar as amiza«des e boas correspondencias, que sempre se achá«rão em todos os seculos passados, entre as casas e «Coroas de França e Portugal; e essa he a causa «que nos obriga a vir offerecer a vossas Excellencias «tudo que Deos nos ha dado de poder e autoridade «neste lugar, pera lhes fazer todos os serviços possi«veis e devidos, e com estas verdadeiras protesta«ções, queremos ficar eternamente de vossas Excel«lencias humilissimos e obedientissimos criados.»

Em acabando de fallar, o senhor de Remigius, tomou a mão o senhor de la Motte Aigron, e logo deu a entender a suas Excellencias em Castelhano, o que não avião alcançado em Frances.

Comerão este dia os senhores Embaixadores com sua Excellencia o grão Prior, e com ser na Quaresma, forão muytas e muy diversas as iguarias.

A gente do Monteiro mór foy agasalhada por ordem e conta do grão Prior em huma boa casa de pousadas, e a gente do Doutor Antonio Coelho em outra; onde todos forão servidos com muita liberalidade e grandeza, todo o tempo que estivemos na Rochella.

Ao Domingo foy o grão Prior em busca do Monteiro mór a sua casa, donde se forão ouvir Missa ao Collegio dos Padres da Companhia, que o receberão com extraordinarias mostras de alegria, e os condusirão ao capítulo, por terem ordenado hum dialogo Latino entre os estudantes; o qual, chegando o Doutor Antonio Coelho de Carvalho com o Secretario, repetirão os mininos com muita graça, dizendo mais alguns Epigramas em as lingoas Latina, Grega, Hebrea, Francesa e Vasconha, em os quais se continhão muitos louvores dos Portugueses, e grandes vivas a elRey nosso Senhor.

Foy este dia pera os Catholicos de muita solemnidade e alegria, pella conversão de hum herege (homem de letras e authoridade entre os hugonotes) á nossa sancta Fee Catholica, por nome Joseph de Radolpho, o qual na Igreja dos Padres da Companhia, em presença dos senhores Embaixadores, Governador, e pessoas mais calificadas daquella terra, e de mais de quatro mil Catholicos, que assistirão áquelle acto de piedade, abjurou publicamente as heregias na maneira seguinte: «Eu Joseph «de Radolpho, reconheço, e confesso de hum cora«ção humilde e arrependido, diante da Sanctissima

«Trindade, e de toda a Corte celeste, e vós, que «aqui estais presentes como testemunhas, que eu «ignorantemente pequei, chegandome aos hereges, «e crendo seus erros e heregias, principalmente as «de Luthero e Calvino. Agora pois, tornandome «ao bom caminho, detesto e anathematiso as sobre-«ditas heregias, e todas as outras ceitas, crendo «na muito Sancta Igreja, Catholica, Apostolica e «Romana, sem a qual nam póde haver salvaçam; «e fazendo profissam de tudo que ella crê e pro-«fessa, adoro particularmente a sanctissima Eucha-«ristia e sancto Sacramento do Altar, em a qual se «contem o verdadeiro Corpo e Sangue de Jesu «Christo, com sua alma e divindade, debaixo das «especies de pão e de vinho. Invoco tambem a «todos os sanctos do Paraiso, pera que me ajudem «e socorrão; e sobre todos a bemaventurada Virgem «Maria, Mãy de Deos. Creo que ha sete Sacramen-«tos, pellos quais se nos communica a graça, e que «ha um Purgatorio, aonde as almas são purgadas «depois desta vida; e reconheço a nosso sancto Pa-«dre o Papa por soberano Pastor da Igreja univer-«sal, successor de São Pedro, e Vigairo de Christo: «e assi prometo de guardar e seguir inviolavelmente, «de hoje em diante, a Fee que a Igreja Apostolica «e Romana, coluna e fundamento da verdade, tem, «e préga. E assi o juro diante de Deos, sobre os «sanctos Evangelhos, em que ponho a mão.» E feito hum acto, se assinou de seu proprio sinal, e como testemunhas se assinárão tambem os senhores Em-

baixadores, o Governador, Pero de Mello filho do Monteiro mór, a quem acompanhou nesta jornada, e o Secretario Christovão Soares de Abreu. Esta conversão de Monsiur de Radolpho, tivemos todos por bons annuncios dos successos de nossa negociação em França.

Jantárão estes dias os senhores Embaixadores com o grão Prior. Ouve sobre mesa esgrima; e logo se forão ao jogo da pella, que os Franceses jugárão com muita destreza. Daqui forão a casa do Marques de São Christovão, onde estavão juntas as principais damas do lugar, acompanhadas dos melhores da terra, amigos e parentes; e todos sairão á porta da rua a receber a suas Excellencias, com muita festa e alegria; e dada a acostumada paz (1), entrárão para huma sala de hum quarto baixo, que estava muito bem adereçada, e se assentárão as damas a hum lado, e os homens a outro, ficando como na cabeceira deste nobre ajuntamento os senhores Embaixadores e o grão Prior, assentados em cadeiras de espaldas. Soarão logo as violas de arco, e começárão a dançar de dous em dous, dama e varão, sem ficar na sala quem o não fizesse, excepto suas Excellencias. E não bastava haver dançado huma vez, que no arbitrio de cada qual estava tirar, ou desafiar, a quem mais queria. E assi Pero de Mello, filho do Monteiro mor, quasi sempre

(1) O autor refere-se ao costume de saudar com um ósculo, que se chamava a «paz de França».

estava no campo; que como era moço, e filho de hum Embaixador, todas querião fazerlhe aquelle favor; e o bailo se rematava sempre com o osculo de paz, o qual (segundo Plutarcho em a vida de Romulo) parece teve principio com a mesma cidade de Roma. Durou o festim até a noite, e se rematou com muita variedade de doces e confeitos, que para mostras de mayor alegria se deitavão ás rebatinhas, e se fez a razão com agoa de limão somente. A cea foy em casa do grão Prior, com a diversidade de pratos acostumada, e ao som de alguns musicos instrumentos.

A terça feira vierão aquelles que fazem o corpo da cidade, que seríão mais de vinte homens, a dar aos senhores Embaixadores, em nome de todo o povo, os parabens de sua vinda áquelle Reyno, com extraordinarias mostras de alegria.

A quarta feira tivemos novas de como na tormenta passada se havião perdido entre Sam João de Lus e Bordeos 16 navios; e neste dia chegarão a Rochella alguns soldados Portugueses, que vinhão de Catalunha. E á quinta vierão alguns mais, pellos quais tivemos novas do Padre Ignacio Mascarenhas.

A sesta, 7 de Março, saimos da Rochella, acompanhados das pessoas mais graves da terra, e o Marques de S. Christovão nos acompanhou duas legoas. Mas antes que passemos avante, pera satisfação dos curiosos, em memoria do muito que a todos os deste lugar devemos em amor e benevo-

lencia, quero dar alguma breve noticia desta cidade, qual se vê ao tempo presente.

A cidade da Rochella, cuja fundadora foy huma irmã de Guilhelmo, quarto Duque de Aquitania, por nome Maria, cognominada a Melusina, peritissima na arte magica, a qual se finge aver sido meýa serpente, está em o Paiz de Aulnis, de que he cabeça, e posta sobre hum golfo de mar, onde forma hum cabo, e faz hum canal de mais de mil passos em largo; cujo porto he capaz de receber em sy toda sorte de baixeis, como não sejão em grande numero.

A entrada delle ha duas grandes torres, que el Rey de França Carlos Quinto fundou das ruinas do antigo Castello da cidade, com duas janellas sobre o mar, e artilharia pera defender a entrada. E assegurase o porto com huma grossa cadea de ferro, que vay de huma torre a outra, da qual tomou o nome huma das torres, e a outra se chama de S. Nicolao. Estas duas torres estão cercadas de huma forte e grossa muralha, que se junta á outra torre, que chamão do Garrote, a qual domina sobre todo o canal, e he como o arsenal da cidade. Hum só homem póde largar a cadea, e abrir o porto pella manhã, mas pera o fechar, e cerrar a cadea, são necessarios sinco homens, os quais se ajudão tambem de certas maquinas, que pera isso tem. Aquelle, a cujo cargo está fechar e abrir o porto, tem de cada baxel grande que sae, sinco soldos, que fazem 40 reis, e pellos pequenos, ametade. Os pescadores tambem, que vem do mar, lhe pagão certo tributo

em peixe, que lhe poem em um saquitel, que por huma corda está pendurado de huma janella.

A mais nova fortificação era de sete bastiões, com suas cortinas e repairos, e quatro bastiões mais acompanhados de fossos, repairos e corredores, revestidos por fóra de sua contra escarpa. E no estado de suas primeiras fortificaçoens sofreo, no anno de mil e quinhentos e setenta e tres, o cerco de huma armada Real, e descançou de seus assaltos. Despois, no anno de mil e seiscentos e vinte oito, El Rey Luis, que agora vive, e viva por muytos annos, para augmento da Sancta Fé Catholica e extirpação das heregias, a redusio a sua obediencia por hum dique admiravel, de que atras faço menção, que impidia o socorro dos estrangeiros, e por fome constrangeo aos moradores a se renderem a descrição de sua Magestade, que em castigo de sua rebeldia lhe mandou arrasar todas as fortificações velhas e novas, deixando só as que estão desde a torre de São Niculao até á torre da Lenterna, pella banda do mar, e alguns pedaços mais de muros e portas, que hoje se vem, em torno da Cidade, como tropheos de tão insigne victoria. O circuito da Cidade he de tres mil passos, em forma quasi quadrangular, e toda lhana; tem algumas ruas largas, e guarnecidas de bons edificios. Seus habitadores forão sempre, e são de presente dados, ao comercio e navegação. E noutro tempo erão soberbos e insolentes, donde passou entre nos por proverbio, querendo notar a alguem destes vicios, dizermos que

he hum Arrochalês. Mas agora, ou seja pella mudança dos negocios, ou do estado presente, ou (como he mais crivel) pela suavidade do Evangelho e Fé Sagrada, com tanto fervor em aquella cidade introdusida, são tão benignos e affaveis, que levam tras si os coraçoens dos estrangeiros, que ali chegão a communicallos. E muytas vezes dissemos, que havendo de viver em França, escolheramos antes a Rochella que outro algum lugar, pello bom modo e trato de seus illustres Cidadãos.

Treze annos ha que nella não havia templo algum que não fosse de abominação; e ao presente (graças sejão dadas ao Ceo, que assi os dispos, por virtude de hum Rey, cujos encomios publica o mundo, e por valor de hum privado, que pode ser espelho de todos os varões illustres deste seculo) ha já sete mosteiros de Religiosos e dous de Religiosas, além de cinco freguesias, onde com muyta devoção e exemplo se frequentão muyto os officios divinos e mais Sacramentos; e os hereges tem fora da Cidade só huma casa, a que chamão prece, em a qual certos dias da somana fasem assemblea; e nella, como em todas as suas, não ha mais que bancos e mais bancos e hum pulpito, que fica quasi em meio, donde o seu cacis, ou como diabo o chamão, lhes lê a escritura, qual Deos melhore, como nelle confio, e que no mesmo lugar hão de os Catholicos daquella Cidade ver muyto cedo arvorado o estandarte real de nossa Fé sagrada, o Altissimo e Divinissimo Sacramento, pella doutrina

dos Padres da Companhia e dos mais Religiosos, que ali, quais valerosos soldados em as fronteiras de seus inimigos, de contino estão combatendo com os contumases Calvinistas e Lutheranos, não sem grande honra e louvor da verdadeira Igreja, e fruyto maravilhoso das almas.

Porem tornando a nossa viagem, saindo, como fica dito, da Rochella a sete de Março, fomos dali a cinco leguas alojarnos a hum lugar por nome a Surgiera, em huns fermosos apozentos de huma senhora, que se tinha por meya Portuguesa e se chama Helena da Fonseca, viuva do barão de Reole (lugar de Gascunha) Miguel de Xavier, parente ainda do Grão Patriarcha do Oriente; a qual o Monteiro mor visitou despois em Paris. Da Surgiera, fasendo jornada de cinco para seis leguas, fomos dormir a Agri, que são tres ou quatro estalagens, muyto más, e ficão duas leguas de Niort, Cidade do pais de Poetú. Ao Domingo fomos ouvir missa a huma Igreja tão pobre como o lugar Fó, em que está situada; se bem ha nelle hum edificio soberbo e magnifico, que disião ser de hum Lutherano: não entramos nelle, com a pressa que levavamos, por irmos dormir ao lugar da Motta, em que haverá quatro para cinco mil visinhos; e foy a jornada deste dia de outo leguas.

Está a Motta em o pais ou provincia de Poetú, que he huma das boas de França, por ser muyto abundante de todas as cousas necessarias para a vida e commodidade dos homens; e particularmente se

fasem nella muytas teas, que vendem aos Mercadores de Espanha, de que tirão grandissimo proveito; e se achão nella muytas biboras, que para a confeição da triaga se levão para toda França e Veneza. Dividese esta provincia em alta e baixa: a alta comprende Putiers, Niort, Setelerao, Lusinhã, Thurs, Argenton, antiga baronia, e outras muytas Cidades e villas. A baixa visinha com o mar, e começando em Niort, chega até ás prayas de Olona, e comprende Fontané Condado, que he principal Cidade, Malezes e Luson Bispados, e outras muytas boas e antigas baronias e terras, que gosão titulo de principado, como são Roxesurion, Luc, Marsilhac, Talmont etc., contendo entre todos numero de mil e duzentas freguesias, com tres Bispados e vinte e hum lugares murados. Comprendiase antigamente Poetú dentro de Guienna, e debaixo de seu governo, mas foy delle separado por El Rey Carlos o nono; e de presente tem dous lugartenentes Generaes por El Rey. O Governador que hoje he de Poetú se chama Henrique de Bodean, e vive em o lugar da Motta de que se intitula Marqués, e he tambem Conde de Parabère, Cavaleiro das Ordens de El Rey, a saber de São Miguel e de Sancto Spirito, Capitão de cem homens de armas; e com o governo de Poetú, tem tambem o de Setelerao, Artoes e Ludumoes.

E esperando ja os senhores Embaixadores, sabendo que vinhão chegando á Motta, acompanhado do senhor de Braxat seu irmão, cuja molher he

actualmente Camareira mór da Raynha de França, e de João de Bodean, Marqués da Motta, e de Alexandre de Bodean, Bisconde de Parabère, seus filhos, e vinte e quatro homens de cavallo, e caravinas, que são os de sua guarda, sahio com dous coches a esperallos fóra do lugar, e os condusio a sua casa, ou Castello, que assi chamão em França as casas de campo dos senhores, a cujas portas achamos sua propria molher e filhas, com toda a mais familia de casa, e outras pessoas que estavão convidadas, segundo o uso daquellas partes; e chegando os senhores Embaixadores, a Condeça e filhas os abraçarão, dando a costumada paz com tanto amor e lhanesa, como se fossem parentes muy chegados e de muyto tempo amigos. A Condeça, tomando pella Mão ao Monteiro Mór, os condusio a huma sala grande e bem concertada, e por ser ja tarde, despois de breves praticas, se assentarão á mesa, que estava posta com grande magnificencia, os senhores Embaixadores, Pedro de Mello filho do Monteiro Mór, Christovão Soares secretario, Fr. Manoel de Jesus e Fr. Antonio dos Sanctos, confessor e capellão do Monteiro Mór, o Conde de Parabère, seu irmão o senhor de Braxat, seu filho mais velho, a Condeça, suas filhas e huma sobrinha, e outras muytas Madamas e Monsiures, que para esta occasião forão chamados, por mayor ostentação e grandesa, ambição natural daquella nação. O fausto com que forão servidos foy grande, as iguarias passarão de setenta, e a copa estava guarnecida com

duas ricas baixellas, e muytos vasos de prata. Em outra sala de hum quarto baixo, se pos outra mesa, não com menor grandesa, para a gente de suas excellencias, em a qual comeo tambem Alexandre de Bodean segundo filho do Conde, que foy o primeiro que em França se offereceo para vir a Portugal, servir a el Rey nosso Senhor em as fronteiras inimigas.

Acabada a mesa, vierão violas de arco, com as quais se deo principio a hum alegre festim, que durou grande parte da noite; e nelle por muytas vezes sairão a dançar as filhas e sobrinha do Conde, hora com os irmãos, e hora com Pedro de Mello, e com o secretario, e mais pessoas circunstantes, conforme seu costume. E o proprio Conde sahio muytas vezes a dançar com as filhas, e com a sobrinha, que a um laude cantou despois perigrinamente. Em fim, não posso contar a muyta alegria e contentamento de toda esta casa em nosso hospedage; pois todos juntos, e cada qual de per si trabalhavão por nos dar gosto e praser; de maneira que todas suas acçoens erão pregoeiras do muyto que interiormente desejavão satisfazernos; e assi querião nos detivessemos ali alguns dias, ou pelo menos o seguinte, mas os Senhores Embaixadores, levando diante dos olhos o serviço de seu Rey, por cujo mandado fasião aquelle caminho, não tratavão de mais que chegar a Paris; e assi dando primeiro suas desculpas, responderão que antes lhes convinha madrugar, e por esta causa se

recolherão mais cedo, e a mesma Condeça os acompanhou até ás camaras, que lhes estavão preparadas; e a Condeça, dando volta por outra porta á mesma sala, fes em huma viola alguns rajoens [1] á Portugueza, e cantou algumas letras Francesas, porque he muy destra na solfa e toca bem os instrumentosmusicos, figura das virtudes, em que a alma se exercita. Chamase Caterina de Pardilhan e de Armignac, antiquissimas familias em o Reyno de França, e ouverão entre ambos onze filhos; a saber, João de Bodean, Alexandre de Bodean, Filippe de Bodean, Cavaleiros da Ordem de S. João, Cesar, Aquiles, Carlos, Luis e Henrique, e assi Luisa de Bodean, Caterina de Bodean, e duas, que são religiosas em a provincia de Xentonge, por nome Carlota e Dorotea. O Castello, que aqui tem estes senhores, he muyto sumptuoso, e está cercado de dous altos e profundos fossos, em que ha innumeraveis peixes; e de presente está o Conde fundando huma fermosa casa de prazer, com grutas, fontes e tanques, em que andam muytos cisnes. Tem bellissimos jardins, alamedas e florestas, com muytos coelhos e veados.

A segunda feira ouvimos missa em huma capella, que fica em o patio do edificio antiguo, a qual está toda adornada de bellissimas pinturas, onde se vem as historias da Escritura, desde a criação do homem,

[1] Deve ser: *rojoẽs;* sons arrastados que se tiram da viola. Tocando á maneira de Portugal.

até o ultimo mysterio de sua redempção, e he a mais coriosa e rica de ornamentos que nunca vi. Acabada a missa, fomos todos jantar em a conformidade da cea passada, e forão os pratos innumeraveis; despois dos quais ouve hum breve festim, e acabado elle, nos pusemos a caminho, muy satisfeitos do amor, grandesa e perfeição daquella casa.

Acompanhounos o Conde, seu irmão, e filhos, com muyta mais gente de cavallo, alem dos de sua guarda, por espaço de huma legua, e fomos dormir á Cidade de Lusinhã, que está da Motta quatro leguas, e cae tambem em a provincia de Poetú, como atras fica escrito, e segundo alguns historiadores foy sua fundadora a dita Melusina, irmã de Guilhelmo IV. Duque de Aquitania, da qual veyo a Illustrissima Familia de Lusinhã, que deu ja Reys a Chipre, Hierusalem, e Armenia. He de presente Governador de Lusinhã Monsiur de Xamerat, Axiliers de Barbezier, Cavaleiro de Malta, cujo avô foy aquelle que por mandado da Raynha Caterina de Medicis foy de Paris a Polonia dentro de 14 dias (como em sua historia conta o presidente de Thou) em busca de Henrique III, que succedeo a seu irmão Carlos o nono em o Reyno de França, deixando por elle o de Polonia; e sua mãy foy segunda vez casada com o senhor de Duver, primeiro presidente do Conselho de estado em França. E porque quando ali chegamos estava o Governador ausente, em seu lugar veyo dar as boas vindas aos senhores Embaixadores o senhor de Trimulha, acompanhado

de alguns nobres da terra, e dali a pouco tornou com sua molher e huma irmã; tanta he a facilidade e lhanesa daquellas terras.

Ao outro dia saimos de Lusinhã, e a cinco legoas fomos dormir a Putiers, cidade capital de Poetú, a qual está posta sobre o Rio Clym, que nasce das montanhas de Lymosin, cercada de muralhas vastas, e despois de Paris disem não ha outra igual em França; se bem o povo não corresponde bem ao circuito dos muros, porque dentro delles ha tambem jardins, pumares, vinhas, e terras de pam; e das guerras civis para ca deceo muyto de sua antigua grandesa e fermosura. Sua situação he parte em plano, como de parte do Occidente, onde elles na sua lingua chamão *la Tranchée* parte sobre hum cabeço e comprido cerro, incluso entre o Clyn e humas alagoas e tanques; e como tem as ruas mais baixas, dificultosamente pode ser situada [1]. Alguns affirmão que primeiro foy edificada pellos antigos Balões, habitadores do pais, em hum lugar que hora chamam Putiers o velho, Ptolomeu Augustoritum, e outros muytos Pictavium; e que os mesmos a reedificarão despois em o lugar onde agora está, imperando Claudio, successor de Caligula. Tem muyto bons edificios, e entre outros a Igreja Cathedral de São Pedro he de structura magnifica, toda de pedra marmore. Começoua Henrique II. Duque de Normandia, Rey de Inglaterra, que teve

[1] Deve ser: *sitiada*.

o Duquado de Guienna por sua molher Eleonor, que el Rey Luis de França, VII do nome, cognominado o moço e o piedoso, havia repudiado; mas acabouse 200 annos despois, e nella se guardão algumas reliquias do Apostolo São Pedro. A Igreja de Notra Dama, he a saber de nossa Senhora, dita a grande, está na praça mayor, e na parede que para ella está fronteira, se vê a estatua do Emperador Constantino a cavallo, com huma espiga na mão. Nella he costume offerecer solemnemente todos os annos a molher do Mere, ou presidente da Cidade, huma capa de grande preço. A Igreja grande de Santo Hilario esta no mais alto da Cidade, aonde se mostra huma pedra, que dentro de vinte e quatro horas consume os corpos, que lhe metem dentro. Aqui se vê o tumulo de Geofredo, cognominado «o dente grande», filho de Melusina, e ha huma casa em a qual se guarda hum tronco de arvore, todo ouco, que communmente chamão o berço de S. Hilario, onde levão os doudos, para os fazer dormir dentro; e com algumas devoçoens e huma missa, só com esta crença cobrão o perdido siso. E quando nesta terra quer alguem zombar de outrem, o manda ao berço de Santo Hilario. He esta Igreja Collegial, e immediata ao Papa.

Tem a cidade de Potiers vinte e cinco freguesias, as quatro ordens mendicantes, e outras muytas de frades e de freiras; e assi o Collegio da Companhia, onde se ensina Gramatica, Rethorica, Filosofia, e ha outro Collegio, onde está o geral das

Leis, que he muyto fermoso e magnifico; reedificouo o Duque de Sully, Governador de Poetú em tempo de Henrique o Grande. O paço da Justiça era antiguamente hum Castello grandioso, e agora se vê nelle huma sala consideravel. Junto á ribeira do Clin, onde chamão a Plataforma, ha huma fonte de boa agua, que trasem a vender á Cidade, por aver dentro muyto pouca. Ao lado do paço está a antigua torre de Maubergeon, que hum Conde de Poetú fes edificar, e ao redor della se vem os sete antiguos biscondes do pais.

Os sinaes da antiguidade de Putiers se vem em hum castello velho e derribado, que dizem haver sido paços do Emperador Gallieno, e em paredes de hum Amphiteatro, que está detras da Igreja dos Padres da Companhia, que chamão as areas [1]: e assim tambem em alguns pedaços de Aqueductos, que aparecem fora da villa, aos quais vulgarmente chamão os arcos de Parigué. Ha nesta Cidade Bispo, e o de presente se chama Luis Xantanhier de la Roxepuzuy; ha tambem cadeira presideal e Universidade, que em os tempos passados foy já muy celebre. O Mere, ou Presidente, o anno de seu cargo he tido pello primeiro barão de Poetú; e elle e os Senadores, que são vinte e cinco, gosão com sua posteridade do titulo e qualidade de nobres.

Tanto que chegamos a Poetiers, veyo o Mere,

[1] Deve ser: *arenas.*

com os ditos Senadores e os mais que compoem o corpo da Cidade, que são setenta e cinco cidadãos, dar as boas vindas aos senhores Embaixadores, e fizerão em Frances huma oração muyto elegante, em a qual nos davão os parabens de nossa liberdade, com muytos vivas e louvores da nação Portugueza e novo Rey Dom João, a quem forão comparando com os passados Monarchas e Varões, em aquellas virtudes que a cada hum delles forão mais peculiares, e commemorarão muytas empresas nossas por diversas partes do Mundo; e despedidos, logo nas suas costas vierão quatro homens vestidos com as insignias da Cidade, em forma que remedavão os nossos Reys de Armas, e em nome da Cidade apresentarão a suas Excellencias duas duzias de frascos de vinhos de Orliens, que em França são os gabadinhos, e duas caixas de vellas de cera branca, dizendo que aquelle era o presente que aquella Cidade costuma fazer a seu Rey, quando por ella passa, e que o mesmo fasião a suas Excellencias como Embaixadores del Rey de Portugal, de quem o seu era irmão e parente. Os senhores Embaixadores, com a authoridade devida e muyta prudencia, responderão por meyo do interprete Pedro de Oliveiros o que convinha.

Tambem os Padres de Sancto Agostinho, escolhendo seis padres, os mandarão em nome de toda a ordem visitar a suas excellencias e darlhes as boas vindas; e hum delles lhes fez huma oração em lingua

Latina cheya de muyta elegancia. Os Padres da Companhia de Jesus pertenderão levar a suas Excellencias a sua casa, para o que tinhão feitos dialogos e varios epigrammas; mas suas Excellencias se desculparão com a pressa que levavão em seu caminho; e os estudantes lhe vierão pedir quisessem alcansarlhes do Reitor vacação aquelle dia, (honras que Anaxagoras pedio para o dia de sua morte, recusando todas as outras que o povo lhe dava em sua vida, segundo conta Plutarco na *Politica*) como alcançarão, pello que fizerão grandes aclamaçoens e vivas.

Não se pode encarecer quanto o povo desta Cidade desejava que os senhores Embaixadores se detivessem ali alguns dias, porque parece se não fartava (digamos assi) de os ver e de os ouvir. E assi era a gente, que á estalagem onde estavamos concorria, tanta que não nos podiamos nella revolver, bem como se alli viessem a ganhar algumas indulgencias e perdões. Onde foy muyto de notar hum cego, que apalpandonos huma e muytas vezes com as mãos, mostrava maravilharse muyto, dizendo: «estes são os Portugueses?» como se de nos tivesse outro conceito acerca da composição dos membros. Deixo de diser a diversidade de instrumentos, bellicos e festivos, que aqui forão trasidos e tangidos; porque não ha affecto de todos os humanos de que mais nos deixemos enganar que o da esperança, se bem na liberalidade e grandesa de suas Excellencias lhes não sahio a elles frus-

trada; e o mesmo era em todos os lugares populosos por onde passamos.

Ao outro dia pella manhã sahimos de Putiers a tempo que o Bispo com o Cabido, porteiros da maça, Cruz alçada, e toda a Clerezia, vinha em busca dos senhores Embaixadores, porem não se encontrarão, e fomos dormir a Setelaráo, que são sete leguas; e ás portas da Cidade achamos os Magistrados da terra, que erão seis personages de garnacha, onde hum delles fes aos senhores Embaixadores huma elegante oração em Frances pello theor das passadas; e despois de já estar em a estalagem, tornarão os mesmos, e apresentarão a suas Excellencias vinte frascos de vinho, dizendo tambem como aquelle era o presente que a Cidade costumava fazer a seus Reys e Principes, e que o mesmo fasião a suas Excellencias, como se fora a el Rey Dom João em pessoa, cujos Embaixadores suas Excellencias erão. Grande foy tambem o tumulto do povo que aqui concorreo, e em nenhuma outra parte tantas gaitas e samphoninas, que não parecião senão que de huma Cidade a outra nos vinhão seguindo e perseguindo, ao cheiro dos reales de Espanha, porque dizem que Portugal tem muyto argem [1].

Está a Cidade de Seteleráo posta ao longo do Rio Vienna, que vem das montanhas de Lymusin, assás mal edificada; e o Rio se passa por

[1] Decerto: *argent*.

huma ponte de nove arcos, a qual tem cento e trinta passos de comprido e sessenta e seis de largo. Deulhe principio a Raynha Caterina de Medicis e fim o Duque de Sully, Governador da provincia em tempo de el Rey Henrique o grande, como testemunha huma inscripção posta nas torres que estão alem da ribeira. Dentro dos muros de hum Castello velho, que está fóra da Cidade, se vem certas pedras pequenas consideraveis, porque são tão fermosas que parecem verdadeiros diamantes, donde vulgarmente são chamados os diamantes de Seteeráo.

Tem a Cidade tres mosteiros de frades, Capuchos, Franciscanos e de São Francisco de Paula, e hum mosteiro de freiras, e quatro freguesias; e fóra dos muros tambem os Calvinistas o seu prece[1]: fóra do mundo fora melhor. Mas como el Rey Luis o Justo he tão catholico, ja que de todo pellas guerras em que justificadamente se occupa ha tantos annos, não pode extinguir esta má semente de Calvino e Luthero de seus Reynos, ao menos não consente que dentro das Cidades tenhão os seus sequases as casas de abominação em que se ajuntão, que não servem de mais seus nefandos templos. E ainda passa avante o grande zelo que el Rey, e seu dignissimo privado o Cardeal Richieliu, tem da honra e ley de Deos; por-

[1] V. pág. 24. Deve provir do francês *prêche* (s. m.). Templo protestante.

que aos taes não os occupa em cargo ou dignidade alguma da republica, como a membros podres e inuteis, mas so lhes da os officios na guerra, onde mais brevemente possão acabarse. Singular rasão de estado de Rey Catholico.

Fasemse nesta Cidade muyto boas armas, e se lavrão lindissimas facas e estojos; e assi, tanto que chegamos á estalagem, se encheo logo o patio della desta mercaduria e se armarão diversas tendas; mas em o que nos pedião por qualquer peça, não parece senão que devião de cuidar que cada hum de nos era hum Embaixador. Daqui vem a Portugal o lenço que chamamos setelarao.

Ao outro dia, 15 de Março, fomos dormir a Portepila, que he hum lugar pequeno, mas de excellentes pousadas, e foy jornada somente de 4 legoas, porque saimos muy tarde em rasão de nos faltar hum coche. E de Setelarao até Ulmi de S. Martinho, pequena aldea huma legua antes de Portepila, caminhámos sempre ao longo do rio Vienna por hum caminho muyto alegre e fermoso.

O seguinte dia, que foy sabado, saindo de Portepila, passamos huma grande ribeira por nome Creusa, a qual atravessa o lugar e nasce junto a Volfranche no pais de Berry. Nella havia antiguamente huma fermosa ponte, mas os hereges a derribarão no tempo de suas facções e rebelioens; e assi agora se passa em barcas com muyta facilidade, porque nellas sem algum trabalho entrão de huma vez dous coches, assi como vão com os

cavallos e gente; só o tivemos com os grandes atoleiros que estavão de huma e de outra parte, e com a muyta neve que aqui nos cahio; mas fazendo a jornada de sete leguas fomos, dormir a Lefó, pobre aldea pella qual passa outra grande ribeira, que chamão Leret-ablerè, e tem tambem a ponte quebrada pellos mesmos hereges; que estes são como os cães, que não podendo morder a quem temem, convertem seu furor e sanha contra as duras pedras, mais brandas que seus coraçoens; passamos a ribeira em as ditas barcas.

Ao Domingo, 17 do mes, fasendo jornada de sinco leguas pella manhã e cinco á tarde, fomos ouvir missa e jantar a Amboesa, e dormir a Eclusa. Amboesa he huma Cidade do pais de Turena, não muyto grande, mas bem assentada, em lugar são e agradavel; e assi os Reys de França a tem ja escolhida, como Bloe, para criação de seus filhos. Tem hum Castello muyto bom, com grossas e altas torres lançadas ao longo do rio Loere, que dos antigos foy chamado Ligeris por sua celeridade, e nasce das montanhas de Montpesat. Mostrase aqui huma cornadura de veado, de tantas pontas e grandesa, que se duvida se he natural, se feita per artificio. Sobre este rio ha huma fermosa ponte, ou para melhor diser duas, huma continente á outra, porque no meyo dellas fas o rio huma ilha, onde sobre a ponte ha de huma parte e outra muyta casaria, com portas e pontes levadiças, que parece as dividem. He muyto para contar que á entrada

desta Cidade ha muytas vinhas, que ficão muito superiores e eminentes á estrada, e todas tem por baixo de si as suas adegas. Eclusa não são mais que humas estalagens, postas ao longo do mesmo rio Loere, bem como as de porto de Muge ao longo do Tejo, mas com tanta diferença entre si quanta póde haver entre Lisbôa e Almada.

Toda esta jornada foy de excellente caminho e muyto aprasivel por ser ao longo do Loere, que de huma, e outra parte tem bellissimas quintas. Este dia encontramos a Marquesa de Serralvo, cujo marido havia sido Visorey em Indias; e, por se haver morto em Flandes, a molher, com seu filho herdeiro e toda sua familia, se passava a Espanha. E de sua companhia nos disserão que Dom Philippe da Sylva ficava á sua partida prezo em Gantes.

Segunda feira, 18 de Março, fazendo jornada de 9 leguas, fomos dormir a hum lugarejo que se chama Sindié, em o qual ha gentis estalages e as melhores que achamos em todo nosso caminho; e a quatro leguas de Eclusa passamos por Bloe, cidade em que reside Monsiur Gastão João Bautista, unico irmão de El Rey. Está em o pais de Beauce, conforme alguns, posta sobre o rio Loere; e á sua banda esquerda ha um lanço de Burgo, que se junta á Cidade por huma ponte de pedra, sobre a qual se vê hum piramide levantado, e ao pé de hum Crucifixo de bronze, huma inscripcão que diz como sendo aquella ponte arruinada em o tempo das guerras civis, foy reedificada por Henrique o

Grande, sendo Governador da Provincia Philippe Huralto Xevernio, no anno 1584. As ruas são estreitas e mal dispostas, mas limpas; e as casas todas de pedra e cubertas de piçarra negra. O Castello foy edificado por dous grandes Reys, Luis Duodecimo e Francisco Primeiro, e pella Raynha Catherina de Medicis; e á entrada delle se vé o primeiro a cavallo.

Monsiur, irmão del Rey, fez derribar o lanço feito pela Raynha Catherina, e tem começado hum edificio magnifico, ao moderno, com bella pedraria, pello que assiste aqui a mayor parte do anno; mas os senhores Embaixadores, não o sabendo, passarão sem lhe fallar, de que despois mostrarão grande sentimento. Junto ao Castello está o jardim, separado em duas partes, alta e baixa; e Monsiur o tem hoje enriquecido de muitos simples raros e exquisitos, que com grande curiosidade e despesa fez vir de diversas regioens em grande numero, e adornado de muitas antiguidades, de marmore e bronze, as quais não faltão tambem em a galeria da ala direita, que tem de comprimento trezentos passos e foy feita por Henrique Quarto seu pay, com muytos paineis e peças curiosas. Fóra do jardim se vem muitas ruas, com arvores de huma parte e outra, que chegão até a Floresta, espaço que será de meya legoa. Do jardim alto se dece ao baixo, em huma rua do qual se vê a esculptura de hum cervo, tomado em o tempo de Luis Duodecimo, o qual tinha a cornadura de 24 pontas. Em

o primeiro patio do Castello está a Igreja Collegial de São Salvador, onde estão as sepulturas de alguns Condes de Bloe. O bom ar da terra he preferido a todos os outros de França, que foi a causa porque aly os Reys fizerão sua morada e mandão criar seus filhos. O territorio he todo cuberto de vinha, donde se tira vinho muito bom e sam; he abundante de leite, e as suas natas são affamadas naquelle Reyno. A lingoa Francesa dizem estar aqui em sua pureza e dilicadeza, assi na cidade como nos seus contornos; e os habitadores são muito corteses para os estrangeiros, e muito dados ao trato e agricultura.

A duas legoas de Bloe está Orcheza, antiga praça chamada os Sileiros [1] de Julio Cesar; e a duas legoas da cidade se tira a terra, grossa e viscosa, que comparão ao bolo de Levante.

A tres legoas fica Busy, castello magnifico e espaçoso, em meyo de cujo patio, sobre huma coluna, se vê a imagem del Rey David feita de bronze, peça de grande preço que se trouxe de Roma, e se vem tambem os retratos de muytos Reys e Emperadores, com o do frade Furstemberg, inventor da polvora e artilheria.

A terça feira, 19 de Março, fomos ouvir missa a Clary e jantar a Orliens, que fica de Bloe 7 leguas. Clary he huma aldea em que ha hum templo magnifico, antiga baronia, com 10 Cónegos. Tem huma imagem de Nossa Senhora que de contino obra

[1] Decerto: *celleiros*.

muitos milagres; seu altar fica no alto do arco da capella mor e se vay a elle por duas escadas de pedra. O fundador desta Igreja foy Philippe o Bello, mas sendo arruinada com outras muitas pellos herejes, a reedificou el Rey Luis Undecimo e a reformou na maneira que hora se vê; e está nella enterrado com sua molher e o coração de Carlos o Septimo, seu pay, em huma sepultura de marmores brancos, com a sua effigie do mesmo marmore posta em cima, de joelhos, e a cada canto hum Anjo do mesmo marmore; a qual obra mandou fazer el Rey Luis o justo, que hoje reyna, no anno de 1622, e foy o artifice Miguel Bordim Aurelio; antigamente era toda a sepultura de bronze, mas os herejes a desfizerão tambem e assolárão. E neste Templo me affirmarão haver sido instituida a Ordem de Sancto Espirito por Henrique III, se bem não o achei escrito em os Historiadores Franceses.

A cidade de Orliens he muito magnifica, tanto pella fermosura do sitio, quanto pella grandeza dos habitadores; porque alem de ter tres milhas de circuito, tem de fóra muy grandes arrabaldes. He alem disto cheya de povo industrioso, e inclinado ao comercio e trato, pela commodidade do rio Loere, de que já tenho feito menção. A região he das mais felices de França, principalmente pella copia de pão e vinhos excellentes (contados entre os melhores e mais delicados de França) que se levão pello rio e pello mar a diversas provincias de

Europa septentrional, que deve ser a razão principal porque os daquellas partes, principalmente os Alemaens, a descrevem tam curiosamente em todas suas viages impressas. Fóra da cidade ha entre as vinhas postos muytos jardins e pumares, com toda sorte de fruytos, que são os melhores do Reyno. Em o meyo do rio, á vista de Orliens, está huma ilha muyto agradavel, cuberta em parte de grandes e fermosas arvores, parte de altos e bellos edificios, e se ajunta de hum lado á cidade por huma fermosa ponte (que nenhum rio, como notou Botero, tem tantas e de tanta grandeza) e de outro lado a hum burgo chamado Ponteró, aonde ha quantidade de hosterias pera os vilões, que aly concorrem de Solona, com a fruyta que trazem a vender. A entrada da ponte he defendida de algumas torres e baluartes, com portas e com pontes levadiças. Sobre a ponte principal se vê huma estatua de bronze, em a qual se representa a Virgem Maria, com a de seu amado Filho decido da Cruz entre seus braços; e a hum lado della posto de joelhos el Rey Carlos o Septimo armado, e ao outro lado a Poncella Joanna armada, com botas e esporas como hum cavalleiro, e os cabellos lançados para traz sobre as espaldas.

A historia he memoravel, que por valor e conselho desta donzella, que isto significa em Frances o vocabulo Poncella, el Rey Carlos o I *(sic)* lançou fóra do Reyno de França os Ingleses, que se lhe avião apoderado da mayor parte delle, e o tinhão posto

em tanto aperto e necessidade que, estando dentro em seu proprio Reyno, apenas dizem tinha pera comer hum pedaço de carneiro. E estando huma noite el Rey considerando em os grandes trabalhos que elle e os seus padecião, se levantou do leito em camisa, e posto de joêlhos diante de huma Imagem de nosso Salvador, lhe pedio quisesse socorrello, pois sabia quão justificado era o seu direito. E ao outro dia pella manhã lhe foy apresentada esta moça Joanna Poncella, que teria de idade quatorze ou vinte annos, que nisto diferem os Historiadores Franceses, natural de huma aldea por nome Dompremyo ou Droemy, que Pineda em sua *Monarchia Ecclesiastica* chama Damprenio, ou segundo outros, de Vocolor, em Lorena, cujo exercicio era ate li guardar humas poucas ovelhas em casa de seus pobres pays, Jacques Darc e Isabel de Vauter. A qual, em chegando á presença del Rey, posto que nunca o tinha visto, nem estava vestido melhor que os outros com quem estava, lhe disse ser ali mandada por Deos, para o ajudar a cobrar o seu Reyno; que lhe fosse dada gente de guerra, que ella faria levantar o cerco de Orliens e sagrar a S. Magestade, a pezar dos Inglezes, dentro em Remes (segundo o antigo uso dos Reys de França seus predecessores) onde se guarda a milagrosa redoma, vinda dos Ceos por mysterio dos Anjos, com o olio divino, com que se ungem os Reys de França. Mas tendo alguns isto por zombaria, lhe fizerão algumas perguntas sobre cousas divinas e

humanas, e a todas respondeo com tanto saber e prudencia que admiravão todas suas acçoens.

Pedio logo a el Rey que por hum de seus armeiros quisesse mandar buscar em a Igreja de santa Catherina de Forboe, entre outras antigas armas, huma espada, em a qual estavão de cada lado impressas sinco flôres de Lis, porque com ella avia fazer quanto prometia. Fesse assim, e achouse ser verdade tudo que a Poncella dizia, como por espirito prophetico. Avida a espada e armada como hum homem, se pos a cavallo, e com a lança em punho começou a perseguir aos Ingleses, inimigos seus, com tanto valor e coragem, que não havia homem no mundo que a igualasse em valentia e destreza. Fes primeiramente levantar o cerco de Orliens, que durava havia sete meses, em cuia memoria se fas todos os annos em Orliens huma procissão aos doze de Mayo, em a qual se achão todas as ordens da Cidade, e vão até a ponte, onde se diz huma missa. Tomou por assalto a torre de São Lupo, matando todos os Ingleses que dentro achou; tãobem a Iorgeo, onde forão presos e mortos muytos senhores, com tres ou quatro centos Ingleses.

Despois, acompanhada de muytos principes e senhores Franceses que sustentavão a parte del Rey, desfes os Ingleses em huma batalha junto a Paté em Beauce, matando dous ou tres mil delles e aprisionando alguns senhores Ingleses. E logo correndo a comarqua, redusio á obediencia de Carlos muytos

lugares que os Ingleses occupavão; fez sagrar a el Rey em Remes, e finalmente emprendeo e conseguio cousas que não parecião suas acçoens menos que milagrosas e divinas, e se não podem referir em huma breve relação. Ultimamente a colherão á mão os Ingleses por traição de hum Guilhelmo de Flavy, Capitão de hum povo chamado Compendio, que ella estava defendendo com extraordinario valor; e pello grande odio que lhe tinhão, despois de a ter em prisoens largos tempos, cruel e injustamente a queimarão viva em Ruam no anno de 1430, levantando-lhe que era feiticeira; mas muytos doutos daquelles tempos, famosos em Theologia, affirmarão em seus escritos que morreo innocente, e o confessarão despois seus proprios inimigos, como mais largamente se póde ver em a *Historia Universal* de Charron, o qual, entre outras virtudes que della escreve, celebra muito a de sua castidade e honestidade, pella qual entendo socedeo aquella tão rara maravilha em sua morte, que sendo queimada e redusido a sinsa seu corpo, lhe acharão despois o coração ileso e inteiro.

A Cidade he guarnecida de muyto boas muralhas terraplenadas e com muytas torres redondas, cheyas tãobem de terra, posto que em parte arruinadas dos golpes dos canhões, despois das guerras civis.

E assi Carlos o Nono, conhecendo de quanta importancia era, e que não havia outra em França mais apta a sustentar guerra e a trabalhar o Reyno, como se vio em diversos tempos, principalmente no

anno de 450, no de 1428 e no de 1563, a ajuntou á Coroa, estando em costume darse ao segundo genito del Rey Christianissimo com titulo de Duquado; e a possue hoje Monsiur Gastão por seu morgado, com os Duquados de Xastres e de Valoes, Condado de Bloe, e os donativos de Montargis, e de Gyen. Fazemna mais fermosa [1] a sagração de muytos Reys, e os diversos concilios que ali forão celebrados.

Tem huma antiga Universidade, fundada por Philippe IV, cognominado o Bello, no anno de 1312, a qual gosa de autorisados privilegios, que o mesmo Rey e o Papa Clemente V lhe concederão. Ha nella grão numero de estudantes, separados em quatro nações, a saber: Franceses, Alemães, Normandos e Picardos, acerca do que havia muyto em que dilatarse a penna. Authorisãona muytos e fermosos edificios, dos quais o mais sumptuoso he o da Igreja de Santa Crus, posto que em o tempo das alterações, recebeo notavel danno pellos hereges. O seu campanario e grimpa era o mais alto que havia em França, como o de Strasburg era mais alto de Alemanha; nella ha sincoenta e nove conegos, e doze dignidades. A igreja collegial de S. Aignam, Abbade que depois foy Bispo na mesma Cidade, foy antigamente mosteiro e edificio de grande magnificencia, mas padeceo a mesma injuria dos hereges que o de Sancta Crus no anno de 1565; ha nella 3 conegos, e outras dignidades.

[1] Deve ser: *famosa.*

A casa que chamão da Cidade tem huma torre, donde se descobre toda a Cidade. As casas são todas muito boas, as ruas largas, direitas e bem calçadas, principalmente onde chamão a Cidade nova. Não lhe faltão praças, e algumas cubertas de arvoredo, que as faz muy diliciosas. Junto da Cidade ha huma fonte que lança agoa em abundancia, tanta que alli logo onde sae faz huma ribeira navegavel, que se chama Leret.

Daqui despahcarão os senhores Embaixadores o secretario Christovão Soares de Abreu a Paris (em companhia de Manoel Fernandes Villareal, que ali veyo de Paris esperar a suas Excellencias), para fazer a sua Magestade Christianissima sabedor de sua chegada e esperar ordem sua para entrarem na Corte; e fomos dormir a hum pequeno burgo chamado Artenê, que de Orliens fica 6 leguas, de maneira que andâmos este dia 13.

O seguinte, que forão 20, fomos dormir a Etampes, Cidade do pais de Xartrê, ou Beauce, e segundo outros Gatonoes, que foy jornada de 13 legoas, e toda a tarde nos choveo grossa agoa. De Orliens a Etampes he o caminho muyto agradavel. Tem esta Cidade titulo de Duquado, e de hum templo dedicado a nossa Senhora se descobrem muytos lugares, entre outros Angervilla, Turim e Artenê.

Ao outro dia, que forão 21, jantando em Angervilla, onde fazem sete legoas, fomos dormir a Paris, que são outras sete; e, tres antes de chegarmos a Paris, em hum burgo que chamão Pont Antoni,

achámos o secretario Christovão Soares, que disse tinha ordem para suas Excellencias se retirarem a huma casa particular por tres ou quatro dias, em quanto se acabavão de aparelhar algumas cousas, e suas Excellencias descansavão do trabalho do caminho.

Fizerãono assi suas Excellencias, entrando de noite em Paris; e logo ao dia seguinte o Conde Brulon, a cujo cargo estâ conduzir os Embaixadores naquella Corte, com hum tenente seu, por nome Monsiur Giró, veyo visitar a suas Excellencias e darlhes as vindas da parte de sua Magestade, e lhes perguntou como querião fazer sua entrada, se occultos, se á Real, (dizem á Real com apparato de coches), e o Monteiro mor lhe respondeo que os Embaixadores del Rey de Portugal não entravão senão de publico, pera que os vissem todos. O Conde Brulon lhes disse o estimava muito, e hia logo avisar a S. M. que estava muy impaciente de sua tardança, (termo seu de fallar para encarecer desejo grande de ver e fallar a alguem), e tornaria assentar com suas Excellencias o dia.

Em o mesmo vierão tambem fazer sua visita os tres Deputados de Catalunha, e em nome daquelle Condado offerecerse a servir e ajudar, em tudo que seu poder fosse, a el Rey N. S., sobre o que o Deputado Ecclesiastico fez huma elegante oração. Depois lhe pedirão tambem quisessem ser seus intercessores com el Rei Christianissimo. Em o mesmo dia, por via de Ruam, tivemos huma

carta em que nos davão por novas certas que o senhor Dom Duarte estava por ordem do Emperador reteudo em Ratisbona, e que dali tratava de o levar para Austria a alta, a hum Castello que chamão Nuestat, á instancia de hum Portugues renegado; *que tambem dos Portugueses, alguns traidores ouve algumas vezes*[1]; mas comfiança em Deos.

Tambem nos chegarão cartas com aviso de que os senhores Embaixadores de Inglaterra e Olanda havião chegado a Inglaterra, onde do parlamento forão com grande aplauso recebidos; que o tempo e a justiça favorecem sempre ao Principe legitimo.

Forão avisados suas excellencias que aos 25 do mes havião de fazer sua entrada, pello que tratarão logo de o faser saber aos demais Embaixadores estrangeiros residentes naquella Corte, e para isso forão decretados Pedro de Oliveiros interprete, Manoel Freyre de Macedo estribeiro do Monteiro mór, e João Franco Barreto seu secretario, os quais forão primeiramente á casa do Nuncio de sua Sanctidade, que lhes fez muytas honras e lhes perguntou muyto pelo miudo o successo de nossa restauração, estado do Reyno, idade e disposição del Rey nosso Senhor, se tinha filhos e quantos, a que tudo se deu reposta conveniente; e o Nuncio ultimamente lhes disse como o Marques de Castello Rodrigo fora chamado de Roma a Napoles, donde despois o fazião hir a Germania; e dandolhes duas cartas para

[1] Camões, *Lusiadas,* Canto IV, XXXIII.

Dom Vincelo Mobile, agente do Colleitor passado, os veyo acompanhando até á sala.

Forãose logo daqui os tres a casa do Embaixador de Inglaterra, a quem não puderão falar por estar com o de Suecia em conferencias, e assi deixarão o de Suecia e forão ao de Olanda, o qual, chegados os Portugueses a sua presença, erguendo as mãos ao Ceo, com a boca chea de riso, e com grande admiração, disse: que de inimigos que eramos, viessemos a ser amigos! Detiveraõse com elle muyto em lhe dar relação do socedido em a acclamação delRey nosso Senhor, que elle ouvia com tanto gosto e contentamento como se Olanda fora a que cobrara tamanho bem; á despedida os acompanhou até á escada.

Tornarão outra vez a casa do Embaixador Ingles, e ao recado de suas excellencias respondeo: que elle e toda sua casa estavão prestes ao serviço de suas Excellencias, mas que os advertia que nenhum dos Embaixadores avião de hir acompanhalos, em rasão das preferencias, em que havião socedido muytas desgraças; o que, considerando suas Excellencias, como prudentes que erão, lho devião perdoar se elle o não fizesse, mas que mandaria o coche; acompanhounos até a escada.

Forão logo ao de Suecia e desculpou-se de lhes não fallar, por estar indisposto em cama; e assi forão ao de Saboya, e logo ao de Florença, que lhes fizerão grandissimas honras; logo ao de Genova, que por haver ja estado em Lisboa, no tempo que el Rey

Philippe Terceiro de Castella veyo a ella, conhecer e haver fallado a el Rey nosso Senhor, quando Duque de Barcellos, lhes não quis fallar sem primeiro com elle se acentarem ao lume, porque era grande o frio que então fasia, ao qual os entreteve grande parte do dia em varias perguntas e respostas, e á despedida os acompanhou até a escada. O Embaixador de Mantua, o Tenente do Lantgrave, e o secretario de Parma, que logo forão buscar, estavão ausentes da Corte.

A 25, pois de Março, dia da Anunciação da Virgem Nossa Senhora, em cujos dias succederão quasi todas nossas felicidades e bons successos, forão os senhores Embaixadores, despois de jantar, que por esta razão foi mais cedo, occultos aonde chamão Villete, alguma meya legoa fóra de Paris, e numa casa de prazer de hum homem meyo Portugues, que em seus principios foi lapidario em Hespanha e agora ourives naquella Corte, esperarão a ordem de Sua Magestade. E entretanto aquelle honrado homem, que chamão Monsiur de Jardim, fez pôr na mesma sala onde suas Excellencias estavão e muita gente que a vellos ocorria, Madamas e Monsiures, huma mesa redonda, que logo se cobrio de varios doces de Hespanha, Italia e França, para que os senhores Embaixadores tomassem primeiro huma refeição; e porque elles a recuzavão, por ser Quaresma e dia de jejum, se levantarão algumas damas da obrigação ou amisade do proprio dono da pousada, e tomando os pratos, os levárão a offere-

cer a suas Excellencias, que ouverão mister muito pera lhes fazer crer que não os recusavão por inchação Portuguesa, mas por obrigação da Igreja, cujo preceito de nenhum modo quiserão violar. E tudo foi logo distribuido por todos os circumstantes, pera cujos postres avião muito bons vinhos, Malvasios, Canarios e do País.

A esta casa chegou pellas tres da tarde o Marichal de Xatilhon, pessoa de idade de sessenta annos, valerosissimo soldado; decerão suas Excellencias ao patio a recebello, e elle lhe disse como em nome de sua Magestade vinha para os acompanhar; agradecerão suas Excellencias a mercê que sua Magestade lhes fazia, em lhes mandar pessoa de tanta authoridade e nome, e despois dos devidos comprimentos, subirão á sala, onde estiverão em conversação aguardando viesse o Conductor, que chegou daly a huma hora; e avendose ja ajuntado muytos coches de senhores, e muytos senhores em seus coches, partirão suas Excellencias de Villete pellas quatro da tarde, e a ordem que os coches levarão foy esta. O primeiro coche era del Rey, em o qual hia o Monteiro mór com o Marichal num estribo, e o Doutor Antonio Coelho de Carvalho com o Conde Brullon em outro, e no espaldar hum Deputado de Catalunha, que servia de interprete. O segundo coche era da Raynha, em o qual hia Pero de Mello, filho do Monteiro mór, e o Secretario Christovão Soares de Abreu e tres filhos do Marichal. O terceiro era da sobrinha del

Rey, Anna Maria Carlota de Borbon, filha unica de Monsiur Gastão. O quarto do Monteiro mor, o quinto do Doutor Antonio Coelho de Carvalho, o sexto de sua Eminencia, o septimo do Principe de Condé, primeiro do sangue [1] naquelle Reyno, cuja molher, por elle estar ausente, mandou por um seu gentilhomem visitar aly a Villete a suas Excellencias, e a lhes offerecer, alem do coche, tudo o mais que necessario fosse de sua casa. A estes seguio a demais turba de coches, os quais me affirmaram muitas pessoas que os contarão, que passavão de cento e sincoenta, os mais delles de seis cavallos. A gente que a esta entrada acodio não tinha numero, qual a pé, qual a cavallo e qual em coche. E se affirmou, que de 40 annos a esta parte não entrou naquella Corte Embaixador algum com igual magnificencia, e a quem tanta honra e festa se fizesse.

Forão suas Excellencias aposentados em humas casas del Rey, que servem de agasalhar os Embaixadores extraordinarios, e assi tem sobre a porta da rua hum letreiro, com letras de ouro sobre negro, que diz: *Aposento dos Embaixadores extraordinarios;* e em Paris são muito usados estes letreiros em casas nobres, e assi lemos por varios bairos da cidade: Casas do Principe de Condê; Casas do Duque de Longavilla: Casas do Conde de Suason, etc. E os mecanicos tem cada qual á janella, ou porta,

[1] Deve entender-se: *primeiro principe do sangue.*

huma taboa com sua insignia, como em Lisboa vemos as janellas dos bordadores e vestimenteiros. E assi he muito facil acertar com a casa de quem queremos, sabendo a rua e a insignia; e tudo he necessario pera a confusão daquella Babylonia. Está este aposento dos Embaixadores extraordinarios no burgo de Sam Germão, em a rua de Turnon, junto aos Paços da Raynha mãy, chamados o Luxemburg, de que adiante farey menção; e avia sido do Marichal de Anchra, o qual morrendo o anno de 1617 ás punhaladas e pistoletadas, como o Secretario Miguel de Vasconcellos, foi seu corpo arrastado pelas ruas da cidade, esquartejado e queimado, sua casa saqueada, e confiscados seus bens para a Coroa. Os tres primeiros dias da entrada de suas Excellencias fez sua Magestade Christianissima o gasto conforme a sua grandeza.

A quarta feira de trevas 27[1] de Março, sendo avisados o dia de antes, forão suas Excellencias a Sam Germão beijar a mão a sua Magestade e proporlhe sua embaixada. Foi seu conductor o Duque de Xevrosa, tio do Duque de Guisa, o qual os veyo buscar em hum coche del Rey, e noutro da Raynha veyo tambem o Conde Brullon; e, com sete coches mais, partimos de Paris pellas oito horas e chegamos a Sam Germão, que está de Paris sinco legoas, pellas onze.

[1] Foi aos 27, e não aos 24, como diz o texto da 1.ª Edição, por engano do autor ou erro de composição.

Tinha el Rey já comido, e assim em suas Excellencias chegando, logo lhes deu audiencia. Esperouos em huma camara, onde estava assentado em huma cadeira de veludo carmesi ao lado de hum leito guarnecido do mesmo, o que he costume daquelle Reyno, porque assi o fizerão todos os grandes delle a quem os senhores Embaixadores visitarão, e ainda os mesmos estrangeiros que por Embaixadores assistem naquella Corte; como despois os nossos fizerão algumas vezes, seguindo o uso da terra.

Entrando os senhores Embaixadores, com os ditos Duque de Xevrosa e Conde Brullon, e nós todos diante, sua Magestade se ergueo, e dando tres ou quatro passos apressados, que assi são suas acções todas, os levou nos braços, mostrando grandissimo contentamento de os ver; que o Principe soberano tanto mostra sua tenção por suas acções como por suas palavras; porque, como disse hum discreto, cada sentido tem sua lingoagem particular.

Quis o Monteiro mór propor a embaixada, segundo levavão por regimento, mas el Rey o não quis ouvir, sem que primeiro ambos de dous se cobrissem; fizerãono assi, e proseguindo o Monteiro mór, conforme a instrucção, lhe deu ultimamente a carta del Rey nosso Senhor, cujo theor he o seguinte:

«Muito alto e muito poderoso e Christianissimo

«Principe, Irmão e Primo. — Eu Dom João, por «graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, «daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné, «e da conquista, navegação e comercio da Ethio-«pia, Arabia, Persia e da India etc. Envio muito «saudar a Vossa Magestade como aquelle que muito «amo e prezo. Avendome Deos Nosso Senhor feyto «mercê de me restituir á Coroa destes meus Rey-«nos, que por Elrey de Castella erão injusta e tyra-«nicamente usurpados; e dos quais sem contradi-«ção, e com geral aplauso e contentamento de meus «vassalos, estou de posse; e lembrandome da ir-«mandade, paz e alianças, boa amizade e correspon-«dencia que entre os senhores Reys nossos prede-«cessores sempre ouve, e das mayores rasões e con-«veniencias que agora se offerecem, para se averem «de renovar e estabelecer entre nós com dobrados «vinculos e seguranças, me pareceo enviar logo a «Vossa Magestade por meus Embaixadores a Fran-«cisco de Mello, do meu concelho e meu Monteiro «mór, e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho, «do meu conselho e meu Desembargador do Paço, «dos quais, por suas qualidades, partes e experi-«encia, faço toda a mayor confiança, pera que em «meu nome dem conta a V. Magestade de minha «restituição a esta Coroa, e lhe signifiquem o bom «animo e particular desejo com que estou para aver «de confirmar e restaurar as antigas amisades e «confederações, e as acrescentar muito em beneficio «de nossos Reynos e vassallos.

«A tudo o que os mesmos meus Embaixadores «disserem e propuserem de minha parte, que peço «muito encarecidamente a V. Magestade que mande «dar inteira fee e credito, como á minha propria pes«soa; e o que elles assentarem, prometerem e capitu«larem, cumprirey e mandarei cumprir, manter e «executar, sem duvida nem falta alguma, ao que «por esta carta me obrigo e o prometo debaixo de «minha palavra e fee Real, tendo por certo que «receberão de Vossa Magestade o favor, bom trata«mento e breve despacho que he razão.

«Muito alto e muito poderoso e Christianissimo «Principe, Irmão e Primo, Nosso Senhor aja a «pessoa de Vossa Magestade e seu Real estado «em sua sancta guarda.

«Escrita em Lisboa a 22 de Janeiro de 1641 annos.»

As honras que sua Magestade em esta occasião fez aos senhores Embaixadores, forão tantas que não as posso relatar. Finalmente prometeo logo mandar em soccorro nosso a armada com que neste porto entramos; e todo favor e ajuda que em seus Reynos ouvesse, até vir elle em pessoa, sendo necessario; que a atadura da irmandade, como em hum de seus *Panegyricos* disse Monsiur de la Marca, nos obriga a que ajudemos aos que estão trabalhados com sobrada violencia ou extrema tyrannia. E á despedida os tornou abraçar, com a boca sempre cheya de riso.

O tumulto de gente, que comnosco entrou naquella camara del Rey, que não era grande, não tinha conto; porque os Reys de França são tam familiares e communs aos olhos de seus vassallos (como já alguem notou) que a todo homem, e de qualquer estado e condição que seja, permittem penetre até sua camara, veja o que faz e ouça o que diz; da qual brandura e estillo de condição dizem alguns que nasce ser a nação amantissima de seus Reys, se bem não falta quem crea que isto os faz menos respeitados.

Erão horas de jantar, e assim o mesmo Duque de Xevrosa e o Conde Brullon condusirão os senhores Embaixadores a huma casa, dentro dos mesmos Paços, onde se lhes pos a mesa, a que elles jantarão lauta e magnificamente; e nós outros todos em outra casa aly proxima da mesma sorte, se bem nesta segunda mesa ouve pessoa que deixou de comer por falta de hum pucaro de agoa, que nem por Deos nem por Sancta Maria lhe quiserão dar, sendo que a pedia como lá o avarento da Escriptura ao pobre Lazaro; de maneira que estando a mesa com tantas e tam excellentes iguarias diante de sy, padecia as mesmas penas de Tantalo; vinho quanto quisessemos, e o melhor de França.

Acabando de jantar, fomos todos logo ver o Castello novo, que he hum edificio magnifico e real, onde se vem seis gallarias muito famosas e quatro ou sinco grutas sotteráneas, feitas de rocha artificial e engenhosamente guarnecidas de embrechado, em

o qual se representão varias figuras que de sy lanção muita agoa. A primeira gruta chamão de Orpheo, por huma estatua que aly se vê sua do tamanho de qualquer homen, com huma viola de arco em as mãos, acentado em a borda de hum tanque, que cobrem muitas arvores, em as quais se mostrão diversos passaros, e por entre ellas varios animais; e aberto o registo, começão a correr grossos tornos de agoa sobre o tanque, toca Orpheo a lira, saltão nagoa artificiosos peixes, meneãose as arvores como que querem dançar, ouvemse nellas varias aves, e por entre as artificiosas rochas, a hum lado e outro do musico Orpheo, sae toda especie de animaes, tão proprios que parecem vivos. E abrindose a penha, que lhe fica nas espaldas, se representa o inferno, e em companhia de Plutão e de Proserpina, se vê logo vir Euridice para ser entregue a seu fiel amante, se bem com aquella dura ley tam sabida. Mostrase mais Hercules trazendo a rastos por huma cadea ao cão Cerbero, e seus amigos Thesseo e Perithoo roubando a Proserpina. Apparecem Tantalo de bruços sobre o rio, Ixiam na Roda, Prometeo debaixo da Aguia, e outros miseraveis, que a antiguidade fingia serem condenados a diversos tormentos no inferno. Cerrouse outra vez a penha, e tornandose a abrir, se representou hum fermoso Ceo, e nelle el Rey, a Raynha e Delphim, e outras personages, muitos navios embaixo por mar, e muitos coches e cavalleiros por terra. E tanto que daqui sairão suas Excellencias e os

demais senhores que os acompanhavão, foy tanta a agoa que por entre os busios, conchas e pedrinhas do embrechado sahio, como do solio e paredes, que os demais sairão, como dizem, feitos huns patinhos.

Em a segunda gruta se representão huns orgãos, com o organista, os quais por engenho de agoa soão suavissimamente, e a seu som respondem de huma e de outra parte artificiosas aves.

Em a terceira gruta se mostra hum Neptuno com seu Tridente, sobre o carro, o qual ao som de huma buzina, que diante vem hum Tritão tocando, he tirado de dous cavallos brancos; e, dando huma volta ao redor do tanque com muita solemnidade, se torna a recolher em o concavo daquellas mentirosas penhas.

Em a quarta gruta apparece huma Andromeda atada a huma rocha, e levantando-se da agoa de hum tanque que representa o Oceano hum monstro marinho, dêce Perseo no cavallo Pegaso, e dandolhe com a espada grandes golpes, se representa por artificio e movimento das agoas quanto acerca disto contão os Poetas em seus versos.

Em a quinta gruta está hum dragão, que pellos mesmos artificios move as azas, levanta a cabeça e a abaixa, vomitando quantidade de agoa, e em o interim se ouvem artificiosos roixinois, que cantão muy docemente.

Ha outra gruta seca, para tomar fresco em os calores do Estio. As gallarias e camaras são todas

ornadas de bellissimas estatuas e pinturas; obra tudo de Henrique IV, pay do Rey que ora vive.

O Castello velho he devido a el Rey Carlos V, dito o Sabio. Tem hum grandissimo bosque de azinhaes em o qual ha muita caça, e se ve aly huma grande pedra, onde foy tratada alguma traição, pella qual se chama o bosque da traição.

Vistas as grutas, forão os senhores Embaixadores beijar a mão á Raynha. Estava assentada em huma cadeira raza de veludo carmesi (porque em França não ha uso dos estrados de Espanha) e noutra junto a ella huma senhora, que dizião ser filha de hum Principe de sangue, porem descuideime em perguntar de qual delles o era. Chegando os senhores Embaixadores, se levantarão, e S. Magestade muito alegre e risonha deu tres ou quatro passos, onde se deixou ficar a recebellos. Quis o Monteiro mór darlhe conta de sua embaixada, mas S. M. o não quis ouvir, até que elle, e o Dr. Antonio Coelho de Carvalho, se não cobrirão; e, ainda que S. M. sabe muito bem a lingoa Castelhana, como quem naceo e se criou nella, ouvia e respondia por meyo do interprete Pero de Oliveiros, que para suas cãs e pessoa, tinha muita authoridade.

Propuserão os senhores Embaixadores sua embaixada; e sua Magestade lhes respondeo que estimava muito a felicidade e bom successo do Reyno de Portugal, que Deos quisesse conservar e augmentar por largos annos, e que tudo que em sua mão fosse, faria pello bem delle. Deulhe entam o

Monteiro mór a carta que levava da Raynha nossa Senhora, e com isso, tornando a beijarlhe a mão, se despedio. A carta dizia na maneira seguinte:

«Muito alta e muito poderosa e Christianissima «Princesa, Irmãa e Prima. — Eu Dona Luiza, por «graça de Deos, Raynha de Portugal, e dos Algar«ves d'aquem e d'alêm mar em Africa, Senhora de «Guiné e daconquista, navegação e comercio da «Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc — Envio «muito saudar a Vossa Magestade como áquella que «muito amo e prezo. A Francisco de Mello, do con«celho del Rey, meu Senhor, e seu Monteiro mór e «Embaixador, ordeno que com esta carta visite a «Vossa Magestade de minha parte, e peça a Vossa «Magestade boas novas de sua saude pera mas enviar, «significando a Vossa Magestade quanto as desejo «e hei de estimar; e que me são presentes as gran«des razões que se offerecem pera aver de ser assi, «e pedir a Vossa Magestade instantemente, como «o faço, que admitta esta demonstração de meu «animo, como se deve á boa vontade de que procede, «que mais particularmente representará a Vossa «Magestade o mesmo Embaixador, a cuja relação «me remetto. — Muito alta e muito poderosa e «Christianissima Princesa, nosso Senhor haja sem«pre a pessoa de Vossa Magestade e seu real estado «em sua sancta guarda. — Escrita em Lisboa a 22 «de Janeiro de 1641.»

Não se póde encarecer a lhaneza e affabilidade com que esta Princesa nos recebeo, e fallou a todos os que quisemos chegar a beijarlhe a mão. Estava acompanhada de muitas damas, de cuja fermosura não digo nada, porque talvez he merito emmudecer de respeito; e, como o Sabio disse, todas as cousas difficultosas não as pode homem explicar com palavras. Mas he impossivel que os que estão junto do Sol não sejão illustrados dos rayos do mesmo Sol.

Forão daqui os senhores Embaixadores, e nós todos, beijar a mão ao Delphim. Delphim se chamão os filhos primogenitos dos Reys de França, pella doação (como he sabido) que Humberto, ultimo Delphim de Vienna, cidade entre os Alobroges, fez a Philippe de Valoes Rey de França, com condição que aquelle estado ficasse pera os Principes herdeiros de França, e o donatario se chamasse Delphim.

Nasceo este Principe aos sinco de Septembro de 1638, entre as onze e o meyo dia, em Sam Germão em Laya, e se cre foy por milagre dado a suas Magestades, despois de 22 annos de casados; e, como o Ceo he sempre mais liberal em nos dar seus bens que nós em lhos pedir, apos o Delphim, lhes deu o Duque de Anjú, que naceo em Septembro passado de 640. E permittira Deos darlhes muitos mais, que os filhos dos Reys em o Reyno são como as estrellas em o Ceo, que a copia e a multidão o faz mais bello e mais fermoso, donde

o nosso poeta em hum canto de seus *Lusiadas* disse:

> Vimos a parte menos rutilante,
> E por falta de estrellas menos bella [1].

Nem o Delphim, nem o Duque tem ainda nome, que os Reys de França em o darem a seus filhos observão muytas cerimonias.

Este lugar se chama Sam Germão em Laya, em differença de Sam Germão de Paris, e he antiga habitação dos Reys de França, principalmente desde Francisco Primeiro, que renovou e reparou o Castello velho, sua continua morada por razão da muita caça que em seus grandes bosques e florestas tem, a que era muyto inclinado; e pela estrada, em grandes campinas, que pello caminho que vay a Paris lhe ficão de hum e de outro lado, são tantos os coelhos e veados que não sey tantas bocas de que se sustentão.

Tem ordinariamente el Rey muita gente paga para guarda de sua pessoa, a saber, huma companhia de Escoceses, outra de Suizaros, e tres de Franceses; e alem disto hum regimento de Suizaros e outro de Francezes, com suas cabeças, officiaes e mestres de campo, e huma companhia de mosqueteiros, ou guardas a cavallo, que el Rey presente instituio, de que elle proprio he cabeça.

A companhia Escocesa he a primeira e mais an-

[1] Camões, *Lusiadas,* Canto V, XIV.

tiga, e assi precede as outras e goza de grandes privilegios; trazem humas cazacas brancas, cubertas de escamas de prata dourada, e na lingoa Francesa são commumente chamados Hoquetons; e estes são os Archeiros, assi chamados porque antigamente usavão de arcos. As tres companhias Francesas forão instituidas por tres diversos Reys, e trazem sobre suas armas e casacas as cores da libré e as divisas do Rey que reyna. Os cem Suizaros trazem a libré del Rey com alabarda e vestem ao modo de seu Pais, e acompanhão a el Rey a pé. Tem el Rey alem destas companhias e regimentos vinte e quatro archeiros, que são os mais chegados a sua pessoa. E cada companhia tem seu capitão, e todos senhores calificados. Não digo dos officios da casa Real, porque espero fazello muito cedo em livro particular.

Voltamos em o mesmo dia a Paris; e ao seguinte, que foy quinta feira de Endoenças, tiverão os senhores Embaixadores aviso para ir fallar a sua Eminencia o Cardeal de Richieliu; e por este respeito não aceitarão a visita do Embaixador de Olanda, que no mesmo dia lhes mandára pedir licença para os ver, mandandolhe dizer a causa e que daly por diante, o podia sua Excellencia fazer quando servido fosse.

Veyo pois o Cardeal a Paris (por evitar a suas Excellencias o trabalho de ir a Ruel tres legoas de Paris) e os senhores Embaixadores lhe forão fallar, condusidos tambem do mesmo Conde Brullon.

Sahio sua Eminencia duas casas fóra a recebellos, e pegando logo de huma mão ao Monteiro mór (de quem por alguma informação devia ter conhecimento) os foy levando pera huma camara, onde, ao lado de hum leito de veludo negro, estavão tres cadeiras guarnecidas do mesmo, em que todos tres se assentarão; e o Monteiro mor lhe deu conta de sua embaixada.

Sabe sua Eminencia a lingoa Castelhana tão bem como se fora criado em Toledo; e porque o Monteiro mór a não fallava, lhe perguntou se a sabia. O Monteiro mór lhe respondeo que sy, mas que não a fallava, porque era tam grande o odio que aos Castelhanos tinha, que nem de sua lingoagem queria usar; ao que sua Eminencia replicou: «*No importa, que las lenguas no pelean*».

E assim daly por diante fallarão de parte a parte em Castelhano; e o que ultimamente respondeo sua Eminencia foy, que não somente havia de vir a Portugal a armada que sua Magestade prometera, mas por General della e Embaixador extraordinario o Marques de Bresé, seu sobrinho e herdeiro de sua casa. Perguntou miudamente pello successo de Portugal e sua felice restauração, que o Monteiro mor lhe referio, resumindo toda sua larga historia a hum breve e elegante epitome. Acerca do direito de sua Magestade a este seu Reyno se não fallou, porque este, como disse aquelle grande Secretario de Philippe Segundo de Castella, he como o fogo, que ainda que o afoguem com violen-

cia e perca o acto por algum espaço, nam póde perder a verdade natural, que possue do direito que a natureza lhe deu. Deulhe o Monteiro mór a carta, que lhe levava, del Rey nosso senhor, cujo theor he o seguinte:

«Eminentissimo em Christo Padre e muito ex-«cellente Duque, Par de França. — Eu D. João, «por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves, «daquem e dalém mar em Africa, Senhor de Guiné, «e da conquista, navegação e comercio de Ethio-«pia, Arabia, Persia e da India, etc.

«Envio muito saudar a Vossa Eminencia, como «aquelle que muito amo e preso: enviando a Fran-«cisco de Mello, do meu Concelho e meu Monteiro «mór, e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho, do «meu Concelho e meu Desembargador do Paço, por «meus embaxadores á Magestade del Rey Christia-«nissimo, meu irmão e primo, pera lhe dar conta de «minha restituição á Coroa destes meus Reynos, e «de outros negocios de grandissima importancia, «me pareceo ordenar lhes que dem a Vossa Emi-«nencia da minha parte a mesma conta, e lhe re-«presentem a grande estimação que faço de sua «pessoa, e que desejo que Vossa Eminencia o en-«tenda assi e se certifique de que, em todas as oca-«siões que se offerecerem, achará em mim a boa «amisade e correspondencia devida ao muito que «espero, e me prometto de Vossa Eminencia, e de «seu valor e prudencia. A tudo o que os ditos

«meus Embaixadores disserem, e propuzerem de «minha parte, peço muito a Vossa Eminencia que dê «inteira fé e credito, como a minha propria pessoa, «tendo por certo que, pera seu bom e breve despa- «cho, lhe será de muito effeyto a ajuda e protecção «de vossa Eminencia.

«Eminentissimo em Christo Padre e muito Exce- «lente Duque, Par de França, Nosso Senhor tenha a «pessoa de vossa Eminencia em sua sancta guarda. «— Escrita em Lisboa em 21 de janeiro de 641 an- «nos.»

Sua Eminencia a guardou, e, despedindose os senhores Embaixadores, elle os veyo acompanhando até a escada, por mais que suas Excellencias lho quiserão impedir; porque dizia que aos Embaixadores del Rey de Portugal se devião as mesmas honras que aos Embaixadores do Papa, e aos do Emperador, e não largava a mão da do Monteiro mor. E, se as palavras são rama e folhas do coração, como disse hum discreto, não ha duvida que sempre ajudará a defender nosso direito o poderoso braço do grande Cardeal Duque de Richieliu, alma do Imperio e Estado Frances, cujas gloriosas acções epilogou em dous *Panegyricos* Dom Francisco de la Marcha, parisiense, os quais, pello muito que á memoria de sua Eminencia devemos, prometo dar traduzidos despois de esta Relação. Chamase sua Eminencia João de Plessis, e intitulase Duque de Richieliu, Fronsaco, Cardeal da Sancta See, Par

de França; será de idade de 55 para 60 annos, prudente nos ditos, grave nas sentenças, agudo nas respostas e incomparavel na experiencia; engenho sempre vivo, animo sempre candido e puro, espirito sempre nobre, entendimento bem composto e muy desembaraçado; severo para os maos e alegre para com os bons, sempre justo e sempre inteiro; varão em tudo perfeito. Porem difficultosamente poderá pena douta de escriptor eloquente declarar outros muitos nobres dons naturaes e acquiridos, e outras muito nobres virtudes, do animo de sua Eminencia. Dizem tem de renda propria perto de trezentos mil escudos. O aposento, que em Paris tem, he tam grandioso, que sendo de hum vassallo, mostra bem a grandeza do Monarcha. Tem sempre consigo huma boa guarda; que a inveja da privança (disse quem a tinha bem experimentada) he comparada ao pó, do diamante preparado, que roe insensivelmente.

Mas porque alguns curiosos desejarão saber, e com muita razão, a pratica que o Monteiro mór faria a suas Magestades Christianissimas e a sua Eminencia, em a relação de sua embaixada, e assi os negocios que elle e seu companheiro tratarião nella, me pareceo acertado trazer aqui a instrucção que el Rey nosso Senhor lhes mandou dar para seu regimento, porque do theor della se poderá facilmente colligir huma e outra cousa; dizia pois assi:

«Francisco de Mello, meu Monteiro mor e do meu

Conselho, e Doctor Antonio Coelho de Carvalho, do meu Conselho e meu Dezembargador do Paço, Amigos: Por a particular confiança que faço de vossas pessoas, e zelo pera as couzas de meu serviço de mayor importancia, tendo por serto, que nas de que vos encarregar, procedereis a todo meu contentamento e satisfação, ouve por bem de vos enviar por meus embaxadores a El Rey Christianissimo de França, e mandar vos dar sobre os negoçios que haveys de tratar a instrucção seguinte.»

«Partireis desta cidade de Lisboa no navio que vos está sinalado, quanto mais brevemente for possivel, e fareis vossa viagem em dereitura á França, e do porto que tomardes, (que convirá ser o que fique mais vezinho ao lugar em que El Rey se acha) lhe dareis logo conta, e ao Cardeal de Rochilieu, pello secretario da Embaxada, de vossa chegada, e de como vos envio por meus embaxadores, pera que vos avizem da parte adonde haveis de hir tratar dos negocios que levais a cargo, e tanto que tiverdes reposta, o executareis sem perder hora de tempo.»

«Em todos os actos e lugares em que concorrerdes ambos os Embaxadores, preçederá o Monteiro mor, tomando a mão direita e fallando primeiro.»

«Levais cartas minhas e coppias dellas pera El-Rey Christianissimo e pera o Cardeal, que dareis na primeira vista, pera haverdes de começar a proposição dos negocios, a qual ha de ser:»

«Que reconhecendo a nobreza, e povos destes Reynos, o direito e justiça que eu tinha há Coroa delles, como netto legitimo, barão mais velho, e herdeiro da Serenissima Senhora Dona Catherina, minha Avó, que sancta gloria aja, immediata succçessora e herdeira do senhor Rey Dom Henrrique meu tio, que falleceo sem deixar successão, por ser sua pessoa mais conjuncta em sangue e parentesco, ao mesmo senhor Rey Dom Henrique, e filha do Serenissimo Senhor Inffante Dom Duarte meu Bisavô, á qual El Rey Dom Phellippe segundo de Castella violentamente e por força de armas havia uzurpado estes Reynos, e atégora forão continuando a individa occupação delles seus filho e netto Dom Phellippe 3.º e Dom Phellippe 4.º; estimullados estes meus Vassallos das tiranias, injustiças, e vexações com que os dittos Reys intrusos, e seus Menistros Castelhanos, os opprimião e molestauão, não lhes goardando suas leys, foros, e previllegios, gastando e consumindo o patrimonio da Coroa, e as fazendas dos particulares, com tributtos e pedidos intoleraveis, pera despezas superfluas, e guerras escuzadas e illicitas, quebrantando os consertos e capitulações de amizade e comercio, que os senhores Reys meus predeçessores sempre tiverão com os Princeppes, e nasções da Europpa, se resolverão a libertar estes Reynos do jugo injusto e tiranico dos Castelhanos, no que eu ouve de consentir por descargo de minha consciencia, e restituição de meu direito e justiça, e da liberdade de

meus vassallos; e assy no primeiro dia do mez de Dezembro do anno passado de seiscentos e quarenta, fui nesta cidade de Lisboa appellidado e alevantado por Rey, sem contradição alguma, e dentro de breves dias se fez o mesmo em todas as çidades, villas, e lugares destes Reynos, com geral aplauso e consentimento, e se me renderão e entregarão, sem golpe de espada, o Castello desta cidade, e todas as mais fortalezas da barra, e lugares maritimos em que havia goarnição de gente castelhana; e em os quinze do mesmo mez de Dezembro fui solemnemente jurado, acclamado, e obedeçido por Rey, e pera rebater os cometimentos que da parte de Castella pode haver pellos lugares das fronteiras, tenho enviado ás Provincias confinantes com aquelle Reyno, Capitães geraes, e gente de guerra bastante, não sóo pera a resistencia, mas pera entrar por suas terras, a tomar satisfação das perdas e damnos recebidos em todo o tempo da individa occupação destes meus Reynos.»

«E que logo que fuy restituido a elles, lembrado da irmandade, paz, e alianças que entre os Senhores Reys Portuguezes e Francezes, nossos Predecessores, sempre ouve, conservada e continuada com boa vezinhança e comrespondencia de nossos vassalos, por meo do comercio e comunicação livre, que em ambas as partes ouve em todos os tempos, e das grandes rezões que na prezente se ofereçem pera se haver de restaurar e acrescentar muito; me pareçeo enviarvos por meus embaxado-

res, pera dardes de minha parte conta a El Rey christianissimo de minha restituição a esta Coroa, e lhe offerecerdes e assentardes a amizade, paz e alianças que dezejo ter com elle, pera cujo effeito proporeis:»

«Que de parte a parte haja irmandade, paz e liga, em todas as provincias, estados, lugares, mares e portos, de ambas as Coroas, incluindosse nesta confederação os Reys, Princeppes, Potentados e Republicas que tiverem aliança, paz, ou tregoas, com ambas as Coroas, ou com alguma dellas, que particularmente se expressarão, e nomearão nas capitulações que se fizerem, para que de nenhuma maneira faça hum Rey guerra aos amigos e confederados do outro, nem possa dar ajuda, favor, ou assistencia de gente, dinheiro, navios, armas, munições e bastimentos a seus enemigos e contrarios por qualquer via que seja.»

«Que a esta liga serão admittidos especialmente os estados das Provincias unidas de Olanda, Zelanda e Friza, querendo entrar nella; com as condições que se assentarem e capitularem a approvação de ambas as partes;»

«Que o principal intento e fim desta liga, será fazersse por todas as vias a guerra a El Rey de Castella por mar e terra, invadindo o El Rey Christianissimo a hum mesmo tempo em Hespanha pello Reyno de Navarra, que de direito lhe pertence, pera o haver de cobrar em occasião tão opportuna, e pellas Provincias de Biscaya e Guipuscoa, e em

Italia pello estado de Millão, e fazendo eu o mesmo pellos Reynos de Castella e Leão, que estão faltos de resistencia como he notorio, fazendo tambem os estados das Provincias unidas o mesmo pellos Paizes de Frandes, com o que pareçe infalivel haversse de acabar de descompor desta vez a Monarchia Castelhana, e reduzir a El Rey de Castella a termos de se perder de todo, ou aseitar os partidos que se lhe quizerem dar.»

«Que ás cidades e Povos do Principado de Catalunha, que por deffença de seus foros e liberdade tomarão as armas, daremos toda a assistencia e favor conveniente pera se conservarem, levando adiante a empreza que tem comessado, e El Rei Christianissimo os ajudará mais particularmente, conforme a mayor comodidade que pela vizinhança ha pera o poder fazer:

«Que das Armadas que El Rey Christianissimo tem no mar, que fará aprestar logo, haja de enviar a estes mares, por todo o mes de Abril, vinte naos grossas de guerra, bem artilhadas, e petrechadas de armas, polvora, munições e bastimentos pera hum anno, pera que juntas ás que vierem de Olanda, e a minha Armada, (que a toda a pressa se está apreçebendo e constará de mais de vinte galiões de muita forssa), possão não somente senhorear estes mares, e desfazer a Armada Castelhana que assiste em Cadiz, muito desaperçebida, e falta de tudo, mas ainda occupar em terra os portos da mayor importancia, e sustentalos, e fazer preza na

frotta das Indias Occidentaes que ficou invernando nellas, esperando a nas paragens que forçosamente haverá de demandar, facção de tão grande importancia que, conseguindosse, remataria felicemente a guerra; e o que importar a preza que nella se tomar, se repartirá por iguaes partes;»

«Que emquanto durar a guerra com Castella, se hajão de ajuntar, todos os annos, as armas e forsas da liga por mar pera os mesmos effeitos, acrescentando ou deminuindo o numero de navios e gente, conforme as occurrencias do tempo e ocasiões que ouver.»

«Que desta liga e confederação se não poderá apartar hum dos contrahentes sem consentimento dos outros, nem fazer tregoas, paz, ou composição alguma, e de tudo o que por parte de El Rey de Castella se propuzer a qualquer dos ligados, se dará conta e comunicará aos outros, pera que de comum consentimento e acordo se trate, resolva e assente uniformemente:»

«Que El Rey Christianissimo me haverá de assistir com alguma cavalaria Françesa, sendo neçessaria, e assy com cabos e officiais praticos da guerra, aos quaes todos se pagarão seus soldos, e que dará provizão pera que de França se tirem pera estes Reynos, armas, polvora e munições, e seus vassallos as naveguem, e tragão a elles a vender livremente;»

«Que o comerçio comutação e trafico, entre os Vassallos de ambas as coroas, será geral livre e

franco, e como foi em tempo dos senhores Reys Portugueses, pera que da parte a parte naveguem aos portos dellas, e possão vender suas mercadorias, fazendas e empregos, e tirar os procedidos e retornos dellas, sem que se lhes faça reprezaria, vexação, embargo, ou molestia alguma, antes serão em tudo favorecidos, e se lhes guardarão inteiramente seus previlegios e isenções, e se lhes concederão outros de novo, sendo justo e neçessario.»

«Vindosse de parte de El Rey Christianissimo (como espero) na conçessão das propostas refferidas, tratareis logo do effeito e concluzão dellas, assentando e capitulando o que não tiver necessidade de se me comunicar, e dos pontos em que ouver duvida, ou se propuzerem de novo, me dareis conta, despachando embarcações ligeiras, pera que se vos responda, e se possão ajustar com a brevidade que tanto importa, ganhando o tèmpo na execução das facções da guerra, de que depende a mayor parte dos bons successos della.»

«Ao Cardeal de Rochilieu significareis em meu nome, a particular estimação que faço de sua pessoa, valor e prudencia, e que tenho por serto que na occasião prezente se conheçerá com mayores evidencias, em beneficio de seu Princeppe, e grandes augmentos da Coroa de França e da opinião que elle tem grangeado, por meio do zelo e boas desposições com que os procura, e que em mym achará sempre a boa vontade e comrespondencia que he rezão, para folgar de o comprazer, e lhe

mostrar o devido aggradecimento do que espero que obre.»

«A Raynha de França vizitará o Monteiro mor da parte da Rainha minha sobre todas muito amada e prezada molher, dandolhe a carta que leva, e coppia della pera lhe haver de fallar na mesma conformidade.»

«Se for necessario mostrarsse a El Rey de França e seus Menistros a justificação de meu direito e justiça com que fui restituido a Coroa destes Reynos, vos vallereis dos papeis que se vos entregarão, e do mais que se offerecer, advertindo que, sem necessidade de o fazer, se deve escuzar por em duvida o que he tão notorio e conhecido no mundo. — João Pereyra de Sottomayor o fez em Lisboa a vinte e hum de Janeiro de mil e seiscentos e quarenta e hum. E eu Francisco de Lucena a fiz escrever — *Rey*» [1].

A 29 de Março tivemos cartas de Amsterdama, escritas aos 18 do mesmo, em que nos davão por novas que o Infante Dom Duarte era já levado a Nuestat de Austria.

Dia de Paschoa, que foy o ultimo do mes, tocou Sua Magestade os enfermos de alporcas, seguindo a graça particular concedida de Deos aos Reys de

[1] Tendo varios erros o traslado das *Instrucções* publicado por Franco Barreto, preferimos copiar este documento do original que existe no A. N. da Torre do Tombo, (*Coll. de S. Vicente*, tom. 14, fl. 11).

França, desde Clovis ou Clodoveo, que foy o primeiro que a alcançou para sy e para seus successores (se bem alguns a attribuem a Carlos Martello e outros a Hugo Capeto) de poder só com o tacto sarar milagrosamente aos doentes deste mal, tido por incuravel pellos medicamentos terrestres, como primeiro que todos experimentou hum privado do ditto Clovis, chamado Aniceto, segundo Jacques de Charron, em a sua *Chronica universal de França.*

Forão os que em Sam Germão se acharão para ser tocados, mil e duzentos de varias naçoens; e dellas atély sempre os Castelhanos tiverão o primeiro lugar. Quiserão agora preferirlhes os Portugueses, ouve entre huns e outros de parte a parte perfias e debates, chegando ás orelhas de sua Magestade, mandou que os Portugueses tivessem sempre daly por diante o primeiro lugar; grão favor, mas o Ceo permittirá que nunca lhes seja necessario usar delle.

Ajuntarãose todos em hum grande patio, que fica entre os Castellos velho e novo; e postos ao redor delle em fileira, e de joelhos, vierão as companhias da guarda de S. M. e se puserão em ala por detras delles. Veyo logo hum Capitão da guarda, e buscou-os muito bem a todos se trazião alguma arma, porque ao entrar do patio lhes mandão que as deixem fóra. E se he frade, o buscão com mayor diligencia e cuidado pella treição que hum frade Jacobita, chamado Jaques Clemente, inspirado de hum mao concelho, cometeo contra

Henrique III, a quem matou com huma faca, emquanto estava lendo humas fingidas cartas que lhe dera.

Confessouse el Rey e commungou na sua capella, e, acabada a missa, sahio com hum manto branco semeado de flôres de lis de ouro, levandolhe as pontas tres fidalgos. E ao doente que avia de curar, primeiro lhe prendião dous fidalgos as mãos com suas mãos; e então sua Magestade, estendendo o dedo polegar e o indice, lhos punha no rosto em forma de cruz, e em frances dizia o que em portugues soa: «*Deos te sara, e eu te toco*». Este sinal da cruz introdusio o Sancto Rey Luis, que a cerimonia antiga era só tocar com a mão. E assim como el Rey acabava de tocar a hum enfermo, o esmoler mór lhe dava huma moeda de prata que chamão cardecû [1], que responde aos nossos oito vintens, em cujo lugar noutro tempo se dava huma moeda de ouro, mas as muitas guerras fizerão a mudança do metal. Tocado o doente e recebida a esmola, se sae logo para fóra, onde os medicos de Sua Magestade lhe dam huma receita de como se hão de haver daly por diante. Descansou Sua Magestade neste acto de tanta piedade tres vezes; e acabado elle, lhe derão aly logo agoa ás mãos.

Os Portugueses que aqui se acharão forão quatro, dos quais morreo hum em poucos dias, e o enterramos em a freguesia de Sam Germão; e do Reyno

[1] Deve entender-se: *quart d'écu.*

foy já tam mal, que nos admiramos de como chegou a Paris com o trabalho de tam largo caminho. Dous vierão sãos, e o outro de çujo se fez incuravel.

A 8 e 9 de Abril, e daly por diante, vierão muitos Monsiures visitar ao Monteiro mór, e offerecerse para vir a Portugal servir a el Rey nosso senhor; entre outros o Duque de Vitemberg, bisarro mancebo, cujos estados lhe tinha usurpado o Emperador; logo o Barão de Gravelinas e o Conde Briona, o qual disse estivera já em Villaviçosa com el Rey nosso senhor.

Aos 17 tivemos por Ave de Gracia cartas de Portugal, mais festejadas que agoa de Mayo, porque, como disse hum bem entendido, as cartas dos amigos são respiração dos ausentes.

Aos 18 foy visitar a suas Excellencias o Embaixador de Olanda, que se chama Guillelmo de Lyra, e se intitula Barão de Dooster Wick. E ao 22 o Embaixador de Inglaterra, que se chama Roberto Signe, e se intitula Conde de Leisestrie.

Estava neste tempo em Paris muy doente de febres malignas Pero de Mello, filho mais velho do Monteiro mór a quem acompanhou nesta viage a França, como atras fica dito; e a 24 de Abril, pellas sette horas da menhãa, foy Deos servido, despois de aver tomado os Sacramentos, de o chamar a sy, de idade de vinte annos, com tantos actos de christão que foy hum raro portento.

Foi, em hum caixão cuberto de veludo carmesi, enterrado na Capella mór de Sam Francisco, em o

habito do Sancto. Fizeraõse os officios com muita solenidade, e nelles assistirão muitos senhores, parte movidos de sua propria cortesia, e parte mandados por sua Magestade e por sua Eminencia. A vinte e sete do mes foy o Conde Brulon dar ao Monteiro mór os pesames da parte del Rey; e logo o Conde Brunhol da parte del Rey e da Raynha; e o conde de Nojon da parte de sua Eminencia; e despois disso algumas senhoras tiverão o mesmo comprimento com o Monteiro mór pella morte de seu filho, que verdadeiramente sentio com tanto estremo, que se temeo algum aballo grande em sua saude; que a vida dos filhos he a alegria de seus progenitores, como pello contrario os mesmos com sua morte fazem que os sobreditos, como faltos da luz dos olhos, fiquem sepultados em huma eterna tristeza. Mas como o que ama deveras ha de atravessar per espadas nuas pello amigo, tendo aviso para ir a Ruel fallar a sua Eminencia, dissimulando a dor que no interno padecia, como tão zeloso do serviço de sua patria e de seu Rey, porque ja se offerecera a maiores perigos, não quis faltar em o que era obrigação de seu officio e assi foy a Ruel com seu companheiro, onde sua Eminencia, iterando as primeiras honras, tornou a affirmar e confirmar o prometido.

He Ruel lugar não muito grande, authorisado si com a presença de sua Eminencia, cuja morada ordinaria he, e hum dos melhores lugares dos contornos de Paris, de que fica sinco leguas, e duas

de São Germão em Laya. O que tem de considerar são os bellissimos jardins de sua Eminencia, grutas, fontes e tanques, em que ha quantidade de cisnes e muitas diversas aves de varias regioens; e das fontes he huma de singular artificio. Esta consta somente de huma escada de marmore, que tem 84 degraos, pello meyo dos quais de alto abaixo ha outo ou nove fontes, dispostas com igual distancia e ornada cada qual com duas larangeiras annãs.

Estas fontes, aberto o registo, lanção de si grande copia de agua, e pellos dous lados da escada se vem despenhando dous ribeiros, de degrao em degrao, com tanta suavidade que ao som de seu murmuro pudera adormecerse o proprio Argos. Ao pe da escada se ajunta toda esta agua em hum tanque raso com o chão, donde per hum canal, cheyo industriosamente de varias pedrinhas, sae atravessando pello meo ao comprido huma rua fermosissima, cuberta de diversas arvores, até se despenhar em hum grandioso tanque; artificio de todos muy celebrado.

Mas o que mais nos admirou foy huma prespectiva que se vê numa parede da cerca. Esta representa hum arco Romano, com suas colunas, frisos, cornijas e mais perfeiçoens de hum frontespicio, tanto ao vivo que não parece senão de vulto; e sobre tudo o vão que neste arco se finge he tão proprio e diafano a nosso parecer, que apalpandoo nos todos huma e muitas vezes, não acabavamos

de resolver se o que viamos era algum corpo aerio, se o que apalpavamos era algum ar corporeo.

De Apelles conta Plinio que pintara ao grande Alexandre de maneira que a mão direita, com que apertava hum rayo, parecia solta e desapegada do lenço; tanto que dizia o vulgo serem dous os Alexandres, hum delles, filho de Philippe, a toda força invencivel, e outro, obra de Apelles, a toda arte inimitavel. De caens e de cavallos conta o mesmo Plinio, Ficino e Maiolo tão retratados ao natural, que a sua vista forão ouvidos os verdadeiros caens e cavallos, estes rinchar e aquelles ladrar; e que as uvas pintadas de Zeuxis enganarão as aves com seu aspecto, e, o que mais he, a toalha pintada de Parrhasio ao mesmo Zeuxis.

E não se dizem menores efeitos da escultura, como testifica a lanterna de Mentor, a novilha de Miron, os peixes de Fidias, e a Venus e Cupido de Praxiteles; mas tudo creyo ficaria muito a perder de vista comparado com esta prespectiva, pois a todos nos enganava de maneira que muitas vezes nos benziamos, admirando a sutileza e industria da arte; e assi contão que as aves tambem enganadas, querendo continuar seu voo pello vão que por baixo do arco se representa, encontrando com a parede, pella força que em seu voo levão, caem ao pe della, ou mortas ou atordoadas; e sendo havera dous annos, ferida esta prespectiva de hum rayo, foy alto assumpto aos nobres sugeitos daquella corte. E porque não fique entregue ao rigor do

tempo o nome de tão sublime artifice, se bem aqui não o esculpimos em bronzes, chamase o Mere, e actualmente vivia á nossa partida em Paris.

Tinha sua Eminencia em Ruel trinta cavallos ginetes, delles espanhoes, e delles berberiscos e napolitanos; e huma Academia de Brida para alguns quarenta pages, filhos de senhores, que em sua casa se criam e doutrinão em as demais artes liberaes e sciencias, de que tem diferentes mestres, e daqui adultos vão pera os cargos e dignidades do Reyno.

A 29 de Abril forão os Senhores embaixadores falar ao Irmão del Rey, que então estava em casa do secretario Xavigni, seu chançaler. Elle os festejou muito e lhes fez grandissimas honras; não tiverão necessidade de interprete, porque sua Altesa real entende muito bem a lingoa castelhana.

A 2 de Mayo foy ver a suas excellencias o embaixador de Saboya, o qual se chama Carlos Ubertino de Solaro, e se intitula Conde de Morete, Marques da Chiusa, e Mordomo de Madama. Assi o fez Alexandro Sardigni, Visconde de Sardigni, Concelheiro del Rey, Marques de Xomum e Bisconde de Busanci. E o dia seguinte tornou o Conde Brion.

Em quarta feira, 8 de Mayo, vespera da Ascenção de nosso Senhor, tivemos novas de haver chegado a Rochella o senhor Bispo de Lamego, Dom Miguel de Portugal, irmão do Conde de Vimioso, em-

baixador de Roma, e por sua via tivemos cartas do Reyno.

Neste dia fomos ver a igreja de São Diniz, abbadia real, duas legoas de Paris, a cujo edificio deo principio El Rey Dagoberto e augmento Sugero abbade, no anno de 641. Tem de comprimento trezentos e noventa pes, de largura 100, de altura outenta, e sustentase o tecto em sesenta grossos pilares ou colunas; as portas são todas de bronze dourado, e El Rey Dagoberto a deixou cuberta de prata; mas avendo huma grande fome em França, Clovis segundo, seu filho, a fez tirar e a destribuyo pellos pobres, disendo que estes erão os verdadeiros templos de Deos, e a cubrio de chumbo, como se agora vê de presente. Em recompensa da prata que tirou, isentou a abbadia da sugeição do Bispo de Paris.

Foy esta igreja edificada e consagrada miraculosamente, e conserva cousas tão miraculosas, que será força dilatarme aqui mais alguma cousa; que não ha musico, por perfeito que seja, se he mercenario, que não saya das regras da arte, se com isso entende agradar aos ouvintes.

Foy edificada milagrosamente na maneira seguinte: o Principe Dagoberto, sendo avisado da colera de seu pay, Clotario II, pella accusação de Sadragisello Duque de Aquitania, seu avo, a quem por respeitos justos, pegandolhe da barba, lha rapou com huma navalha, deixando em continente o paço por evitar o castigo, se retirou ao lugar de Catulac, em huma

pequena capella, que ao presente chamão São Diniz da Estrella, que fica abaixo da abbadia de Sam Diniz cousa de hum tiro de bésta, onde jazião enterrados os corpos de Sam Diniz e de seus companheiros; lembrandosse que, andando elle já por aly á caça, vira um corço, o qual perseguido de seus cães e monteiros se recolhera na mesma capella que achara aberta, da qual nem os cães nem os monteiros o puderão lançar, e que o mesmo lhe poderia a elle acontecer com seu pay de quem fugia, como de effeito aconteceo; porque, mandando seu pay muita gente para o prender, jamais puderão chegar a elle.

El Rey não se podendo persuadir de tam prodigiosa maravilha, quis ir em pessoa fazer experiencia, e succedeolhe o mesmo que aos demais; pello que, reconhecendo que aly obrava a dedo de Deos, mitìgando sua colera, perdoou ao filho e o recebeo amigavelmente entre seus braços; o que Dagoberto, no tempo que aly esteve naquella sancta capella, tinha huma noite dormindo visto por visões, em a qual lhe parecia ver hum veneravel velho, em companhia de outros dous, revestidos de claridade celeste, que o assegurava da reconciliação com el Rey seu pay, e da successão da monarchia francesa, e o amoestavão desse ordem a desenterrar seu corpo, e de seus companheiros que jazião naquelle lugar, e o fizesse pôr em outro mais authorizado.

Este velho e seus companheiros erão Sam Diniz,

Sam Rustico e Sancto Eleutherio, segundo em seu *Thesouro sacro* escreve D. Germão Milet, religioso de Sam Bento. E achando Dagoberto aver succedido tudo quanto tinha visto na visão, fez edificar huma igreja ao modo daquelles tempos, muyto sumptuosa, e hum mosteiro da Ordem de São Bento, aos quais elle deu grandes privilegios e immunidades; e juntamente enriqueceo, para em tudo a fazer magnifica e real, de muitas peças de ouro, prata e pedras preciosas. E para armar o corpo da igreja, lhe mandou tecer ricas tapicerias de ouro e seda, e perfiladas de perolas, mandando por Sancto Eloy seu ourives fazer huma cruz de ouro semeada de pedraria, como se vê ao presente.

O modo com que foy consagrada miraculosamente contão na maneira seguinte: estando o edificio da igreja acabado, fez el Rey Dagoberto ajuntar hum grande numero de prelados para fazer a dedicação com a mayor solemnidade que fosse possivel, assignando o dia aos 24 de Fevereiro, dedicado á memoria do Apostolo Sam Mathias.

Concorrerão de todas as partes muitas pessoas para assistir a esta celebre acção; e cuidando agasalharse dentro na igreja, forão todos lançados fóra pellos guardas del Rey, senão hum pobre leproso, que com o favor das trevas ficou escondido no canto de huma capella, que parece foy permissão divina, porque lá pello silencio da noite, vio com grande espanto toda a Igreja cheya em hum instante de huma grande claridade, e nosso Salvador Jesu

Christo em forma humana, revestido de habitos pontificaes, entrar por huma das janellas, acompanhado dos dous Principes dos Apostolos, de Sam Diniz e de seus companheiros, e de huma grande multidão de anjos e de sanctos, o qual consagrou a igreja por sua divina mão e fez todas as cerimonias acostumadas em tal acção, lançando agoa benta por toda ella, e imprimindo o olio celeste em os lugares preparados, servindo o e administrando o Sam Diniz e seus companheiros. E indo onde estava o leproso escondido, lhe mandou fosse dar conta do que avia visto a el Rey Dagoberto; escusavase o leproso com a vilesa de sua pessoa e asco de sua enfermidade, e nosso Salvador lhe tirou do rosto a pelle cuberta de lepra e a lançou na parede, onde miraculosamente ficou apegada e o leproso são e limpo, e sua cara tam bella e fresca que parecia a de hum pequeno infante; o qual milagre assi feito, nosso Salvador se tornou com sua gloriosa companhia por onde avia vindo, e o pobre homem bem alegre e contente, despois de aver humildemente dadas as graças devidas ao soberano Medico que o avia curado, foy logo pella manhãa dar a el Rey conta de tudo; o qual, averiguada a verdade, agradeceo muito a Deos os recebidos favores e não quis que os Bispos fizessem mais outra cerimonia.

Esta acção sacrosanta se vê toda representada em tres grandes retabolos, postos em tres grandes pilares que fazem o cruzeiro da igreja, entre o choro e o altar mór, todos com versos latinos que si-

gnificão o successo, que aconteceo no anno de 636 despois da Encarnação de Nosso Senhor, aos 24 de Fevereiro, segundo o dito de D. Germão Milet e outros muitos authores franceses. A lepra, ou aquella pelle cheya de lepra que nosso Salvador tirou do rosto daquelle homem, se conserva ainda em o thesouro desta igreja com outras muitas reliquias, de algumas das quaes farey logo menção, e está em hum vaso de prata que hum religioso leva pendurado ao pescoço quando vay a procissão, os dias de rogações e de Sam Marcos. Sendo pois a igreja assi consagrada, el Rey Dagoberto fez logo tirar os sanctos corpos da capella pequena em que estavão, e metendo os em tres preciosas caixas, os fez trasladar com grande magnificencia ao lugar onde estam, aos vinte e dous de Abril do anno de 636, em que a igreja de Paris celebra esta trasladação.

As cousas preciosas que tem, são, alem de vinte e tantos corpos de sanctos que estão destribuidos por diversas capellas, muitas reliquias de nosso Salvador e de sua Mãy Sanctissima, e de outros sanctos e sanctas, virgens e martyres, as quais se conservão todas em riquissimos cofres e outros vasos de prata, ouro e cristal, ornados de muita pedraria de grão valor. Não darey relação de todas, por não proceder em infinito; de algumas particulares sim, e a meu ver mais preciosas, qual he huma cruz de ouro maciço, que tem mais de dous palmos e meyo de alto, dentro da qual está encayxado hum

pedaço de lenho da cruz de nosso Salvador, que tem palmo e meyo de comprido e polegada e meya de grossura em quadro. He esta cruz toda guarnecida de muitas pedras preciosas e de grão numero de perolas orientaes e outras menores, de que toda esta bordada, a qual foy dadiva do muyto augusto Rey de França Philippe II, chamado o conquistador, avô do glorioso São Luis, e ouve a de Baldovinos, Emperador de Constantinopla.

Outra cruz de ouro, posta sobre hum fermoso cristal de roca, e nella hum crucifixo feito de lenho da cruz de nosso Salvador por mãos do Sancto Pontifice Clemente III, que o mandou ao mesmo Christianissimo Rey Philippe Augusto. Hum dos tres ou quatro cravos com que nosso Salvador foy pregado na cruz, o qual houve do Emperador Constantino, V do nome, o Emperador e Rey de França Carlo Magno, e o tinha posto em Aix de Alemanha em huma igreja que fundara em honra da Virgem Maria, mas o Emperador Carlos o calvo, seu neto, o fez pôr nesta igreja de Sam Diniz.

E fazendo agora hum breve epilogo de todas as outras reliquias dadas a esta igreja por diversos Reys e Raynhas de França, e abbades do mesmo convento, aqui se mostra: do sangue do nosso Salvador, e do sangue e agoa que manou de seu lado, despois do golpe da lança; de seu sudario, cabellos, tunica, esponja, espinhos de sua coroa, pedra de seu sepulchro, do lançol com que se ungio na cea, da pedra do monte Calvario, dos coeiros de sua in-

fancia, da mirrha que lhe offerecerão os Reys Magos; do leite de sua May Sanctissima, de seus cabellos e de seu manto; da cabeça de São João Bautista, huma espalda do mesmo sancto; hum dente de São João Evangelista, hum braço de São Bento, outro do sancto velho Simeão, ossos do grão propheta Isaias, que viveo alguns 600 annos antes da Encarnação de Nosso Senhor; e outras muitas reliquias.

Tambem se mostra hum calix com que São Diniz celebrava a missa, o qual he de cristal guarnecido de prata dourada e muitas pedras preciosas, ao modo antigo; o baculo pastoral do mesmo sancto, seu annel pontifical e hum escritorio seu feito a grega de huma feição muito antiga. Ha aqui hum annel de Sam Luis e huma taça por donde o sancto Rey bebia, a qual he de hum pao chamado tamaris, e estimada muito pella grande virtude que tem para os [o]pilados do baço. Ha dous exquisitos calices, feitos ambos de agata, peças de inextimavel valor, e hum vaso daquelles em que Christo Senhor nosso converteo a agoa em vinho nas bodas de Caná da Galilea.

Do profano ha tambem aqui cousas memoraveis, entre outras: huma taça de ouro que foy do grande Rey Salamão, enriquecida de jacintos pelas bordas, e por dentro de granates e esmeraldas finas, e no fundo tem huma fermosa çaphira, sobre a qual está entalhada de meyo relevo a figura do dito Rey assentado em hum trono, conforme a scriptura sancta

o representa em o 3.º *Livro dos Reys;* huma unha de grifo; hum corno de unicornio, que tem seis pés e meyo de comprido, o qual ouve o Emperador Carlo Magno de Aaram Rey da Persia; a buzina de marfim com que Roldão andava á caça; huma lenterna que servio em a prisão de Christo Nosso Senhor em o jardim dos olivaes, chamada a lenterna de Judas, por aver sido este triste o autor desta prisão; hum espelho do Principe dos Poetas Latinos, o qual he todo de azeviche; as espadas de Sam Luis, de Turpim, de Carlo Magno, e a da generosa amazona Joanna, a Poncella.

Guardãose tambem nesta Igreja, desde o tempo de Sam Luiz para cá, os ornamentos e insignias que servem em as sagrações dos Reys e Raynhas de França, que são o annel e manto real, a diadema ou coroa, a mão de justiça e o sceptro. E as coroas que elles trazem o dia de sua coroação são de grande valor; a dos Reys he de ouro maciço, enriquecida de pedras preciosas e estimada em valor de cento e onze mil e outocentos e quarenta escudos; e a coroa das Raynhas em valor de trinta e sinco mil e outocentos e sessenta escudos, como diz o author da *Historia universal de França;* e, segundo o testemunho de Guy Coquille, todo o thesouro desta abbadia está avaliado em quatrocentos e trinta e quatro mil, duzentos e noventa e dous escudos. E o que mais he de notar, que havendo os Normandos e outros muitos herejes tomado este lugar, morto todos os ecclesiasticos, arruinado todas

as outras igrejas, jamais a esta de Sam Diniz foy feita alguma violencia.

Entre todas as outras pedras que aqui estão, de grande valor, ha dous carbunclos, onde considerey as patranhas que desta pedra contão muitos que não a tem visto, dizendo que alumia como huma tocha ou hum grande farol em noite escura; a verdade he que ás escuras, entre as outras pedras (de cujas varias especies vimos aqui hum grande numero) ella só reluz como huma braza acendida, sem outra luz nem resplandor; e daqui lhe veyo o nome de carbunclo, que quer dizer, carvão aceso. Plinio lhe dá o principado entre todas as pedras preciosas, e nellas ha machos que reluzem mais, e femeas que reluzem menos; e humas e outras, escreve o mesmo Plinio, por authoridade de Boco, averem-se achado em a nossa sempre nobre, leal e augusta cidade de Lisboa.

Estão em esta igreja enterrados quasi todos os Reis de França e outros Principes, começando de Dagoberto, seu fundador; Luis seu filho, Carlos Martello, Pepino seu filho e outros muytos, alguns dos quais se vem relevados em marmores brancos sobre sepulturas de marmores negros e com seus epitaphios, huns latinos, outros franceses.

Indo de Pariz a São Diniz, se passa por Madrid, edificio famoso que El Rey Francisco de Valoes, cognominado o Grande, em a volta de Espanha, havendo sido livre da prisão, fez edificar, porem não entramos dentro.

A 9 de Mayo, que foy dia da Ascenção de nosso Senhor, se disse em Paris a primeira missa em a igreja nova dos Apostolos, que fica em a rua de Santo Antonio, dedicada a S. Luis; e a disse sua Eminencia o Cardeal de Richeliu, resada, comungando nella a El Rey e a Raynha, e se achou presente Monsiur Gastão, irmão delRey; a qual acabada, se disse logo outra cantada, a que tambem assistirão suas Magestades. Achou-se aqui o Monteiro mor só, por estar seu companheiro enfermo em cama, e todo o tempo que durou a segunda missa, esteve sempre praticando com El Rey, que alli lhe tornou a dar os pesames da morte do filho e perguntou muito particularmente por El Rey nosso Senhor e pella Raynha, e quantos filhos tinha, machos ou femeas, de que tudo o Monteiro mór lhe deu inteira relação.

Vestia el Rey de negro com meias verde mar, e entrou na Igreja, levando diante de si a companhia dos Suizaros, com caixa e pifano. Á porta, da banda de dentro, lhe deitarão ao pescoço o colar de ouro com a cruz e insignia da ordem do Sancto Espirito, que o anno de mil e quinhentos e setenta e nove, o primeiro dia de Janeiro, festa da Circuncisão do Senhor, el Rey de França e Polonia, Henrique Terceiro, instituio, porque em semelhante dia tomou posse de dous Reynos, a saber, o primeiro de Polonia no anno de mil e quinhentos e setenta e tres por eleição, que o ditto dia foy feita de todos os potentados e senhores do ditto Reyno; e o se-

gundo de Franca, em semelhante dia, no anno seguinte de 1574, por morte e falecimento del Rey Carlos o IX seu irmão, que morreo no castello de Vienna. E em a primeira solemnidade da dita ordem fez vinte e outo cavalleiros na igreja e convento dos Agostinhos em Paris, lugar elegido pello dito senhor para as solemnidades desta instituição.

Entre as obrigações que faz cada cavalleiro que recebe a dita ordem, he trazer sempre huma cruz de terciopello amarello tostado, feita a maneira de huma cruz de Malta, cosida sobre a capa ou vestidura superior, da parte esquerda, assi como os cavalleiros da ordem de Christo e outras ordens; no meyo da qual cruz hade estar huma pomba, figurada em bordadura de prata, do tamanho que a trouxer o mesmo Rey, que he o chefe e o soberano da ordem. Trará tambem outra cruz da dita ordem pendurada ao pescoço, de hum listão de seda azul celeste, a qual cruz será feita em fórma da outra, toda de ouro, esmaltada de branco pellas bordas, no meyo sem esmalte e dentro de cada angulo huma flor de lis; e se tambem fôr cavalleiro da ordem de Sam Miguel (que he muito ordinario), terá sobre o meyo a insignia da dita ordem de hum lado, e do outro huma pomba; e se não fôr cavalleiro da ordem de Sam Miguel, trará de hum lado e outro a pomba.

A ordem de Sam Miguel, pois veyo a pelo falarmos nella, foy instituida no anno de 1469, o primeiro de Agosto, por el Rey Luis Undecimo em o

seu castello de Amboesa, e entam ordenou trinta e seis cavalleiros, de que elle foy o chefe, e despois seus sucessores Reys de França. A insignia desta ordem he hum colar de ouro, que pende sobre a cintura, com a imagem de Sam Miguel, e são obrigados os cavalleiros a trazello sempre; e estas são as ordens del Rey de que atras fiz menção.

Jantarão este dia suas Magestades em o Luvre, palacio seu quando assistem em Paris; pello que o Monteiro mor, desejando fazer á Raynha algum presente de cousas de Portugal, achava ser muito pouco tudo que de Portugal levava, em respeito da pressa com que deste Reyno sahio, mas considerando que as pequenas dadivas a Reys são sinal da adoração que se lhes deve, se resolveo em lhe mandar humas caixas de brincos de ambar, com luvas do mesmo, e outras caixas de doces e frascos de agoas, que sua Magestade mostrou estimar muito. Mandou entrar dentro adonde estava os homens que isto levavão, e lhes mandou abrir as caixas; achouse entam aly a Princesa de Condé, e tomando hum par de luvas na mão, as deo a cheirar á Raynha, de quem forão muito celebradas, e mandando recolher tudo assinaladamente disse que nas agoas lhe não bulissem. Chamou logo hum daquelles senhores que ali estavão, e á orelha lhe disse (conforme se pode entender), désse aquelles homens, que erão dous lacayos de Monteiro mór, sinco dobrões dobrados, os quais lhes derão logo em saindo dali; e mandou diser aos Senhores Embaixadores que estava havia

muito esperando por elles, e se não havia de ir pera São Germão sem lhes fallar, pello que os avisava fossem logo; e assi o Monteiro mor, por quanto seu companheiro estava havia muitos dias de cama, se meteo logo em o coche e foy ao Luvre, onde os veyo receber abaixo o Conde Brulon, que lhe disse estava Sua Magestade com grande impaciencia per sua tardança.

Subimos acima onde Sua Magestade estava entre muitas senhoras que a acompanhavão, bem como o sol entre as demais estrellas e planetas; e entrando o Monteiro Mor, se levantou da cadeira e deu tres ou quatro passos a recebello, com extraordinaria alegria, e fasendo o cubrir, lhe fallou logo em castelhano; o que vendo o Monteiro mor, entre outras cousas lhe disse: «*Pues como Vuestra Magestad me no hiço esta merced, y favor la vez primera que le besé la mano?*» ao que a Raynha respondeo: «*no os hablé en castelhano, porque pensé que me tuviessedes miedo*». «*A vuestra Magestad* (replicou o Monteiro mor) *como a tan gran Senhora y Princesa si, mas como a castelhana no*»: dito que a Raynha festejou muito, e era tanto o riso de parte a parte por estes e outros semelhantes de cada qual, que a todos os circumstantes enchião de alegria e contentamento, e pera todos os Portugueses que ali nos achámos foy a mais alegre tarde que nunca tivemos; e o Monteiro mor ficou nella em notavel reputaçam com sua Magestade, de cujo talento e descrição publíca todo aquelle Reyno, antes o mundo, grandes

maravilhas. Disselhe tambem o Monteiro mór que quando lhe fallara a vez primeira, estava com grande desconfiança de que sua Magestade lhe não receberia bem sua embaixada, considerando a irmãa del Rey de Castella, a quem aviamos tirado o Reyno de Portugal, e respondeo: «*Considerarades bos, que la veniades hazer a la Reyna de Francia, y madre del Delphin, y luego se os quitara*».

Finalmente, estas e outras razões forão de parte a parte ditas com graça e galantaria tanta, que mais não podia ser.

Deolhe entam a Raynha os agradecimentos do presente, e o Monteiro mór se desculpou, dizendo ser aquillo huma amostra do que avia em Portugal. Aqui lhe perguntou sua Magestade muito por el Rey nosso Senhor, e pella Raynha, e todas as demais cousas do Reyno; e despedindose o Monteiro mór com lhe beijar a mão, sua Magestade se foy para Sam Germão em Laya.

Nestes dias seguintes visitou o Monteiro mór só, pella indisposição de seu companheiro, as senhoras que costumão ver os Embaixadores que vão áquella corte, e em primeiro lugar a Madamusella, sobrinha del Rey, unica filha de seu irmão; a Princesa de Condé e sua nora Duquesa de Anguin, irmãa do Marqués de Bresé, General da armada que veyo daquelle Reyno, e Embaixador extraordinario a este; a Princesa de Suason e sua filha, e a Madama de Aguilhon, sobrinha de sua Eminencia.

Em 10 de Mayo entrou naquella corte hum em-

baixador de Venesa, e em 15 do mesmo hum nuncio de Sua Sanctidade. Em 19, que foy dia do S. Spirito, tornou sua Magestade a tocar os doentes de alporcas, que forão alguns 400. Em 21 foy visitar ao Monteiro mor o Duque de Anguiena, filho unico do Principe de Condé, a quem o Monteiro mór tinha visto em cama enfermo, moço de idade de 17 para 18 annos, e Principe de muitas prendas, casado com a Duquesa de Angui.

Ao outro dia[1] chegou a Paris Dom Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, que partira de Lisboa a 9 de Abril; pos no mar 22 dias como nós pusemos, em os quais teve tres grandes tempestades, e foy na Rochella com grandes aplausos e acclamações recebido, e em Paris hospede do Monteiro mór. Levou sua Excellencia (assi fallão naquellas partes a todos os Embaixadores de Reys, e aos de Principes por Senhoria) o retrato del Rey nosso senhor, que se bem a pintura não mostrava ser de mão de algum Apelles, pello que descobria de seu original alegrou os olhos de todos; porque, como bem disse hum Castelhano (que sempre fallão melhor do que obrão) «*Las imagines adora, quien conoce la figura*», e logo o dia seguinte de sua chegada foy beijar a mão a Sua Magestade em Sam Germão e darlhe a carta que lhe levava del Rey nosso senhor, porquanto estava de partida em o mesmo dia para campanha.

[1] 22 de Maio.

Em o mesmo dia forão suas Excellencias visitar ao Marqués de Bresé, marichal de França, chefe do nome e armas de Maillé, pay do general e embaixador de França; e ao embaixador de Saboya, e a Monsiur de Sardigni.

Ao outro dia se partio o senhor Bispo para Abbavilla, a fallar a sua Eminencia, e os senhores Embaixadores se ajuntarão em casa do grão Chanciler, onde tambem estavão Monsiur Botilher e seu filho Monsiur de Xavigni, para a resolução das capitulações entre Portugal e França, para o que sua Magestade Christianissima, antes de se partir a campanha, deixára procuração bastante.

E assi se rematarão e confirmarão as pazes e amizades, com grande gosto e contentamento de ambas as coroas, ao primeiro de Junho, sabbado, dia dedicado a Nossa Senhora, a quem suas Excellencias forão dar as graças em a igreja mayor que lhe he dedicada. E he muito para considerar que em sabbado, primeiro de Dezembro, foy el Rey nosso Senhor Dom João o IV, que Deos guarde muitos annos, acclamado por Rey destes seus Reynos; em sabbado 15 de Septembro jurado [1], e em sabbado primeiro de Dezembro [1] liado e confederado com el Rey Christianissimo.

[1] Lapsos evidentes do copista ou erros typograficos; a data do juramento é *quinze de dezembro;* e a da assignatura do tratado é *primeiro de junho,* como do proprio texto se deduz.

Fizerão suas Excellencias o dia seguinte algumas visitas, e receberão outras. A 6 de Junho tornou o senhor Bispo de Lamego de Abavilla. Aos 7, forão suas Excellencias com o marichal de Bresé ver a casa da moeda, que he dentro do Luvre, e huma das grandiosas cousas daquelle Reyno. A 9, despedirão suas Excellencias hum proprio com cartas e aviso a el Rey nosso Senhor, o qual veyo por via da Rochella; e a 10 do mesmo partirão suas Excellencias para Abavilla a beijar a mão a el Rey e a pedirlhe licença para se virem para Portugal, e levarão em sua companhia a Alexandre de Bodean, filho segundo do Conde de Parabere, o qual hia tambem pedir licença a sua Magestade para passar a este Reyno.

Fomos naquelle dia dormir a Beaumont, outo legoas de Paris, cidade da Ilha de França, porque em os Paises de Mena, ou Mans, de Lymusin, de Henault, e de Gaula ou Gascunha, ha outras do mesmo nome.

Daqui fomos a outras outo legoas jantar a Beauvoux, cidade do pais de Picardia, muito grande e fermosa, posto que todas as casas são de madeira; e daqui a sete fomos dormir a Xampui, pobre aldea, onde passamos a noite cruelmente em razão das más camas que tem; sendo que o lugar he fresquissimo e muito povoados seus bosques e florestas, de quem está em meyo, de muitos roixinoes.

Ao outro dia, que foy huma quarta feira, 12 de Julho, fomos dormir a Abavilla, e foy jornada de

doze legoas; e a dez de Xampui fica Pont-Dormi, lugar pequeno, mas fortificado com grandes fossos de agoa, casas matas, trincheiras, plataformas e presidio de soldados; e neste caminho ficão algumas aldeas, em as quais homens e molheres não fazem mais que fiar lã á roda, e fazer teas de pano.

Achamos em Abavilla a sua Magestade de cama, sangrado duas vezes, e assi não pode este dia dar audiencia a suas Excellencias, porque estava de purga, mas deo a sua Eminencia. E á sesta feira Sua Magestade, por dar despacho aos senhores Embaixadores, se levantou e mandou seu coche com hum Principe do sangue de Saboya, moço de 18 para 19 annos, a quem só vimos cubrir diante del Rey, em busca de suas Excellencias, a quem recebeo com muita festa e alegria; e despois de algumas praticas, lhes encomendou sua Magestade muito dissessem a el Rey nosso Senhor que apertasse de cá com os castelhanos, que ele o faria lá por França e Catalunha, lembrandolhe a sua Magestade que quando fosse necessario, o avia de achar a seu lado; que não esperasse que o inimigo o viesse buscar, porque sem duvida era muito melhor acometer do que ser acometido, com outras muitas razões a este proposito, conforme a longa experiencia que o tem feito arbitro da paz e da guerra em todo o mundo.

Fazião suas Excellencias conta de dar volta a Paris por Amiens, metropoly de Picardia, cidade muito consideravel que el Rey Henrique IV, pai do

Rey que agora reyna, tomou aos castelhanos no anno de 1597, por ser o caminho todo até Paris por hum bellissimo pais e de agradaveis lugares, como são Clermont, Burgo e outros, por donde aviamos de passar; porem sabendo o el Rey e sua Eminencia, não consentirão, dizendonos viessemos a toda pressa embarcar á Rochella, que estava já a armada esperando, e que de caminho passassemos logo por Sam Germão a fallar com a Raynha.

E assi nos despedimos de sua Magestade, que não somente a suas Excellencias, mas a nos todos abraçou com grande benevolencia e amor; e ao sabbado seguinte saimos de Abavilla, com o mesmo Bisconde de Parabere, e com o Conde Brulon e Monsiur Giró seu tenente.

He Abavilla cidade moderna, cabeça do Condado de Ponthiú, chamado assim pelas diversas pontes que aly se vem, por ser o pais alagadiço e cheyo de agoas, que todas vão descargar em o mar Oceano, junto a Sam Valerio, antigo mosteiro. Divide a o rio Somma, que tambem separa a verdadeira Picardia do condado de Artoes, começando junto a S. Quintim em Vermandois, e passando por Hen e Paronna, vem a Amiens, onde se divide em quatro ramos, os quais abaixo da cidade se tornão ajuntar á ponte de Sam Miguel, e daly, decendo a Picqueny e Abavilla, entra no mar Oceano.

He toda cercada de altos e grossos muros de ladrilho terraplenados, com hum profundo fosso, e em as portas suas pontes levadiças; e dentro e fora

tem muitas hortas e pumares que a fazem muito fresca e bella. Daqui tornamos a dormir ao dito lugar de Xampui, onde levamos outra noite tal como a primeira; e no caminho encontramos os Deputados de Catalunha, que el Rey mandava para suas casas e hião a beijarlhe a mão.

Ao Domingo fomos ouvir missa a Bouver, seis legoas de Xampui, a qual he huma cidade muito boa, ainda que as casas de taipa e madeira; mas tem muitas e muy fermosas igrejas, quais não vimos em outra parte de França, nem tão bem ornadas, e com mesas de confrarias ao modo de Portugal.

Daqui a dez legoas fomos dormir a Pontoesa, cidade do pais de Vuelxin de França (em distinção de Vuelxin de Normandia) chamada assi quasi ponte de Oesa [1], que alguns de presente chamão Isara ou Lisara, que vem do monte de Senys ou de Tarantesa; começa em Confolant em Saboya e entra no Delphinado em Montmelião, donde passando por Grenobla e Romãs, se mete em o Rosna ao porto da Rocha do Clin. O lugar he muito aprasivel, bem murado; tem seu fosso pella parte superior e pella inferior a ribeira. Ha nella muitas fontes de boa agoa, o que não achamos por outros lugares de França, e sobre tudo tem excellentissimas estalagens.

[1] O que em seguida se lê refere-se ao rio *Isère,* cujo nome latino *(Isara)* se confundia com o do *Oise;* não diz portanto respeito a este.

A 17 do mes, chegamos a jantar a S. Germão, que são sinco legoas, e pellas tres da tarde fallarão suas Excellencias com a Raynha e lhe beijarão a mão, e nós ao Delphim; vimos o Duque de Anjú, seu irmão, e demos volta a Paris, onde todos achamos cartas de Portugal e as tiverão suas Excellencias del Rey nosso Senhor, com o que tivemos grandissimo contentamento, por sabermos ficavão suas Magestades e Altezas, que Deos guarde, com saude; e em o Reyno não haver cousa que nos desse cuidado nem molestia.

Mas pois estamos com o pé no estribo para dar volta á patria, será razão dizermos primeiro alguma cousa de Paris e de suas grandezas.

Primeiramente Paris he a mayor cidade de França, de que he cabeça, e está fundada em huma ilha que fazem os rios Senna e Oesa, chamada commummente a Ilha de França: o Senna, que dos antigos foy chamado Sequana, nasce, segundo alguns, em o monte Voga no Duquado de Borgonha; e reforçandose em o paul de Nova, passa por Xatilhon, Mussy, Bar, Corbuel, Paris, donde volta a Sam Diniz, Manta, Vernon, Ponte de Arca, Ruão e Bovilla, e daqui se vay meter em o Oceano Britanico entre Harflur e Honflur, lugares de Normandia.

Delle escreve João Botero, em o primeiro livro *Das causas das grandezas das cidades*, o que muito serve para este lugar, por o avermos com nossos olhos visto, a saber: que sendo este rio mediocre entre outros, tras embarcações tam grossas e sos-

tem pesos tam grandes, que o não crerá, quem o não vê, e em sua proporção não ha rio no mundo que sostenha pesos iguais; e diz proceder isto, alem da terrestre grossura da agoa, de huma certa e natural viscosidade que a agoa do Senna tem, a qual se apega ás mãos como sabão e as alimpa admiravelmente de toda mancha.

O rio Oesa nasce junto a Guisa, e caminhando por Mesieres, Nojon, Pontuesa, Vernol, Ilha de Adam e Campiena, se vem a ajuntar com o Ena, e ambos vão a dar no Senna, o qual divide a Paris em tres partes principaes, a saber: Villa, Cidade e Universidade.

A Villa, que he a mayor parte, fica a hum lado da Gallia Belgica entre o levante e o septentrião: a Cidade fica, como coração do todo, em huma ilha que o Senna faz, a qual dizem os authores foy a primeira que se habitou; e a Universidade fica a hum lado da Gallia Celtica para o meyo dia e poente. Juntão-se todas tres por nove, ou dez pontes; as principaes são as de Notradama, ou de Nossa Senhora, a de São Miguel e a Ponte Nova.

A de Notradama foy feita despois do anno de 1507, governando Luis XII, com sete arcos e sessenta e outo casas da mesma altura e largura de hum e de outro lado; e aos quatro cantos tem suas torres, e no meyo as imagens de Nossa Senhora e de São Diniz, com as armas de Paris por baixo, que são huma nao de prata com as vellas inchadas, em campo roxo, que até nisto se parece com Lisboa, e

o chefe de azul cercado de flores de Lis de ouro, as quais...[1] cognominado o Augusto, e Conquistador, pera mostrar, como dizem as chronicas francesas, que ella era cabeça de todas cidades de França, e semelhante a huma nao abundante de todas as cousas da qual el Rey he a cabeça ou piloto.

A ponte de São Miguel foy feita em tempo de Carlos VI por Hugo Aubriot, prevoste de Paris, e, caindo no anno de 1549, foy reedificada com casas de hum e de outro lado de altura igual.

A Ponte Nova, que está entre o Luvre e o convento dos Agostinhos, contem doze arcos, sete da parte do Luvre e sinco da parte dos Agostinhos. E no meyo dos arcos, numa praça que faz onde acaba a ponte da parte dos Agostinhos, está huma excellentissima estatua de bronze que representa a el Rey Henrique IV o Grande, a cavallo, que he toda a perfeição da ponte. Está sobre hum pedestal de marmores em cujas quatro faces se vem, em bronze gravadas, as vitorias e tropheos principaes deste valeroso Principe, com bellas inscripçoẽns latinas e cercada de grandes grades de ferro.

A estatua foy enviada por Ferdinando primeiro, e Cosme segundo, seu filho, tio e primo da Raynha Maria de Medicis, mãy do Rey que agora he.

E ao segundo arco da ponte pella banda do Luvre está levantada huma torre, á qual por certos con-

[1] Ha aqui um lapso evidente, erro de copia ou typographico. Conjecturamos que as palavras omittidas seriam: *lhe conferiu Philippe.*

ductos sobe a agua da ribeira; e nella se representa a Samaritana dando agoa a nosso Senhor, e no alto della se ve hum relogio industriosissimo, porem agora estava todo desmanchado. Dizem que quando quer dar a hora, faz antes hum som e musica muito agradavel por certas campainhas que tem; mostra as horas, com o curso do Sol e da Lua sobre o orizonte, os meses, e os doze signos do Zodiaco.

O chão da ponte he dividido em tres; pello meyo passão os coches e cavallos, e pellos lados, que são mais levantados alguns tres pés, passa a gente de pé; e toda ella, desde o Luvre até os Agostinhos, pello lado principalmente que fica para a cidade, está cheya de tendas de livreiros onde se acha toda sorte de livros, de qualquer faculdade e condição que sejão, e mais acomodados do que em a rua de Sanctiago, que he a fonte manancial de todos elles.

Comprendese Paris dentro de altos muros, fossos, repairos e trincheiras, e tem 15 portas ou entradas, todas com suas pontes levadiças, a saber: a de S. Antonio, do Templo, de Nela, de Bussi, de S. Germão, de S. Martinho, de S. Diniz, de S. Miguel, de Sanctiago, de S. Marçal, de S. Victor, de S. Bernardo, a Porta Nova, a de Montmatre, ou Monte dos Martyres, e a de S. Honorio, posto que estas duas ultimas estão derribadas.

Quanto a sua grandeza, por opinião de Botero, que eu me não atrevo a affirmallo, he Paris a mayor cidade de Europa, despois de Constantinopla, e em povo e abundancia de todas as çousas faz muitas

ventagens a todas as outras da Christandade, o que não duvido.

Fazemlhe mais de quinhentas ruas, todas calçadas de huma pedra quadrada, das quais repartem 48 ou 50 á Cidade, e duzentas e outenta á Villa, as demais á Universidade; e todas ellas se fechão de noite com grossas cadeas de ferro.

Entre igrejas, capellas, hospitaes e conventos tem mais de 140, e os collegios passão de 50. Das igrejas, a principal e mais antiga he a de Notradama, dedicada á Vírgem Maria, e fica na parte que chamão a Cidade. Começou a el Rey Dagoberto, filho de Hugo Capeto, e acabou a Philippe Augusto, que foy no anno de 1180.

Tem sinco naves e sustentase o edificio todo em 120 pilares ou colunas; e tem de comprimento 174 passos, de largura 60 e de altura 100. Contem 45 capellas, com suas grades de ferro, e entrão nella por onze portas. Sobre as tres partes do frontespicio estão as estatuas de pedra de 28 Reys, que começão de Childiberto até Philippe Augusto. Tem duas altas torres ou campanarios, a que se sobe por 389 degraus, e ha nellas treze sinos, entre grandes e pequenos, e algum tam grande que não o podem abranger desouto e vinte homens, posto que não o medi, mas assi o affirma Jaques de Charron em sua *Historia Universal;* e em tempo bom se ouve sete legoas em redor.

Esta igreja he a primeira em dignidade de todo o Reyno; ha nella muitos conegos, capellães, e

outras dignidades, que ao todo fazem numero de 127.

Das capellas tem o primeiro lugar a Sancta Capella, que está dentro no Paço Real, que agora chamão da Justiça, e fica tambem na cidade, e são duas igrejas huma por baixo da outra, cujos nobres edificios se devem á memoria do sancto Rey Luis, desde o anno de 1242 por diante. E nella pos este sancto Rey a coroa de espinhos de nosso Salvador, a qual ouve do emperador Baldovinos II de Constantinopla, e tambem huma grande parte da verdadeira cruz, e a esponja com que se deu de beber a nosso Salvador, estando na cruz, o fel e vinagre, e o ferro da lança com que Longuinhos lhe passou o lado direito; as quais preciosas reliquias, por consentimento do mesmo Emperador que as havia empenhado aos Venesianos, resgatou por grande summa de dinheiro.

Alem destas reliquias dizem haver nesta Sancta Capella outras muitas, como são coeiros e manteos com que nosso Salvador, em sua infancia, foy pensado pella Virgem Maria sua mãy; huma cadea de ferro com que depois foy atado; a toalha sobre a qual fez e instituyo o Sanctissimo Sacramento, quando ceou com seus Apostolos; a roppa de purpura que Pilatos lhe fez vestir por escarnio; a cana que os Judeus lhe derão em lugar de cetro; hum pedaço da pedra de seu sepulchro; huma parte do Sancto Sudario; do leite da Virgem; huma parte das cabeças de S. João Bautista, de S. Clemente,

de São Simeão e a do mesmo sancto Rey Luís, e assi a vara de Moysés. Porem nada disto vimos, e perguntando eu a hum conego, dos que ali ha, especialmente pella coroa de nosso Salvador, quando e como a poderiamos ver, me respondeo, que nem ella nem as outras reliquias daquella casa se havião de mostrar, nem ao proprio Rey, por certas causas que pera isso havia: o que me fez sospeitar que estas sanctas reliquias, alem de outras cousas preciosas que ali avia, se devião perder com o incendio do anno de 1618, que abrasou todos os edificios do paço.

Dos hospitaes he o mais insigne o que commummente chamão dos quinze vintes Cegos, em memoria de 300 fidalgos a que ali os Sarracenos tirarão os olhos: está na Villa, em a rua de Santo Honorio, e fundou o o S. Rey Luis pera os pobres cegos.

Dos conventos he memoravel o do Templo, pollos cavaleiros Templarios, fundados no anno de 1122 e extinctos no de 1309 pollo Papa Clemente quinto, o qual he hum edificio vasto e espaçoso, cercado de muralhas, com huma grande torre, e pode servir de alojamento pera a corte toda de hum Rey: fica na Villa.

Famosa he a Abbadia de São Germão, que de presente gosa hum írmão natural del Rey: he toda cercada de muros, e tem sua justiça particular, e nella se faz em o mes de Fevereiro huma muito grandiosa e rica feira, chamada de São Germão: fica no burgo da Universidade.

O Convento de São Francisco, que foy edificado no anno de 1230, tem quinhentos frades, e aqui numa capella está sepultado o senhor Dom Antonio Infante de Portugal, se bem a inscripção, que em o tumulo tem de versos latinos, o nomea por Rey, e não sei com que rasão e fundamento. Morreo em agosto de 1595 annos, em os 65 de sua idade: ficarão-lhe quatro filhos, por nome Manoel, Christovão, Felippa e Luisa. O senhor Dom Manoel foy casado com Emilia, irmã do Conde Mauricio de Nasau, e teve della, alem das filhas (huma das quais he casada) a Dom Luis e a Dom Manuel: morreo em Flandes de mais de 65 annos em 25 de Julho de 638, e em o mesmo anno, 22 dias antes, seu irmão o senhor Dom Christovão, que está enterrado com seu pay. Em o meyo do corpo da igreja está a sepultura, em tumulo levantado, de Alexandre de Ales, doutor famoso. Neste convento lia o famoso Escoto, e se diz aqui todos os annos huma missa em Grego.

Dos collegios he o mais celebre o de Navarra, fundado por Joana, Raynha de Navarra, mulher del Rey Philippe o Bello, com huma boa biblioteca; mas o de Sorbona he muito mais antigo. Tomou este o nome de Roberto de Sorbona, seu fundador, privado do Sancto Rey Luis; e o Grande Cardeal Duque de Richeliú, privado de Luis o Justo, o vay reedificando de novo, com huma igreja que sera hum dos melhores edificios de Paris; nelle se ensina theologia.

O Collegio de Clemonte na rua de Santiago occupão agora os padres da Companhia, que o tem renovado todo e ennobrecido muito. O claustro ou patio, onde estão as classes, he bellissimo; nelle se ensina gramatica, rethorica e a faculdade de artes e theologia. Dão os padres pupilage a muytos filhos de senhores, os quais se repartem em tres dormitorios, conforme o grao de seus estudos, a saber: os de gramatica em hum, os de retorica noutro, e noutro os de filosofia e theologia: e assi comem divididos em tres refeitorios como frades, e tem seu reytor, que então era hum Principe de sangue, estudante tambem: em o que ha tanto concerto e perfeição, que me fes grande inveja em respeito de nosso Portugal, onde os senhores fazem gala do despreso das letras, que como disse o nosso Poeta:

A muitos se dá pouco ou nada disso[1].

Desta academia literal passão, os que hão de seguir as armas, a outras academias de brida, esgrima, musica e dança, que pella cidade ha repartidas em varios bairros, humas por conta e gasto de sua Magestade, outras de pessoas e senhores particulares; em os quais exercicios passão todos os filhos dos nobres seus annos pueris e juvenis, com muito louvor e utilidade propria.

[1] Camões, *Lusiadas,* Canto V, 98. Na edição de Epiphanio da Silva lê-se *a muitos lhe dá.*

A Universidade das sciencias he a mais numerosa que se sabe: fundou a Carlo Magno a instancia de quatro personages doutos e sabios, que havião sido discipulos do veneravel Beda, a saber: Alcuino, Rabam, Claudio e João, cognominado Scoto, os quais fundaram particularmente a dita Universidade sobre a sancta faculdade de theologia, sobre o direito canonico e sobre as faculdades de medicina e artes.

O direito civil não se ensina em Paris, por causa de hum grande tumulto que os juristas huma ves fizerão.

E pois tratamos de letras, não será fóra de proposito darmos aqui noticia de algumas bibliotecas de Paris, onde se achão muito bons livros antigos, manuscritos e impressos; como são a del Rey, que está dentro do convento de São Francisco, a de São Victor, dentro da Abbadia de São Germão e a do Collegio de Navarra: e dos particular he muito celebre a do Presidente de Thu.

Tem Paris alguns cimenterios famosos; de todos são os mais celebres o de São João, que chamão em Greve, e o dos Inocentes, do qual se diz que dentro de outo dias consume os corpos.

Nem lhe faltão praças; a mayor e mais fermosa he a que chamão Real, que foy feita no anno de 1565 por mandado da Raynha Caterina de Medicis, pello desastre socedido a el Rey Henrique seu marido em hum torneo que fazia na rua de Sancto Antonio, cellebrando a paz e cazamentos de Phi-

lippe Rey de Espanha com Isabel sua filha mais velha, e do Duque de Saboya com Margarita sua irmã, filha de Francisco primeiro, no anno de 1559.

Henrique quarto a ennobreceo com os altos edificios que em quadro tem, todos de semelhante altura e estructura. No meyo della se vê agora huma bellissima estatua de bronze del Rey Luis treze, a qual descreveo com rara elegancia, em versos heroicos latinos, o Padre Francisco de Macedo, meu mestre na rethorica, que a negocios seus passou, occulto a todos, em nossa propria nao, áquelle Reyno, pera dali se ir a Roma; o que parece foy permissão divina, pollos muytos serviços que nelle fez a El Rey nosso Senhor e á patria, com grande credito e reputação da nação Portuguesa, como se pode colligir do *Panegirico Apologetico,* que em latim compos, e despois em Barcelona os Catalaens tradusirão em castelhano; das admiraveis inscripçoens que fez a el Rey Christianissimo, e a sua Eminencia; da traducção de portugues em latim que fes do livro intitulado *Direito Hereditario da Serenissima Senhora Dona Caterina,* e de seu *Apendice;* e de outras obras que porventura agora dará a luz em Roma, onde passou com o senhor Bispo de Lamego.

Tem Paris muitas fontes pollas ruas, cuja agua, ainda que não he muyto boa, vem á cidade por diversos canaes e acqueductos, que se fizerão com grandissima despesa; e todas tem suas chaves de ferro, com que fechão e abrem a agua quando que-

rem. E entre os muytos jardins que a fazem amenissima, he muito pera ver o Real, na rua de São Victor, por que nelle se achão exquisitos simples, trasidos de varias partes do mundo, cuja direcção e conducta principal pertence ao medico mayor de sua Magestade.

Os fogos da cidade disem que passão de doze mil; entre elles ha muytos edificios e magnificos. Devese o primeiro lugar ao Luvre, palacio ordinario del Rey, quando está em Paris: foy seu fundador Philipe segundo, e seus reedificadores Carlos o Sabio, Francisco primeiro e Henrique segundo, seu filho. O mayor ornamento que tem he uma galleria que Henrique quarto fez, a qual tem sete ou novecentos passos de comprido. Vesse aqui huma sala, que se diz das Antiguidades, chea de peças coriosas e bem dignas de ser vistas, qual he huma Diana de Epheso. Aqui tem os moedeiros suas officinas, que certo são muito maravilhosas e convenientes a tão grande Monarqua. O edificio todo he soberbo e de fermosa architectura, lançado ao longo do Senna; mas faltalhe muito por fazer, se bem nam parão as obras, que el Rey Luis o quer pôr em sua inteira perfeição.

O Paço que chamão da Justiça, he tambem muito fermoso e grandioso edificio: foy edificado em tempo del Rey Philippe o Bello, por Enguerrando de Marigni, senhor de Cucy, conde de Longavilla e Superintendente general dos direitos reaes, pera palacio dos Reys; mas elles o derão despois pera o

exercicio da justiça e seu Parlamento em Paris. Tem algumas salas fermosissimas: a mais famosa, a que se diz dos Procuradores, onde estavão as estatuas de todos os Reys que forão de França, de vulto, com sua proporção natural. Todas suas entradas e gallarias estão cheyas de diversas tendas, providas de toda sorte de mercadorias e cousas coriosas, de maneira que parece huma bellissima feira.

O grande e pequeno Castello, que são os edificios mais antigos de Paris, atribuidos a Julio Cesar, ou pera melhor dizer, ao Emperador Julião Apostata, servem hoje de ter a corte e justiça ordinaria do lugar tenente civil e da cadeira presidial, e pera suas prisoens.

A Raynha mãy, que agora vive e está em Inglaterra com a Raynha sua filha Henrica Maria, tem começado em o burgo de S. Germão huma casa magnifica, chamada o Luxemburg, e vulgarmente a Casa da Raynha mãy, cuja vida desde seu nacimento está, em huma fermosa gallaria, pintada da mão de Rubens e outros excellentes pintores.

Os Principes e senhores do Reyno tem aqui tambem suas casas e aposentos, como são o de Condé, de Suason, de Vandoma, de Longavilla, de Guisa, de Menna, de Xevrosa, de Nevers, de Sully, de Scomberg, e de Richieliu, que he hum edificio moderno, e em muytas cousas superior aos demais. Ha em Paris mais de sinco mil jogos de pella. Finalmente a cidade de Paris he comparada á Gre-

cia na sciencia, a Roma na grandesa, a Asia na riqueza, a Africa nas novidades, e Architrenio a chama rosa e balsamo do mundo: porem tornemos a nosso intento.

A doze de Junho partio o senhor Bispo de Lamego para Marcelha, com tenção de passar a Italia em as galés de França, em companhia do Embaixador de França que hia pera Roma. Deixou ao Conde Brullon, conductor dos Embaixadores, seu retrato (porque lhe disserão ser uso dos Embaixadores naquella corte) feito pello Xampanha, pintor famoso de sua Magestade, e lhe fez pôr huma grossa argolla de ouro.

A vinte e dous de Junho, que foy hum sabado, foy o Conde Brulon e Giró seu tenente a despedirse de suas Excellencias, e o Conde lhes trouxe huma carta da Raynha de França pera a Raynha nossa Senhora. E em nome del Rey lhes apresentou duas armaçoens de panos de raz, huma pera o Monteiro mór, e outra pera o Doutor Antonio Coelho de Carvalho; e de sua parte lhes deo os retratos de suas Magestades Christianissimas, e de sua Eminencia o Cardeal de Richieliú, metidos em caixas de folhas de Frandes. E ao secretario Christovão Soares deo tambem, da parte de sua Magestade, huma cadea de ouro com huma medalha del Rey. Suas Excellencias derão ao Conde huma cadea de ouro, obra da China, de valor de 500 cruzados, e a Monsiur Giró, seu tenente, mandarão dar huma bolsa de ambar, com sincoenta dobroens dentro.

Dia de são João Bautista, pollas nove horas do dia, saimos de Paris, e viemos dormir a sete legoas em huma aldea chamada Esol, em a qual ha uns engenhos de agoa pera moer casca excellentes, e hum moinho de muyto artificio, pois delle sae o trigo moido e a farinha peneirada. Tres legoas atrás de Esol fica Juivudi, outra aldea, a qual em o meyo da rua tem huma fonte de boa agoa.

A 25 de Junho fomos jantar a Fonteneblô, que fica de Paris 14 legoas. He este hum lugar que tem ao redor de setecentos fogos, situado em o Pais de Gatinoes, entre penhas e florestas, em as quais ha muita caça de todo genero. O ar he saluberrimo, e a terra abundantissima de agoa, por resão de cujos olhos, e fontes que aqui de todas as partes manão, se disse Fontenebló. O Sancto Rey Luís o chamava seu deserto e sua solidão. Tem aqui os Reys huma bellissima casa, que chamão o Castello de Fonteneblô, cuja grandeza teve principio de Francisco primeiro, que nella tinha posta huma famosa biblioteca, a qual foy despois levada a Paris: o resto se deve a Henrique o Grande, que a tinha por todo seu deleite e recreação.

O circuito inteiro do Castello he de mil e quatrocentos e sincoenta braças, nam fallando nos jardins e parques. Ha nelle muitas e bellissimas salas, casas e gallerias. Em a galleria grande, que tem 60 braças de comprido e tres de largo, se vêem representadas todas as victorias del Rey Henrique quarto. E na del Rey Francisco, que tambem cha-

mão o Grande, estão retratados a mayor parte das casas reaes de França, pintadas todas em prespectiva, como São Germão em Laya, Monceaux, ou Monte de Aguas, Amboesa, Xamburg, e outras. Fica defronte della a casa que chamão das Pinturas, por as bellissimas pinturas de que está adornada, e hum cabinete que nellas lhe não é inferior. A galleria da Raynha comprehende todas as batalhas e combates del Rey Henrique quarto: della se ve o volliere ou aviario, que tem 38 braças de comprido e tres de largo, onde ha muyta diversidade de aves, pera cujos ninhos (por que ali crião a seus tempos) estão dentro dispostas muytas fayas e loureiros. A sala da guarda he tambem muy fermosa, com huma tapiceria pintada nas proprias paredes com muyta perfeição, e nella todos os combates de Carlos setimo, e as victorias avidas dos Ingleses. Em a sala dos festins ha huma chuminé (em a qual se vê de fino alabastro a figura del Rey Henrique quarto a cavallo) estimada em desouto mil cruzados. Ha outras casas aqui muito fermosas, mas pera dar relação de todas, fora necessario livro particular.

Entre outras vimos hum gabinete em que dormia o santo Rey Luis, outro onde nasceo o Rey que de presente reyna, e huma casa onde esteve prezo o Mariscal de Viron, que despois foy degolado em tempo de Henrique quarto. Porem nenhuma cousa se póde comparar á capella que aqui fez el Rey Luis o justo, nem me parece que em o

mundo ha maravilha que a iguale; porque aqui se incluem todas as maravilhas, obra digna de seu autor.

Fazem muito magnifico este Castello, diversos e famosos claustros ou patios que tem; o principal he o que chamão do Cavallo branco, cujo comprimento he de outenta braças, e a largura de outenta e sinco. O patio que disem da Fonte, por huma que ali se vê, com a estatua de Mercurio, tem muytas antiguidades. Os jardins que acompanhão esta casa são muytos e fermosos; em o jardim da Raynha está, em o pedestal da fonte, uma figura de Diana bellissima, com outras muytas figuras de bronze. O jardim grande del Rey tem 180 braças de comprido, e cento e sincoenta e quatro de largo. No meyo delle está a fonte do Tibre, em grande figura de bronze, com huma loba dando de mamar a Romulo e Remo; e em quatro angulos do jardim suas fontes, numa das quais está a estatua de Cleopatra em bronze. Em o jardim do Tanque se vê hum galhardo Hercules de alabastro. O jardim dos Pinhos he tambem fermosissimo; tem 160 braças de comprido e 80 de largo. Estes são os jardins principaes desta casa, alem dos quais ha outros muytos, com muytos tanques, fontes, arvores e parques. O parque del Rey he grandissimo, e se diz haver 60:000 pes de arvores fructiferas de toda a sorte.

A floresta, que vulgarmente chamão de Fonteneblo. he muito grande, e está repartida em outo

guardas, e estas em mais tropas. Dentro della está hum gabinete del Rey lindissimo, com as figuras antigas de Alexandre Magno, Julio Cesar, Demosthenes e Cicero; e ha aqui um tanque, que por hum lado atravessa a floresta ao comprido, o qual el Rey Henrique IV queria levar até o rio Senna, pera ir por agua a Paris, que fora huma grande maravilha. Os Principes e senhores, e outros muytos particulares que seguem a corte, tem aqui tambem muyto boas casas.

De Fonteneblô fomos a sinco legoas dormir em huma aldea chamada Hípergervilla de la riviera. E ao outro dia, que forão 26 do mes, fomos jantar a Xilot, pobre aldea, que fica de Hipergervilla 7 legoas, e dormir a Orliens, que são outras sete; e tres legoas antes de chegar a Xilot, passámos por huma pequena cidade, por nome Pivié, em a qual ha um fermoso castello.

Em a cidade de Orliens nos embarcámos, e pello rio Loere abaixo fomos a 17 legoas dormir em a cidade Bloe, havendo jantado em Bogency, lugar agradavel e fertil, que fica de Orliens 7 legoas, posto tambem sobre o rio Loere, ao qual muytas vezes se retirão os estrangeiros de Orliens, por evitar o trato e conversassão continua dos moradores de hum mesmo lugar, e por mais fielmente aprender a lingua francesa. Tem hum famoso castello e huma grande ponte sobre o rio, a qual no meyo e nos estremos tem suas portas e pontes levadiças, que se fechão todas as noites, cousa ordinaria em todos

os povos e lugares de França: e nesta jornada passámos tambem por alguns lugares mais, grandes e populosos, postos ao longo do rio, como são Meun sobre o Loere, em distinção de Mehun sobre Yeura em Berry, Lexin, e outros do Pais de Xatren.

De Bloe fomos o seguinte dia jantar a Amboesa e dormir á cidade de Turs, que foy jornada de 19 ou 20 leguas; e por toda ella fomos vendo ao longo do rio muytas e grandes povoações, cujas casas estão abertas ao picão em as mesmas penhas e rochas, e algumas dellas com suas janellas de sacada; e por entre as vinhas e pumares que lhe ficão por cima, aparecem as trombas das chaminés, que he cousa galantissima de ver.

A cidade de Turs he muito fermosa e agradavel, como aquella que está posta em o pais de Turena, chamado commummente o jardim de França, do qual he cabeça. Ficalhe o rio Loere ao levante, o Indre ou Lindre, que nasce junto a São Severo em Berri, ao meyo dia e occidente; o qual, com o Xer, que nasce alem das montanhas de Berri, se ajuntão com o Loere, aonde está a ponte de S. Edma, que he de 18 arcos. Fundou esta cidade, segundo alguns historiadores contão, Bruto, em memoria de seu filho Turno, que ali foy morto. Toda ella tem bellissimas ruas e muyto limpas, e as casas são todas cubertas de huma piçarra negra, a qual he muyto usada em França em lugar de telha. Contem muytas e lindas igrejas; as principaes são a de São Graciano, vulgarmente dito São Gassiano,

que disem ser obra dos Ingleses. A de São Martinho he famosa pellos ossos que com muyto coriosidade e devoção se guardão nella do glorioso S. Martinho, Ungaro de nação (e companheiro muyto tempo de Santo Hilario), aquelle que em Amiens, cabeça de Picardia, partio sua capa com o pobre e despois foy Bispo nesta cidade, onde morreo a 11 de novembro do anno de 399 de idade de 81. Os Reys de França tiverão sempre grão devoção a este Sancto, e delle forão muytas vezes favorecidos, particularmente em os successos da guerra; e assi diz Guilhelmo Durando em seu *Racional,* que era costume dos Reys de França levar ás batalhas a capa de São Martinho, a qual, em acentando o campo, levantavão em alto, estendida a modo de toldo, e debaixo della armavão hum altar e lhe disião missa, donde crem alguns que veyo este nome de capella. Ha nesta igrêja hum relogio industriosissimo, porque entre outras cousas mostra os dias do anno, a crecente ou minguante da lua, e humas campainhas pequenas que tem, tocão as oras da missa com gracioso som, ao qual se abre huma porta, e por ella se vem entrar certos padres marchando em ordem.

O castello da cidade he antigo e já está arruinado. Seus arrabaldes são muito grandes e fermosos: hum delles, que está da outra parte do Loere, se ajunta á cidade por huma ponte muyto boa, e ao longo do rio tem a cidade hum grandioso caes de cantaria, com muytas argolas de ferro por

todo elle, pera se os barcos prenderem. Lavra-se nella muyta seda e lan, de que ha grosso trato; e a seda se tinge com muyta excellencia. Aqui ganhou Carlos Martello, Principe dos Franceses, huma batalha a Abderrama Rey dos Sarracenos, em a qual, alem do mesmo Rey, morreram 350:000 sarracenos, ou como outros dizem 375:000, e como outros 380:000, a qual victoria foy muy celebre entre os historiadores e poetas Franceses.

De Turs proseguimos o dia seguinte, que forão vinte e nove, o caminho por terra, e a quatro legoas fomos jantar em huma aldea que chamão Ponte de Ruão, em a qual ha muyto boas pousadas; e a outras quatro muy grandes, fomos dormir a outra chamada Lilla Buxart, numa estalagem que fica algum tanto desviada do lugar. Ao outro dia passamos em huma barca, conforme ás de que tenho feyto menção, o rio Vienna, em o meyo do qual está a ilha Buxart, que he toda cercada de altos e fortes muros, e cheya de arvoredo, com que á vista representa huma bellissima paisagem. Tem de huma e outra parte burgos, aos quais se ajunta com varias pontes, e nellas ha outras levadiças, pera as occasioens de guerra ou tumultos.

Daqui fomos jantar a Richeliú, que fica de Lilla Buxart tres leguas. Está Richeliú posto em o pais de Poetú, e o Eminentissimo Cardeal, de quem he patria, a fez gosar do titulo de cidade, e de cabeça do duquado, e a tem franqueado e previlegiado muyto.

A casa e castello de sua Eminencia de poucos annos a esta parte, por sua industria e diligencia, he huma das melhores cousas de França, e de muyto longe se pode ir ver e admirar a riqueza de seus edificios, de seus marmores, moveis e outras cousas, tão raras e esquisitas que sobrepujão todo valor e todo credito. Que a mosca e o parasito sejão louvados de Luciano, a quartã de Favorino, a calva de Sinesio, o grillo de Plutarcho, o mosquito de Virgilio, a ran de Homero e o asno de Apuleyo, são cousas vis e ligeiras, mas a Casa de Richeliú vence todo encarecimento, e só a pode louvar dignamente a admiração. Aqui se vêm entalhadas em varios marmores, e guarnecidos de preciosas pedras, diversas estatuas ao nátural de todos os Cesares e Emperadores da antiguidade, de muytos Philosofos, Poetas e varões illustres nas armas e nas letras, avidas de Roma, Venesa, e outras remotas partes do mundo, com poder e com industria; muytas pinturas de Ticiano, Michael Angelo, e outros famosos na arte, assi antigos como modernos. Os tectos são todos dourados e ornados de excellentes paineis, e as paredes que delles não estão cubertas, o estão de finissimo raz de ouro e seda; e ha aqui hum quarto, que toda a ferragem de portas e janellas he de fina prata. O edificio todo está arcado de agua, e a agua cheya de varios peixes, e se anda todo ao redor por corredores ornados de bellissimos marmores. Os jardins que o acompanhão são notaveis, e muyto mais

as florestas, em as quais ha tanques que parecem mares. He emfim Richeliu hum epilogo de grandesas e maravilhas.

O lugar he todo feito em prespectivas e correspondencias, capaz de mil e quinhentos visinhos, e guarnecido de quatro pavilhões de piçarra. Tem huma igreja dedicada a São Luis, onde estão os Padres que chamão do Oratorio, cujo habito he semelhante ao da Companhia, e he tão fermosa, que em seu tanto, nenhuma de Portugal a excede. Tem tambem academia de leis e philosophia. Muyto ha em Richeliú digno de consideração, porem a pressa com que vinhamos demandar á Rochella, não nos deo lugar a nada; e sobre isso partimos de Richeliú com tanta agua quanta nos não choveo em todo mais discurso da viagem, que até o Ceo parecia querer obrigar a suas Excellencias a considerarem esta outava, e primeira maravilha, mais de espaço.

Fomos dormir este dia a Setelarão, que são seis legoas, e chegariamos á pousada pollas duas horas despois da meya noyte; e achando a cidade fechada, ficámos em hum arrabalde della.

Ao outro dia, primeiro de Julho, fomos dormir a Putiers, aos 2 jantar a Lusinhan e dormir á Motta, que pera nos foy a ilha de Santa Elena em aquella viagem; e o Conde de Parabere, com seus filhos e muyta gente de cavallo, veyo esperar a suas Excellencias huma legoa fóra, mas vindo entrando a noite, se retirou só, deixando aos demais pera condusirem os Senhores Embaixadores ao Castello,

onde chegados, forão recebidos com extraordinarias alegrias.

Estava a mesa posta, a vontade já manifesta, comeose esplendidamente, e se bebeo de neve, e sobre isso ouve hum festim breve, por ser tarde, o qual acabado, forão todos a descançar.

O dia seguinte estiverão suas Excellencias na Motta, por satisfazer e dar gosto áquelles senhores, que tanto o desejavão, e juntamente por haver novas certas de que o Marquez de Bresè não era ainda chegado á Rochella; e se passou o dia alegremente. Pertendia o Conde levar suas Excellencias á caça numa tapada que tem, mas o tempo não deo lugar, porque todo o dia choveo muyta agoa.

Ao seguinte dia, despois do jantar, (havendo de parte a parte grandes mostras de saudades á despedida), nos pusemos a caminho, e o Conde Parabere e o senhor de Braxat seu irmão, o Marques e Bisconde seus filhos, acompanharão a suas Excellencias huma distancia fóra do lugar, onde se abraçarão todos, e viemos dormir a Agri, e ao outro dia jantar a Corson e dormir a Rochella. Forão suas Excellencias recebidos do grão Prior com muyta alegria, e agasalhados em os mesmos aposentos que da vez primeira.

Ao Domingo, 14 de Julho, chegou o Marqués de Bresê a Rochella pollas seis da tarde: visitarãono suas Excellencias: foyse ajuntando naquelle porto a Armada: pedírão suas Excellencias ao Marqués

embarcação, em que passassem ao Reyno: offereceolhe todas, e cada qual de sua Armada: ultimamente se lhes deo hum galeão castelhano, por nome *Oquendo*, que o anno passado, com outros tres mais, avião os Franceses tomado na passagem, cujo capitão era hum Ugonote da Rochella, por nome Guiton, o qual no sitio que el Rey Christianissimo pos áquella praça, quando a rendeo, sahio a peleijar com toda armada de França.

Tinhamos já a matalotagem feita, e assi a vinte e dous de Julho, dia de Sancta Maria Magdalena, se embarcou o Monteiro mór com toda sua gente, e o acompanhou o grão Prior até o porto, onde o esperavão já as chalupas da capitaina e mais armada, com muitos capitães e pessoas de authoridade; e chegando a bordo, lhe fizerão salva com dezanove peças de artelheria e toda a mosqueteria.

Ao seguinte dia se embarcou o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, por ficar acabando de aviar algumas cousas para a companhia de Portugueses, que Heitor Mendes, filho de Francisco Mendes de Brito, que com elle passou áquellas partes, trouxe por sua conta e gasto, para com ella em o Reyno servir a el Rey nosso Senhor, que erão setenta homens.

Em o mesmo dia, já tarde, se embarcou o Marquez de Bresé na sua capitaina, e ao outro dia veyo a nosso bordo a visitar suas Excellencias e a lhes fazer seus comprimentos, em que os Franceses a

meu ver aventajão a todas as outras nações do mundo, donde nasceo entre elles o proverbio:

Qui feit François
Il feit couertois.

E voltando, mandou logo hum capitão a lhes pedir quisessem suas Excellencias dar aquelle dia o nome, que não o avia pedido no de antes, por quanto o avia dado seu tio o grão Prior. O Monteiro mór lhe deu Sancto Antonio, por cujos meyos foy Deos servido (que tambem por lá andava em favor de sua patria o Sancto, fazendo suas maravilhas), de nos mandar aquella noite hum nordeste fresco, com o qual o General mandou tirar peça de leva, e entre as duas e as tres de madrugada démos o trapete, mas como em o tempo tudo são mudanças, logo nos acalmou: finalmente tivemos em 21 dias de viagem algumas calmarias e borrascas, das quais foy huma tam terrivel, que a não nos tomar em popa, passaramos trabalhosamente.

Vindo pois buscando a nossa costa, tivemos vista dos Furilhões e Brelengas, e passamos entre ellas e terra firme, á vista de Peniche e mais lugares que do mar se divisão: e com o favor de Deos, veyo surgir toda a Armada em a praya de Cascais a 7 de Agosto, com tanto vento, que, álem de ser já noite escura, não foy possivel mandar logo batel a terra, para avisar a sua Magestade; mas em amanhecendo, mandárão logo suas Excellencias o Secre-

tario Christovão Soares a el Rey, para que o informasse de sua vinda e do mais que sua Magestade lhe perguntasse.

Aqui tivemos logo novas dos scismaticos da patria, que estavão presos para ser executados, como merecem os que violando a fee e homenagem dada, tomão perfidos e rebeldes as armas contra seu Rey, amigos e parentes, não se lembrando que em os seculos passados os Curcios, Decios, Codros e outros infinitos, em defensão da liberdade da patria, despenderão, não só os bens da fortuna, mas o mesmo sangue e a vida. Morrão pois estes treidores, nem apareção mais sobre a face da terra, que ha homens que perdidos, são mais estimados que possuidos.

Tanto que amanheceo, as torres de Cascais, Sam Gião, Cabeça seca, e os galeões de nossa armada, salvando a bandeira Real de França, dispararão muita artilheria; e os Franceses responderão com a sua. Tendo sua Magestade aviso da vinda de suas Excellencias e da armada a Cascais, mandou ao Conde Capitão e ao da Vidigueira, que de sua parte fossem visitar ao General, e a lhe pedir quisesse recolher a armada para dentro, por causa de algum temporal que podia sobrevir; e os senhores Embaixadores lhe manifestarão tambem as razões porque o devia fazer, com o que o Marquez se resolveo.

Forão pilotos de Cascais, e aos 9 do mez entrou a armada, e surgindo em a enseada de S. Joseph,

o nosso galeão o fez defronte de S. Paulo, e forão suas Excellencias os primeiros Embaixadores que tornarão ao Reyno. A salva que das torres, armada e redutos este dia se fez á armada de França, he a todos manifesto, como tambem o refresco que da parte de Sua Magestade, e o que da parte da illustre Camara desta cidade, se lhe mandou.

Desembarcárão os senhores Embaixadores ao longo do forte no Terreiro do Paço, que todo estava cuberto de gente, e forão beijar as mãos a Suas Magestades, e darlhes conta de tudo que em França avião negociado, com as cartas del Rey, da Raynha, e do Cardeal, cujo theor, com o das capitulaçoens e alianças, he o seguinte.

Copia da Carta que el Rey de França Luis XIII mandou a Sua Magestade el Rey nosso Senhor Dom Joam o IV.

Altissimo e Excellentissimo, Poderosissimo Principe, nosso Charissimo bom Irmão e Primo: Nós fomos muy contentes de saber, pellas cartas que Francisco de Mello, do Concelho de Vossa Magestade e seu Monteiro mór, e Antonio Coelho de Carvalho, tambem do Concelho de Vossa Magestade e do seu Parlamento supremo, seus Embaixadores, nos derão, e por suas bocas nos representarão o consentimento universal e applauso geral com o qual Vossa Magestade foy recebido por legi-

timo successor dos antigos Reys de Portugal, e acclamado por soberano desse Reyno; elles poderam mostrar a Vossa Magestade o gosto que disto tivemos, e lhes mostrámos ter; e tambem a alegria que recebemos dos offerecimentos que Vossa Magestade nos fazia pella sua carta, como tambem das proposicões da boa amisade entre nossas pessoas, e de toda a boa correspondencia e comercios entre nossos vassallos, deixando á sua conta o informar a Vossa Magestade de tudo o que elles negociarão comnosco. Não fazemos a presente carta mais larga, que para mostrar a Vossa Magestade o quanto lhe desejamos huma continua prosperidade, e assegurarlhe o desejo que temos de dar a entender a Vossa Magestade por todas as vias a seguridade de minha affeição em tudo o que for conservar o bem de seus Reynos, e Vossa Magestade póde crer verdadeiramente que meu amor he tal pera com Vossa Magestade como eu relato nesta carta. Concluindo, rogamos a Deos que tenha a Vossa Magestade, Altissimo e Excellentissimo e Poderosissimo Principe, nosso Charissimo e Amantissimo bom Irmão e Primo em sua sancta e divina graça e guarda. Escritta em Abbavilla 14 de Junho de 1641. — Vosso Irmão e primo — Luis.

Copia da Carta que a Raynha de França Christianissima escreveo á Raynha nossa Senhora, de São Germão em Laya, a 19 de Junho de 1641

Muito Alta, e muyto Poderosa Princesa, nossa muy chara e muy amada boa Irmã.

Os sinaes que temos recebido da amisade de sua Magestade, pello que nos disse o Senhor de Mello, do Concelho e Embaixador nesta Corte de nosso bom Irmão El Rey de Portugal, quando nos entregou a carta que Vossa Magestade nos havia escrito sobre este particular, nos forão tão agradaveis, que nos buscaremos sempre com muito cuidado, e teremos por muyto praser as occasioens de certificar a Vossa Magestade quanto estimamos e presamos sua affeição, e a estimação que fazemos della; o que o dito Embaixador dirá a Vossa Magestade com muyto mayor encarecimento que nós o poderemos explicar em esta, e assi mesmo de como nossos desejos são de dar a Vossa Magestade as mostras que Vossa Magestade póde desejar de nossa boa vontade: nos pedimos a Vossa Magestade, com a mayor instancia que nos he possivel, tenha isto por muyto certo, em quanto nós rogamos a Deos tenha sempre a Vossa Magestade, muyto Alta e muyto Poderosa Princesa, nossa muy chara e muy amada boa Irmã, em sua sancta guarda. — Vossa boa Irmã — Anna.

Copia da Carta que o Cardeal Rocheliú escreveo a el Rey nosso Senhor

Senhor. — Não mostrei a Vossa Magestade o amor com que me dispus a servillo diante de sua Magestade elRey Christianissimo, porque Vossa Magestade o conhecerá pollos effeitos de minhas obras, e pella relação que lhes farão os senhores seus Embaixadores, os quais fizerão dignamente o que Vossa Magestade lhes mandou, e somente quero assegurar a Vossa Magestade da continuação de meus serviços, dos quais não poderei dar milhor prova que pedindo a Vossa Magestade trate muy deveras das fortificaçoens das fronteiras desse Reyno e de seu provimento, procurando [de] seus vassallos sugeitos que sejão tão capazes na disciplina militar, como são animosos e valentes; formando duas boas armadas, huma por mar, outra por terra; ordenando que huma e outra sejão providas de gente e das mais cousas necessarias, sem que os povos sejão por esta causa avexados; e que ambas busquem o enemigo fora dos estados de Vossa Magestade, não dando lugar a que elle venha a elles. Vossa Magestade sabe muy bem o como eu estou certo em que saberá usar da prudencia e do animo que Deos lhe deo para governar sua Coroa, e que não dormirá na quietação que gosa de presente, pellas occupações que tem seus enemigos. Isto he o que pode dizer huma pessoa que deseja a Vossa Mages-

tade todas as felicidades e que he verdadeiramente de Vossa Magestade humilissimo e obedientissimo servidor. — De Abbavilla 15 de Junho de 1641. — Harmon Richeliù.

Seguese o Tratado das Alianças e Capitulaçoens com França; o qual foy traduzido de francês

El Rey, sabendo a amisade e boa intelligencia que ha avido entre os Reys seus predecessores e os antigos Reys de Portugal, dos quais El Rey Dom João o quarto, que ao presente reyna, está reconhecido unanime e conformemente de todos os Portugueses por legitimo successor; sua Magestade ha tido grande contentamento de ver aqui os Embaixadores que lhe forão enviados por renovar esta antiga amisade, e assigurar por huma aliança entre elle e o dito Rey; sobre o que os Comissarios de Sua Magestade, tendo seu pleno poder, são convinctos com os ditos senhores Embaixadores, tendo outrosi tambem pleno poder do dito Rey de Portugal, em os Artigos seguintes.

Averá daqui por diante paz e aliança perpetua entre os Reys de Portugal e os Reys de França, e seus Reynos, Provincias, Mares, Portos, e Havras [1].

[1] Vem assim na *Copia das capitulaçoens das pazes de França que o Sec.rio daquella embaxada Christovão Soares de Abreu mandou ao D.or Antonio de Macedo Sec.rio da embaxada*

Os ditos Reys prometem de boa fee não dar alguma assistencia de gente, dinheiro, muniçoens, navios [1], armas, nem vivres aos enemigos de hum e outro, contra os quais elles tem ao presente guerra, direita nem indireitamente.

Os senhores Estados Generais das Provincias Unidas dos Paizes Baixos serão admittidos nesta aliança, com as condiçoens que forem tratadas com elles.

Em quanto durar a presente guerra que El Rey tem contra El Rey de Castella, a qual elle continuará com todas as forças, El Rey de Portugal a fará de sua parte continuamente contra o dito Rey, e o acometerá com todo seu poder, por terra e por mar.

Por facilitar os meyos, Sua Magestade fica de acordo de ajuntar ao fim de Junho vinte de seus navios bem armados e esquipados em guerra a vinte galeoens del Rey de Portugal, que seus Embaixadores assegurão e prometem em nome do dito Rey seu senhor que estarão prestes, assi mesmo muyto bem armados e esquipados pera a guerra e aparelhados pera dar á vella (dos quais os meno-

de Inglaterra em 6 de Junho de 641. (Cod. da Biblioteca da Ajuda, $\frac{49}{\overline{X}}$, fl. 217).

Na versão francesa lê-se *havres*. Borges de Castro, *Collecção dos Tratados*, I, 16 (Lisboa, 1856).

[1] Não ha menção de navios na versão francesa.

res serão de 300 toneladas) [1], a fim que as ditas duas frotas, juntas aos vinte navios que os dìtos senhores Estados Geraes devem dar de socorro ao dito Rey Dom João, possão ir commeter a frota dos Castelhanos vindo das Indias, ou fazer alguma outra entrepreza nos estados e terras do dito Rey de Castella, como parecer mais á preposito. Entendendo bem que os ditos navios, assi de Portugal, como dos ditos senhores Estados Gerais, tomarão as ordens da Almiranta de França, e lhe farão todas as outras honras que lhe são devidas; e em cazo se tome a frota do dito Rey de Castella, se partirá igualmente entre os confederados.

Se nos annos seguintes os dous Reys, e os ditos Senhores Estados, iulgarem ser a proposito continuar huma igual entrepreza, se fará de commum consentimento.

Averá livre comercio e trafego entre os [2] Reynos e estados dos dous Reys (como ouve no tempo dos antigos Reys de Portugal), de sorte que seus vassallos possão negociar e commerciar huns com os outros, como amigos e aliados, com toda a segurança, sem que lhes seja dado algum impedimento, antes toda a sorte de protecção e ajuda de huma

[1] Na copia de Christovam Soares o periodo vem assim: *e apparelhados pera fazer viagem, os quais serão pelo menos de mais de trezentas toneladas.* Exceptuando isto, as versões do *Tratado* dadas por Franco Barreto e Christovam Soares são identicas, mas este acrescenta o artigo secreto.

[2] Na versão francesa vem aqui a palavra *sujets.*

parte e da outra, e previlegios e liberdades mayores que os passados, sendo necessario.

Sua Magestade permitirá que os Portugueses possão levar de seus Reynos e Estados, Portos e Havras ao Reyno de Portugal toda a sorte de armas, vivres e moniçoens, pera uso e serviço do dito Reyno somente; como assi tambem o dito Rey de Portugal permitirá que os vassallos sugeitos de sua Magestade Christianissima possão tirar de seus Reynos todas as cousas de que poderão ter necessidade.

Os quais sobreditos Artigos hão sido assinados e firmados em nome delRey por Monsiur Seguier, Cavalleiro, Chanciler de França, Monsiur Boutilhier Comendador, Grão Thesoureiro das Ordens del Rey e Superintendente de Finanças, e Monsiur Boutilhier Xavigny, assi tambem Comendador, Grão Thesoureiro das Ordens de sua Magestade, secretario de Estado, e de seus mandados; e em nome do dito Rey de Portugal por Francisco de Mello, do Concelho e seu Monteiro Mor, e Antonio Coelho de Carvalho, assi tambem do Concelho do dito Rey e Desembargador do Paço, seus Embaixadores cerca de sua Magestade Christianissima, e serão notificados[1] respectivamente por sua Magestade e pello dito Rey de Portugal em termo de quatro meses. Feito em Paris o primeiro de Junho de 1641.

[1] É erro tipographico: deve ser *ratificados*.

Poder dado por sua Magestade
aos ditos senhores seus Comissarios

Luis, pella graça de Deos, Rey de França e de Navarra, a todos aquelles que estas presentes letras virem, saude. A amisade e aliança que ha avido entre os Reys nossos predecessores e os antigos Reys de Portugal, deo sugeito a nosso muyto charo e muyto amado Irmão e primo el Rey Dom João (estando unanime e conformemente reconhecido por seu legitimo successor pellos estados do dito Reyno) desejar que fosse huma [1] conhecida entre nós e elle; sobre o que os Embaixadores que tem cerca de nos, havendonos feito instancia de sua parte pera que se fizesse o tratado desta aliança, entre as pessoas a que nos parecesse cometello pera este effeito e elles: Nós querendo de boa vontade dar este contentamento a nosso dito irmão, e pera o certificar de que nós queremos daqui por diante tomar a peito todo o que lhes tocar por estas causas, e havendo consideração ao merecimento [2] negocio, havemos commetido, ordenado e deputado, como temos, ordenamos e deputamos por estas presentes, assinadas de nossa mão, a nosso muyto charo e fiel

[1] Deverá subentender-se a palavra *alliança.*
[2] Provavelmente falta a palavra *do.*

Monsiur Seguier, Cavalleiro, Chanceler de França, Monsiur Boutilhier, Conselheiro em nossos conselhos, Comendador, e grão Thesoureiro de nossas Ordens, e superintendente de Finanças de França, e Monsiur Boutilhier de Xavegni, assi tambem Conselheiro em nossos conselhos, Comendador e grande Thesoureiro de nossas ditas Ordens, Secretario de Estado, e de nossos mandados, com pleno poder e authoridade de conferir com os ditos senhores Embaixadores, concluir e firmar em nosso nome todos os artigos e tratados em que convierem com elles: Prometemos, em fee e palavra de Rey, de observar inviolavelmente de nossa parte tudo aquillo que por nossos ditos Concelheiros fôr firmado e concluido em nosso dito nome, e de fazer expedir nossas letras de retificação dentro do tempo que elles lhe ouverem prometido, porque tal he nossa vontade. Em testemunho do que havemos feito pôr nosso sinal nesta presente, dada em Abbavilla a 29 de Mayo, o anno da graça 1641.

Os navios da Armada, de que veyo por Lugar Tenente General Monsiur Armão de Mailé, Marques de Bresé, e Embaixador extraordinario del Rey Christianissimo, mandado a El Rey nosso senhor, forão os seguintes.

A Capitaina.

Almiranta por nome a *Virgem:* governada por o Monsiur Comendador de Montigni.

A *Cardinalla:* governada por Monsiur Dume.

A *Coiqogallo* [1]: governada por Monsiur Deportenoire.

O *Cisne*, governada por Monsiur Cavaleiro de Pario, Maltez.

O *Triumpho,* governada por Monsiur Dumenillet.

A *Victoria,* governada por Monsiur de Lamotaje Roche-allart.

O Galião *Olivares,* governado por Monsiur Daniel.

O *Grande Alexandre,* governado por Monsiur de Boisiolli.

O Galião de *Oquendo*, governado por Monsiur

[1] *Coq* ou *Gallo.* Estão tão mal ortographados os nomes dos navios e capitães que damos a lista extrahida da *Gazeta de França* e publicada no *Quadro Elementar* IV, 44.

Náos: Almiranta, Vice-Almiràntа, *Cardeal, Gallo, Cisne, Triumpho, Victoria, Olivares, Alexandre Magno, Oquendo, Esmerilhão, Falcão, S. José, Arminho, Delphim, S. Carlos, Intendente, São Coroado, Madalena.*

Fragatas: *Princeza, Duqueza, Marqueza.*

Canonheiras: *Esperança, Neptuno, Margarida, S. João, Turco, Princeza.*

Fustas: *Coroada, Estanceiro, Pequena Fortuna, Tres Moinhos.*

Commandantes: Commendador de Montigny, Srs. du Mé, Portenoire, Cavalheiro de Paris, Menillet, La Motaye, Roche Alard, Daviet, Boisjoly-Guillou, Cavalheiro de Lignères, Creuzet, Bontemps, Cavalleiro de La Lande, Ville-Moulins, Gabaret, Thibault, Cavalheiro de Gouttes, Barão de Marcé, Cavalheiro du Pau, Bellegrange, La Chesnaye, Martin, Le Brun, Le Beau, Fourchault, Boberge, Jonic, Clairon, La Maître, Rolland.

Guiton: o qual foy dado aos senhores Embaixadores pera sua embarcação e viage a este Reyno.

O *Esmirilhão,* governado por Monsiur Cavalleiro de Lignierez.

O *Falcão,* governado por Monsiur Crevilet.

São Joseph, governado por Monsiur Bom-Tens.

A *Arminha,* governada por Monsiur de la Landa.

O *Delphim,* governado por Monsiur de Villemolins.

S. Carlos, governado por Monsiur Gabaret.

A *Intandant,* governada por Monsiur Tibauls.

O *Leão coroado,* governado por Monsiur Cavalleiro de Goullez.

A *Madalena,* governada por Monsiur Barão de Marce.

A Fragata *Duquesa,* governada por Monsiur Cavaleiro do Parcq.

A Fragata *Marqueza,* governada por Monsiur de Bellegrange.

A Fragata *Princesa,* governada por Monsiur Capitão Jamin.

Vieram mais seis navios de fogo, cujos nomes com os de seus capitaens são os seguintes:

A *Esperança,* por o Capitão Lachesnaje.

O *Neptuno,* por o Capitão Martim: em o qual navio veyo a companhia de Portugueses, que á sua custa trouxe desde o Reyno de França a este, Heitor Mendes, como atraz fica dito.

A *Margarita*, por o Capitão Le Brun.
S. João, por o Capitão Beau.
A *Turca*, por o Capitão Fourchault.
A *Primaresa*, por o Capitão Boberige.

Mais quatro churriões, com monições e mantimentos, a saber:

Hum governado por o Capitão Lonicq.
Outro, que trazia a madeira, por o capitão Clairon.
A *Pequena Fortuna*, por o Capitão Lois Lemaistre.
Os *Tres Moinhos*, por o Capitão Rollant.

Os Senhores, e Monsiures, que acompanharão ao senhor Marques de Bresé, General da armada, sam os seguintes:

Monsiur Lanier, do Concelho de Estado.
O Barão de Mailli.
O Barão de la Vergne.
O Abbade de Novailler.
O Cavalleiro de Bulliture.
O Grande Campo.
Piliers.
Fontenelles.
Desempont.
Monsiur de Mostrel.
Monsiur de Forgetez.
Monsiur Beaumont-Pailly.

Monsiur Deniez.
Monsiur de Grude.
Monsiur de Bucage.
Monsiur de Clarens.
Monsiur de la Blacharize.
Monsiur de Brison.
Monsiur de Chabostiere.
Monsiur de Chinaray.
Monsiur de Billon.
Monsiur de Rubiac.
Monsiur de Ante.
Monsiur de Bussy.
Monsiur de Temericart.
Monsiur Roisieres.

Os Coroneis, que ficarão aqui para servir e ajudar a el Rey nosso Senhor em as fronteiras contra Castella, sam os seguintes:

Monsiur de Bucquoy.
Monsiur de Chantereine.
Monsiur de Monjovente, Barão.
Monsiur Barão de Gravelines.
Monsiur de Mahé.
Monsiur de Datis.
Monsiur de Boisemont.
Monsiur Aurelio.
Monsiur de Masirez.
Monsiur de Tirel.
Monsiur de Machuy.

Remato com dizer (porque mo pedio hum amigo) que tres cousas não vimos em França, a saber: manto, toalha e chapim. Porém vimos bonina, pella qual se dão talvez duzentos e trezentos cruzados (segundo ouvi afirmar a pessoas de credito), se bem eu não trocára por ella hum cravo, ou huma rosa; e se chama tullippa. Vimos e comemos (porque não servem de mais) huns passarinhos, que se levão de fóra do Reyno a vender a Paris, chamados hortolanos, os quais valem a dobrão, e muitas vezes a dous; e tomára de melhor vontade hum taralhão gordo.

Ha humas peras, que chamão de bom Christão, as quais se vendem a pataca; e ainda que não nego serem de muito bom sabor, em Portugal temos algumas que lhe não são nada inferiores, e o mais que chegão a valer, como sabemos, sam quatro ou sinco reis. Mas os Franceses, em o particular de seu comer (principalmente em os convites), tem muito de Heliogabalos, porque nenhum apetite nem salsa achão como o grão preço do manjar, para o fazer saboroso: e ainda que para suas iguarias usam de toda a sevandilha, elles buscão maneira como sejão custosissimas: mas o tempero differe muito do nosso, e se não foy na Rochella em casa do grão Prior, na Mota em casa do Conde de Parabere, em S. Germão em Laya no Palacio de Sua Magestade Christianissima, e em Ruel no de sua Eminencia, não podiamos tragar os seus manjares, excepto hum de nossa companhia, que por não desprazer aos cosi-

nheiros, honrava todos os pratos que se lhe punhão na mesa. E não duvido que o mesmo digão os Franceses dos de Portugal, porque o gosto he differente entre todos os homens; e assi lemos que a Romulo agradou sempre o nabo, a Alexandre Macedonico a maçã, a Nero o porro, a Tacito Augusto as cousas azedas, a Platão os figos: e refutando nós comummente o beber quente, os Cinesios o procurárão sempre com toda a diligencia, porque o costume differe pouco da natureza, e o acostumarmosnos mais a este que áquelle manjar, faz que assi gostemos mais ou menos delle.

LAUS DEO.

DOCUMENTOS ELUCIDATIVOS

I

Instrucções secretas para os embaixadores de França

Francisco de Mello do meu conselho e meu monteiro mor, e Antonio Coelho de Carualho do meu conselho e meu desembargador do Paço, Amigos: Demais da Instrucção que leuaes, e de que haueis de vsar na embaxada de França a que vos enuio, e que podereis mostrar quando conuenha, me pareceo mandar uos dar esta particular e secreta.

Por estar El Rey Christianissimo tam empenhado na guerra com El Rey de Castella, e poder tirar do bom sucesso della tam grandes melhoramentos, e com a minha restituição da coroa destes meus Reynos se lhe hauer offerecido para os conseguir tanto mayor occasião do que podia desejar, se tem por certo que esta embaxada será a melhor recebida e se disporão mais facilmente as propostas della, de que hireis aduertidos, para as tratar com toda a confiança, manifestando ao Cardeal Rochilieu, e aos ministros por cuja via ouuerem de correr, o muito que o seu Principe ganha na boa direcção e conclusão do que se lhe aponta, e que se a guerra de Catalunha se fomentar, e o inuadirmos juntamente por Nauarra, Biscaya, e Milão, e por as prouincias de Castella, Andaluzia, e Galisa confinantes com estes Reynos, fazendo-o tambem em Italia, e os olandeses pellos paizes de Flandes, será infaliuel rematar se a guerra em breues termos a toda nossa

satisfação, encontrandosse as armas francesas e portuguesas no meo de Hespanha, para as hauer de suspender, tendo dilatado muito os termos de ambas as coroas, para o que importa sobre tudo que El-Rey Christianissimo não sómente fauoreça e ajude aos Catelães, mas se asegure delles, metendo no Condado de Roselhen e naquelle Principado, tanta gente de guerra, e tomando em refens praças de tanta consideração, que não possão elles tornar atrás e compor-se, admitindo os partidos que El-Rey de Castella agora lhes offerecerá, que sem duuida serão muito fauoraueis, porque se aquella resistencia durar e for fomentada com mayor cabedal que o dos Catellães, não tera El Rey de Castella forças, no estado em que de presente se acha, gastada a fazenda com a larga duração da guerra, e desanimados e mal contentes os Vassallos, para poder resistir a tantos outros cometimentos, feitos por partes tam differentes, e ficará quasy segura a sua ultima Ruyna.

A liga com Olanda se tem por muito conueniente, e que conforme a proposta della, concorra El-Rey Christianissimo, para se fazer a guerra nestes mares, com as vinte náos de forsa que lhe haueis de pedir por este anno e pellos seguintes, segundo o pedirem as cousas, e que venhão tão breuemente que se antecipe a formação da Armada da liga ao apresto da Castelhana, porque senhoreado o mar, se disporá com facilidade a resistencia por terra aos cometimentos que os Castelhanos podem fazer nas fronteiras destes Reynos, e assy da conclusão e execução deste ponto haueis de tratar com grande cuidado, para que sem falta venhão as náos francesas ao prazo signalado.

Informar-vos-heis com certeza do que poderá montar cada mez o gasto de huã companhia de cauallos franceses conduzidos a estes Reynos, respeitando a despeza da embarcação e viagem, e soldos que hão de vencer; procurando entender se elles se disporão de boa vontade a me vir seruir, e me auizareis, para eu ter entendido o que conuem, em caso

que haja de pedir a El Rey Christianissimo a ajuda de caualaria.

Cabos e soldados praticos e de valor, e mais particularmente engenheiros, minadores, e outros offiçiais de arteficios de fogo, se hão muito mister, e assy procurareis saber os que ha que queirão uir me a seruir, e com que partidos o farão, e me dareis conta com toda a breuidade do que achardes, e com os engenheiros, minadores e officiaes de fogos, assentareis logo partidos e mos remetereis nas primeiras embarcações.

Todo o bom encaminhamento dos negocios que leuais a cargo consiste em affeiçoar e grangear o animo do Cardeal Rochilieu, a que haueis de attender com o mayor cuidado, significando-lhe o muito que Eu confio delle, e de sua grande prudencia e valor, e procurando que reconheça a occasião que tem entre mãos para concluir feliçemente a empresa que o seu Principe, ha tantos annos e com tanto gasto de gente e fazenda, cometeo e vay sustentando, de quebrantar a soberba, insolencia e tirania Castelhana, e que se conseguirmos as vitorias que tão fundadamente deuemos esperar da Justificação da guerra, ficará a nosso arbitrio, não só a composição das cousas de Europa, mas de to[do] o mundo.

A nobresa de França he muito estimada e respeitada do seu Rey, e assy procurareis grangeala e fazer bem aceitos della os intentos desta embaxada, ualendovos dos meos de cortesia e facilidade, muito propios da nasção francesa.

Com os embaxadores que enuio a Inglaterra, Dinamarcha e Olanda vos correspondereis, para ter noticia do que forem obrando nos negocios de suas embaixadas, dando lha do que fizerdes na vossa, e se encaminhar melhor o que se procura, e o fareis pellas cifras que se uos derão e a elles, e tambem leuais cifra para me hauerdes de escreuer.

Os papeis e negocios da embaixada correrão por mãos de Christovão Soarez de Abreo, que enuio por secretario della, com cuja pessoa vos encomendo que tenhaes particular conta,

e o ouçaes sobre os mesmos negocios para boa disposição delles.

Para gastos meudos da embaixada se uos derão por agora sinco mil crusados, que fareis entregar a pessoa que haja de dar conta delles, com liuro de receita e despesa, e para o mais que ao diante for necessario se prouerá dinheiro, de que auizareis a tempo que se possa remeter, sem que haja falta, Pantaleão figueira a fez em Lixª a 23 de Janeiro de 1641. E eu francisco de Lucena a fiz escreuer = Rey.

Instrucção secreta de que hão de vsar francisco de mello, e o desembargador Antonio Coelho de Carualho que V. Md.e enuia por embaxadores a França. — Para V. M.de Ver.

(Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, tom. 14.º, fol. 15).

II

Chegada dos Embaixadores a Rochella

Le vendredy 1.er jour de marts ondit an [1641], les ambassadeurs du roy de Portugal au nombre de deux arrivèrent en cette ville, et descendirent à la digue, et sur l'advis qui feut donné à M. le Grand Prieur, le jour précédant, par l'inter prête desdits ambassadeurs, qui estoit venu ledit jour que lesdits ambassadeurs estoyent à Chef de Bois, et qu'ils désiroyent passer par cette ville pour s'en aller à Paris trouver sa magesté, fit tout aussi tost équipper une petite galliotte qu'il leur envoya, dans laquelle estoit M. de Sainct-Christophe et plusieurs autres gentilshommes, qui les furent quérir, et pendant ledit temps, ledit Sieur Grand Prieur fit prendre de chasque compagnie environ 15 à 20 hommes pour aller au devant d'eux en armes, et se trouva qu'ils estoyent environ trois centz et fit mettre sur les rampars de la chesne huict ou dix pièces de canon et descendirent les dits ambassadeurs à la digue, auquel lieu pour les voir descendre, il y avoit, tant hommes que femmes et enfans, plus de quinze cents personnes et estans descendus, montèrent dans le carrosse de M. le Grand Prieur et vindrent entrer par la porte noeufve, où les soldars l'attendoyent et feut tiré plusieurs coups de mousquets et de canons qui estoyent sur les rampars et furent fort honnorablement reçeuz et bien traittez par le dit Sieur Grand

Prieur, et furent logez l'un chez M. le lieutenant général et l'autre chez M. Thessereau, et eux et leurs gens estoyent fort bien converts et s'en allèrent de cette ville le vendredy en suivant 8e dudit mois.

(*Diaire de Ioseph Guillandeau, Sieur de Beaupréau. 1584-1643.* Nos *Archives historiques de la Saintonge et de l'Aunis,* tomo XXXVIII (1908), pág. 404).

III

Duas cartas de D. João IV aos Embaixadores de França[1]

[a]

Embaxadores Amigos. Eu El Rey vos envio muito saudar. Os dous navios que partirão de Rochela, depois de averdes aportado ali, chegarão a salvamento, e com elles se receberão as vossas cartas de 2 de março por que me destes conta do successo de vossa viagem, e do bom gasalhado e acolhimento com que fostes recebidos do Grão Prior da Relegião de São

[1] Estas cartas originaes existem na Torre do Tombo (*Collecção de S. Vicente,* tom. 14.º). A primeira carta tem muitas cifras, a segunda está toda em cifra, motivo (cremos nós) daquella não ter sido impressa no volume XII do *Corpo Diplomatico Portuguez*, *Relações com a Curia Romana*, junto com as *Instrucções* ao Bispo de Lamego da mesma data, e desta não vir citada por Ramos Coelho no livro exhaustivo *Historia do Infante D. Duarte*. Ora pesquizando na *Collecção de S. Vicente,* rica em documentos diplomaticos, sobretudo dos seculos XVI e XVII, tivemos a boa fortuna de encontrar no vol. 22.º, a fol. 216, decifrados os trechos em cifra da primeira carta; e com algum trabalho conseguimos obter a chave, que nos habilitou a ler a segunda carta. Damos em seguida esta chave, que pode servir para a leitura de outras cartas Regias do mesmo tempo, que porventura venham a encontrar-se:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

z x {*u* / *v*} *t s r q p o o n l m i h g f e d c c b a*

João em França, governador da Rochela, e dispos *(sic)* o passardes a Paris, que folguei muito de entender; e de tão boa entrada se pode esperar que tudo o mais toquante aos negocios que levastes a carguo se encaminhe prosperamente, como fio de vos o procurareis quanto vos seia posivel, considerando a grande importancia da brevidade no que se ouver de obrar, impedindo a execução do que El Rey de Castella averá de obrar, se a diversão da guerra que he necessario fazer-se lhe por differentes partes lhe dar lugar, pelo que a presteza tera a maior parte do bom suceso, e em a procurardes, sem que se perca hũa ora de tempo, consiste tudo, advertindo que segundo os avizos que ha de Olanda e outras partes, aprestarão os Estados e as companhias deles trinta e duas naos de guerra para enviar em minha ajuda, e que se chegaram a tempo e El Rey de França quizer concorrer na impreza, juntas as forsas todas, se poderá intentar a frota que ha de vir das Indias ate todo maio, e ficará lugar para intentar outra façam de consideravel, antes que se gaste o verão. O que tudo deveis representar a El Rey de França e ao Cardeal de Rochilieu instantemente e hirme avizando do que negoceardes, para que se vão dispondo as couzas a respeito do que de ahi se ouver de esperar.

As diligencias que fizestes na Rochela para enviar algũas armas, que ainda não são chegadas, vos agradeço, e encomendo que as continueis por todas as vias, porque a falta delles he o que tendes entendido, e nunca serão muitas a respeito da gente que se pode armar.

Alguns soldados praticos para cabeças da cavalaria e infantaria e engenheiros e artificios de fogo se hão muito mister, e de novo vos encarrego que os procureis em conformidade da instrucção que levastes.

Com muita variedade e incerteza chegão as novas do Infante meu irmão e me obrigão a grandissimo cuidado, que se haverá de continuar até que saiba se acha em parte segura, e posto que tenho por certo que vos não descuidareis de me

dar conta de tudo o que souberdes delle, todavia volo encomendo muito, e que não falteis nas diligencias que de ahi puderdes fazer, para que se ponha em salvo.

O Bispo de Lamego, que envio a Roma por Embaixador, leva esta carta para vola remetter da Rochela, ou de qualquer outro porto que tomar, ou voladar, avendo de passar por Paris, no que se resolverá conforme ao aviso que achar do que tiverdes negoceado com ElRey Christianissimo acerca de sua passagem a Italia, que he importantissimo abreviarsse para que possa entrar em Roma antes das mutações do verão, e assi vos encomendo de novo o despacho deste negocio, porque dilatandosse, seria de grande danno e despeza, e para em caso que o Bispo haja de passar por Paris, leva carta minha com que ha de visitar a ElRei, e com esta vay a cifra com que vos aveis de corresponder com o Bispo, e as suas cartas para mi, depois de passar a Italia, vos hão de vir dirigidas para mas encaminhardes, e em vossa falta a pessoa que vos parecer, de que o advertireis.

Leva tambem o Bispo carta minha para o Grão Prior de São João, Governador da Rochella, em que lhe aggradeço o bom tratamento e gasalhado que vos fez. Escrita em Lisboa a 7 de Abril de 641.

Rey [1]

Para os Embaxadores de França.

(Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, tomo 14.º, fol. 25).

[b]

Embaxadores Amigos. Eu El Rey vos envio muito saudar. Por diferentes vias me tem chegado novas de que o Iffante,

[1] Esta carta e a que se segue vem assignadas pelo monarcha, que põe depois do nome cinco pontos em forma de cruz — as cinco Chagas de Nosso Senhor, vulgarmente chamados rubrica e guarda.

meu muito amado e prezado irmam, estaa detido em Ratisbona por ordem do Imperador a instancia del Rey de Castella, e posto que da certeza se pode duvidar, consideradas as razões que se offerecem para o Imperador nam aver de fazer semelhante molestia a hum principe que sem ser seu vassallo o estava servindo na guerra voluntariamente, e quando ouvera cooperado em minha restituiçam á coroa deses reinos nam era offensa sua; maiormente que consta nottoriamente que nam teve nella parte pella sua rezidencia de Alemanha; e o differir o Imperador a instancia del Rey de Castella para hũa acçam tam indina da fee dos principes, lhe causará muito grande notta entre todos os do mundo; com tudo receo que as novas se verefiquem e o Imperador continue a retençam do iffante, o que me obrigua a grandissimo cuidado, acrecentando serem tam difficultozos os meos de procurar sua liberdade a respeito de que as demonstrações que meus amigos e aliados podiam fazer para a conseguir, rompendo a guerra com Castella e Allemanha, nam tem luguar, por estar rota tanto de antes e tam siva *(sic)* que se pode mal acrescentar com esta causa; e assi resta somente valer da industria e intelegencia que em Ratisbona se puderem para que o Iffante alcance liberdade, ou negoceando por intervençam secreta del Rey de França e do Cardeal Rochilieu com os magistrados de Ratisbona e principes de Alemanha, confidentes del Rey de França, para que declarandosse em favor do Iffante, façam instancia ao Imperador sobre sua soltura, ou procurando comprar aos que o guardam com dadivas e promessas para que o deixem pôr em salvo, ou se venham com elle a lugar seguro; encomendo vos muito, que segundo o estado das couzas, vejaes atentamente o que se poderá intentar por qualquer destes meos, ou de outros que vos ajam occorrido, e comunicando o ao Rey de França e ao Cardeal, trateis da execuçam do que se julgar por mais conveniente com a instancia e brevidade necessaria, estando certos que nenhum serviço me podereis fazer de maior importancia e ao Iffante:

tendo modo para o avizardes sem perigo de sua pessoa, o fareis de tudo e lhe dareis noticia particular do estado das couzas destes reinos, e do animo e desejo com que estou de lhe procurar liberdade por todas as vias; e me dareis conta muito por menor de tudo o que se obrar e das esperanças que tiverdes que se poderá hir obrando; e este mesmo aviso dareis aos embaxadores de Inglaterra Olanda e Dinamarca, para que cada hum por sua parte faça tudo o que puder ser de effeto. Escrita em Lisboa a 7 de Abril de 641.

Rey.

Para os Embaxadores de França.

(Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, tomo 14.º, fol. 26).

IV

Cartas de Gaspar Fernandes de Lião a Christovão Soares de Abreu [1]

[a]

Esta manhão me mando dizer ho Conde de Brulon que sem falta se acharia esta tarde ás 3 horas a Vileta com as carosas del Rey para hir receber estes ss.res e acompanalos com ho s.r M.al de Chatilhão e polos na casa de sua Mag.de

[1] Fernandes de Lião, ou Lion, foi um rico negociante flamengo, mas de avós portugueses e francezes, estabelecido em Paris, onde tinha grande aceitação entre os cortezãos e politicos. Diz delle Christovão Soares que era «honesto homem e muito autorisado, a cuja casa e jardim concorrem os senhores de mais capacidade e juizo». Suspeitamos que fosse judeo e que as sympathias de que gozava lhe proviessem dos emprestimos que facilitava aos que precisavão delle. Servio muito bem aos Embaixadores em tudo, sendo-lhe até revelado os segredos das negociações, segundo elle proprio declara, mas parece que não ficou contente da «responsão». Escrevia quasi todos os dias a Christovão Soares sobre assuntos relativos á embaixada ou caseiros durante a estada do Secretario em França, e destas cartas originaes, que se encontram no cod. 49 | X | 12 da Bibliotheca da Ajuda, damos algumas que servirão de amostra das outras. Embora a referida collecção pouco nos informe sobre a marcha das negociações para o tratado, interessa bastante a historia da Embaixada, ministrando pormenores curiosos. Conservamos a graphia, que, quer seja francesa, quer portuguesa a lingua empregada, é má, ao passo que a letra tem certa originalidade.

destinada p.ª os agasalhar e receber a Royala. E que lhes advertise disto de novo, em que não ey querido faltar. VS. M.es se aprestão p.ª isto e eu hirey la as 11, para as acompanhar ate dito lugar, e recever a M.e que me fazen. E quando parten da qui a meyo dia ate a hũa basta, por que he logo fora do porta de S.t martin.

Estes Ss.res maresial e Conde de Brulon advertirão a todos os ss.res da Corte para mandar as suas carosas para homrarẽ aos ss.res Anbax.dores de manera que averá g.de cortejo.

. . . . . .

G.de ds a V. M. m.tos e felisos Anos. Servidor de V. M. cuyas maos beijo.

g. fernando de Lião.

25 de março 1641.

(*Bibliotheca da Ajuda*, cod 49 | X | 12, fol. 63).

[b]

Señor meu.

. . . . . .

Toda esta manhão desde as 6 de madrugado estive trabalhando no Treslado dos Capitelos das aliansas q̃ V. M deo a mons.r de Chaviny, ele mos mando com hum de seos secretarios, pedindome as pusse em frans.s logo, por que vinha aqui sua Em.ce e os queria ter prestes p.ª lhos dar, asi que sem perder tempo as pos em franses com asistensa do s.r Ville real por ser milhor portuges que eu, porem não mais aff.do a tudo ho que he dos in.es de Portugal; ele me fez esa m.e, V. M. lho agardesera, q̃ he boa pesoa e muy ofisioso e aff.do. Agora os mando pedir dito Sr de Chaviny e as levo seo secretario, achandoas bem.

. . . . . .

S.dor de V. M.

Frz de Lion

5 de Abril 1641.

(*Bibliotheca de Ajuda*, cod. 49 | X | 12, fol. 86).

[c]

Monsieur

Je suis extremement mary que je nestois hier au logis pour vous faire Responce a vostre courtoisse et obligente lestre que jay receu avec beaucoup de joye et contantement. Je vous en rans mille grases et vous suplie de croire que je vous honore et estime parfaictem.t ausi vos rares merites, et mon inclination mordonent a vous cherir et aymer jusques a un tel degre que je ne trouverai james Rien a redire de tout ce quil vous plaira me comander. Isto basta em franses para dizer ho demais em portuges.

De novo não temos nada que eu sayba, se não ho que çusedeo a Roma entre ho de fransa que mando dar de pãos a hum repostero do conclavo, franses e domestico do C.al Barbarino, que a feyto gran.de Ruhido na Corte de rome, e despacho sua ss.de 2 coreyos aqui a seo nonsio p.a fazer as queixas, e no intre ho maresial anbax.dor fas guardar sua casa com gente armada e hum corpo de guarda a sua porta: a coiza he de tal consequensa, que se não se remedea, poderia cauzar algũa grande des ordem.

O s.r Montero mor me fas Muyta homra e M.e e quando sera s.do de vir homrarme nesta sua casa, me fará muyta grasa e m.e, mas não he razão que su Ex.a tome esta pena, que eu ho hirey servir em tudo ho que me mandar: peso a Vm. de lho asegurar asi de m.a parte e que so m.to seo servidor. Agora mandey saber se querem que se levẽ la este pano de tapiseria que Vm. vio em casa, e como já tornaram a mandar ontem por ele, não quero fazelo transportar daqui que com lisensa, que asi lho prometi.

Me alegro da milhoria do s.r Ant.o Coelho, ds lhe de tão boa e prefeyta saude como sua casa a mister e eu lhe dezeio: se lhe pudera servir e aliviar seo mal com m.a presensa, sempre

me renderia a par de sua ex.te Pesoa. E como V m me dis que se acha muy fraco, Isto não pode ser menos por a g.de evacoasão que a tido, e como sey por experiensia que despois dese mal he nesesario conservarse e guardar de recahida, he apreposito que não se mantesipa de sahir, nem estar m.to levantado, e se ter quente e não comer coizas correntes e de dura desistião: A Gele.a clara com o jugo de roman e sitrão he unico, e asi mandey fazer hum prato para Prova, que mando a su Ex.ce; se lhe pareser bom e gostar dele, mandaremos fazer mais e p.a tudo ho que me quiger mandar, me achará pronto, com m.ta vontade e amor: perdoe Vm tanta Inportuna.dad, que como não tenho quem fale a lingoa e por não enfadar a su Ex.ce com escrito, me atrevo de pedir este favor a Vm.

He serto que ontem foy o s.r de Chaveny a Ruel e me dixerão que sua Em.ce veria aqui oje, mas não ho sey de serto. Vm mande ver se o de Chaviny he de retorno e mandar saber q.do lhe poderá achar, q̃ a mister apartalo para concluir: e se os ss.res anbax.dores se achasen bons, seria de pareser q̃ fosem eles mesmo, o hum deles, com Vm: e se eu puder seruir lhes, hirey aconpanhando em mo advertindo. E porque de hũa ora a otra ay aqui mudansas, e podem partir para a canpana, por q.to o tempo se va avansando, asi que por muytas razoins lhes convem de concluir se o neg.o, porq̃ ho que esta feyto fica feyto.

As vesitas de sermonias não dão presa, pois o S.r Coelho está indisposto, hum dia mais a menos não faz o caso. Ande comesar por a s.ra filha de monsieur, depois com a Prins.za e Pp.e de Conde, q̃ ainda que ho Pay não está aqui, a may e filho vivem juntos. Despois desta ande hir ver Madame a Contesse de Soyson, P.e do sange e madam.le sua neta, filha do duq.e de longeville. La os ey de hir aconpanar por ser mt.a minhas ss.ras, despois a duqueza de guillon e as Prinsesas Maria e ana de nevers, filhas do vetno duque de mantua. Despois ao duque de longeville: e as do sangue por suas AAz

e as de mantua por serem f.as de souberano, aos demais por Ex.ce. Despois ande hir ver ao duq.e de Cheverosa por Ex.ce e o s.r maresial de Chatilhão, seus filhos e madama q̃ he mulher Ill.a. La hirei com eles. Despois ao s.r Chanselier e o s.r de Bouthilier sur Intendente e menistro, pay do S.r de Chavery, e para dar gosto a sua Em..... ser pesoa sua, ande hir ver o s.r m.al de la mel... Isto he ho que me paresse e o s.r Conde de Brulão e Girom lhes aconpanherão aos do sange.

Resebão a boa vontade e entensão q̃ tenho de os seruir e escuzão a poca capasidad.

Medamoysele fernandes vous remersie tres humblem.t del honeur de v.re souvenir elle est vñe tres humble servante et moy absolument sans reserve.

Monsieur
v.re tres humble et tres aquis serviteur
frz de Lion

desta su posada de V. M. a 8 de abril 1641.

(*Bibliotheca da Ajuda*, cod. 49 | X | 12, fol. 88).

[d]

15 de Abril 1641.

Señor.

M.to bons dias e saude lhe de n. s.r. ontem a noyte erra tão tarde que não se podia hier ver ao conde de Brulão. Esta manhão mandey saber quando lhe poderia hir ver, para lhe dizer as coisas que ontem tratamos. Mandome dizer que se hia por em carosa para S.t Germeyns e ruel e dar parte a sua Mag.de e Em.ce da morte do S.r P.o de Melo [1], e saber a ordẽ que nisto se tomaria, e que esta noyte ou pela manhão me dira a resposta, que he tudo ho que se a podido fazer. A seo

[1] Filho do Monteiro mor, fallecido em Paris.

retorno o verey, e saberey ho que me dira, para ho advertir logo a V M.

.....

De V m. amigo serto

frz de Lion.

(*Bibliotheca da Ajuda*, cod. 49 | X 1 12, fol. 96).

[e]

10 Junho 641.

Monsieur

.....

E por ho que V M. me dis que o s.r montero mor se resolveria de tomar a tapisaria de sanson q.do não custase que 300 esc (?) mais (?) que ele os dara, V. m. me fasa M.e de dizer ao s.r montero mor que lhe dezeio servir e a si ho vera por os effeytos quando se offresera ocasião. Esta tapiseria de que V. m trata não he de sanson, se não de Abrahão, que he tapiseria de grande reputasão e finesa, e o estima o tapisero, conforme me Alembre quando la fomos em oyto mil Libras, que são 2700 escudos algo menos, e he m.to milhor que a que leuo o s.r obispo de lamego, asi he de mayor preso. Se o s.r montero mor a quer, a hi esta, E el Rey dara ate 1200 esc. (?) por o valor do presente que dara ao s.r Anbax.dor e isto se fara com ho tapisero, com q̃ o s.r montero mor lhe de o resto. Se não, o Conde de Bulão mandera dar a tapiseria do paisage que la vimos q.do o s.r mel Cardoso quis dar por ela mil escudos. Esa levara, o as dos deuses, que he preto vem a ser o mesmo, e buscarão otra do dito preso de mil ate 1100 esc. (?) p.a o s r Ant.o Coelho e com isto estara feyto o neg.o Verey ho que amanhão me dira o s.r Conde de Brulão, com quem farey as devidas escuzas por minha conta, pois me meti nisto para seruir ao s.r monter mor. Estimarey que me fasa V. m. m.e de lho dar a emtender asi, que o desejo por algũas

razoins e amanhão direy a V m. ho que me avera dito o s.r de Brulão, e V. m. me dira a do s.r Anbax.dor .....

.....

Fernandes

(*Biblioteca da Ajuda*, cod. 49 | X | 12, fol. 183).

[f]

Monsieur.

.....

V. m. fez bom em me auer ordenado de lhe remeter as cartas qve Recebi de fora p.a estes ss.res o p.a V. m., por que como todos se forão sem me dizer nada em que forma querião lhes mandase as Cartas ou outros recados, se a caso chegasem amy, não soubera de que manera mandarlhes, e sendo isto asi, ho achey muy estranho deyxar tão poca ordem para seos Interes.e maximam.te sabendo que da olanda, alemanha e Ingelatera, e pode ser de otras partes, me devião de uir, e de duarte nuñes pode ser algo de segredo, e não me dizeren estes ss.res coiza ninhũa, despois de me auerem confiado seo segredo, e sahirem desa manera, e serto não sey a que atribuir tão grande esquesimento, se não que aquele Poderoso s.r lhes deve de aver dito algo de mi que lhes a mudado a entensão, e asi ho Alcansey em algũas coizas despois que tratarão com ele, mas como não me pode agravar em nada na profeysão que faso de tratar verdade, não me da pera tudo q.to ele puder dizer, porem ho que digo he mais por o In.e deles e de seo Rey que por o meu.

....

Fernandes de Lion

Paris 27 de Juin.

(*Bibliotheca da Ajuda*, cod. 49 | X | 12, fol. 202).

V

Advertencias de Christovão Soares de Abreu sobre a Embaixada de França

As «advertencias» que publicamos em seguida foram redigidas para uso do Conde de Vidigueira, quando seguio para França como Embaixador de Portugal em 1642, sendo depois accrescentadas com notas marginaes e offerecidas ao Marquez de Cascaes, quando foi ao mesmo pais em 1644, como Embaixador Extraordinario para dar os pesames da morte do Rei Luis XIII.

Poder-se-hia julgar que caberiam melhor no volume que pretendemos publicar acerca destas embaixadas, mas nós entendemos que o lugar mais appropriado é aqui, porque resumem as experiencias e impressões do auctor na embaixada de 1641 e supplementam as informações de João Franco Barreto.

As referidas «advertencias» vem acompanhadas de uma carta original de Christovão Soares d'Abreu, datada de Lisboa em 20 de Novembro de 1643 e dirigida ao Marquez de Cascaes, que principia assim:

«Aqui tem V. Ex.ia o papel do Conde, q̃ escrevi com attençam a huma Embaxada de Residencia, posto q̃ perguntando a sua S.ia se se lhe especificava o titulo de embaxador ordinario, ou extraordinario, me dise q̃ fallando nisso, lhe fora respondido q̃ se chamasse como quizesse. E se o Conde replicára que se puzesse assi na *Instrucçam*, fizera bem e o q̃ devia. Procurei nelle o mais q̃ pude, sem descobrir faltas, remediar as q̃ havia avido em huma e outra parte, e q̃ temia ouvesse ainda, por não termos noticias bastantes das Cortes dos outros principes e de semelhantes negoceaçoens; e por

nos nam aplicarmos a isto, senam na hora q̃ o havemos mister» etc.

Agora começam as «advertencias».

S.or Conde da Vidigr.a [1].

Tenho dado a V. S. parabens da Embayxada de França: agora escrevo as advertencias que prometti, obrigado do zelo do serviço del Rey Nosso Senhor, e de ser affectuosissimo servidor de V. S.

1. Não he meu intento falar do q̃ dizem os livros que tratam de Embayxadores e Embayxadas (posto q̃ tudo está nelles) porque estes averá lido V. S. e poderá, q̃ he estudo necessario; e seria fazer esse papel mais largo do que convem, pello muito que está escrito. Só direi o q̃ entendo, conforme ao q̃ vi, apalpei e experimentei nesta mesma jornada que V. S. tem para fazer.

2. Mas pera que V. S. veja primeiro a opinião q̃ tinha das embayxadas o Conde de Portalegre [2] (aquelle oraculo da discrição e cortesia) escreverei aqui dous capitulos da sua *Instrucção,* accrecentando e suprindo a outra celebre e mais antiga de Juan de Vega [3]; que he papel q̃ todos avião de ter

[1] D. Vasco Luiz da Gama, creado posteriormente Marquez de Nisa.

[2] D. Juan da Silva, fidalgo hespanhol, Governador e Capitão General de Portugal no tempo dos Philippes. Compoz *(inter alia)* umas addiçoes à *Guerra de Granada* por Diego Hurtado de Mendoza e publicou debaixo do pseudonymo de Conestaggio o livro celebre *Dell'unione di Regno di Portogallo alla corona di Castiglia;* e vide *Historia Genealogica da Casa Real,* X, 138.

[3] *Instruccion á su hijo cuando le envio a la corte, sobre la que Juan de Vega dió al suyo:* Ms. inedito da Bibliotheca Nacional de Madrid. Na Bibliotheca da Ajuda (Varios Papeis Politicos, Miscellanea, tomo 20.º, fol. 63) ha uma copia, incompleta (?), que se intitula *Instrução que deixou o Conde de portalegre Dom João da Silva a seu filho Dom Diogo, q̃ agora he Conde, quando se veio p.a Portugal.* Segundo uma nota marginal, a *Instrucção* foi escrita aos 26 de Julho de 1622.

de memoria: e servirá neste lugar de Definição e Divisão. Diz pois assi o Conde a seu filho e sucessor Dom Diogo.

3. «No serviendo actualmente en la guerra, os quiero desaficionar de las embaxadas, porque no podeis pretender mas q̃ una, que es la de Roma; la qual comunica con todas en los inconvenientes, y tiene otros proprios mayores que los generales: y de mas desto pide aquel officio mayores partes naturales y adquiridas de prudencia y destreça y sutileça de ingenio que ninguno de los otros: y mas quiero veros adonde tengais antes peligro de errar que de ser enganado». Logo mais adiante, vai tratando de varios officios da corte, e torna as embayxadas com este juizo.

4. «Otros cargos ay fuera de la corte, q̃ son embaxadas y goviernos. Las embaxadas, unas son ordinarias y de assiento, y otras de cõmission. Las de assiento se tassan por la grandeza de los Principes a que se embian, y las de cõmission por la caledad de los negocios que se han de tratar. A las desta segunda suerte os podeis afficionar, porque tienen de gusto platicar cosas grandes en tierras estrañas. Tienen de provecho venir a conocer intrinsecamente las Provincias. Tienen de authoridad ser las materias importantes y extraordinarias. A este genero pertenecen las de los concilios generales, las de pazes y ligas, casamientos de Principes, obediencias de Pontifices, parabienes, pezames, y otras semejantes».

5. «Las de assiento aborrezco en estremo, porq̃ tratan menudencias y se cevan de sospechas, y hacen los hombres mas curiosos y menos sencillos de lo que desseo que vos fuessedes: quanto mas que la de Roma, que sola podriades pretender, es occasionada a hacer sudar en la semana Santa a quien se desseare confessar bien: porq̃ como en la materia de estado entran todas, y el Rey N. S. tiene tantos, y entre

ellos ai Feudos de la Iglezia, estan muy en la mano las occasiones de encuentros con el Papa, que son trabajosissimos; porque si lo acometeis como a Principe, que tambien lo es temporal, rebuelve como Vicario de Christo y ataos los manos. Y aunque estas calidades se pueden distinguir y tienen limites señalados de la razon y del derecho, no dexa de ser la senda muy angosta, que pera ir por medio, aveis de caminar por maroma: y assi es la mas seguro apartaros destas occasiones; porque la veneracion al Papa y la lealtad al Rey no se han de medir al justo, sino passar con ellos adelante un gran trecho de la obligacion».

6. Isto he embayxada ordinaria e extraordinaria. O que he embayxador, seria nunca acabar. Mas ja o temos em V S. acabado e absoluto de todos os numeros. V. S. mesmo pode ser a definição e será o trasunto e a norma de todos elles; e por isso estimará mais qualquer advertencia.

7. Pareceo me advirtir primeiro a V. S. das cousas de cá; depois do caminho e da assistencia de lá. Para as daqui a principal he a *Instrucção,* que he a alma da embayxada, e ley tão inviolavel que he culpa gravissima obrar o contrario q̃ nella se dispoem; e conforme os exemplos da antiguidade, menos dispensadas e mais castigadas q̃ oje as faltas, ainda que leves. V. S. a ha de levar entendida com toda a attenção, sem duvidas nem escrupulos; e comprehendida nos casos q̃ podem acontecer: porque he longe pera consultar despois, e difficil pera deliberar e resolver materias tão refinadas. Mayormente não avendo correos por terra, e sendo o mar incerto, e Paris longe dos seus portos e Havras [1].

8. Faça V. S. por levar da Torre do tombo, ou das nossas

[1] *Nota marginal:* Aqui entra ver as instrucções dos embayxadores q̃ andão por lá, ou conferir a materia de suas cõmissoens e até onde chegão: p.ª q̃ eu previ gr.dos inconvenientes de se faser o contrario.

cronicas, alguns papeis originaes, ou copias de cartas e embayxadas antiguas, acerca do tratamento dos S.ors Reys de Portugal, cõ todos os mais da Christandade. Donde, com pretexto da antiguidade, ou de curiosidade daquelles estudos, e veneração daquelles documentos, mostrandose a qualquer outro proposito, venha a constar da igoaldade, comq̃ se tratarão nas ceremonias e cortesias. El Rey Dom João o 3.º mudou o estilo q̃ avia nesta Corte em ouvir os Embayxadores do Emperador Carlos 5.º, depois que soube o que elle usava com os nossos, tratandoos do mesmo modo. Sabemos que nem depois q̃ os Castelhanos affectarão a *Magistade* na successão do mesmo Emperador, lhes escreverão de cá senão de *Alteza*. E só nas vistas de Gadelupe[1], falando èl Rey Dom Felippe 2.º de *Majestade* a seu sobrinho El Rey Dom Sebastião, lhe tornou com a mesma. O mesmo teor devia de aver cõ os Franceses e Ingleses, porque elles o tinhão tambem entre sy todos: ainda que antiguamente usavão de *vos*. E assi falavão e falão a el rei de França os seus vassalos com aquella differença do *siré*. Mas está ja tão introduzida a *Magestade* naquelles Reys e a *Alteza real* em seus irmãos e filhos, a differença dos outros Principes do sangue; e nos ministros grandes, ainda q̃ não sejão Duques, nem Marqueses, *Excellencia;* q̃ se vai esquecendo o *vous*. E a grandeza del Rey presente[2] e o curso de suas vitorias tem levantado isto ainda mais de ponto, e não sei se feito algũas differenças mais ceremoniosas nesta materia. Bem vi eu cartas de Henrique o grande[3] p.ª a Raynha e Rey de Inglaterra, e de seu filho Luis[4] pera o Emperador Ferdinando 2.º com hũa só

[1] Em 1577. Guadalupe, na provincia de Caceres e diocese de Toledo, celebre pela imagem veneranda de Nossa Senhora qúe attrahia os devotos de todas as classes. Em 1622 ardião na sumptuosa igreja 85 lampadas de prata, estando lá enterrado El Rei Henrique IV de Castella.

[2] *Nota marginal:* era Luis 13 e o mesmo será com seu filho Luis 14.

[3] Henrique IV da França.

[4] Luis XIII.

Magestade[1] e a resposta sem elle. Mas desejei aver algũa das q̃ se escrevião depois ou antes q̃ a paz se começou a quebrar, e vi hũa só mais antigua q̃ Felipe 3.º, donde não se podia faser argumento, por ser traduzida: não he difficultoso alcançarse. Hum secret.rio Frances me certificou q̃ el Rey Christianissimo não mandára cobrir aos embayxadores dos Eleitores do Imperio, porq̃ não lhe falarão de *Mg.de;* e bem pode ser tambem que porq̃ os não manda cobrir, lhe fallem de *vos*. Com Suecia não ha duvida q̃ andão mui apontados, porq̃ sabemos q̃ quando foi da aliança e confederação q̃ se fez com Gustavo[2], ou com seus cõmissarios, sobre se aver de nomear França ou Suecia primeiro, pararão os neg.os e andarão os correos athe que se compoz a differença cõ que cada hum levasse no seu papel o q̃ queria. Antigamente se tinha por cortesia nomear primeiro o Reyno estranho, como eu vi escrito em Castelhano e Portuguez: mas agora não querẽ ceder a ninguem e ainda que descuidadamente tem nisto gr.de cuidado; sempre parece bem a cortesia e a vaidade mal. O Marquez de Rambulhet[3] me disse, q̃ sendo embayx.or extraordinario em Castella, fallára de *S. Ill.ma* ao Conde de Olivares, porq̃ elle assi o tratára primeiro; e q̃ levava por Instrucção que o tratasse igualmente, e q̃ despois se concertarão em *senhoria,* somente pello ruido q̃ isto fez naquella corte.

9. Armese V. S. das rezoins q̃ hade dar do estado do Reyno, da nossa guerra, dos soldados estrangeiros e naturaes,

[1] *Nota marginal:* era nec.º ver como escrevem a El Rey D. felipe 4.º. El Rey Carlos 1.º da Gran Bretanha escreveo a Luis 13, dandolhe conta da morte de seu pai Jacobo I.º sem nenhũa *Majestade.* Começa *Tres haut tres excellent et tres puissant Prince, nostre tres cher e très amé beaufrere, cousin et ancien allie* etc. A data he de 28 de Março 1625. Acaba do mesmo modo — eu tenho outras cartas em meu poder de *Magestade.*

[2] Gustavo II da Suecia, morto na batalha de Lutzen em 1632.

[3] Rambouillet.

das fortificaçoens e invasoens, do erario, da despeza, pera falar coherente, ou acautelado, porq̃ os Frances *(sic)* sobre tudo discorrẽ e tudo perguntão. Mas a tudo isto e a tudo o mais que se offerecer, poderá V. S. dar boa satisfação, ou boa saida, como ministro de Estado per cujas mãos passa tudo. Hum dia destes recebi hũa carta do gran Prior de França em q̃ me diz que ja saberemos como se avia soccorrido Tarragona; mas q̃ o largo cerco nos avia dado bom tempo de nos preparar p.ª a guerra; porem q̃ lho agradeçamos; e o grão Prior era tãbem de parecer, como o Cardeal seu sobrinho [1], de se fazer a guerra offensiva ao enemigo dentro do seu Paiz, ou assi ou assi *(sic)* q̃ he o que lhes está melhor. Outros, como o Visconde de Sardigni, e o Mareschal de Brezé, pay do Marquez q̃ cá veyo, se contentavão cõ que nos fortificassemos, de maneira que pudessemos defendernos a todo o tp̃o q̃ nos buscassem. Que a praça q̃ nestas nossas partes puder defender e sostentar hum mez hum sitio e hum exercito de 30 e 40 mil homens, bastará p.ª ruina e destruicção delles em hum Paiz tão esteril como o de Espanha, e este era o discurso do de Brezé: mayormente, dizia elle, não podendo nos ter os soccorros de nossos alliados, senão por mar.

10. O salario e ajuda de custo e mais gastos publicos e secretos das embayxadas, pera o que he necessario muyta fazenda nos tempos prezentes e naquella Corte, V. S. o ajuste de maneira q̃ não lhe seja necessario buscar la creditos e pedir dinheiro prestado, pella perda q̃ nisso tera; não pela reputação, q̃ so neste caso entendo q̃ se não perde. Que a muytos Princepes aconteceo e acontece empenhar suas joias, sem discredito, em terras estranhas, pera mais esplendor e gentileza. Tudo suprirão as rendas de V. S., principalmente se vierem a salvamento as naos da India, onde está situada a mayor parte dellas.

[1] Richelieu.

11. Não ha embayxador, se faz o que deve a seu officio, q̃ não gaste muyto mais dos seus ordenados; e alguns sahem bem individados, senão são os de Venesa em Constantinopla, a q̃ a Republica não pede conta da dispeza, porq̃ lhes dão aquella embayxada pera se restaurarem, e pera recuperar as perdas e gastos do de Roma. E contudo não dá aquella Republica a todos e quaisquer embayxadores em mayores e menores distancias mais q̃ mil escudos de ajuda de custo, por fugir das desigualdades e pretençoes; mas sempre são pessoas q̃ podem gastar e gastão muyto mais.

12. Ouvi dizer q̃ o ordinario q̃ se dava de ordenado a hum embayxador ordinario em Roma e em Paris erão 12 U escudos. Os Veneseanos dão seis em França e nas outras cortes do Norte. Inglaterra dava vinte, segundo me disse o secretario da embayxada, porq̃ o Embayxador era extraordinario, e com este titulo avia estado tres annos alli.

13. Eu vi hũa *Instrucção* do S.r Rey Dom Sebastião, escrita em Almeirim a 27 de Novembro de 1570, p.a hum embaixador levar a Castella, q̃ acabava com estas palavras: «A casa e despeza q̃ hei por meu serv.o q̃ tenhais, em q.to na Corte de Castella residirdes por meu embayxador, he somente aquella q̃ for rezão q̃ tenhais e puderdes ter, sẽ vos individardes, pera vosso gasto e despeza, senão por me servirdes bem, como de vos confio e espero que o façais». Isto he conforme a condição e largueza ou estreiteza dos tempos. Em alguns dos antigos se fazia toda a despeza aos Embaixadores; e em outros se dava tanta fasenda que lhes sobejava, e a restituião ellas a seus Princepes e Republicas. A virtude de parsimonia muyto deve ser estimada de todos, mas a corrupção dos costumes, com o sobido preço das cousas, ainda ordinarias, obriga a q̃ ate os Relegiosos, como vemos, gastem hoje muyto mais q̃ antigamente. V. S., alem de ser hum embayxador, Conde e grande destes Rños, representa a pessoa de seu Rey,

e não pode deixar de tratarse conforme a sua autoridade e lustre Portuguez, ajustandose pelo menos ao tratamento e casa que tem os outros Embayxadores Regios q̃ residem em Paris. He impossivel não se gastar muyto, porque a despeza do caminho por mar e terra he grande: a ordinaria e extraordinaria da Corte grandissima, pello valor das cousas, pelas esmolas dos particulares, dos conventos e doutras communidades, pello socorro dos soldados e doutros necessitados, com outras meudezas, q̃ vem a fazer gr.de soma. Dizem em Paris q̃ hum cidadão ha mister hoje naquella Corte 4 mil escudos pera se sostentar honestamente, cõ os criados necessarios, cõ hũa carrossa de dous cavalos, e outro mais pera substituto das faltas e pera outros ministerios. Por aqui se pode regular a despeza de hũa casa grande, a ordinaria digo; q̃ a extraordinaria não tem proporção.

14. Não consinta V. S. companheiro cõ o mesmo titulo de embaixador, porque aindaque os Autores admitten este genero de embayxadas com certas limitaçoens e em taes occasioens, os mais as condemnão, por trazerem consigo grandes inconvenientes; como são a variedade dos pareceres, q̃ as vezes confundem mais as materias; a independencia; o respeito particular. Já se os collegas não reconhecerem a sua cabeça (como he força), será monstro a embayxada, ou escandalo do genero humano. Faça V. S. contudo por levar pessoas doutas, ou discretas e experimentadas, cõ quem possa aconselhar seguramente nas occasioens que se offerecerem; ou sejão nomeadas por Sua Mag.de, ou convidadas por V. S.; q̃ esta he a ventagem q̃ os grandes senhores fasem aos mais nos cargos q̃ occupão, levarem tudo tras si. Os livros lhes chamão conselhr.os da embayxada, e antiguamente se chamarão Assistentes na nossa terra, quando tinha embayxadores, e ouve sujeitos nesta função de tal calidade e talento q̃ chegarão depois a occupar a suprema cadeira da Igreja. Tambem podem faser este officio os parentes e os amigos

que quizerem acompanhar a V. S. Chamãolhe os fidalgos da embayxada. Assi vão cõ os embaixadores ordinarios dos outros Princepes e Rep. algũas pessoas, e ainda moços ricos e da primeira nobresa, gastar sua fazenda em sirv.º de seus Mestres, pera aprender a ser despois embayxadores. As embaixadas extraordinarias constão de grande numero desta nobreza, e em algũas se virão Principes e gr.des senhores accompanhando ao embaixador.

15. Sobretudo faça V. S. eleição de hũa pessoa de virtude e letras, on Regular ou irregular, pera seu confessor; e para recorrer nas materias de Theologia e moraes q̃ podem occorrer, p.ª não perguntar nada fora de sua casa; e p.ª as cousas que se podem encomendar a Religiosos e Ecclesiasticos; com advertencia q̃ não se estimão lá tanto os frades como na nossa terra, ainda q̃ são commummente todos de vida muy exemplar. Alguns vemos mettidos em negocios de estado, contra a opinião de alguns Politicos, q̃ não permitte q̃ se tratem cõ elles, pela falta q̃ tem de experiencia; e porq̃ cõ averse criado na sua cella, no seu choro, e no seu claustro, abaterão de maneira seus pensamentos q̃ não aconselhão cousa heroica, nem de espiritu, senão só seus interesses, ou seus escrupulos, q̃ aguão muyto as grandes acçoens: e porq̃ de ordinario são gente que fora das confissões guardão pouco segredo. Eu, q̃ os venero muyto, entendo q̃ fora da sua profissão senão devem meter em nenhum negocio profano: porq̃ se são muyto p.ª elles, perdeislhes a devação em os ver assi negociadores e entremetidos, e sempre he expollos e arriscalos a se lhes perder o respeito, e no cabo a não fazerem nada, ou a danarem tudo.

16. O Secret.rio da embayxada he bem q̃ seja (como sempre se usou em Portugal) hum estudante da universidade, formado em qualquer das faculdades, q̃ tenha as partes necessarias de boa pena, bem entendido e secreto muito. Em

outros R.nos como França, Castella e outros, usão dos officiaes das secretarias, porq̃ estes sabem melhor os estilos q̃ os estudantes, q̃ saem á praça como a hum novo mundo: tem se delles experiencia, ficão exercitando se melhor para servir naquelle mesmo ministerio, q̃ he differente do q̃ aprenderão os Bachareis e L.dos e do pera q̃ aprenderão. Leve V. S. cõ o de sua pessoa dous ou tres officiaes seus, porque terá muyto que escrever, e he assi necessario, se quer ter noticias do mundo e das outras Cortes.

17. O Interprete quizera eu q̃ soubera ainda melhor calar q̃ falar, e q̃ servira só superficial ou ceremonialmente por authoridade da embayxada, que sempre ha de ser pronunciada cõ as palavras e lingoagem materna de V. S. Tambem quizera que V. S. se applicara a lingua Francesa [1], pera entender tudo o q̃ lhe dizem e manda dizer, porq̃ estar ouvindo falar sem entender aquillo mesmo q̃ a mĩ me importa, alem de ser cousa mui fria, não deixa de parecer falta. Não o tenha V. S. por difficultoso, querendo darlhe algũa applicação; e não sera infructuoso o trabalho q̃ custar. Lá ha hum mancebo, n.al destes Rn.os, q̃ se chama Manoel Frz de Villa Real [2], homem de negocio e conhecido, de m.tas boas partes, amigo dos livros e autor delles, q̃ cõ alguns q̃ vai publicando, se vai fasendo lugar na fama. Pretendia ser secretario Interprete das Embayxadas, e deu memorial aos nossos embayxadores, a q̃ servio muytas vezes e m.to bem nisto, e em tudo o mais q̃ lhe mandarão. Em casa de Ruy Correa Lucas está hum clerigo q̃ se criou em casa da Raynha Margarita [3] (a separada de

[1] Como se vê, o Conde não sabia francez, e não o sabia o Monteiro-mór, segundo João Franco Barreto.

[2] Consul de Portugal em Paris e christão novo. Vide a obra de J. Ramos Coelho, *Manoel Fernandes Villa Real* (Lisboa, 1894). Trata do seu processo na Inquisição.

[3] Marguerite, 1.ª mulher de Henrique IV da França.

Henrique o grande) o qual fala bem Francez, e he virtuoso e experto, e entendo q̃ folgará muyto de acompanhar a V. S., e tambem entendo que pera este officio são melhores os nossos naturais, e sempre os sujeitos desta coroa, tendo as partes necessarias.

18. A mais familia e criados, ja se vê q̃ hão de ser como de casa de V. S.[1] Escolha V. S. delles os de mais aventajados prendas, mais industriosos e luzidos, como p.ª aparecer em hum theatro tão publico e com hũa corte tão principal do mundo, aonde se estimão muyto as Artes Liberays e se attenta pera tudo o dos estrangeiros. Muyta fidelidade, e secreto muyto, he o que todos hão de levar metido na cabeça, pera o guardar religiosa e inviolavelmente. No demais, muyta cortesia cõ modestia, muyta compostura sem affectação; de maneira q̃ em cada hum e em todos juntos se vejão repartidas as virtudes do S.r a quem servem, e a quem devem de imitar em tudo. Aja quem saiba as linguas, e o Latim bom seria muy necessario e proveitoso. Veja se o credito que deu o Padre Macedo[2] á gente e ainda ás mesmas embayxadas, e o discredito doutros q̃ imprimem livros com latins ordinarios, em q̃ não se sofre mediania, como dizem dos versos vulgares. Sou de parecer que V. S. não leve mais que os nec.os de serviço da pessoa, da fazenda, repostaria e copa, e q̃ la tomava os pagens, lacayos e cocheiros, conforme á usança de Paris; q̃ assi o fazem os outros embayxadores, e até o mesmo Nuncio do Papa: porq̃ sabem as ruas e casas dos sor̃s e dos ministros, e tudo aquillo q̃ pertence a seu ministerio. Se V. S. levar de cá cozinheiro, como he bem q̃ seja, tambem será

[1] *Nota marginal:* Não faca V. S. pouco caso deste advertimento, porq̃ não vai nelle menos q̃ a honra de V. S. pellos inconvenientes e danos q̃ sabemos de outras embayxadas.

[2] Padre Francisco de Santo Agostinho Macedo, o poligrapho, que accompanhou, escondidamente, ao Monteiro mõr a França.

necessario tomar lá outros q̃ saibão guisar ao modo Frances, porq̃ como ha de dar mesa, não ha de querer q̃ os estrangeiros se acostumem aos nossos manjares, com que não se criarão e de q̃ estranhão m.to alguns, por isso mesmo como nos os seus. Não consente V. S. q̃ os criados levem consigo picaros e maltrapilhos, antes o prohiba, porq̃ desacreditarão a casa por fora; e ainda que as muyto grandes tem de tudo, a de hum embaixador ha de ser mui selecta e jueirada, e pelo menos bem vestida e bem tratada. Para tudo acharão lá outros muy serviçaes, e pode ser q̃ mais fieis q̃ os de ca.

19. He necessario prevenirse V. S. dos presentes q̃ ha de levar. Nos da Rainha Christianissima não ha q̃ duvidar, porq̃ a mim me disse o Marquez de Gevre, Capitão de Guarda del Rey de França, levandome a ver comer a mesma Raynha, q̃ o que mais estimaria S. Mag.de de Portugal erão os cheiros e couros d'ambar, agoas cheirosas e outros prefumes; entendo que devião ir em nome da rainha Nossa Senhora, e assi no do Principe nosso senhor, algum brinco ao Delfim, e ao Duque de Anjou [1]. A El Rey não sei se sera conveniente, pello q̃ se ha de presentar; e mais despois dos presentes q̃ Tristão de M.ça [2] fez em Olanda, de q̃ se falou tanto em Paris. Hũas camas de caminho mui coriosas, visto caminhar tanto ElRey, se poderão levar; ou pera o Cardeal [3]. Lá vera V. S. todas as riquesas do mundo juntas. O q̃ mais se estima he o Raro, ainda q̃ em si não seja de tanto valor, e por isto valerá mais, e se poderá presentar aos Principes e Princezas, e aos Ministros do Rey: porq̃ não pareça q̃ se pretende outra cousa mais q̃ a benevolencia; q̃ este he o pr.º intento de V. S., ou o p.ro effeito da embayxada, e sobre q̃ assentão bem todos os mais.

[1] Filhos de Luis XIII.
[2] Tristão de Mendonça Furtado, embaixador a Hollanda em 1641.
[3] Richelieu.

O Embayxador de Venesa, Angelo Coronaro, que se despedio comnosco daquella corte, avia presentado em nome da Repub. dous pistoletes de grande coriosidade e raro artificio: affirmarão q̃ gastarão hum anno em se lavrar: e El Rey os estimou muyto. Os Nuncios costumão trazer e presentar cõ a mesma acceitação destilaçoens e aguas de Italia, e outras ninharias semelhantes: nem os ministros ou suas molheres acceitarião outra cousa sem temor ou suspeita. As damas e as snrãs entendo q̃ tomarão tudo quanto lhe derem sem escrupulos, e cõ muy boa vontade.

20. Hade levar V. S. hũ passaporte del Rey N. S., ou carta aberta, em q̃ consta dos titulos cõ q̃ V. S. faz a jornada, e vai demandar aquelles portos, expressandose o de embayxador ordinario, ou extraordinario; que assi usão por lá, e eu vi alguns e sempre fora m.to necessario se o grão Prior não estivera na Rochella: e muyto mais pera qualquer outro porto e e havra que V. S. pode tomar cõ o seu navio. Este me parece q̃ seja Ingres, porq̃ tem boas embarcaçoens, limpas, e seguras pera aquelles mares: e elles são grandes marinhr.os, como mostrárão na grande tormenta em q̃ nos vimos na costa de França, em q̃ outros fizerão naufragios differentes na mesma conjunção. O frete, os Ministros de S. Mg.de o fazem aqui; e V. S. o paga lá, mas he necess.rio advirtir q̃ os officiaes da nao, do primeiro até o derradeiro, querem alem disso sua propina; e não tivemos pouco enfado cõ os aver de contentar: mas cõ q̃ os primeiros e mayores fiquem contentes, pera os outros qualquer cousa basta. Do provim.to pera o Mar, e a matalotagem q̃ chamamos, não tenho q̃ dizer de novo. V. S. bem sabe q̃ o mar he incerto: e q̃ esta viagem poderá acontecer fazerse em tres dias, ou em tres mezes, que de hũa e outra ha exemplos: eu fallei cõ quem a fez em dous mezes daqui pera lá, e cõ quem a fez em tres dias de lá para ca. Querera Deos q̃ a de V. S. seja mui prospera e bem sucedida: eu me contento cõ os oito dias, sendo assi q̃ eu puz

em ir vinte e tantos dias[1], e quinze em vir, cõ hũa armada tão celebre[2].

21. Provavelmente deve V. S. ir demandar a Rochella: e temos entendido q̃ este he pera nos o melhor porto, em quanto está alli por Govern.or o Grão Prior de França Mons.r de la Porte, tio do Cardeal de Richelieu, irmão de sua may, Susana de la Porte. Devemoslhe muyto amor e cortesia. He velho, mas de gentil disposição. Tem muytas noticias de Portugal pelos Portugueses cõ q̃ concorreo em Malta, em q̃ falava comnosco muytas vezes, entendendo tudo o q̃ lhe diziamos em Castelhano, e parlando hum pouco. El Rey N. S. lhe tem já escrito em agradecimento do bom agasalhado e boa passagẽ q̃ fez e faz a todos seus embayxadores e mais vassalos. Ouvi dizer na Corte q̃ se lhe mandava presente, e não se escuza. Mons.r Lanier[3] me disse, tratando disto cõ elle, q̃ seria bom mandarlhe cousa q̃ elle pudesse mandar e repartir com Madame a Mareschala de la Milhere[4], e cõ a de S. Chistovão, molher do Marquez seu sobrinho (ou filho), q̃ são as q̃ mais estima e regala. Preguntey lhe eu o q̃ se podia mandar? Disse-me q̃ não sabia; e assi o deixei.

22. Se estiver ally Mons.r de Villamonté, he necess.rio q̃ V. S. tenha grandes cumprimentos cõ elle, porq̃ he pessoa de letras e de grande authoridade e desconfiará, ainda q̃ he muy entendido, se V. Senhoria se descuidar. E se estiver ausente, perguntar por elle, e juntamente por Mons.r de Estissac, irmão do Duque de Rochefocau, q̃ desejava vir servir na guerra de Portugal pera mandar aos estrangeiros. E cuido q̃ só pera

[1] Isto confirma a *Relação* de Barreto, quanto ao tempo que durou a viagem, e mostra que Ericeira (a quem seguio Santarem) enganou-se, fazendo partir de Lisboa só em 28 de Fevereiro o Monteiro-mór.

[2] A armada franceza do Marquez de Brezé, em que os embaixadores voltaram a Portugal.

[3] Agente francez em Lisboa.

[4] Melleraye.

offrecerse aos embayxadores, veyo ter a Rochella, e mo comunicou a mim mais claramente. Parece q̃ he justo agradecerlhe esta boa vontade. V. S. ouvirá dizer delle grandes virtudes, e finalmente he homem de quem todos falão bem. Dará rezão deste fidalgo Monsieur Aigremon, hũ dos conselheiros da Rochela, em cuja presença passarão estas praticas, o qual he muj afeiçoado a Portugal e falla Hespanhol, por aver andado por cá e estudado em Lix.ª Ao governador das Torres da Rochela se devem as mesmas cerimonias e todo o comprimento: he gentil homem principal e grande soldado, e tem ca hũ sobrinho ou dous.

23. O conselho da villa, com seu presidente, Mons.r de la Escalla, q̃ he pessoa grave e Douta, hão de vir visitar a V. S. cõ as mais communidades; não tenho q̃ advirtir na cortesia com que V. S. os ha de tratar. Ha muytos conventos de religiosos q̃ hão de pedir sua esmola, e como bons e verdadr.os Atletas merecem grandes premios, porq̃ estão em continua luta cõ os herejes, confundindoos e reduzindo muytos. No Collegio dos Padres da Companhia (q̃ são propriamente como ca) tem V. S. o Reitor, q̃ he nobre, e de grande virtude e satisfação. Mons.r Lanier me dizia q̃ se espantava de como El Rey lhe não escrevia, ou mandava escrever, em agradecimento da assistencia q̃ fazia aos nossos soldados e aplausos a todos nos. O gran Prior lhe tinha grande respeito, e comia m.tas vezes cõ elle. O Mestre da filosofia teve alli hũas graves conclusoens, dedicadas a ElRey N. S., e despois as offreceo a S. Magestade por mão dos nossos embayxadores. Pretende passar ao Japão, e dezeja q̃ S. Mag.de lhe dê l.ca; eu o tratei cõ o P.e Luis Brandão, e me disse q̃ o tomava a sua conta. O P.e Paulo da Costa, Companhr.o do P.e Ign.o Mãz [1] e Procurador do Brasil, dará disso boa informação, como de tudo o mais que lhe encomendarem.

[1] Padre Ignacio Mascarenhas, Embaixador de Portugal á Catalunha em 1641. Teve como companheiro o Padre Paulo da Costa.

24. Daqui pode V. S. e deve avisar a Paris pela posta, ou pelo correo, que parte duas vezes na somana, escrevendo ás pessoas com quem lá tiver conhecimentos, e a Mons.r de Chavigni, q̃ he o secretario de estado a quem tocão as embayxadas e cousas externas, dandolhe conta de sua chegada. E se V. S. mandar hum criado, q̃ va demandar ao Cap.m Villa real, elle fara de muyto boa vontade, e m.to bem, tudo o q̃ se lhe ordenar. Mas prim.ro deve V. S. escrever e despachar p.a este Rn.o, avisando de sua chegada a el Rey N. S. e continuar cõ o[s] correos.

25. A Rochella não tem boa commodidade de carruagẽ, e nem carroças, nem coches achará V. S. alli, se os não mandar vir de fora, tomando hum conductor pera isto, q̃ se ha de obrigar por escritura e certo preço a conduzir a V. S. e levar a sua bagagem. Se se puder mandar o fato por mar a Nantes, pera ir pello Rio acima até Orleans, escusárasse m.to trabalho, e fora menor a despeza. Nos levámos tudo por terra e dizia o mordomo do Monteiro môr que fizera de custo cerca de dous mil ℔.dos, sendo bem poucas as carretas, e presentandonos o Gran Prior a sua carroça de campanha cõ seus cavallos até parte do caminho. De volta mandámos de Orleans a Saumur p̃la ribeira abayxo, com conductor e parte dos criados, e nos viemos por terra e por agua. Ha tambem m.to roins pousadas ate Poitiers, ainda q̃ não lhas desgabaremos. Não sei se passou por aqui Gracilasso quando disse:

> Viños azedos, camareras feas,
> Varletes codiciosos, malas postas,
> Gran paga, poco argent, largo camiño.

Por evitar parte, pode V. S. ir por Sorgier[1], como nos fomos, e não se troce nada. Achará hũa casa de campo, ou Castello, m.to bom, cõ boas camas, e onde el rey Christianis-

[1] Surgéres.

simo alverga, quando faz aquelle caminho. He hũa baronia (meya jornada de Rochella) de hũa senhora viuva, do appelido de Fonseca, q̃ se preza muyto de Portugueza e diz q̃ he da casa de Coca e Alaejos *(sic)*, filha de Carlos de Fonseca. Foi casada duas vezes e tem por filho, entre outros, a Carlos de Fonseca de la Rochefocaud, señor de Montendre Monguion e outros lugares. Ella não estava alli quando passámos. Despois a visitámos em Paris, e por via do grande Prior lhe escrevi e mandei hum papel genealogico dos Fonsecas, q̃ me avia pedido. E por tudo isto he necessario q̃ V. S. lhe faça gr.des comprimentos.

26. Tambem pode ir p̃la Motte st leraye[1], q̃ são duas jornadas, por ver ao Conde de Parabere, governador da Provincia de Poitou. Antes me parece forçado não passar V. S. sem o visitar, mandando lhe recado de Rochella, e a Madama a Condessa sua molher: porq̃ não se pode dizer o gasalhado, o amor e cortesia cõ que nos agasalhárão aquelles soṽs e toda sua familia, filhos e criados, e V. S. tem obrigação de agradecer todo o bom tratamento q̃ se nos fez e a suprir tão bem nossas fraquesas. O Monteiro môr me disse q̃ lhes avia de faser hum presente, e eu lhe escrevo agora e ao D.tor Antonio Coelho de Carvalho pera q̃ se lembrem das promessas aly feitas, e veja a satisfação q̃ se ha de ter cõ elles em hum aviso e reposta q̃ ficavão esperando. Porque avendose seus filhos do Conde offrecido pera vir servir a Portugal, e pedido cartas de favor aos embayxadores pera passar logo a este Rño (e cuido q̃ só com este intento, e de agradar a elRey seu mestre e ao Cardeal, mandou visitarnos a Rochella p̃lo Cap.m de sua guarda e offerecer a pousada em sua caza, p̃que senão torcia quasi nada do caminho real), resolveosse o Visconde de Pardaillan, filho 2.º do Conde, a ir ter despois connosco a Paris em proseguimento destes intentos, na occasião q̃ partiamos pera Abeville, onde o Christianissimo ja estava, e foi connosco

[1] La Mothe S.t Heraye.

á Corte. Pello caminho e lá se tratou cõ elle se quereria levantar hũa companhia ou duas de cavallos lig.ros, e passou o tratado tanto adiante q̃ se falou em buscar dr.º prestado, obrigandosse Heitor Mendes[1] ao assento; e a mandar saber aos portos de França se avia navios de Amburgo pera passarem os cavallos, sem advertir ao disposto na Instrucção, q̃ eu tinha bem de memoria; el Rey mandou passar sua carta, de q̃ tenho a copia, ao Visconde de Pardelhan (porq̃ os Franceses são mais fogosos e apressados q̃ nos) e assi mais a seu Pay e ao gran Prior, como governador daquellas Provincias, dandolhes l.ça p.ª se poder levantar a comp.ª ou cõpanhias pera passar a Portugal, cõ as clausulas costumadas, a avendo aquelle serv.º como feito a sua mesma Coroa; pera a gratificação e satisfação até veyosse o Visconde cõ isto diante a dar conta a seu Pay e esperarnos 2.ª vez em sua casa cõ a mesma grandesa, cortesias e tratamentos, pera se aver de dar cumprimento ao negocio e ultima resolução. Não me custou a mim pouco o compollo cõ credito nosso, e assentar q̃ se desse pr.º conta presencialmente a el rey N. S. pois estavamos tão de caminho; e q̃ nos p.ros navios, ou cõ o embayx.or ordinario, q̃ de força avia de ir, se lhe daria conta e resão de q̃ S. Magestade ordenasse e ouvesse por seu serv.º. Bem vê V. S. q̃ he nec.º dar pollo menos algũa satisfação a gente tão grande e autorisada. E pois S. Magestade escreveo ao gran Prior, bem pode escrever igualm.te ao Conde de Parabere. Se V. S. fôr por lá e ainda q̃ não va, pareceme q̃ ha de ser forçado fazer algũa demonstração e mandar algum presente a Madame a Condessa, ou a Madamoiselle de Parabere, sua filha, q̃ está ainda por casar. Ao filho mais velho dos Condes, chamão Marquez da Motta, e tem outros em casa, e hum do habito de Sam João em Malta.

27. Da Motta tem V. S. nove leguas a Poitiens[1] *(sic)* q̃

[1] Vide pags. 131 e 145.

[2] Poitiers.

he hũa grande cidade em casas e em gente: universidade do Direito civil; alem das latinidades q̃ ensinão os P.es da Comp.a O Conde ha de ordenar q̃ os do governo visitem e presenteẽ a V. S., como fazem aos Principes e pessoas reaes quando passão por alli: e como fizerão aos nossos embayxadores em todas as villas e cidades por onde passámos.

Aqui em Poitiers succederão duas cousas notaveis, q̃ não escrevi no papel do Conde[1], porq̃ não parecesse q̃ o meu intento era descobrir faltas, senão só a remediar, e porisso mesmo me parece necessario mencionallas p.a as evitar, como quem assinala os atolleiros do caminho, por não fallar em nada. A pr.a foi na noite em q̃ chegámos hũa pendencia e descomposição grande entre os criados do Monteiro mor e de Antonio Coelho sobre o tratamento das mesas e comida, com espadas nuas e grande revolta da povoada. A 2.a q̃ ao outro dia p̃la manham, avendo o Bispo mandado recado pera visitar os senhores embayxadores e tardando hũ pouco em vir (ou cuidando q̃ não tinhamos tanta necessidade de vencer a jornada n'aquelle dia q̃ era piquena, ou não podendo vir mais depressa), nos fomos sem esperar a visitação, q̃ o Bispo fez de balde, não nos achando já na pousada, segundo disserão os q̃ ficárão mais atraz, e todavia quando voltámos por ally, não se lhe fez comprimento algum.

28. A Chateleraut são 6 ou 7 leguas, q̃ he o cam.o mais dir.to e melhor, q̃ V. S. ha de levar, e finalmente de Chateleraut, sem passar cousa notavel até Amboise, são 18 leguas. Daqui, ou daquella jornada, q̃ he de 10 leguas a Blois, deve V. S. mandar diante hum gentil homem, ou outro criado autorisado, saber se está alli Monsieur, o irmão unico del Rey e Duque de Orlaens *(sic)*, (q̃ assiste ordinariamente naquella sua villa, em q̃ vai lavrando hum grande Palacio, ou em hũa casa de campo dahi a 4 leguas de q̃ gosta m.to); e pedirlhe

[1] de Vidigueira.

licença pera o visitar, e não he bem q̃ V. S. passe sẽ faser este comprimento e sem ver aquelle Principe, caminhando por suas terras e estando elle hoje em graça cõ seu irmão. Nos passámos com esta nota a ida (e vinda), posto que despois o visitámos em Paris e fez grande acolhida aos embayxadores.

29. De Blois a Orleans são 16 ou 17 leguas; e daqui a Paris 34, q̃ fasem numero ao todo de cento e dez, pouco mais ou menos, da Rochella. Eu fui daqui de Orleans cõ o recado dos embayxadores á Corte, e tomei a posta, em pouco mais de hũa noite. Baste q̃ mande V. S. do Burgo de la Reyna [1] (q̃ são duas, ou tres leguas a Paris) o secretario da embayxada ao secret.º Mons.r de Chavigni, dandolhe conta como ha chegado, e q̃ espera l.ça de S. Mag.de Christianissima p.ª entrar na Corte a beijarle a mão, e ordem sua p.ª saber o q̃ ha de faser, e onde e q.do quer darlhe audiencia.

30. El Rey costuma dar casa, ou hum hostel, como elles chamão, muy bem adereçado, aos embayxadores extraordinarios, e dous ou tres dias tratamento de tudo o necessario p.ª a mesa. Se V. S. leva este t.º, já tem pousada certa: mas sempre sera necess.º mandar tomar algũa despejada para entrar incognito e prepararse pera a entrada de coches e librés. O q̃ tambem V. S. pode mandar prevenir da Rochela, logo q̃ chegar, se tem pessoa confidente, ou conhecida em Paris: e em falta lhe daremos a conhecer dous, de quẽ pode faser muy caso e confiança, por sua verdade, modestia, honor e bons procedimentos. Hum se chama Monsieur du Jardin [2], q̃ esteve ja nesta cidade de Lisboa; he velho rico e tem filhos conselheiros e outros tratantes; e hũa casa de campo, m.to boa, daly a meya legua na Villeta, donde fizemos a nossa entrada: e elle mesmo a veyo offrecer p.ª isto aos embayxa-

[1] Bourg la Reine.
[2] Vide pág. 53.

dores, e nos levou lá e nos deu hũa grande collação. O outro se chama Mons.r Fernandes de Leon, natural de Flandes, mas de avos Portugueses e Franceses, honesto homem e muyto autorisado, a cuja casa e jardim concorrẽ os senhores de mais capacidade e juizo q̃ tem aquella Corte. A hum e outro devo muyta amizade e cortesia, sem aver tido dantes cõ elles conhecimento nem correspondencia algũa. Tão bons são como isto. E assi os achará V. S. se os quizer tratar. Servirão aos nossos embayxadores fidelissamente *(sic)* em tudo o q̃ lhes ordinarão, cortejandonos sempre. Mas sei eu que não ficarão elles satisfeitos da responsão, e não digo mais a V. S.

31. Ha em Paris hum homem q̃ chamão Mons.r de Lope, cõ opinião de muyto rico; e por isso de muyto valido do Cardeal. Dizem q̃ he dos expulsos de Granada, mas q̃ vive como catholico. Com este importa ter gran tento, e hũa pouca de circunspecção, porq̃ tem muyta manha e muyta industria, e não deixa de ser poderoso cõ a riqueza e valimento. Entremetese em caza dos embayxadores, regaleos e convidaos; e Deos sabe os intentos: e a algum custou bem cara a sua visita e amisade. Diga o Caron de Let[1], embayxador da Infanta Archiduquesa, quando veyo a Paris, sobre a jornada da Raynha maem *(sic)* a Flandes, ao qual não custou menos q̃ a honra e a cabeça. Aos nossos convidou, cõ alguns grandes senhores da corte a hum esplendissimo banquete. Mas quiz Deos q̃ tivemos poucos dias delle, porq̃ avia vindo de Holanda poucos antes de nossa partida de Paris. Deste sayo a ma informação q̃ o Cardeal tinha do nosso embayxador de Holanda[2], conforme a linguagem de sua Eminencia e a do mesmo Lope. A pratica q̃ introduzio aos nossos foi acerca da liberdade do Infante, promettendo ir pessoalmente a Ale-

[1] Carondelet.
[2] Tristão de Mendonça Furtado.

manha e despois a Portugal: q̃ toda sua fazenda daria por bem empregada em acção tão gloriosa.

Despois, apertado em hũa occasião, não fez nada, como dirá o Padre fr fernando de [1] q̃ esteve presente: e assi avia de faser em todas. Contudo escreveo a el Rey nosso s.or, e he necessario que V. S. lhe mostre benevolencia e guarde o mais.

32. Estão ally tambem alguns pensionarios do Christianissimo, criados que ficarão do senhor Dom Antonio Prior do Crato e de seu filho, e q̃ passão suas necessidades. He necessario que V. S. lhes sayba o nome e os trate como a Portugueses fieis e constantes no que emprenderão; honrandoos e favorecendoos muyto em tudo o q̃ ouver lugar.

33. He certo q̃ alem dos arcanos de estado, e da instrucção, q̃ eu não sei, vai V. S. a ratificar a confederação e alliança q̃ fizerão os nossos pr.os embayxadores [2], e assi a confirmar hũa amizade e confirmada continualla, não só entre os dous Principes, senão entre todos seus confederados, se puder ser, de q̃ ha embayxadores naquella Corte, e finalmente entre todos os vassalos e sojeitos dos dous Reynos de Portugal e França: advirtindo aos tratos secretos de pazes q̃ por via do Papa e Venesianos dizem q̃ intentão nossos enemigos, pera os impedir, ou dilatar, ou p.a não cuidarem q̃ se podem faser sem q̃ V. S. os entenda: mas cõ tal destreza q̃ não pareça q̃ vamos a isto como gente q̃ toda sua conservação depende daquelles favores e soccorros: porq̃ ainda q̃ necessitemos

[1] No original o nome está em branco, mas a referencia é a la Houe (correspondente do Infante D. Duarte) que escreveu um livro notavel em resposta ao de Conestaggio. O livro dá-se por obra de J. B. Birago, mas este foi apenas o tradutor em italiano.

[2] *Nota marginal:* Não offreço os papeis e tratados das allianças e do q̃ nelles ouve, porq̃ V. S. tudo deve de aver visto e de tudo estará dono, e conforme a isto obrará e Deos o ajudará.

delles, avemos de procurallos cõ artificio; fomentando sempre o odio q̃ a nação Franceza tem aos Castelhanos, que he grandissimo.

34. Pera o que, he necess.rio valerse V. S. de todas as artes sem affectação, de muyta destreza, vigilancia e cortesia[1]; e esta ultima he a cõ q̃ V. S. ha de obrigar p.ro, e conquistar os Francezes, ganhandoos e accomodandose a seus modos e usos: porq̃ se em Portugal se usasse por cortesia hũa ceremonia q̃ não se praticasse em França, ou se não advirtiria nella, senão fosse de pezo pera isso, ou se tomaria por descortesia, se fosse encontrada cõ as suas[2]. Seja hum exemplo sairmos cá nas visitas diante dos hospedes até hũa, ou duas salas: e lá não tomar nunca do dono da casa aquelle luguar (q̃ chamão as entradas) e sair ao patio, ou a porta da Rua, até partir a carroça, q̃ he o mais. Elles cuidão q̃ tem o Imperio da Cortesia em sy, e q̃ o tomarão aos Italianos e a todas as mais naçoens. E na verdade não se pode negar q̃ são mui corteses, e q̃ hũa dama ou hum gentil homem Francez são a mesma cortesia. E assi são as leys q̃ observão, e as ceremonias infinitas e mais pera vistas q̃ p.a escritas. De hũa he necessario advirtir a V. S. porq̃ me parece q̃ só em França se usa, ou em Paris, q̃ quem entra de novo, ou se muda pera outra Rua, deve visitar p.ro a todos aquelles cõ quem quiser correr e tratar[3]. Não nomeará V. S. nunca francez sem dizer *Monsieur*. E se fôr menos, *le sieur*. As senhoras, *Mesdames*, ou *Madame* em singular, e da mesma man.ra quando se fala ou escreve á Raynha: e a el Rey *Sire*. As donzellas (ainda

[1] *Nota marginal:* Sobre a cortesia fiz hũa carta particular ao Conde.

[2] *Nota marginal:* O Nuncio Scotti deixou de visitar ao Duque Carlos de Lorena em Paris porq̃ capitulando as cortesias e ceremonias, propos o Duqe q̃ desceria até o patio, mas q̃ não avia de esperar q̃ partisse a carroça.

[3] Suppomos que da França viesse este costume para Portugal, pois não se observava cá naquelle tempo, como se deprehende das palavras supra.

q̃ sejão m.eres maiores q̃ nunca casarão) *Madamoiselles*. Mas ha nisto hũa differença, q̃ as m.eres do meyo e dos burgueses, ainda q̃ sejão casadas, querem ser tratadas de *Madamoiselle*. Sendo assi q̃ a tudo o mais, ou seja alta ou baixa, se diz *Madame* por cortesia.

35. Bem sei q̃ el Rey Dom Sebastião mandava em hũa sua *Instrucção* ao meirinho-mor, embayx.or em Castela, q̃ despois das visitacoins dos Reys, visitasse de sua parte ao Principe, Ruy Gomes da Sylva e ao Duque de Alva, quando chegasse de Flandes; a estes sós em suas casas: e q̃ aos mais do Conselho fallasse e desse seus recados no paço. Isto devia ser quanto ás vizitas em nome del Rey: q̃ não ha duvida q̃ o Embayx.or pode visitar, e he força q̃ visite aos q̃ quiser, como não seja contra o intento de sua embayxada e authoridade de sua pessoa.

36. V. S. hade ver tudo o q̃ ha em Paris, nem cõ admiração e pasmo, nem com desdem e desprezo, mas antes cõ benevolencia e aprovação, e cõ applauso das obras heroicas e vertuosas. Irá V. S. á Universidade e Collegio, aos actos Literarios da Sorbona, pera q̃ elles mesmos terão cuidado de convidar a V. S. trasendolhe as conclusoens e theses, e assi ás outras academias das artes liberais e de montar a cavallo; ao passeo: e a tudo a q̃ vão os mais, com honor. Porq̃ como quer q̃ o intento principal de hum embayx.or seja conquistar e ganhar a vontade do Principe a q̃ assiste, e o amor de seus vassalos, por todas as artes e modos de urbanidade, he necessario q̃ V. S. se accõmode p.ro a pareceremlhe bem todas as cousas dos Franceses: e isto custará pouco a V. S. porq̃ tem muytas dignas de lovor. Louvará tudo o q̃ não fôr contra algũa virtude e bons costumes, e principalmente os trages, q̃ he cousa de q̃ se pagão muyto. O mesmo acontece a todas as naçoens cõ os seus. Não digo por isto q̃ V. Senhoria se vista a Franceza, posto q̃ seria bom adaptar e mo-

derar este de q̃ oje usamos pello q̃ tem de Castelhano [1], q̃ elles aborrecem muyto. A familia deve V. S. trazer vestida ao uso daquella Corte e a la moda que dizem, principalmente os Lacayos e pagens e mais officiaes pedantes. Tudo vestem assi os embayxadores doutros Principes q̃ la residem, e sempre desta demonstração se obrigárão muyto todas as naçoins do mundo.

37. Os Franceses tem grande vaidade na mesa, e he a mayor despeza sua e a p.ra, e assi he necess.ro q̃ V. S. a faça todos, ou os mais dos dias, de modo q̃ se saiba, levando a comer aos q̃ lhe parecer, ou acazo, ou de preposito; melhor he de preposito e avisando prim.ro, porq̃ assi não faltará V. S. em hũa cousa tão substancial naquella Corte, sabera tudo q̃ nelle passa, e tera sempre a casa chea de gente nobre, entendida e contente: presupondo e tendo por certo q̃ ainda q̃ os generosos se pagão só de cortesia, que a liberalidade e larguesa rende tudo.

38. Da gente que sabe e dos Doutos, como dos insignes em algũa arte, bem entendo q̃ fara V. S. muyto caso, sem ser necessario advirtiremlhe, tratando a todos com muyta cortesia e procurando saber que cada hum he, pera soccorrer talvez ao necessitado, q̃ he muy irmam e companheira do bom engenho a pobreza. Não desestima V. S. esta lembrança, porq̃ de se fazer o contrario, ainda q̃ pareça q̃ alli ficou occulto o desdem ou o desabrimento e a q̃ não se julgava offença, sahe depois a pagarse a pena em hum theatro publico do Parnasso, cõ hum pregão e trombeta da fama em hum Livro Impresso, como temos visto muitos, ficando celebre na eternidade a vingança. Dom Fran.co de Castro, q̃ depois foi Conde de Lemos, e Monge de S. Bento, se arrependia muyto de aver perdido a Trajano Bocalino [2], porq̃ sendo embayxa-

[1] Pormenor interessante.

[2] Celebre satirico e critico italiano (n. 1556 m. 1623). No *Hospital das*

dor em Roma, indo a offerecerselhe pera cortejar e seguir a corte espanhola, o remeteo a hum secret.rio Bizcainho, ou p.ra examinar, ou pera lhe despachar hũa penção, ou dar a parte q̃ pretendia: cançouse Bocalino de lidar, ou de não se entender cõ o Biscainho e passouse á clientela do embayx.or de França, q̃ o abraçou e estimou muito, e q.do despois escreveo os livros q̃ vimos Impressos, soube bem fiscalizar e condemnar as acçoens dos Castelhanos. E em resolução não folgaria V. S. de obrigar os grandes engenhos se quer por grangearia? E de ter as musas tão amigas e propicias q̃ deixassem as tellas de ouro fino e q̃ o cantassem?[1] Nem todos podem ter a ventura e boa fortuna do grande Progenitor da caza de V. S.[2] pera acharem assi a hum Luiz de Camões sem o conduzir. Em Paris, como Corte de hum Principe tamanho, ha grandes engenhos e excellentes artifices de todas as artes: huns buscarão a V. S., a outros solicitará e folgará de ver. Ha dois irmãos q̃ se chamão os de Santa Marta, avogados do Parlamento, q̃ compuserão entrambos a *Historia genealogica da Casa real de França* e das q̃ della descenderão; e outros livros. Mons.r Godefroi, q̃ he já conselheiro e historiografo, ou Coronista del Rey[3], q̃ compos antigamente entre outros tratados a genealogia dos Reys de Portugal[4]: e por ja os não aver, tratava de 2.ª impressão e doutro livro novo de justificação dos direitos deste Reyno na pessoa del Rey D. João o 4.º nosso senhor, Livro q̃ sera de grande consideração pella materia e p̃lo autor. Mons.r de Grenaille de grande espirito, e de capricho, com se vê de suas obras[5].

Letras de D. Franciseo Manuel um dos interlocutores é o livro de Boccalini *I Ragguagli*.

[1] *Lusiadas*, canto v, 99.

[2] Vasco da Gama.

[3] Theodore Godefroy (1580-1649) foi nomeado historiographo em 1617. Ha varias cartas de Christovam Soares dirigidas a Godefroy no cod. da Ajuda 49 | X | 13. Vid. fls. 42, 51 v.º, 55, 92.

[4] Foi impresso em Paris em 1610 e teve varias edições.

[5] François Grenaille, autor do livro *Plaisirs des dames* (1641) e de outros

Tinha escrito hum *Mercurio Hespanhol;* e disseme q̃ andava escrevendo outro Portuguez. Mons.r Soyer, q̃ he framengo, illuminador del Rey e genealogista, e outros infinitos, q̃ são bem conhecidos por suas virtudes e pellas obras q̃ publicárão: mas faço menção particular destes, pera q̃ V. S. os acolha a honre mais particularmente, porq̃ continuavão muyto a nossa pousada e tiverão sempre muyto boa correspondencia comigo e a tem ainda oje. Logo devem de ir buscar a V. S. e outros da mesma faculdade, cõ o desejo de saber novidades e cousas q̃ poder escrever em nosso favor contra os Castelhanos, p̃lo amor e odio q̃ mostrão oje a huns e outros. Contudo seria acertado q̃ V. S. tivesse noticias do que se escreve nestas materias, porq̃ as vezes acontece q̃ se prohibem estes livros q.do ca chegão, ou se mutilão: e assi vimos sós nos a ignorar aquillo q̃ todos sabem, ou dizem de nos. Leve V. S. alguns livros da historia Portugueza, e as obras de Luis de Camoens, q̃ he historia particular de V. S. e de sua caza, p.a dar lá, e a mĩ me certificárão q̃ as damas todas pedião aos Livr.os Livros Castelhanos, pera saberẽ hũa lingua q̃ pudessẽ falar e entender os Portugueses.

39. Se a Primavera fôr entrada, q.do V. S. lá chegar, estará el rey na campanha: mas se ainda estiver no castelo de Sam Germão, tres ou quatro leguas de Paris, aonde costuma passar os invernos, por rezão da caça e pera descançar do trabalho de guerra; ally ha V. S. de ter a p.ra audiencia, q̃ nunca poderá ser no mesmo dia da entrada publica. De lá se ha de dar o dia, no qual m.da El Rey nos seus coches hũ dos Principes de sangue, ou hum dos mayores s.res da Corte, a conduzir aos embayxadores, alem do conductor, q̃ tem por officio assistir a tudo e levar e trazer as ordens. Aos nossos conduzio na entrada de Paris o Mareschal de Chatilhon, acõ-

que tinhão grande aceitação no seu tempo. No referido livro versa *(inter alia)* a questão: «Est ce le bouquet qui orne le sein, ou le sein emprunte-t-il du bouquet toute sa grace?»

panhado de seus 2 f.os, o Conde Coligni e de Andelot. Na p.ra audiencia del Rey, o Duque de Chevrosa, irmão do defunto Duque de Guisa. Na ultima do conjé em Abbeville, o Duque de Nemurs, Principe de Saboya. O cargo de conductor ordin.rio está repartido em dous, q̃ o servem cõ a alternativa de Castor e Pollux, hũ seis mezes, e outro outros seis. O Conde de Brullon servio em q.to estivemos naquella Corte; cõ elle entrámos e saimos; e assi não conhecemos o outro. Fala e lingua latina com os embayxadores q̃ não sabem a Franceza. He altivo e descõfiado hum pouco: mas tem hum tenente, q̃ he secretario del Rey naquelle officio, moço galante e q̃ fala bastantem.te o espanhol, porq̃ estava em Madrid. Hum e outro tem suas gages dos embayxadores: estes dirão a V. S. tudo o q̃ se deve fazer: e tambem V. S. tera seus paracletos, q̃ investiguem as cousas por outras vias. A regra he, q̃ como tratarem a V. S. como aos outros embayxadores do Papa e dos Reys, não lhe fasem offensa.

40. Pareceme q̃ devia V. S. pedir licença a el rey Christianiss.mo pera o ver m.tas vezes, e a Raynha e a seus filhos [1], por lhe encommendar assi el Rey seu s.or, p.a lhe dar muytas novas de sua saude e de suas vitorias e de todas as felicidades de França, e darlhe tambem todos os avisos e boas novas q̃ tiver de Portugal, e cá ha V. S. de deixar assentado e muy encarecido, já q̃ não ha outras postas nem correos, q̃ lhe escrevão em todos os navios, q̃do não aja outros determinados expressamente p.a isso, porq̃ emq.to lá estivemos, não tivemos cartas mais q̃ por tres veses [2], e muyto tarde, chovendo as novas e as mentiras dos Castelhanos. Todos nos preguntárão

[1] *Nota marginal:* Aqui faita por advirtir q̃ á meza e nas audiencias particulares não se cobrem os embayxadores: não sei como se avião os Castelhanos e se hião a ellas os grandes.

[2] Em seis mezes! Outros embaixadores Portugueses do tempo fizeram as mesmas queixas dos ministros de Lisboa, sobretudo Francisco de Sousa Coutinho.

p̃las q̃ tinhamos, e não se deixava de estranhar a falta q̃ nisto avia, a qual ordinariam.te lançavamos ao mar. O gran Prior dizia q̃ era nec.º aver pello menos duas fragatas, hũa de Portugual, outra de França, q̃ andasse sempre, em falta de correos, d'hum Reyno p.ª outro, só cõ cartas e avisos, de q̃ he força estarmos faltos, estando rodeados de maré de nossos enemigos. O Prov.or dos Almazens estava em preço cõ hũa, não sei q̃ fim teve. Quem m.da embayxadores, ha mister correos sempre.

41. Tambem dira V. S. ao Christianissimo (despois de darlhe a carta de crença q̃ he a 1.ª cousa) q̃ mandará nomear os ministros cõ quem ouver de tratar os negocios, aos quais ha de visitar logo em acabando cõ os Principes. O mesmo se ha de diser logo ao Cardeal. Despois da visita del Rey, se faz a da Raynha, se está no mesmo Palacio: e a do Delfin, e do Duque de Anjou, q̃ tẽ dous annos menos q̃ seu irmão: tudo no mesmo dia e cõ as mesmas ceremonias.

42. Se são dias gr.des, na volta de São Germão pode V. S. vir por Roel a visitar o Cardeal Duque de Richelieu: ou como elles lá o ordenarem. Nos o vimos ao dia seguinte, porq̃ estava em Paris então. Não digo a V. S. nada deste grande sujeito e ministro de França, porq̃ tudo he pouco p.ª o que V. S. ha de achar nelle na p.ra vista e de todas as vezes q̃ o vir e ouvir, e contudo ainda estou em duvida se he mayor a sua ditta, ou o seu saber. Entendo q̃ p̃las grándes virtudes del Rey seu Mestre e suas proprias, e pello grande zelo que ambos tem da Fé catholica e odio contra a herezia, lhes faz Deos tantas mercês, dilatando seu Imperio e Monarquia cõ tantas vitorias. Ao Cardeal pode V. S. falar hespanhol, porq̃ de sete linguas q̃ disem q̃ sabe, he tão s.or como da castelhana; e desta como se fora nascido em Madrid: e assi das outras. Lá me perguntárão se lhe escrevéra el Rey N. S. de *primo:* q̃ com este estylo trata o Christianissimo aos Cardeais, e aos

Duques; e não ha razão para faltar de cá, mayormente avendolhe dado *eminencia*.

43. Hade levar despois o conductor a V. S. ás outras visitaçoens dos Principes do sangue: a Monsieur irmão del Rey [1], se estiver na Corte: a Madamoiselle sua f.ª [2]: ao Principe de Condé: e á Princesa sua molher e filhos: a Madama a Condessa, mãy do Conde de Soissons, e á sua neta Madamoiselle de Longueville, filha deste Duque, q̃ tão bem tem calidade de Principe: a Madame a Duquesa de Esguilhon [3], sobrinha do Cardeal, e assi os mais parentes de sua Eminencia: e a outras pessoas a quem os embayxadores costumão de visitar, como a Madamoiselle de Seneterre, q̃ he hũa parenta do nosso Conde dos Arcos, q̃ nunca casou: o Duque de Bombazon [4], e seu filho, o Principe de Guimine [5], e outras pessoas q̃ lá darão a conhecer a V. S. e a q̃ os conductores não vão.

44. Despois das visitas dos Principes e antes doutras, ha V. S. de ver os ministros: o Chanciller de França, o p.ro das letras, e o 2.º ou 3.º cargo daquelle Corte. Mons.r Botillier, surintendant de finances, q̃ responde a Presidente de fasenda e cõprehende muyto mais. He pay do Mons.r de Chavigni e bom ministro. Estes dous forão os comissarios q̃ fizerão o tratado cõ os nossos embayxadores, a q̃ eu estive presente, posto que não assinei, porq̃ não era nomeado por S. Mag.de.

45. Mons.r de Chavigni he a pessoa cõ quẽ V. S. mais hade negociar, em rezão de seu valimento e do seu officio de secretario de estado, a quẽ tocão as embayxadas e cousas externas. He moço, rico, grave e cortez; os criados lhe hes-

[1] Gaston, Duque d'Orleans.
[2] M.lle de Montpensier.
[3] Aiguillon.
[4] Montbazon.
[5] Guiminée.

panholisão a *Excellencia*, posto q̃ ordinariamente lhe dão *senhoria Ill.ma* os embayxadores. Os nossos o tratárão agora no cabo de *Excellencia:* V. S. fará o q̃ milhor lhe parecer, e conforme lá vir. Mas ha de ter cuidado de o tratar cõ toda a ceremonia nas visitas: e se puder passar a mais amizade, terão os neg.os de V. S. bom apoyo. Não aceitará cousa de valor, senão de raridade, e por mão de sua molher, a quem pello menos ha de ser necess.o mandar cheiros, agoas e pastilhas. Soube eu q̃ se andava buscando hum Rubi bom; se V. S. o levasse, me parece q̃ se estimaria, dandose atinadamente.

46. Tambem V. S. hade visitar o outro secretario de estado q̃ se chama M.r de Noyers, que trata as cousas da guerra, edificios e fabricas: he homem de marca, e muyto valido. Ainda ha mais secretarios de estado: mas os dous são os Tropicos de tudo quanto se move naquella Corte e fora.

47. Aos Embayxadores dos outros Principes e Republicas, ou seus residentes, ha V. S. de fazer a saber p.ro por hum ou dous gentis homens mais luzidos, cõ o interprete da embayxada, q̃ he chegado, e darlhes conta do dia da entrada, porq̃ costumão a mandar os coches cheos de seus gentishomens e secretarios. Despois da visita dos Principes e ministros, os buscará V. S. se elles não vierem antes, como devem fazer, q̃ não observão nisto as leys de França, por estrangeiros. Se alguns não mandarem os coches, por causa das competencias dos lugares q̃ ha entre huns e outros, não importa q̃ faltem nesta ceremonia, como não faltarem despois na visita e outros comprimentos, mas será bom saber V. S. os q̃ faltão e a rezão q̃ dão p.a estar em tudo, porq̃ de materias de pouca importancia nacem as vezes algũas muy relevantes. Se V. S. ouver de usar as mesmas ceremonias e mandar o seu coche aos embayxadores, q̃ entrarem; he necessr.o q̃ os cocheiros e criados saibem ao q̃ vam: porq̃ a pendencia he só sua delles e a honra nossa. Entendo eu q̃ abayxo do Nuncio, dos q̃ la

estão, só Suecia e Inglaterra disputarão connosco o lugar, e V. S. poderá lá usar deste comprimento, conforme vir o tempo, a ocasião, e as circunstancias.

48. O Nuncio ha de tratar a V. S. conforme o Papa ao nosso embayx.or q̃ foi a Roma, q̃ V. S. procurará logo entender como chegar a França. O mesmo caminho segue o de Venesa, porq̃ já se declaráram ambos cõ nosso. Se contudo quizerem tratar a V. S. em secreto, e em particular, aceite V. S. as vistas, ou as visitas, q̃ dalli os virá a trazer ao publico, e quando tenhão ordem em contrario de seus amos, sẽpre será boa qualquer amisade cõ elles, como a puderem ter comnosco, q̃ bastará p.a avisos e outros effeitos importantes. O de Florença e Genova são Castelhanos, mas entre elles avera alguns que não tenhão o coração assi, e p̃ isso sera bõ tentar a todos nas occasioins. Os de Inglaterra, Saboya e Holanda, he certo q̃ hão de ver logo a V. S., q̃ assi o fiserão connosco. Se o de Suecia não vier, tenha V. S. cõ elle toda a satisfação, porq̃ he homem graviss.o e de m.ta importancia. Todos os mais colligados d'Alemanha contra a casa de Austria tem as mesmas comlaçoens *(sic)* e consequencias. O Duque de Parma tem hum secret.rio residente ally, m.to homem de bem. Faça lhe V. S. muyto gasalhado, e faça o comer algũa vez na sua meza, q.do tiver convidados, como os outros fazèm.

49. Da pratica q̃ V. S. tiver cõ os ditos Embayxadores, poderá vir a entender e penetrar o q̃ julgão de nossas acçoens, e affeição q̃ seus Principes nos tem, e se sentem faltarmoslhe cõ embayxadas, principalmente Saboya e Parma, a quẽ todos julgão que as devemos por muytas rezoins. V. S. dará lá satisfação a tudo, e conta cá a S. Mg.de, p.a o ter entendido e pera remedear o q̃ for necessario.

50. Mons.r Masarin [1] he hum Romano (dizem q̃ de origem

[1] O Cardeal.

Siciliana) de tantas prendas q̃ cõ esse cabedal chegou a occupar o lado dos mayores s.ors de França, e a merecer a graça del Rey e o valimento do Cardeal. Á sua negociação se atribue a paz de Italia e a suspenção das armas despois da guerra do Casal, sendo ministro do Papa, q̃ despois o mandou por Nuncio extraordinario a França, e porq̃ lhe não quiz então dar o capello a instancia del Rey Christianiss.º, se ficou em seu serv.º, seguindo aquella Corte. Se V. S. fiser por travar amizade com elle cõ todo o recato, porq̃ he Italiano (q̃ cuidão q̃ enganão sempre), não seria de pouco effeito. He homẽ q̃ está mostrado a gr.des dignidades.

51. Não me hei de esquecer do Conde de Brionne, q̃ he hum fidalgo lorenes, parente da Casa de Bragança. Despois das guerras e fortuna do Duque Carlos (de quem foi sumilher de corps e do Duque Anrique passado Conselheiro d'Estado, Grand Chambellan e maistre de Garderobe e embayx.or extraordinario a Castella no anno de 1621). Está entretenido em Paris, aonde cria seus filhos naquellas academias, p.ª mandar, como elle diz, a este reyno a servir a S. Mag.de; finalmente he vassalo do Duque de Lorena, posto q̃ de avos Saboyanos, por ser filho do Conde de Chelant e de Torniele, q̃ ainda vive; e neto da Sñra Dona Messia, f.ª do S.r Dom Denis, Conde de Lemos; a qual acõpanhou a Infanta Dona Beatriz a Saboya, e casou lá cõ o Conde de Chelant. Elle visitou aos nossos embayxadores e me mostrou papeis e hũa carta m.to honrada do Senhor D. Duarte, Marquez de Flechilha e Malagon, do anno de 623, de q̃ tenho a copia. Pareceo me necess.º q̃ V. S. levasse de cá estas noticias, porq̃ quando busque lá a V. S., o possa tratar como quem elle he, e como o d.º Sor D. Duarte o trata.

52. Ordem deve de levar V. S. p.ª aver de escrever aos nossos embayxadores q̃ estão em Roma, Inglaterra, Suecia ou Dinamarca, e todos os q̃ mais forem. Ha V. S. de porse

em escreverlhes e cartearse cõ elles em todos os correos: procurando investigar e saber tudo q.to passa, não só no Reyno de França, senão em todos os outros e principalmente nos de Castella, avisando tambẽ aos franceses do q̃ lhes tocar. Não perdoando a gastos de espias e correos, porq̃ muitas vezes acontece q̃ hũ aviso paga tudo, e aquillo q̃ de ca se não faz, poderá V. S. de lá mais facilmente, pelo trato e comercio dos franceses, e pello cuidado q̃ tem tambem quẽ os governa cõ tantos acertamentos; que a mayor ventagem q̃ hum Principe pode ter ao outro he saber todos seus intentos, e q̃ não diga palavra, nem faça obra de q̃ não seja sabedor. Disto se gabava o Principe de Orange, sendo Rey Felipe 4.º. Esperta V. S. tambem os ministros de cá e obrigueos cõ as noticias q̃ não tem, ou cõ as mais certas e verdadr.as, como serão todas as de V. S.

53. Nas galés de Marselha andavão remando alguns Portugueses do tpo em q̃ todos eramos reputados Hespanhois ou Castelhanos; huns tomados vindos do Brasil e Maranhão p̃los Olandeses; outros de Flandes e Milão; os mais na passagem daquelle mar, vindo ou indo para Roma. Os nossos embayxadores os pedirão instantemente a El Rey Christianissimo e despois ao Cardeal, como effeito da nossa Alliança. Ao principio responderão q̃ logo. Despois q̃ era impossivel mandallos tirar ao mar, onde andavão as gales cõ a Armada do Arcebispo de Bordeos [1]: e finalmente derão hũa carta del Rey p.a o Conde de Alez, Governador de Provença (q̃ he f.º do Duque de Anguleme, Bastardo de Valois) na qual se lhe mandava q̃ pusesse em liberdade a Pero da Sylva Pereira [2] q̃

[1] Henri de Sourdís.

[2] *Nota marginal:* Este tal D. P.º tive aviso q̃ viera despois a Paris e a Rochela; aonde procedeo tão mal e deu de si tão roim conta, q̃ a elle mesmo lhe foi nec.º desaparecer dalli, ou occultarse — convem ter olho nelle, porq̃ não fique sem castigo, ou não faça outro metomorphose.

estava prezo na Real de marselha; e se chamava lá Dom Pedro da Sylva cavalr.º do habito de Christo [1]. O S.or Bp̃o de Lamego levou consigo esta carta quando sayo de Paris a embarcarse a aquelle porto. E por me aver ditto a mim o Balio de Sordim, visitando o em occasião q̃ veyo a aquella Corte (como tão bem affecto aos Portugueses do tp̃o em q̃ esteve em Sacavem cõ as mesmas gales de que he agora G.or), q̃ fizesse cõ q̃ a ordem lhe fosse, q̃ elle os mandaria buscar aonde quer q̃ estivessem, e lhes daria dr.º com q̃ se viessem a Portugal, e me disse mais q̃ se espantou como o Cardeal não fizera hũa gentileza cõ estes presos, antes de lhos pedirem os sñores embaixadores. Mas sem embargo de q̃ elles os tornarão a pedir com muyta instancia e de rosto a rosto ao Cardeal na ultima audiencia, ẽ q̃ lhe concedeo outra vez, até nos embarcarmos na Rochela não avia novas de serẽ livres. Os Embayxadores lhes avião mandado de Paris hum soccorro de cem escudos, pera repartir por todos, cõ letra p.ª o ditto P.º da Sylva Pr.ª q̃ os recebeo. V. S. em todo o caso puxe por isto, procurando q̃ esta pobre e desgraciada gente seja posta em liberdade, e estranhando aos ministros Francezes não se aver feito. São trinta e tantos homens, conforme ao rol q̃ me mandarão e me disse o Balio, e entre elles ha alguns de ser.uço e honrados e q̃ me escreverão a Paris, alem do d.º Dom Pedro, q̃ não faltaria em nenhum correyo. Eu farei hum rol de todos a V. S.

54. Mas a cousa q̃ mais ha de levar toda a attenção de V. S. he a liberdade do Infante D. D. [2] porq̃ cõ ella dariamos hum grande matte aos Castelhanos; não a tenho por tão facil agora q̃ estão ja de aviso; mas os grandes animos e generosos hão se de empregar no mais difficultoso e inacessivel; mayor-

[1] O cod. 49 | X | 12 da Bibliotheca d'Ajuda contem cartas delle dirigidas a Christovam Soares d'Abreu.

[2] D. Duarte.

mente q.do resultará tanta gloria desta empreza. Nem V. S. se detenha ao embayx.or q̃ está em Suecia, a quem tocão mais estes officios e negociação pello poder q̃ aquella Raynha tem em Alemanha, cõ hum exercito vencendor (*sic*) de tantos confederados contra a caza de Austria: porq̃ poderá m.to bem ser q̃ esteja esta ventura guardada p.a vossa S., ou p.a nola communicar a nos e a todo este Reyno. Duarte Nunes da Costa q̃ está em Amburgo [1], e a quem el rey escreve, se mostra grande confidente de Sua Mg.de e Alteza: elle nos escrevia em quasi todos os correos, e dará aviso a V. S. até onde chegar a sua alçada, e novas de tudo o de la, e conforme a isso procederá V. S.

55. Trabalhese V. S. por reduzir a si e a este Reyno e a sua patria todos os Portuguezes q̃ estão em serv.o de Castela, gr.des e pequenos: p̃ q̃ assi se confundem e se desanimão m.to nossos enemigos, e nem por isso cuide V. S. q̃ nos avemos de comer huns aos outros (como algũa vez me disse); porq̃ val muyto hum homem feito: crescem ou fazense muyto devagar, e gastão se m.to depressa.

Eu sei tp̃o em q̃ na Corte de Portugual (*sic*) se fazião m.tas dilig.as e bons partidos a hum Portuguez de habilidade q̃ se passava a Castella; ou pellos receyos de dar em outro Fernando de Magalhãis [2], ou pello q̃ sey eu.

56. Concluo estas advertencias cõ diser q̃ tem V. S. o cargo de mayor authoridade, estima e reputação q̃ ha em hũa republica, p̃q̃ não representa menos q̃ o seu Principe, e de suas mãos pende a saude e credito de todo hum Reyno e a conservação e liberdade de sua patria. Não tem jurirsdicção (*sic*) nẽ imperio (como dizem os livros), senão administração,

[1] Era consul de Portugal lá.

[2] O circum-navegador do globo, que tinha passado ao serviço de Castella.

e assi gosa de grandes immunidades e privilegios, concedidos p̃lo direito das gentes e confirmadas em todo o tempo por todo o mundo, ate p̃los mesmos Barbaros, posto q̃ alguns em algũa occasião os quebrantassem cõ escandalo do genero humano. Mas a medida desta honra e dignidade tem V. S. sobre seus hombros e sobre sy o mayor pezo e os mayores encargos. Por esta rezão se diz q̃ o officio de embayx.or não se ha de pretender (nem darse a quem o pretenda), porq̃ não ha saber nem faz.da q̃ baste p.a as ocasioins q̃ podem soceder. Antigamente em algũa republica se elegião por sorte, e seria acertado naquellas onde fossẽ tais os sujeitos q̃ se chegasse a duvidar qual era menos p.a elle; porq̃ então em qualquer caia bem a sorte. Hum Author grave pergunta se se devem eleger da Milicia, ou da Toga, e responde q̃ nem de hũa, nem de outra; mas daquella parte onde se ache a nobreza do sangue, ou virtude q̃ a igoale; a prudencia, o valor, a fidelidade, o zelo e amor da patria, a ciencia, a eloquencia, e as riquesas, a discricção e agudeza do engenho, a circunspecção com destresa, a industria, o disvelo, o cuidado, a vigilancia, a modestia e gravidade, a cortesia, q̃ he a boa criança cõ q̃ se faz tudo atinada e suavemente, e até bom nome e boa presença, e finalmente boa fortuna. V. S. exemplificará em sy todos estes dotes e prendas e crescerá o n.o aos gr.des embayxadores q̃ ha avido da nossa nação Portugueza, antes vencerá e se adiantará a todos, p.a ser a mira e o ponto dos q̃ desejarem obrar cõ acertamento daqui por diante.

57. Não trato da residencia, nem da despedida da Corte, porq̃ a hum mez andado comprehenderá V. S. todos os segredos e invisiveis della, compondo ou dispondo o fim pellos principios p.a poder darnos licoens; e p.a isto deixo tambem o costume recebido dos presentes do Principe e outras miudezas, p̃ q̃ são cousas sabidas. Guardarei contudo algũas p.a dizer a boca a V. S., porq̃ nem tudo se pode escrever. E este papel espero eu q̃ o tp̃o o califique e q̃ as occasioens mostrem

q̃ não he p.ª desdenhado. Mas entretanto lembro a V. S. q̃ não he p.ª todos, p̃la materia q̃ contem: q̃ se fora p.ª publicar, fizera mais abstracto e não nomeára pessoas, nem revelára segredos; calára hũas cousas e dissera outras. G.de Deos a pessoa de V. S. Val de flores.

(*Bibliotheca Nacional*, Secção dos Mss., caixa 14, H, 2, 1, n.º 2).

VI

Memoria de Christovão Soares de Abreu sôbre as contas da Embaixada de França

Estando em Montemor o novo desdomes de 9bro passado, por ordem e mandado de Sua Magde me avisárão de Lxa que era tempo de dar conta dos 600 U reis que me entregárão p.a a Jornada de França, em que fui servindo de Secretario daquella embaixada no anno de 1641, e se eu entam soubera que avia de dar conta da da contia, ou a não recebéra, ou procurára trazer conhecimentos em forma e papeis correntes. Mas segundo minha lembrança farei memoria por mayor de toda minha despeza.

Sua Magde, que Ds guarde, logo que foi acclamado e jurado Rey destes seus Reinos, me mandou chamar a hũa quinta em que estava p.a me enviar a França em companhia dos seus dous Embaixadores extraordinarios, Francisco de Melo Monteiro mor, e Antonio Coelho de Carvalho. Quis Sua Magde que os Secretarios de todas as Embaixadas fossem Dezembargadores da Casa do Civil com posse tomada, e se lhes dessem 600 U reis em dinh.ro 200 U de ajuda de custo, e 400 U adiantados, a rezão de 50 U reis pa cada mez, e ainda que aos mais se fizerão merces particulares de habitos e tenças (e despois da venda outras mayores), eu somte participei até gora daquellas comuas a todos: não me accomodando antes daquelle tempo a seguir as letras, e a ser Dezembargador.

Quando o Secretario Franco de Lucena me passou os despachos, vendo que eu me offerecia a servir sem pedir nada, (achandome ja Cavaleiro professo na ordem de Xpo, com hũa promessa de 40 U reis de pensão, e com o foro de moço fidalgo), me disse que mandasse tomar posse do Dezembargo do Porto, e aceitasse os 600 U reis de ajuda de custo e pa a despesa adiantada da assistencia de França: que bem sabia que era pouco dinheiro, mas que S. Magde, sendo tão grande Rey, não avia de consentir que seus vassallos perecessem; e q̃ elle teria cuidado de o lembrar.

Deste dinhro gastei logo 300 U reis com o apresto de minha pessoa, e de quatro criados que levei, com matolotagẽ, camas e vestidos pa mar e terra, e outras cousas necessarias, sem as quais não poderia ir como convinha. E ainda gastei mais 50 U reis de dous quarteis do meu juro da Camara, q̃ então cobrei.

Embarcámos em principio de Feuereiro do anno de 1641 e chegámos a Rochella em principio de Março [1]. Dalli contratárão os Embaixadores a nossa passagẽ a Paris, com hum conductor frances, por dous mil ₰dos, q̃ mandárão pagar do dro extraordinario dos gastos meudos e secretos da embaixada. E se não fora assi, não pudéra eu passar da Rochella, achandome com 4 baús, duas arcas da minha cama, e dous caixões mais de miudezas.

Ordenouseme que tomasse a posta de Orleans a Paris, que contão 34 leguas, como fis em pouco mais de hũa noite, com tres cavallos que paguei da minha bolsa, e forão mais de 17 ₰dos.

Em Paris gastei dinhro consideravel em seruiço de Sua Magde, e dos negocios da embaixada, dando algum aos porteiros e officiais dos ministros mayores com quem negociava, e aos soldados da guarda del Rey Christianissimo.

Ordenando os Embaixadores que do dinhro extraordinario

[1] Vide pag. 185, nota 1.

se fisesse hũa bõa esmola aos Portugueses que se achavão nas gallés de Marselha; eu vim a pagar de minha casa os interesses, ou cambios da praça, como constará do conhecim^to^ que tenho entre os meus papeis do Porto: e assi mais 4 U e tantos reis que paguei de porte do fato do Bispo de Lamego, Embaixador de Roma, que alli se ficou devendo.

Mandei abrir hũa lamina grande de cobre p^a^ se imprimir hũa Arvore Genealogica dos S^res^ Reys deste Reino, que dediquei a Sua Mag^de^, e foi a primeira q̃ se fes, com m^ta^ aceitação, e p^a^ dar lus das Sucessões Reaes e direitos del Rey N. S.^or^, Afora a impressão, custou mais de 27 escudos.

No mes de Junho do d^o^ anno fis jornada com os Embaixadores de Paris a Abbeville na Picardia, onde El Rey Christianiss.^o^ se achava, dando calor á guerra de Flandes e sitio de Aira. E despois da mesma Corte á Rochella p^a^ embarcar, com grande despeza de minha fasenda. Porq̃ p^a^ acodir a tantos e tão excessivos gastos, em terra onde tudo se vende mais caro aos estrangeiros, me foi necess^o^ tomar mais de 200 U reis sobre creditos, que paguei neste Reino.

Como forão 600 l^as^ torneses de q̃ paguei 96 U reis a Duarte Dias de Lx.^a^, 54 U reis ao Cap^m^ Villa Real. 12 U reis por 76 l^as^ $\frac{1}{2}$ de Mr Frz de Lião, que paguei aqui a Monsr du Jardim, em q̃ entrava o porte do Bispo, 80 U reis que me prestou meu pay, 30 U reis hum criado meu; q̃ tudo fas soma de trezentos e corenta e tantos mil reis com os d^os^ sincoenta mil reis dos dous quarteis do meu juro, que cobrei quando me embarquei. E todo este dinh^ro^ gastei, alem dos 600 U reis que me derão em seruiço de Sua Mag.^de^.

Chegámos a esta Cidade com a Armada Naval do Marques de Brezé em dez ou dose de Agosto, ocupandome Sua Mag^de^ daquelle tempo ate o fim do mez de Setembro, e mandandome que assistisse ao accomodamento do d^o^ Marques, e dos franceses que querião ficar neste Reino, pera o que me ordenou o Secretario Fran.^co^ de Lucena me ajuntasse em sua casa com o mesmo Monteiro mor, com o Conde da Torre e Monsr

Lanier, todos os dias, fasendo contas e papeis que S. Mgde vio. E entendendo eu q̃ seria mais conveniente ao real serviço escolher alguns cabos dos q̃ vinhão, e deixar embarcar os mais franceses na sua Armada pª França, como dezia o Cardeal de Richelieu, o representei a Sua Magde, e porq̃ não se tomava resolução, sendo infructuoso o meu trabalho, e chegando o tempo de satisfazer aos creditos, pedi licença a Sua Magde en fim de Setembro pª me ir a hũa quinta onde tinha minha casa e familia, pª dali pagar com mais conveniencia minhas dividas contraidas em seu real serviço, a qual me concedeo em Alcantara.

Até este tempo em fim de Setro se hão de contar os salarios de secretario, e os mezes que são oito, começando em principio de Fevereiro, que importão 400 U reis, a rezão de 50 U reis por mez, afora os dusentos de ajuda de custo, e afora os tresentos e corenta que gastei de minha casa e fasenda.

Sendo assi que por não bastarem os ditos sincoenta mil reis de salario aos mais Secretarios e Residentes, mandou Sua Mgde dar cem mil reis cada mes em Inglaterra a Antonio de Sousa de Macedo, alem do que se conta a hum Dezembargador da Suppcam, e o mesmo ao Residente de Suecia, com outras ajudas de custo.

A Antonio Moniz de Carvalho, alem da Comenda de Vimioso, o foro de fidalgo, o salario de Dezembargador do Porto e outras m.ces.

Sobre os empenhos que fis na dª Jornada, (que pª os satisfaser me foi forçado recolherme na minha quinta mais de dous annos) não venci moradia, nem os salarios de Dezembargador do Porto até principio de Março de 1643, em q̃ comecei a exercitar o dito cargo. Avendoseme avantejado tanto os meus condicipulos e Secretarios das Embaixadas, que do mesmo tempo estão todos promovidos á Casa da Suppcam, sem irem os mais delles ao Porto.

Se contudo Sua Mag.de ou seus Ministros acharem que não

dou boa conta dos ditos 600 U reis, pode mandar cobrallos por minha fazenda, que tudo darei por bem empregado em seu serviço, e no comũ da Patria. Lisboa 12 de Dezro de 1645.

(Não traz assignatura).

(*Bibliotheca da Ajuda*, cod. 49 | X | 11, fol. 28-29).

VII

Trecho do livro «Annaes de Portugal restituido a Reis naturaes»

«No mesmo dia tornarão os embaxadores a Paris e no seguinte (que era quinta feira de endoenças) visitárão ao Cardeal Richelieu, valido del Rey Christianissimo, por quem se governava com aserto, por seu raro talento e grande iuiso e prudencia. Fes aos embaxadores extraordinarias cortesias, dizendo que aos embaxadores de Portugal se .devia igual tratam.to que aos embaxadores do Imperador e de sua Sanctidade, e que não só avia El Rey Christianissimo mandar a armada que prometéra, mas por general della e embaxador extraordinario ao Marques de Bresé seu sobrinho, e que França avia faser Liga formal com Portugal. O Montr.º mor, não entendendo o quã bem estava a este Reyno o querer se aquella potentissima coroa obrigar a não faser pas com Castella sem que Portugal entrasse nella, respondeo que sobre aquelle ponto de asentar pas, o não podia faser sem o comunicar com Tristão de Mendoça, que estava por Embaxador em Olanda. O Cardeal vendolhe não lançavão mão da palavra, nem sabião entender o que se lhe offereseo, suspendeo a pratica, e quando dahy a algũ tempo passou por aquella corte o Bispo de Lamego, que hia por ordem del Rey Dom João dar obediencia á Sanctidade de Urbano oitavo, dandolhe o Montr.º

Mor conta do que avia passado com o Cardeal, ficou mui sentido de se aver mal logrado tam boa occasião, e vendosse com o Cardeal, lhe tocou na materia, a que elle não deferio, estando ja noutro parecer; que as materias de Estado por instantes padesem alterações, como tam dependentes de iuiso humano; finalmente o Montr.º Mor, dada a carta ao Cardeal que levava de Sua Mag.de, se despedio».

(Biblioteca Nacional, cod. 6818, fl. 75 v.º).

VIII

«*Triumpho Lusitano*» de Antonio Enriquez Gomez

Os successos da Embaixada de França foram celebrados em verso castelhano no *Triumpho Lusitano*, poema que sahiu anonymo em Paris em 1641, sendo em seguida reimpresso em Lisboa. A edição francesa não tem frontispicio, nem lugar nem data de impressão; o titulo encima a primeira pagina do texto. Num volume de *Miscellanea* da Bibliotheca Nacional de Lisboa (1163 azul) existe um exemplar deste opusculo rarissimo, assim como da edição lisbonense que reproduzimos. Desta ha tambem um exemplar bastante aparado num volume da Bibliotheca da Torre do Tombo intitulado *Aclamação de El Rey D. João IV*, junto com outros folhetos do seculo XVII, entre os quaís o *Triumpho Frances* do dramaturgo Jacinto Cordeiro[1], em que se descreve em verso a recepção feita em Lisboa á Armada francesa do Marquez de Brézé, em que voltaram os Embaixadores portugueses. Para nós o interesse do *Triumpho Lusitano* consiste sobretudo na descripção pormenorisada da penhorante recepção feita ao Monteiro mór e seu companheiro em S. Germain pelo Rei Luis XIII. O seu valor literario é nullo, sendo cheio da rhetorica ôca do periodo e de louvaminhas a todas as pessoas enumeradas, que enfastiam ao leitor. Não tem originalidade, nem signal de estro, o que é para admirar, pois a composição é attribuida ao judeo hespanhol Antonio Enriquez Gomez, auctor de versos duma naturalidade encantadora. Gomez nasceu nos fins do seculo XVI, morrendo em 1662. Applicando-se á carreira das armas, tanto se distinguio que em breve chegou a ser nomeado

[1] *Triumpho Frances. Recibimiento que mandou fazer sua Magestade el Rey Dom João o quarto de Portugual ao Marquez de Bressé Embaixador e Capitão General del Rey de França. Dirigido ao Cristianissimo e Poderosissimo Monarcha Luis Decimo tercio Rey de França. Pelo Alferez Jacinto Cordeiro* etc. Lisboa na off. de L. de Anveres anno 1641: in 4.to pequeno de 11—10 folhas.

capitão e a entrar na Ordem de S. Miguel. Tendo se tornado suspeito á Inquisição, fugio para França, vivendo bastantes annos em Bordeos, Ruão e Paris. Ulteriormente mudou a residencia para Amsterdão, onde abertamente professava a crença Judaica. Foi philosopho, theologo e dramaturgo, tendo muitas das suas peças uma notavel parecença ás de Calderon. As suas poesias lyricas são sentidas, bem pensadas e bem escriptas. Vide *Jewish Encyclopedia,* vol. VI, pág. 42, Ticknor, *History of Spanish Literature,* II, 442 e III, 68, *A Aguia*, n.º 45, artigo do Snr. J. Pereira de Sampaio (Bruno). O *Triumpho Lusitano* não é a unica composição poetica que a embaixada inspirou, pois na Bibliotheca da Ajuda (cod. 49 | X | 11 a fol. 140) encontrámos uma poesia latina impressa em folha volante (em Paris?) dirigida ao Monteiro mór. Começa assim:

Avida sublimem quamvis mihi vena poesim
Neget, et Aonios renuat mihi musa lepores

E acaba:

Dii precor imperii dent fausta exordia, cunctis
Dent faustos rebus cursus, dent fine carentes
Pompas et parti semper stet gloria regni.

O auctor foi Guilherme English, irlandes, apesar do nome!

FRONTISPICIO

Trivmpho || Lvsitano || Recibimiento || que mandô hazer Su Mages || tad el Christianissimo Rey de || Francia Luis XIII a los Em || baxadores Extraordina || rios, que S. M. el Sere || nissimo Rey D. Juan || el IV. de Portugal || le embiô el año || de 1641. ||

Fue impresso en Francia, y aora de nueuo en || esta Ciudad de Lisboa. ||

Com todas as licenças necessarias ||
Na Officina de Lourenço de Anueres ||

A custa de Lourenço de Queirós Liureiro || da Casa de Bragança ||

A Los Tres || Estados Del Reino || de Portugal ||
Dedicatoria ||

Este que triũpho belico Corona
De lauro la Nobleza Lusitana
Cõsagro a la diuina y soberana
Vnion de tres Estados,
De valor santidad y animo armados.
No menos grabe accion, no menos brio,
Se esperó de tan celebres vasallos,
Nueba no, antigua si, la ymbestidura
Se antecipó prodigios de cordura.
Quantas pudo adquerir altas vitorias,
La fama en sus anales
Con afectos leales
Llegar no pueden al blason heroico
Que alcançò Portugal en aber dado,
Obediencia a su Rey, y restaurado
La patria, con valor magestuoso,
Apesar del poder artificioso.
O tu diuino e sacro Consistorio,
Escudo de la nabe militante,
Sigue, alcança, sugeta fulminante,
Quanto ympulso alento la tirania,
Emula de los Rayos de tu dia.
Y tu Nobleça grabe, ylustre, y clara,
Firme, leal, eterna, y belicosa,
Viue, vence, conquista generosa,
Con el aliento deste nueuo Apolo,
Quanto dista del vno al outro polo;
Y tu pueblo leal, turba perfecta,
Compuesta de leales coraçones,
Alienta, si, coloca tus pendones,
Enquanto registró Rayo animoso,
El fanal de los cielos poderoso.

Los tres que vnidos sois alma del Orbe,
Cada qual en su sphera,
Pues sois diuino ser de los blasones,
Trepad Castillos, y matad leones.
Aun bibe en todos el valor sublime
Del quinto solio, cuyo ardor vibiente
Fatigó los ymperios del Oriente,
Agora es tiempo que conosca el mũdo
Que el alentado azero de las quinas
A las mas peregrinas
Naçiones fatigó, dando desmayo,
Con su luciente rayo,
Al tiranico error del enemigo,
Siendo el cielo testigo
De haçañas ymbidiadas,
Primero vitoriosas que empeçadas.
El Norte que en el cielo del deseo
Os puso el gran Piloto de los Orbes,
Os assegura el puerto, toque al arma
La lealtad generosa,
Y esta que estrella fue la mas dichosa,
Que bió la luz del dia,
Ylumine tan grabe Monarchia.
Suene el Parche en Marciales instrumẽtos
Y los clarines belicos, sedientos
De la purpura humana,
Triunphen de la soberbia Castellana.
No el error, no el poder, no la osadia
De la que fue del siglo tirania,
Vn atomo el valor desautorize,
Pues el derecho y la iusticia dize
Que talando tiranicos Babeles,
Y arrasando con fuerça los crueles
Emulos, que vsurparon vuestro aliento,
Que planetas quedeis del firmamento.

El cielo os dio con dilatada mano,
Vuestro Rey soberano,
Sabeldo defender valientemente,
Y en la futura succession se cuente
Elecion tan perfeta, vnion tan firme,
Para que se confirme,
Que fue vuestra lealtad maravillosa
Obra, si, de la mano poderosa.
Valor teneis para abatir de vn buelo
Quantos Icaros vanos dieron vista
A la que no beran alta conquista
Del sol, en cuyas luces las escalas
Errantes siempre vaxaran las alas,
Que edificio de cera siempre há sido
A la luz de vn Planeta consumido.
No fuistes si, del Oriental thesoro
Sacros conquistadores?
Los campos de Neptuno voladores
De leños no oprimistes?
Si ynmortales nacistes,
Quien podrá cõ vosotros quãdo el cielo,
Agradecido a la lealtad y zelo,
Que a la sangre Real aueis tenido,
Vn Rey os dio tan iusto y tan temido.
Si el Aguila de Iupiter pretende
Soberbia derribar quien se defiẽde,
Que ymporta q̃ su vista al sol se opõga,
Quando tiene el Planeta en su defensa
Tanto tropel de luces, cuya suma
Quitara pluma a pluma
Al aguila atrebida con sua llama,
El buelo altiuo, quando no la fama,
Que para tanto buelo de codicia
Tiene halcones diuinos la iusticia.
Ja os Conoce la guerra, el mar, el mundo

Y que sabeis trepar, muy mas seguros
Que otras naciones, los altiuos muros
Del mayor edificio;
Sueñe de Morte el belico exercicio,
Y con animo augusto
Entrad con sumo gusto
Por el contrario exercito rompiendo
Escuadrones de balas y petrechos;
A la ymmortalidad poned los pechos,
Que siempre a sido de enemigo fuego,
Relampago de luz que passa luego,
Ya sabe el enemigo a donde llega
El golpe superior de vuestra mano,
Y si es este ydioma Castellano,
Recebid del espiritu constante
El animo, el deseo vigilante,
Que el caracter mejor bien se recrea,
En los aciertos de vna noble ydea.
Quien domó con acierto milagroso
Los píelagos de Oriente,
Sino vuestro poder siempre eminente?
Quien surcando campañas de Neptuno,
Puso dominio a barbaras naciones,
En ellas colocando los pendones
De las quinas sagradas,
Borrando adoraciones deprabadas?
Quien la gloria lleuó de quantos giros
Marte introduxo en sus Marciales tiros?
Quien defendió la patria con mas beras?
Quien defẽdió su Rey cõ mas acciones?
Sino vuestros leales coraçones.
Esta Reputacion, este deseo,
Este celo, este ser, este tropheo,
Este triumpho, este amor marauilloso
Agora se â de uer mas valeroso,

Diziendo todos, porque conste al mũdo,
Viua Don Iuan el Quarto, sin segũdo,
Rey del imperio augusto Lusitano,
Restaurado del Reyno Castellano.

Trivmpho || Lvsitano || Recibimiento, Que Mando || hazer Su Magestad el Christianissimo || Rey de Francia Luis XIII. a los Em || baxadores Extraordinarios, que S. || M. el Serenissimo Rey Don || Iuan el IV. de Portugal le || embió año de || 1641. ||

Si el yugo rigoroso de Castilla,
(Poderosa del orbe Marauilla)
El Lusitano Reyno ha sacudido,
De lo admirado no, de lo aplaudido,
Se adorne el que prudente ha restaurado
Lo que por sangre e animo ha heredado.
O tu que de Deidades assistido,
Quarto en el nombre, quinto en lo admirable,
La Corona cobraste, que vzurpada
Fue de tu caza Real, viue reynando
Sobre el que intenta, mundos alterando,
Oponer se a los raios de tu dia
Zelando tu dichosa Monarquia,
Si eres impulso sacro del primero
Autor, que despertó tu heroico azero,
Sigue el rumbo sagrado,
A victorias eternas dedicado,
Despierta las Zenizas,
De aquel heroe valiente,
Que no cupo en los climas del Oriente.
Renazca Fenix, el ardor Luzido
De aquel Numa Duarte sin segundo,
Infante de los terminos del mundo,
Reprezenta por sangre, y Gentileza,

La augusta Magestad, y la Nobleza,
De la que fue Cesarea Catalina,
Tu abuela com impulsos de Diuina.
Aquella, a quien tocaua por derecho
El Reyno, Yman de tu valiente pecho,
Em cuyo solio de vitales viue
Vn magno Coraçon, pues no reciue
Altercacion injusta, quando mueue
El aliento Real, que se le deue.
Dilata por el ambito del Orbe,
Pues no tienes segundo que lo estorue,
La justicia Imperial de tus acciones
Y dando a los aciertos tus pendones
Y assaltando tirannicas murallas,
Instrumento del Dios de las batallas,
Sea tu nombre heroico Colocado
En el anal azul Libro sagrado.
Don Iuan quarto planeta, has renaçido
Entre raios y soles admitido,
Descoge esse tropel de resplandores,
Y las nuues soberbias, que auapores
O exhalaciones vanas
Se oponen a tus Luzes soberanas,
Baxen desbanecidas
En agua, en poluo, en aire, conuertidas.
La causa es justa, la ambicion perfeta,
Sabio el Conseio, la elecion discreta,
El zelo iusto, el animo valiente,
Real el aplauso, el termino prudente.
Dios quien mobió tu espiritu animado,
Pues biue eternidades de alentado,
No la imbidia tirannica que altera
La razon, en los doctos uerdadera,
Sofisticas del viento allegaciones
Traiga por abatir firmes razones.

Lo que la espada hizo,
Oy el saber y la verdad deshizo,
Lo que el poder obró, sin el derecho,
Oy el valor y el animo han deshecho:
Lo que cubrió vn vapor de tirania,
Oy derriba la luz de vn claro dia,
Lo que arruynó con interes el oro,
Oy leuantó lo eterno del decoro,
Lo que en años sessenta fue vsurpado,
Oy en menos de vn dia fue ganado,
Y si el discurso natural no lleua
Por humana razon tan justa prueba,
El orden peregrino,
Pues tuuo tantas partes de Diuino,
Fue milagroso, y siendo lo, assigura
De prospera y felice sua ventura.
Vea-se en el acierto,
En la Coronacion; en el concierto,
En la vnion, en la paz, en las acciones,
Donde fueron leales coraçones,
Si en materia forçosa diuididos,
No en la forma, ni en todos los sentidos.
Nobleza, Clerezia, y plebe fueron
Mistica voluntad, todos se vnieron,
Y donde son reciprocos los braços,
Firmes serán los que se miran laços,
Y no ay duda que el braço omnipotente
A la Lealtad de tan dichosa gente
Dió del arbol de vida soberano
En señal de fabor su eterna mano.
Buelbo à dezir, o Principe eminente,
Que tu imperio cobraste justamente,
La liberalidad con que mandáste
Assegura lo mucho que acertaste,
Merced hiziste a todos tus vassallos

Indicio claro de querer honrallos,
De los tributos que tu franca mano
Anuló en el Conseio Castellano,
Deshaogosse el Lusitano imperio
Del atreuido y largo cautiuerio
Que la altiua Corona de Castilla
Tenia puesto en tu Diuina silla.
Recordó Lusitania con su dueño
Del que ageno le dió pezado sueño.
Sahio de las tinieblas del abismo
La que Nunca entendio verse a sy mismo;
Luzio el planeta, sereno-se el dia
Y armose de razon tu Monarchia.
Tyrannizar no es Ley, Reynar con arte
En la justiçia nunca tubo parte.
Restaurar con valor un laurel propio
No es acto horrible, ni decreto impropio.
Cobrallo con verdad valor ha sido,
No amallo floxedad, tempo perdido,
Reprezentar persona es acto puro,
Diuidir-se del tronco nó es seguro,
Buscar las ramas, quando el arbol viue,
Es offender lo que la ley escribe,
Y si el sexo se halla en igual grado,
El de la linea siempre es acertado;
El natural señor es el primero,
No merece este grado el estrangero.
Abatir el derecho con la espada
Mas es soberuia que deidad armada.
Gozar de la occazion el que la tiene,
A la misma justiçia le conuiene,
Y siendo estas virtudes de tu pecho,
Defiende como es justo tu derecho,
Y que el austro delire, ó el mar brame,
La Lusitania por su Rey te aclame,

Entrando con vitorias superiores
En el Numero Real de tus Maiores.
Salieron de las Cortes venturozas
Eleciones perfetas, y famozas:
Fueron Embaxadores,
Que pudieran en Roma Senadores
Ser lo muy justamente,
El noble, el justo, sabio y el prudente,
Por su valor y zelo,
Su excelencia el Señor Francisco Melo,
Cuya Caza y nobleza conocida,
Iustamẽte en el Orbe es aplaudida.
Este sujeto raro y peregrino,
De Montero Mayor blason Diuino,
Fue de los aliados el primero
Que aprouo su consejo verdadero,
Accion de su Lealtad, sangre, y prudencia,
Pues es en todo ciencia
El alma del estado y del gouierno,
Cuio nombre merece ser eterno.
Su Excelencia el Señor Antoñio Coello
De Carualho, Diuino Consejero
Del supremo Palacio, y del Consejo,
Que con su sangre illustre hà vinculado
Animo liberal, con que a porfia
Virtud ostenta, letras, Cortezia,
Con lo noble, lo cuerdo, y lo prudente,
De los Coellos antiguos descendiente;
Del gran Cumá por merito y nobleza,
Seruicios y animada fortaleza,
Iusto Gouernador, y iuntamente
Capitan General; Marte valiente,
Heredado de sus antecessores,
De la Corona Augusta defensores.
En fin por elecion justa del cielo

El Señor Coello y el Señor de Melo
Fueron Embaxadores en la Francia:
Cerrando este secreto la elegancia,
Valor, Cordura, agrado y experiencia
Del Señor (iusto amor) Christoual Suares,
Aquien Apolo en celebres altares
Sacrificio ofreció, como lo dizen
Las Musas y Academias,
Este raro ingenio, altiuo y claro,
Gozó la plaça, sin discurso vario,
De elegante y perfeto secretario,
Siendo por su nobleza y por su azero,
Del habito de Christo Cauallero.
Y porque la distancia
No deue retirar se,
Ni ocultar lo que es justo publicar se,
Pintaré su jornada,
Y si puede la pluma, su Embaxada,
Para que el mundo vea
Que Dios assiste con su eterna idea
A esta empreza dichoza,
Aun que peze a la imbidia poderoza,
Y si el polo tiranico da lira,
No el sol que luzes de su esfera gira,
Que en tanta competencia
O cruxa el exe, o pierda se la sciencia;
Que el baxel alterado
Primero será norte que anegado.
A los anchos imperios de Neptuno
Salió el Baxel, Embaxador de Iuno,
Rompió el Cisne los paramos de plata,
Bien que la calma, al parecer ingrata,
El freno tubo al rapido elemento,
Pero alterado con razon el viento,
Y impelido el velamen de diamante

Exalacion corrió de Pino errante.
El enoxado Eolo alterado,
No de embidia, del tiempo violentado,
La naue fatigo, peró no pudo
Oprimir el escudo
De la Real Embaxada,
Primero venturosa, que alterada.
Veinte vezes doró nuestro Orizonte
El amante de Dafne monte a monte,
Que la naue Vitoria diesse vista,
Logro primero sy de su conquista
A la Francia dichoza,
(La primera en el Orbe poderoza),
Suelta la vista a la primera vela,
El puerto descubrió de la Rochela;
A quel pasmo del Orbe que oprimia
Vn tiempo esta opulenta Monarchia,
Y derribada por la liz sagrada,
Aun le dexó reliquias de alentada.
El gran Prior de Francia
Monseñor de la Porta valeroso,
En el pays de Aunis Scipion famozo,
Y del mundo Soldado y Consejero,
Cesar Frances, valiente Cauallero,
Mandó que saludassen este dia
Con toda la que occupa artilleria.
Aquel Babel de varios edificios,
Y a vn tiempo militares exercicios,
Hizieron salba a la del cielo Naue,
Que descollada, como suele el Aue
Imperial, se venia recogiendo
Al militar estruendo,
Cuia rara armonia, Rayo, a Rayo,
Sino causó desmayo
Al Planeta mayor, fue porque el humo

La esphera respetó del vaxel sumo.
Al son de los clarines que alentauan
Los aires, y la mar lizongeauan,
Desembarcó la Luzitana gente;
Y el Traiano Frances, Marte valiente,
Les franqueó el poder de tal manera,
Que fue el recibimiento la primera
Vaza deste edificio, y su grandeza
La del Griego Alexandro, y su nobleza,
En fin Gouernador de tal Corona,
Hijo de Marte, y nieto de Bellona.
Las vanderas, que el viento
Queria reduzir a su elemento,
Todas las compañias abatieron,
Con esta salua a todos recibieron.
La ostentacion, los celebres banquetes
Excedieron a quantos
Introduxo Cleopátra a Marco Antonio,
Lo admirado siruió de testimonio.
Vino la noche, hizieron los faroles,
En vna sala, emulacion al dia;
Musicos instrumentos
Suspendieron los vientos,
Adornando vn sarao quanta Belleza
Cifró naturaleza
En diuersas y raras hermosuras;
Y las luces seguras,
Cegadas con los rayos
Padecieron ecclipses y desmayos,
Y con amagos de venir el dia,
La quadra en soles justamente ardia.
Despidieron-se llenos de desseos,
Con mil presentes, candidos trofeos
De reciproco amor, que aun que empeçaua,
Gigante en los principios se ostentaua.

Con el orden primero que les vino
Del gran Rey Christianissimo, partieron
A la Corte. En Poitiers los recibieron
Con efetos de gran beneuolencia
El conde de Parber, luz de la ciencia,
Ser del valor y gloria de la fama,
A quien el mundo con razon aclama
Señor de los ingenios;
Mostró con franca y dilatado mano,
Ser vassallo de Rey tan soberano.
Apozentólos antes que llegassen
En su famoso alcaçar, edificio
A quien obedeció la arquitectura,
Como empleada en casa tan segura,
Con su consorte, celebre Madama,
Y sus hermozas hijas,
Deidades de la Francia,
Que al Palacio viniéron,
Se autorizó de sacro paraiso
Aquel del siglo Cielo, cuyo viso
Crepusculo del Alba
Seruió a la grauedad de noble salua.
Creditos alentados de Nobleza
A la desigualdad de la grandeza
Sin medio introduzida
Igualdad dedicaron a la vida
En vn sarao, donde la honesta Venus
Luzió estrella con todos los planetas;
La noche, trasladada
En diuina belleza,
Tuuo, sin luz prestada,
Viuos incendios de perfetas formas,
Y al compas de los raros instrumentos
Hizieron las mudanças
Firmes deseos, nobles esperanças.

Dexo de los banquetes increibles
La opulenta grandeza, pues gosaron
Aun mas lugar de lo que imaginaron
Los pinzeles retoricos que ostenta
El discurso, Pintor de lo que cuenta,
Que en esta tabla ruda de colores,
Quanto verse podria,
Será con arte sombra deste dia.
La entrada y la salida
Desta estancia lleuó el conocimiento
De gratitudes, siendo despedida
La longitud de amor con mas desseos
Que se armaron los nobles de tropheos,
Tanto pueden los fizicos cortezes
La politica y rara Medicina
De la nobleza, en todo peregrina;
Pues dexa en beneficio lo que llama
El vulgar ydioma, voluntades,
Y el Portugues diuino, saudades.
A Orleans llegaron, y siguiendo en todo
Del nuebo Rey el justo mandamiento,
Al Señor Secretario despacharon
Por la posta a Paris, á que tomasse
El orden que el Consejo decretasse.
Llegó a Paris, el orden le fué dado,
Y auiendo-se la entrada consultado,
Dieron les la Vileta por Palacio,
Para que se pudiesse, con espacio,
Preuenir el Real recibimento:
En esta caza de plazer, sediento
El Mayo alegre de llegar dudaua,
Tanta delicia su jardin gozaua:
Lizongeando aleas
Soles Franceses, cujas bellas damas
Alentauan de amor las dulces llamas.

Llegó el dichozo dia
A donde la Franceza Monarchia
Mostró el que tiene afecto primoroso
Al Lusitano Reyno poderoso.
El Mariscal de Castillon, del mundo
Soldado sin segundo,
General del poder de la fortuna,
Quinto Lucero, y Dorica coluna
Deste Imperio, y el Conde generoso
De Brulon valeroso,
Condutor de tan Celebres Señores,
Titulo que merece los honores
Que ajustaron las Leyes
Entre las Magestades de los Reyes,
A recibir los fueron: no podria
Aun que diesse a la pluma
Assuntos el desseo,
La Musa reduzir a breve suma
Tan nunca visto y superior tropheo
De las dos Magestades, Rey, y Reyna,
Cuya vnion soberana eterna sea.
Las carroças vinieron embiadas
De voluntades dos, tan colocadas
En el afecto noble, altiuo, y justo,
Que fue fauor de amor, el mas augusto;
La carroza tambien de su Eminencia
Les fue dada, fauor sin competencia:
Principe no quedó, que no mostrasse
Su mucho amor, y en el se señalasse.
Selua errante de cazas parecia
La campaña, lizonja deste dia,
Diose Principio a la grandeza, y fueron
El Señor Mariscal, Conde y Señores,
De tan perfecto Rey Embaxadores,
En la carroça Real, y luego en orden,

Sin el comun desorden,
Los Señores fidalgos, tan luzidos
Como cuerdos, discretos y entendidos.
Dieron vista a Paris, pasmo del mundo,
Bosque sy de palacios sin segundo,
Babel eterno de edificios raros,
A donde son los terminos auaros,
Labyrinto soberbio sin salida,
Ambito sin medida,
Perspectiua del Orbe con Asseo,
Terror del Orbe, de la liz tropheo,
Cifra de mundos, mapa de los cielos,
Linea del sol y luz de paralelos,
Emulacion de Cortes y Ciudades,
Y centro sin igual de Magestades.
El bullicio alterado
Eterno fue, primero que empeçado,
La comun alegria de la plebe,
O quanto al cielo Portugal le deue,
Pronosticó lo mucho que se espera.
La de carroças superior Carrera
Con el Luzido ardor del mouimiẽto
Se juraua de nueuo firmamento:
Por que assi como el sol luce entre estrellas,
Assi por el lugar triunfauan ellas.
Llegaron quando esse farol luziente
Inclinaua su luz al occidente,
Tomando possesion en vn Palaçio,
Tregoas pidiendo al dilatado espacio
Y fueles concedido
Como parte piadosa del oluido.
De la guarda del Rey, la noble casa
Se adornó, defendiendo
El alterado estruendo.
Era el Alcaçar, cesse la arrogancia,

Era casa de vn Rey, y Rey de Francia,
Su nombre solo lleue,
Para que su grandesa el mundo aprueue.
Fue el aparato y mesa
En los dias que pudo la Embaxada
Dilatarse, de sumo lucimiento,
Donde la ostentacion marauillosa
Eternizó la parte poderosa,
Siendo la simpatia y la potencia
Igual al acto, y fue tan dilatado
Que dexo Choronista lo admirado.
En las dos quadras bellas,
Magestuoso albergue
De los Señores Melo y de Caruallo,
Dos doceles Reales,
De dos tapicerias imperiales
Diademas poderosas,
La vizina alegrauan
A todos quantos del fauor gozauan.
Los demas de la casa aloxamiento,
Cada qual en su esphera,
Conocian sus huespedes, demodo
Que el todo era vna parte, y ella el todo.
A la puerta, Suiços de la guarda
Del Rey estauan siempre,
Olia todo á Magestad suprema,
Alentando las quadras
Los espiritos nobles que venian
A uer la grauedad con que assistian
A negocios de tanta confiança
Los honradores de las santas quinas,
Ligadas con las lices peregrinas.
En San German estauan Rey y Reyna,
Corte de tantas como Francia tiene,
Capitolio Romano, que preuiene

Assuntos soberanos a la pluma,
Academia de Principes y Reyes,
Donde los iuezes iustifican Leyes
Baxó el orden de arriba y preuenido,
El aparato a glorias conduzido.
Partieron a su alcazar venturozo
Sus excelencias, vispera del dia
Que el Saluador selló la profecia,
Instituiendo el alto mandamiento
Del sagrado y Diuino Sacramento.
El Duque de Cheuroza,
De La Loraina sangre generoza,
Y el Conde de Brulon, cuya prudencia
Señora fue de la virtud y sciencia,
De la parte de el Rey acompañaron
A estos raros sugetos, no llegaron
A la de Menfis vanidad perdida,
A la de Francia si, siempre aplaudida.
Dos mil hombres de guardia rodeauan,
Las carroças, las calles se adornauan
De Principes, de Damas, de Señores,
Del siglo hermoso damascenas flores.
Tomaron puerto en el Palacio, y luego
El agradable si dessassosiego
No anticipo la entrada;
Tanto la nouedad al vulgo agrada.
Rodeados de grandes, de nobleza,
De Magestad, de galas, de riqueza,
A la sala Real les conduzia
La noble compañia:
Dieron la vista, peró al sol cegaron
De aquella Magestad, sacra y Cesaria,
A quien reberenciaron
Y cuerdos veneraron.
Abraçolos el Rey benignamente.

O Principe eminente,
O Monarcha en el Orbe sin segundo,
Domina, impera en lo mejor del mundo,
Pues eres por lo iusto, heroico, y solo
Iupiter superior de polo a polo.
El orden de su Rey executando,
Se fueron explicando
A interprete fiel, cuias razones
A los dos idiomas perfeciones
Dieron de traduzidas,
Gustando el Rey de partes tan luzidas.
Admitio la Embaxada, y su iusticia,
Y en reciproca paz, con la noticia
De la restauracion del cielo dada,
Quedó tan justa accion calificada.
Esta afabilidad, de amor nacida,
Dió a Portugal aliento, al siglo vida;
En pie, los recibio, sabio costumbre
De la Franceza lumbre,
Y entre sebero y graue,
Torcio al desseo la diuina llave,
Y descobriendo afectos imperiales,
Thezoro intelectiuo de los reales
Espiritus que dan rayos al dia,
Amo la Lusitana Monarchia.
Mandó que se cubriessen, y en el tiempo
Que tardaron las nobles cortezias,
El Rey se descubrio, reuerenciando
En los dos la vnidad del Rey auzente:
Tanto que quando el termino excelente
Daua lugar a descubrir se, hazia
Su Magestad lo proprio, y parecia
Que apezar de la auzencia,
El Rey Don Ioan estaua en su prezencia,
Por ser la autoridad de sus vassallos

Cauza en su nombre de poder honrallos.
La carta de su Rey, alma dichoza
De la Embaxada justa, venturoza,
Dada le fue, con gusto recebida,
Pudo se conocer en la partida,
No siendo despedidos
De amor, del tiempo sy, que les ditaua
Cumplir lo que faltaua,
Que en actos tan diuinos
Son los aciertos siempre peregrinos.
Con los nobles bolbieron donde hallaron
De la vianda Real meza tan franca,
Que pudiera iuzgarse
Que el nectar de los Dioses tener pudo
Verdadera aparençia de firmeza,
Si a uer llegara entonces la grandeza
De aquel Mapa Real de los manjares.
Porque segun la forma, y el asseo
De la opulenta machina del gusto,
Aguardauan que el sol, y fuera justo,
Baxasse a uer su variedad hermoza,
Pues no faltaron plaças tan perfetas,
Avn que truxera todos los planetas.
Sin duda el mar sintió la comun falta
Que de escamas su Republica esmalta,
Los rios se corrieron
De ver que sus soldados perecieron.
A la Diuina Mesa tributaria
Con olores fue Arabia, y quanto tiene
De regalos diuersos toda Europa,
Conseruando la vela quantos dulces
Genoua perficiona, y toda Italia,
No agrauiando con arte los que loa
La fama en los aciertos de Lisboa,
Fue seruida la plata, el oro, y quanto

Calla la Musa por maior tropheo,
Con tal puntualidad, que aun el desseo,
Iuzgando lo impossible,
Aun la vista no pudo allar possible.
O si el Musico Apolo me prestara,
Sino la lira del Noueno Coro,
Vn aliento de luz, vn raio de oró,
Para cantar deste dichozo dia
Los triumphos no de Roma, de la Francia,
Aquellos vanos, estos de importancia,
Vnos sin prebencion, otros con ella,
Vnos con sombra, y otros con estrella.
A la salud del nueuo Rey y Reyna,
Del Principe, y infante que Dios guarde,
El Conde de Brusson brindó, lleuado
De vn amoroso afecto asegurado,
Haziendo la razon la compañia
En acertados modos,
Dio la salud de el Rey, salud a todos.
Dieron fin al combite, y fueron luego
Con toda la Nobleza
A uer, no el artificio de Iuanelo,
Ni de la antiguedad varios cristales
En aguas naturales
Despeñadas de locos precipicios,
Las grotas si, thezoro de Neptuno,
Adonde el arte de viuientes formas
Vistió lo inanimado,
Siendo su labirinto gouernado
De muchos Dioses, fieros animales,
Almas gozando en raios de christales;
En esta de las aguas marauilla,
Se descubrió Perseo en el cauallo,
Pegaso de la fuente de Elicona,
Biuo raio, librando con su espada

(gracias al elemento),
Andromeda, que en manos
De vn Dragon espantozo,
A las aguas pedia su repozo.
En vna perspectiua de Pharoles
Orféo con su Musica nebada,
En la solfa del agua articulada,
Si dibisa, lleuando el contra punto
Paxaros de vna selba, ruyseñores,
Y luego por gozar de los fauores
De tanta melodia,
Animal no quedo que no dançasse,
Tronco que en la montaña no saltasse,
Aue que en las regiones no se viesse,
Sin que humana persona los mobiesse,
Por que toda esta muda bateria
La municion de plata la mobia,
Y si no ay sin el fuego mouimiento,
Aqui viuen con solo vn elemento,
Sirbiendo les de llama plateada
La poluora de nieue violentada.
Al son de Orpheo, musico de bronze,
Cruzó el rapto veloz de Proserpina
Y luego el ancho pielago camina,
La vista diuisando entre las aues
Cisnes, aladas naues
Del humido Neptuno,
Y bolando baxeles vno a vno;
En el paramo azul se presentaron
Con biuo dezengaño
Las quatro estancias que produce el año,
Con tan finas colores, que dudara
El tiempo las que salen en su cara.
De alli fueron al parque,
Pinzel Hibleo, que aguardando el Mayo,

Nunca dexa la alegre primauera,
Ny menos a sus pies vna ribera,
Banda riza escarchada,
A diluuios del tiempo condenada.
Bolbieron, paseandose al Palacio,
La Reyna visitaron,
La gracia de vna perla Margarita,
Austria del cielo, esphera de dos soles,
Que seran de la fé sacros faroles.
Dieron de la gran Reyna Portugueza,
Sidonia soberana,
Gloria de la Corona Lusitana,
La carta que trahian; recebiola
Con gusto superior, y luego vieron
Al Delphin milagroso, cuja vida
Immortalice el cielo poderozo
Para ser Alexandro vitoriozo.
Su hermano, que Dios guarde,
El gran Duque de Anjou, durmiendo estaua.
Fue cauza de no berle, avn que ordenaua
Madama de Lansac, a quien tocaua
Gobernar estas Ioyas superiores,
Que le viessen, despierto, que ella haria
Amanecer su sol al medio dia.
Los prudentes Señores,
Con suma reberencia suplicaron
La guardassen el sueño, y le dexaron.
En todos estos publicos tropheos
Los fidalgos lucieron sumamente,
Con aplauso decente:
En fin de tan valientes caualleros
Aguarde Portugal eternas glorias,
Felices siglos, celebres vitorias.
Dieron buelta a la Corte, y su Eminencia
De la Roela vino: en esta audiencia

Se adornò la Embaxada de mas triumphos
Que dio Roma a sus heroes valerosos;
Vieron en fin los nuestros venturosos
Aquel solo en el mundo peregrino,
Aquel casy Diuino
Principe del estado y de la sciencia,
Aquella de los cielos Eminencia,
Cuyo solio sagrado
Aun antes de su forma fue acertado,
Aquel gran Sumiller de las espheras
Aquien el orbe llama
Decimo de los nueue de la fama,
Cuyo espirito, en todo verdadero,
El cielo le asegura
De inteligencia pura,
Y por decir lo que la musa puede,
Aquel que avn a si mismo no se excede,
Pues ni vbo, ni ay, ni aura en el mundo
Quien le iguale, primero ni segundo,
Y segun mi argumento verdadero,
Vendrá a ser el primero y el prostero.
Recibio los como alma del estado,
Aprouando su agrado
Aquella sala que primero luce
En la vista del sabio,
Y luego la cobdicia intelectiua,
El retrete animado descubriendo
De la potencia racional, reduxo
A breue ornato sus palabras de oró,
Bienes del cuerdo de maior thesoro.
Tratose la materia soberana
En la forma mejor, sin que el discurso
De interprete en su fe necessitasse,
Por ser el de la naue militante
Señor de quantos idiomas firmes

La antiguedad ganó y avn los modernos,
Pues son en su memoria siempre eternos.
Ratificó de la elecion prudente
El zelo justo, el animo valiente,
Aprouando el derecho que tenia
Su Magestad a Portugal, lleuando
La ascendencia Real de sus Maiores
Por norte general nunca alterado,
Y en el cielo de purpura fixado.
Tratose del violento desuario
Del delirio, poder, y señorio
Con que Castilla fue desbaratando
La paz a Portugal, fuese cebando
La razon en el ser de la prudencia,
Enterando del todo a su Eminencia
Del rigor de Castilla,
Que a fuerça del poder conquistó silla,
Tratose de la vnion de los vassallos,
Gustando de su aliento y deligencia.
El Señor Cardenal, con aduertencia
Del valor Portugues, preguntó luego
Las fuerças del imperio, y retratadas
Con el pinçel en laminas de bronçe,
El parabien le dio de tales nuebas.
Tanto puede la parte milagrosa
De la iusticia, y el derecho iusto,
Vsurpado con maña y osadia,
Por dilatar la varia Monarchia.
Asseguró les luego su Eminencia,
En nombre de su Rey, la vnion dichoza
Que las quinas sagradas
Con las lires diuinas
Tendrian, siendo la defensa honrosa,
Gloria de las Coronas luminadas,
Apezar de Castillos y Leones,

Que la iusticia alienta corazones,
Y ajustando las Leyes,
Defiende imperios y conquista Reyes.
Quedaron gustissimos, notando
De aquel biuo Planeta de la cumbre
El raio intelectiuo de su lumbre,
La igualdad, las razones primorozas,
Las sentencias, las frases, los conceptos,
La policia, el modo del gobierno,
La armonia de voces concertadas,
El zelo de iusticia, la fé pura,
La grauedad, el ser, la compostura,
La sciencia, la eloquencia,
La forma, la experiencia,
El preguntar, el responder, el modo,
Y por decillo todo,
De aquella no del siglo hierarchia,
Angelica en su ser sabiduria.
Sus Excelencias con decoro graue,
Que siempre tubo Portugal la llaue
Deste noble thezoro,
Respondieron á quanto
Propuso su Eminencia,
Dando satisfacion a las preguntas
Con suma diligencia,
Que el Diuino capelo
Embaxadores los llamo del cielo;
Y bien merece nombre tan perfeto
Quien la iusticia de su parte lleua,
Titulo heroico que este rumbo aprueua.
Despidieron se llenos de fabores,
Y dando al tiempo su lugar deuido,
Estando los primores
Iguales a los dias,
Por hallarse indispuesto

Su Excelençia el Señor Antonio Coelho
Al Señor Melo acompañar no pudo.
Visito su Excelencia el sol de Francia,
Ja consta al mundo ser Madamuzella,
Del Rey sobrina, cujo aliento y brio,
Belleza, Magestad, ser, y cordura,
Partes iguales sy de su hermosura,
Concedian diuinos priuilegios
A las que Diosas en su esphera estauan,
Tanta beldad de su deidad gozauan,
En vna enana cifra del Pigmeo,
Tilde con alma, espiritu visible,
Ilusion con amagos de sensible,
Su blanca mano estaua,
Y gigante la enana se iuzgaua.
La paz de Francia, graue cortezia
Desta altiva Corona,
Estraña á Portugal, cifró este dia
Alentados fauores a la fama,
Pues vna noble Dama
No puede conceder maior fineza
Que el cielo preuenir de su belleza,
Accion casta del labio
Cuyo retiro passa por agrabio.
A la Princeza de Condé, y su hijo,
Madamusella de Borbon, suietos
Adonde son de mas los epitetos,
Fue a vizitar tambien, siendo Madama
En la cordura, asseo, y gentileza,
Tan sumamente candida y perfeta
Que pudo competir con la hermosura,
Grauedad y donaire de su hija,
Haziendo los la salua
La Aurora el sol, y este planeta al Alua.
Al gran Duque de Anguien, Principe inuicto,

Primogenito raro del prudente
Principe de Condé, Cesar valiente,
Y al bello y prodigioso
Lucero deste imperio, en rostro y talle
Humano serafin, su esposa, pudo
Merecer su Excelençia esta visita,
Siendo esta rara forma
Hija del Marischal de Bressé heroico
Cuñado si de su Eminençia, y ella
Su dichoza sobrina,
Vnion la mas diuina
Que juntar pudo el candido Himeneo
En el laço de amor, cuyo tropheo
Honró los coraçones mas constantes,
Que de lauros amantes
Coronaron los cielos poderosos
En eternos afectos amorosos.
A Madama tambien, a la Condesa
De Soison visito, con ella estaua
Madamuzella sy de Longa villa,
Su nietta, hija del Duque
De Longa villa, Atlante deste Reyno,
Cuyo esfuerço y valor, sangre y nobleza,
Escudo fue y á sido de su casa,
Grande por si, pues tiene y á tenido
Heredado el blason de sus maiores,
De la imperial diadema defensores.
Fue a visitar tambien a la Duqueza
De Guillon, cuya rara gentileza,
Prudencia y hermozura,
Adornos son de la que amó cordura,
Siendo por su virtud y su excelencia
Sangre de su Eminencia,
Que de tales sobrinas
Se adornam las coronas peregrinas.

A Monsieur vieron, de la Francia escudo,
El Hermano del Rey, retrato viuo
Del gran Henrico quarto sin segundo,
Pasmo de Europa, admiracion del mundo.
Al Señor Chanceller, a los conseios,
Y a todas las vizitas referidas
El Señor Coelho fue, despues que el cielo
Mejoro su salud, y en todas ellas
Brilló la luz de nuesta Lusitania.
Las demas ha dexado
La pluma, no el desseo, ni el cuidado,
Pareciendole al rasgo ya la tinta,
Que mientras mas succinta,
La relacion sera mas estimada,
Pues toda dilacion al sabio enfada.
Aduierto que vn ingenio milagroso,
Incognito a la luz, no a la ciencia,
Ostento con prudencia
Consejos de su gran sabiduria,
Sacro thesoro de la Theologia,
Assombro de Escritura,
Que mas se deue a si que a la ventura,
Logrando su Corona,
Por el iustos aplausos de Sorbona.
Esta ó Don Iuan inuicto,
Rey soberano de las santas quinas,
Vn rasgo, vn punto solo indiuisible,
A sido en este cielo de fauores
Luz que gozaron tus Embaxadores.
Lo que capitularon
Diran sus Excelencias, que el estado
Al secreto Real es reseruado,
Solo podré dezir lo que la fama
Por cien bocas publica, assegurando
Segun buena razon, prosperidades

En las dos Magestades,
Que la mas dilatada Monarchia,
En la iusticia desta prophecia,
Y siendo Portugal quien la defiende,
Ella misma su dicha comprehende.
La voz que articulada,
Iunta opiniones y declara asuntos,
Anuncia, con la plebe conformados,
A tu Corona triumphos dilatados,
Que en esta de la liz fuerte Corona,
La palabra Real, que el mundo abona,
Será sello fortissimo de quantos
Derechos tiene la iusticia tuya,
Para que se concluya
El obstinado error de la cobdicia,
Hidropica ambicion de la auaricia.
El Marques de Bressé, sobrino heroico
De su Eminencia, y de su noble Casa
Heredero, con armas y baxeles
Capitan General de tanta armada,
En el mar Oceano iustamente
Cezar vizarro, iovem eminente,
Va por Embaxador extraordinario
De Portugal, y su Lugar teniente
El alentado y Capitan valiente
Commendador de Guttas, Cauallero
De la Orden de Malta. En todo espero,
O inuicto Rey Don Iuan, felix victoria
Y el cielo immortalize tu memoria.
Presto seran los campos de vn tridente
Fatigados de gente,
Cubiertos de baxeles,
Vista daran a quantos chapiteles
Contrarios y cossarios nauegaren
Tus costas, atreuidos,

Los deste mouimiento,
Con los tuyos, seran rayos volantes,
Desasidos de nubes fulminantes,
No menos los del Norte
Primogenitos raros de Neptuno,
Y del Planeta quinto incendio solo,
Cuya llama sentida deste polo
Al otro conresponde, seran fuego
De tu enemigo y suyo,
Siendo los Portugueses
En reciproca vnion con los Franceses,
E los de Olanda, celebres soldados,
Rayos confederados,
Derribando en Marciales exercicios
Tiranicos Babeles edeficios.
Viue, gobierna, adquiere, facilita,
Postra, soieta, triumpha, galardona,
Impera, reyna, manda, rige, quita,
Sustenta, goza, da, castiga, abona,
Restaura, vence, ensalça, ostenta, imita,
Florece, solicita, perficiona,
Conquista, y dexa en las espheras onze
Tu nombre puesto en laminas de bronze.
Seé pues lo eres Rey magestuoso,
Magnanimo, Señor, sabio, prudente,
Graue, altiuo, Cesareo, poderozo,
Regio, diuino, candido, eminente,
Augusto, serenissimo, animozo,
Iusto, recto, firmisimo, valiente,
Generozo, domando sin segundo,
El imperio tiranico del mundo.

FINIS.

Estão para se imprimirem por ordẽ || & mandado de sua Magestade || as obras seguintes. ||

Noticia vniuersal de Catalunha ||
Cargos que el Rey de Castella deu aos Catalaens, & descargos a || *elles, com hum parecer em direi* || *to pera poderem tomar as armas* || *em sua defensa.* ||
Papel que el Rey de Castella man || *dou de nouo aos Catalaens de per* || *dão, & Reposta, com as razoens de o não aceitarem.* ||
Hum Panegyrico Portugues feito || *em Olanda* ||
Panegirico em Latim feito em || *França.* ||
Lusitania Liberata. ||

Está conforme em tudo com o Ori || ginal; em Nossa Senhora do Desterro oje 3. de Agosto de 1641. ||
O Doutor Fr. Francisco Brandão ||

Visto estar conforme com o Ori || ginal pode correr este papel, Lis || boa 6. de Agosto 1641. ||
Fr. Ioão de Vasconcéllos. ||
Pero da Silua. ||
Francisco Cardozo de Torneo. ||

Taixão este *Triumpho* em vinte reis, || Lisboa 3. de Agosto de 1641. ||
João Sanches de Baena || .
Cesar Meneses. ||

IX

Carta regia em favor de Garcia de Mello filho de Francisco de Mello, onde se referem os serviços do Embaixador

Dom João etc., faço saber aos que esta minha Carta de padrão virem, que por parte de garcia de mello, filho major de francisco de mello ja fallecido, que foj do meu conselho e monteiro mor do Rejno, me foj presentado hum padrão, de que o treslado he o seguinte — Dom pheliphe etc., Aos que esta minha Carta virem, faço saber que por parte de francisco de mello, filho de manoel de mello que Deos perdoe, que foj meu monteiro mor, me foj apresentado hum meu Alvará de lembrança por que ouve por bem que o dito seu paj pudesse per sua morte testar dos dusentos mil reis que tinha de tença, do qual Alvará o treslado he o seguinte — Eu El Rej faço saber aos que este meu Alvará de lembrança virem, que havendo Respeito aos serviços de manoel de mello do meu conselho e meu monteiro mor, e a calidade e continuação delles, e ao modo em que procedeo em meu serviço nesta cidade de Lisbôa na ocasião da vinda dos ingreses a ella o anno de seiscentos e nove, e aos serviços de Antonio de mello seu jrmão já falecidos e por folgar de lhe fazer merce, por todos os ditos Respeitos e por seus merecimentos hej por bem e me pras de lha fazer que por sua morte possa testar dos duzentos mil reis de

tença que tem per hum padrão de minha fazenda em sua vida para sua molher e filhos como lhe bem parecer, e por tanto mando aos vedores de minha fazenda que apresentandolhe a molher ou filhos do dito manoel de mello em quem elle nomear por seu fallecimento os ditos duzentos mil reis ou a parte delles, lhe fação passar padrão em seu nome da quantia que lhes assy nomear, apresentandolhe o dito padrão e este meu Alvará para se romper, e no padrão ou padrões que se lhe assy passarem, se tresladará este meu Alvará para se saber como assy o ouve por bem, e quando se lhe passarem, se porão as verbas necessarias, francisco da maya o fes em Lisboa a vinte e tres dabril de mil quinhentos noventa e tres, Sebastião perestrello o fes escrever. — Pedindome o dito francisco de mello que por quanto o dito seu pay era falecido, e per vertude do dito Alvará de lembrança nomeara nelle cem mil reis de tença dos duzentos mil reis nelle contheudos, como constava por certidão de justificação do Doutor Antonio Denis do conselho de minha fazenda e juis das justificações della que apresentava, lhe fizesse merce de lhe mandar passar padrão em seu nome dos ditos cem mil reis de tença, e visto por mj seu requerimento e o dito Alvará e certidão de justificação e o padrão que o dito seu paj tinha dos ditos duzentos mil reis de tença, lhe mandej dar esta carta pella qual hej por bem que o dito francisco de mello tenha e aja de minha fazenda de tença cada anno em dias de sua vida os ditos cem mil reis dos dusentos mil reis contheudos no dito Alvará, os quais cem mil reis comessará a vencer do primeiro dia de janeiro deste anno presente de quinhentos noventa e oito em diante, e mando aos vedores de minha fasenda que lhes fação assentar no livro della e despachar cada anno para lugar onde delles aja bom pagamento, por quanto o assento que dos ditos dusentos mil reis estava no dito livro em nome do dito manoel de mello e o Registo do padrão delles da Chancellaria se riscarão e se poserão nelles as verbas necessarias, como se vio per certidão dos officiaes que as poserão, e por que o dito

manoel de mello falleceo a vinte e oito dias de novembro do anno passado de noventa e sete, como era declarado na dita justificação, do qual dia em diante o dito francisco de mello comesara a vencer os ditos cem mil reis, e os ditos dusentos mil reis ficão na folha do assentamento do Almoxarifado de setuval em nome do dito seu pay, lhe foj passado mandado para delles lhe ser pago o que lhe montar dos ditos vinte e oito dias de novembro athé fim do dito anno passado a Rasão dos ditos cem mil reis de tença, e para firmeza de todo lhe mandej dar esta por mim assinada e acellada com o meu cello pendente, e o padrão dos ditos dusentos mil reis e Alvará de lembrança forão rotos ao assinar desta e do padrão que se passou a jorge de mello dos outros cem mil reis que seu paj nomeou nelle, João Alvres o fes em Lisboa a tres de junho de mil e quinhentos e noventa e oito, E no livro dos merces que está em poder de marçal da costa no Registo do dito Alvará se porá verba do conteudo nesta carta, Sebastião perestrello a fes escrever = El Rey = E tendo Eu respeito aos serviços de francisco de mello, que foj do meu conselho e monteiro mor do Rejno, feitos desde o anno de seiscentos e sete athe o tempo de sua morte, os primeiros annos na Armada das Ilhas de seiscentos e sete em seiscentos e oito, na empresa de Larache e na armada da costa de seiscentos e des, sempre com criados a sua custa, no anno de seiscentos e vinte e sinco levantar por ordem do governo gente de cavallo na comarca de santarem com ocasião de se esperar a armada ingreza e acodir com tresentos homens da mesma leva a Cascais, alojandosse com elles em Oeyras, com grande despeza de fazenda, por dar a muitos meza, afora outras levas que fes por vezes de gente naquella comarca, particularmente quando foj da jornada da Bahia de todos os santos o anno de seiscentos e vinte e quatro, estando prompto cada ves que se lhe avisou para acodir onde fosse necessario com a gente de cavallo que tinha a cargo, e depois de obrar na aclamação como de seu zello e qualidade se devia esperar com grande effeito, hir

por Embaixador extraordinario no anno de seiscentos quarenta e hum a El Rey Christianissimo, acompanhado de muitos criados e outra gente nobre a que fes o gasto, recebendo naquella ocasião esta coroa particular serviço delle por a satisfação com que se ouve em materias de tanta importancia, quaes erão as que corrião por suas mãos, e voltando ao Rejno ser emcarregado do posto de general da cavallaria do exercito de Alemtejo, que occupou por espaço de quatro annos e meo, achandosse nas pelejas da campanha, nas entradas de castella e expugnação de Alguãs praças do enemigo, em que procedeo com grande acordo e reputação das armas portuguesas, e sendo ultimamente chamado no anno de seiscentos e quarenta e sinco para me acompanhar na jornada de Alemtejo, o provj depois no anno de seiscentos e quarenta e oito do cargo de governador e capitam general do Algarve, que exercitou com grande prudencia e trabalho, tolerando os encargos de acodir ao provimento dos soldados, socorro da armada e cura dos feridos do mal contagioso em annos esteris, e tendo consideração a manoel de mello seu filho se embarcar na armada que o anno de seiscentos trinta e oito partio para o Brasil governada pelo conde da Torre general della e morrer na viagem, pedro de mello, outro seu filho, que morreo na corte de Paris acompanhando o na embaixada, e jorge de mello, tãobem seu filho, que tendo servido tres annos sinco mezes e dezoito dias em Alemtejo de soldado de cavallo, capitão de infantaria e de cavallo, veo a morrer das feridas que recebeo no Asalto interpresa do forte de Telena, tendo primeiro, depois de rendido na batalha do campo de montijo, estado em prisão na cidade de granada, cujos serviços, menos a quinta parte em que se devidio a metade das auções que tocava a seus filhos, ficou pertencendo por sentença de habilitação a garcia de mello filho major, atento o que e ao mais que por elle se representou, ouve por bem de lhe faser merce alem de outras da socessão de todos os bens da Coroa e ordens que vagarão por seu paj, Hej por bem de lhe faser merce digo de todos os bens da

Coroa e ordens que vagarão por seu paj e porque nos ditos bens entrão os cem mil reis de tença que pello padrão asima imcorporado tinha o dito seu paj, Hej por bem de lhe faser merce que elle os tenha e aja de tença cada anno e mando aos vedores de minha fazenda lhes fação assentar nos livros della do Almoxarifado da cidade de Beja, onde tem sua situação, e levar cada anno na folha do assentamento para lhe serem pagos do dia do fallecimento do dito seu paj em diante, e o assento que dos ditos cem mil reis de tença estava no livro de minha fazenda do mesmo Almoxarifado em nome do dito seu paj se riscará, e pora nelle verba do contheudo nesta, que por firmeza de todo mandej dar ao dito gracia de mello per mjm assinada e cellada com o meu cello pendente, ao assinar do qual se Rompeo o padrão asima incorporado e pagará o novo dereito que dever. João da silva a fes em Lisboa a desoito de setembro de seiscentos e cincoenta e dous annos. Fernão gomes da gama o fes escrever = El Rej.

(*Chancellaria de D. João IV*, Livro 8.º, fol. 337 v.º).

Nota à margem: Por sentença de justificação constou pertencerem os 100$ reis desta tença a francisco de Mello monteiro mor do Rejno filho de gracia de Mello contheudo neste registo por ter huma vida mais nos bens da Coroa e para se lhe fazer apostila risquey este assento por despacho do conselho da fasenda de 24 de Março deste anno. Lisboa 16 de Maio de 1707. — *Semmedo.*

PERSONAGENS E LOGARES CITADOS

PERSONAGENS E LOGARES CITADOS

AARAM *(rei da Persia)*. V. *Harum-al-Rachid*.

ABBAVILLA (ou *Abavilla*), *Abbeville*, em latim *Abbatis-villa*, antiga capital do condado de *Ponthieu*, na *Picardia*, hoje sub-prefeitura no departamento do *Somme;* porto fluvial proximo da embocadura do rio do mesmo nome, que atravessa a cidade dividindo-se em dois braços os quaes se reunem de novo a jusante d'ella. Não é exacto que *Abbeville* fosse, como diz o auctor, mesmo no seu tempo uma *cidade moderna*.

Cit. a pagg. 102 e 103.

ABDERRAMAN, (Franco Barreto escreve *Abderrama*), ou *Abd-el-Rahman*, vice-rei da Hespanha arabe; em 728 invadiu a França e avançou quasi até ao *Loire*, vindo porém a encontrar-se entre *Poitiers* e *Tours* com *Carlos Martel*, que á frente das tropas christãs o venceu em successivos combates, designados na historia por batalha *de Tours* ou batalha *de Poitiers* (em 732); com esta victoria dos christãos começa a declinar o dominio arabe na Europa occidental.

Cit. a pag. 127.

AGRI, deve ser *St. Aubin-de-Grip*, pequena povoação situada na juncção de dois caminhos que partem da *Rochella*, seguindo um por *Surgères*, outro por *Courson*.

Cit. a pagg. 25 e 130.

Aiguillon *(Madame de...)*, cujo nome vemos escripto *Aguillon, Guillon* e *Esguilhon*, era com effeito uma sobrinha do Cardeal-Duque, *Maria Magdalena de Wignerod*, filha de *René de Wignerod* e de *Maria Duplessis*, irman de *Richelieu*, que comprou para ella a terra *de Aiguillon* (em 1638), com o titulo de duqueza que lhe estava inherente. A duqueza de *Aiguillon* era dama da Rainha e gosava na côrte de grande valimento.

Cit. a pagg. 100 — 167 — 201.

Aigremon. Não pudémos averiguar quem fosse este Monsieur *d'Aigremont* (?), a quem se refere Soares d'Abreu, que estivéra em Portugal, fallava hespanhol, e era um dos conselheiros da Rochella.

Cit. a pag. 186.

Aix de Alemanha. *Aix-la-Chapelle* em francez, *Aachen* em allemão, *Aquis Granum* em latim, *Aquisgran* em hespanhol; cidade da Prussia Rhenaana, fundada por *Carlos Magno* que alli foi enterrado, onde foram eleitos e coroados 36 imperadores d'Allemanha.

Cit. a pag. 92.

Alcuino. V. *Universidade*, (de Paris).

Cit. a pag. 116.

Alais *(Conde de...)*, cujo nome Soares d'Abreu escreve *Alez*, é *Luiz Manoel de Valois* (n. em 1596) depois duque *de Angoulême* por successão de seu pae (V. *Angoulême*), em 1650. Seguiu elle primeiro o estado ecclesiastico, que veiu a abandonar casando (em 1629) com *Henriette de la Guiche*. Foi este conde *d'Alais*, com effeito, governador da Provença e não pode ser senão elle a quem se refere Soares d'Abreu. Morreu em 1653.

Cit. a pag. 205.

Alba *(Duque de ..)* é o famoso duque, *D. Fernando Alvarez de Toledo* (n. em 1508, m. em 1582), grande general de *Filippe II* de Hespanha, que tão celebre se tornou pela crueldade com que procurou dominar nas Flandres e que realizou em 1580 a facil conquista de Portugal. A referencia de Soares d'Abreu mostra o conceito em que o tinha *D. Sebastião.*

Cit. a pag. 195.

Ales *(Alexandre de ..)*, tambem designado por *Alesius* e por *Alexandre de Hales*, foi um famoso doutor inglez que veiu leccionar em França no meado do seculo XIII. *Alexandre de Ales*, theologo dos mais insignes, foi mestre de *S. Thomaz de Aquino*, de *Duns Scot* e de *S. Boaventura.* Morreu em 1245.

Cit. a pag. 114.

Alez *(Conde de...)*. V. *Alais (Conde de...)*.

Altamero. Não conseguimos identificar o personagem a que se refere o auctor.

Cit. a pag. 6.

Alva *(Duque d'...)*. V. Alba *(Duque d'...)*.

Amboesa, *Amboise*, cidade na margem esquerda do *Loire*, cabeça de cantão no departamento de *Indre-et-Loire*, antiga provincia de *Touraine*, 20 kilometros a sul de *Tours*; é com effeito notavel pelo seu castello na margem de *Loire.*

Cit. a pagg. 39 — 122 — 125.

Amiens, antiga e importante cidade, capital da provincia de *Picardia* e hoje do departamento do *Somme*, atravessada pelo rio do mesmo nome. Conquistada pelos hespanhoes aos francezes, quando aquelles dominavam nas *Flandres* (em 1597) n'esse mesmo anno a reconquistou *Henrique IV.*

Cit. a pagg. 104 e 105.

Amsterdama, *Amsterdam*, a mais importante cidade das *Provincias Unidas*, como ainda hoje dos *Paizes Baixos*, e seu principal emporio commercial; capital da provincia de *Hollanda septentrional*.

Cit. a pag. 79.

Anaxagoras. Notavel philosopho grego que floresceu 500 anos antes de Christo.

Cit. a pag. 35.

Ancre *(Marechal d'...)*, cujo nome Franco Barreto escreve *Anchra*, é *Concino Concini*, aventureiro italiano casado com *Leonor Galigai* favorita de *Maria de Medicis*, que pela influencia da mulher no espirito da rainha conseguiu, durante a regencia d'esta na menoridade do filho, subir aos mais altos cargos e dignidades, entre outros o de marechal de França; tendo adquirido a terra *d'Ancre*, a que andava ligado o titulo de marquez, ficou conhecido na historia por *marechal d'Ancre*. Com a maioridade de *Luiz XIII* coincidiu a ruina do valido, que morreu assassinado n'um dos pateos do *Louvre* (em 1617).

Cit. a pag. 56.

Angervilla, é *Augerville*, pequena cidade do actual departamento do *Seine-et-Oise*, entre *Orléans* e *Étampes*, 17 kilom. a S. O. d'esta cidade. *Franco Barreto* (pag. 49) cita *Augerville* como se estivesse entre *Étampes* e *Paris*, no que ha manifesto equivoco e decerto confusão com *Arpajon*, que realmente corresponde ás distancias indicadas pelo auctor.

Cit. a pag. 49.

Angoulême *(Duque d'...)* é *Carlos de Valois* (n. 1573, m. 1650), filho bastardo de *Carlos IX*, rei de França, e de *Maria Touchet*. Foi o duque casado em primeiras nupcias com *Carlota de Montmorency*, filha do *Condestavel*, de quem

teve geração (V. *Alais*); e em segundas nupcias (em 1644) com *Francisca de Nargonne-Mareuil* (n. 1623), de quem não houve descendencia, e que lhe sobreviveu sessenta e trez annos (m. 1713).

Cit. a pag. 205.

Anguin, Anguiena, Angui ou Augui *(Duque* ou *Duqueza de...)* é sempre *Enghien* (V. *Enghien, Duque* ou *Duqueza de....*).

É para notar que o mesmo nome *Anguien,* cuja forma actualmente adoptada é *Enghien,* vem orthographado de trez maneiras, *Anguin, Anguiena* e *Angui,* ou antes *Augui,* por erro typographico. Não sabemos se este desleixo, de que ha muitos exemplos na *Relação,* será devido ao auctor ou ao compositor da primeira edição.

Anguleme *(Duque de...).* V. *Angoulême (Duque d').*

Anjou *(Duque de...),* cujo nome Franco Barreto escreve *Anjú,* é *Filippe,* (n. em 1640), filho segundo de *Luiz XIII* e *Anna d'Austria,* que foi duque *d'Anjou* até á morte, sem descendencia varonil, de seu tio *Gastão* duque *d'Orléans,* de quem herdou os titulos em 1660. D'este duque *d'Anjou* (1640), *d'Orleans* (1660), de *Valois* e de *Chartres* (1661), descende o ramo de *Orleans* depois reinante.

Cit. a pagg. 65 — 107 — 183 — 200.

Anna d'Austria, rainha de França (n. em 1601, m. em 1666), filha de *Filippe III,* rei de Hespanha, casára em 1615 com *Luiz XIII,* já então rei (n. em 1601, rei em 1610), ao mesmo tempo que a irmã d'este, *Isabel de França* (n. em 1602), casára com *Filippe,* principe *das Asturias,* que depois foi *Filippe IV* (n. em 1605, rei em 1621), reinante em Hespanha ao tempo da embaixada (m. em 1665).

Cit. a pagg. 54 — 61 — 96 — 98 — 99 — 107 — 136.

Anna Maria Carlota de Bourbon. (V. *Montpensier*).

Ante *(Mr. de..)*. V. *Danse* ou *Dante*.

Antonio (D.), *infante de Portugal*, é o filho do Infante *D. Luiz* conhecido na historia pela designação de *Prior do Crato* (n. em 1531), que em França foi considerado como rei tendo a regente *Catharina de Medicis* tentado repol'o no throno. Morreu com effeito em Paris em 1695 e foi sepultado no convento de S. Francisco, como diz o nosso auctor. Quanto á sua descendencia, referir-nos-hemos ao que diz o Sr. Visconde de Faria no seu livro: *Descendance de D. Antonio Prieur de Crato XVIIIème Roi de Portugal*, Livorno, 1909.

Cit. a pagg. 114 e 193.

Apelles, celebre pintor grego que floresceu uns 330 annos antes de Christo, muito apreciado por *Alexandre* em cuja côrte viveu e que só por elle se deixava retratar.

Cit. a pagg. 85 e 108.

Apuleyo é *Lucius Apuleius*, nascido no segundo seculo da nossa era, na *Numidia* então provincia romana, que estudou em *Carthago*, em *Athenas* e finalmente em *Roma*, tornando-se um apreciado escriptor. A sua obra mais conhecida é aquella a que se refere o nosso auctor, que foi traduzida em portuguez com o titulo de *Burro aureo*.

Cit. a pag. 128.

Argenton, *Argenton-Le-Chateau*, cabeça de cantão no departamento de *Deux-Sèvres*, 17 kilometros a N. E. de *Bressuire* a cujo districto pertence; esta povoação foi quasi completamente destruida durante as guerras da *Vendée*.

Cit. a pag. 26.

Artenê, *Artenay*, cabeça de cantão no districto de *Loiret*, antiga provincia de *Orléans*, uns 20 kilometros ao norte d'esta cidade na estrada de *Paris* por *Étampes*.

Cit. a pag. 49.

Artoes, visivelmente *Artois*, provincia e grande governo na *Flandres* franceza, que não podia estar entregue ao governador do *Poitou;* aqui ha manifesto equivoco do auctor.

Cit. a pagg. 26 — 105.

Athis *(Eustache de Viole, Sr d...)*; foi um dos mais distinctos d'entre os officiaes que acompanharam o marquez *de Brézé*. Na *Lista dos coroneis e capitães* occupa o primeiro logar dos coroneis de infanteria (*Historia do Exercito, Provas*, t. I, pag. 308); no *Rol das pessoas que vieram de França* encontramol'o com o n.º 51 sob o nome de *Msr. Datis* mas com a honrosa menção: «Homem de espirito e de coração bom para Mestre de Campo de infanteria e bom negoceador» (*loc. cit.*, pag. 313). O sr. Christovam Ayres menciona a sua patente de 26 de setembro de 1641 (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. II, pag. 209), publicando tambem (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 322) um documento do qual resulta que já era coronel de infanteria em exercicio a 14 de outubro de 1641; e logo a seguir veem publicados outros que demonstram em quanta consideração era tido este official e quanto a merecia; esses documentos alcançam a julho de 1642. No tomo II das *Provas* (pag. 348 e segg.) encontramos uma nova serie de noticias a respeito de *Viole d'Athis*, que o dão já como fazendo as vezes do general na provincia d'Entre Douro e Minho, e dirigindo com superior criterio as operações n'aquella fronteira. Infelizmente foi mortalmente ferido no ataque contra Salvaterra, e de tal modo sentiram os soldados a sua perda: «e se embravecerão taes pera vingança d'ella, que rompendo pelas formalidades da guerra, remeterão com presa e corage a porta do castello...» e tomáram a praça.

(*Hist.ª do Ex.º, Provas,* t. II, pag. 349 e segg.). No t. III das *Provas* (pag. 370 e seg.) ainda se encontram documentos relativos a este official. O Sr. Christovam Ayres não menciona porém a data precisa da sua morte.

Cit. a pag. 147.

Aubriot *(Hugo)* foi um notavel intendente das finanças de *Carlos V* e preboste de Paris, que deixou assignalada a sua administração por terem sido effectuadas durante ella notaveis construcções, entre as quaes avultam duas pontes, *pont Saint-Michel* e *pont-au-Change,* e a prisão da *Bastille* onde o proprio *Aubriot* esteve preso, accusado de heresia (m. em 1382).

Cit. a pag. 109.

Aulnis (actualmente *Aunis*) pequena região da França, hoje comprehendida no departamento da *Charente-Inférieure,* que tem por capital *La Rochelle;* conjuntamente com *Saintonge* e *Angoumois* formava d'antes um dos grandes governos provinciaes da França.

Cit. a pag. 13.

Aurelio e *Orelio.* V. *Ó Reilly.*

Cit. a pag. 147.

Ave de Gracia, *Le Havre de Grâce,* ou simplesmente *Le Havre,* sub-prefeitura no departemento de *Seine-Inférieure,* situada junto da embocadura do *Sena;* é hoje um dos primeiros portos commerciaes da França. Fundado por *Francisco I* no princípio do seculo XVI, um seculo depois ainda *Le Havre* era apenas uma pequena cidade maritima.

Cit. a pag. 82.

Baldovinos. V. *Balduino, I e II.*

Balduino, *Emperador de Constantinopla,* deve ser o im-

perador *Balduino I* (n. em 1171), conde *de Hainaut* e *de Flandres*, que foi feito imperador em 1204-1205 succedendo a *Aleixo V*, ultimo representante dos *Comnenos*. *Balduino I* era filho de *Balduino V*, conde *de Flandres* e *de Hainaut*, e portanto irmão de *Isabel de Hainaut*, primeira mulher de *Filippe Augusto* de França. *Balduino I* pouco tempo foi imperador, morrendo em 1206.

Cit. a pag. 92.

Balduino II, *de Constantinopla*, é *Balduino II* imperador *do Oriente* (n. em 1217), filho de *Violante*, irman de *Balduino I* e de *Henrique I* e successora d'este ultimo, casada com *Pedro de Courtenay*, conde *d'Auxerre* e *de Nevers*, que foi reconhecido imperador em 1216. *Balduino II* succedeu (em 1228) a seu irmão *Roberto*, que foi contemporaneo de *S. Luiz*; é portanto admissivel que lhe tivesse offerecido algumas reliquias, nada mais podemos affirmar (m. em 1273).

Cit. a pag. 112.

Balões. O auctor quer decerto referir-se aos *gallos*, ou *gallões*, habitantes da *Gallia*; são portanto *gaulezes*.

Cit. a pag. 31.

Bar, ou antes *Bar-sur-Seine* é uma sub-prefeitura do departamento do *Aube*, na margem esquerda do rio d'este nome, a jusante do *Mussy* e a montante do *Troyes*.

Cit. a pag. 107

Barbarino *(Cardeal)*. Deve ser o cardeal *Francesco Barberino*, cardeal de curia e secretario d'Estado de seu tio *Urbano VIII (Maffeo Barberino)*, ou outro sobrinho d'este e irmão d'aquelle, *Antonio Barberino*, tambem cardeal de Curia.

Cit. a pag. 166.

Barbezières-Chemerault *(Achille de...)* que Franco Bar-

reto designa por *Monsiur de Xamerat, Axiliers de Barbezier,* deve ser um fidalgo francez que foi feito cavalleiro de Malta em 1626, e que estaria com effeito governando em *Lusignan* quando alli passou a embaixada; não temos a seu respeito outra noticia.

Cit. a pag. 30.

Baudéan (*Henrique de...*), é, sem a menor duvida, *Henri de Baudéan,* conde *de Parabère,* marquez de *la Mothe Saint-Héraye,* governador do *Poitou,* tenente general das provincias de *Saintonge, Aunis* e *Rochelle,* cavalleiro das ordens de S. Miguel e do Espirito Santo, casado com *Catherine de Pardaillan d'Armagnac,* fidalgo francez que recebeu e hospedou no seu castello de *La Mothe S.t Heraye* a nossa embaixada, tanto na ida como no regresso, sempre com grande lusimento (m. em 11 de janeiro de 1653).

Cit. a pagg. 26 e segg. — 103 — 129 — 130 — 148 — 189.

Baudéan *(João de...,* marquez *da Motta)* é o filho primogenito de *Henri de Baudéan,* conde *de Parabère* e marquez de *la Mothe S.t Héraye,* que deve ter herdado os titulos paternos. É comtudo pouco provavel que elle usasse o de marquez em vida do pae, apesar do nosso auctor e Soares d'Abreu o designarem como marquez *da Motta.* Morreu sem descendencia em 1695.

Cit. a pagg. 27 — 130 — 189.

Baudéan *(Alexandre de...)* é o segundo filho de *Henri de Baudéan,* marquez de *la Mothe-Saint-Héraye,* conde *de Parabère,* e de sua mulher *Catherine de Pardaillan d'Armagnac;* este mesmo *Alexandre de Baudéan* é tambem designado pelo auctor como visconde *de Parabère* (a pag. 27) e por Soares d'Abreu (a pag. 188) como visconde *de Pardaillan.*

Cit. a pagg. 27 — 103 — 105 — 130 — 188.

Baudéan, usavam este appellido diversos filhos de *Henri*

de Baudéan, conde de Parabère e marquez de *la Mothe Saint-Héraye* a saber:

Philippe de Baudéan, cavalleiro de *S. João de Jerusalem*, morto em Candia em 1647.

César de Baudéan, abbé de S.t Vincent de Metz, que morreu em 1678.

Achille, cavalleiro de *Malta*.

Charles-Louis, mestre de campo de cavallaria.

Henri, cognominado «*le chevalier de Parabère*», capitão de cavallaria, morto em 1678.

Havia mais quatro filhas *Luiza* e *Catharina*, que estavam na casa paterna, *Carlota* e *Dorothêa*, religiosas.

Eram ao todo onze filhos.

Cit. a pag. 29 — 189.

Beatriz *(Infanta Dona...)* (n. em 1504) é a terceira filha de el-Rei *D. Manoel* e da Infanta *D. Maria* de Hespanha, filha dos *Reis Catholicos*. *D. Beatriz* (em 1520) casou com o duque de *Saboya, Carlos III, o bom*, (n. em 1486), que succedera a seu irmão *Felisberto II* (n. em 1480), fallecido sem descendencia (em 1504). A *Infanta*, celebre pela sua belleza e pela sua illustração, morreu em 1538.

Cit. a pag. 204.

Beauce, parte da antiga provincia e governo de *Orléans*, em que uns comprehendiam unicamente a região de *Chartres*, vasta planicie muito productiva em cereaes, e que outros estendiam ás regiões de *Vendome* e condado de *Dunois*; só n'este ultimo caso se pode comprehender n'ella *Blois*.

Cit. a pagg. 40 — 46 — 49.

Beaugency *(Visconde de...)* cujo nome Franco Barreto escreve *Busanci*, deve ser um *Beaugency* que vemos por vezes citado, sem designação de titulo, na correspondencia de *Ma-*

zarin, de quem parece ter sido agente; é provavel que já o fosse da secretaria d'Estado no tempo de *Richelieu*.

Cit. a pag. 86.

Beaumont *Beaumont-sur-Oise*, pequena cidade do departamento do mesmo nome a 33 kilometros ao N. de Paris. Ha com effeito varias terras com o mesmo nome; a saber: *Beaumont-le-Vicomte*, no departamento de *Sarthe*, antiga provincia de França cuja capital era *Le Maus;* outro *Beaumont*, no departamento de *Dordogne*, na provincia do *Guienne* e não na do *Limousin* como diz o auctor; e ainda *Beaumont-de-Lomagne* no *Taru-et-Garonne*, antiga *Gascogne;* finalmente *Beaumont-le-Roger* no *Eure*, *Normandia;* no *Hainaut* é que não encontramos menção de nenhum *Beaumont*.

Cit. a pag. 103.

Beaumont-Pailly (M.r...). Não encontramos em parte alguma este nome, a não ser que o identifiquemos com um: S.r *de leumont*, tenente, que encontramos sob o n.º 28 no *Rol das pessoas* que vieram na armada *de Brézé* (*Hist.a do Ex.º*, *Provas*, t. I, pag. 311). Nenhuma indicação encontramos a seu respeito.

Cit. a pag. 146.

Beauvoux *(Bouver) Beauvais*, antiga cidade, 72 kilom. ao N. de Paris, capital do departamento do *Oise*, da qual se não pode dizer, como diz o auctor, que pertencesse á *Picardia*, pois estava mais depressa comprehendida na *Ilha de França*.

Cit. a pag. 103.

Belilha, *Belle-île-en-mer*, ilha situada junto á costa da França, a 12 kilometros a S. O. da peninsula de *Quiberon;* tem 16 kilometros de comprimento por 8 de largo.

Cit. a pag. 9.

Berry ou *Berri*, antiga provincia da França, no centro, comprehendendo os departamentos de *Indre* e *Cher* e parte dos de *Loir-et-Cher* e do *Creuse*. Deve notar-se não ser certo que alli nasça o rio d'este nome, nasce na antiga provincia da *Marche* e ao S. de *Aubusson*.

Cit. a pag. 38.

Billon *(M.r de...)* é *Henri de Belis* (ou *de Belys*), *S.or de Billon*, mencionado: na *Lista dos coroneis e capitães* como capitão do regimento de cavallaria ligeira de *Chantereine* (V. *Hist.a do Ex.o, Provas*, t. 1, pag. 307), e inscripto no *Rol das pessoas que vieram* na armada sob o n.º 14 com a indicação de que era sobrinho de *M.r de la Touche*, governador das torres da Rochella e recommendado para capitão de infanteria (*loc. cit.*, pag. 310); a sua patente de capitão para o regimento *de Chantereine* foi passada em 26 de Setembro de 1641 (*loc. cit.*, pag. 319). Nada mais consta a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Biron *(Marechal de...)* é *Carlos de Gontaut* (n. em 1561), duque de *Biron*, marechal da França, que durante longos annos fôra companheiro de *Henrique IV* e o servira com dedicação e valentia, generosamente recompensadas pelo rei que o fez marechal da França, duque e par, governador de Borgonha e por vezes seu embaixador. Apezar de todos estes beneficios, *Biron* pôz-se a conspirar com a Hespanha e a Saboya contra o seu rei, bemfeitor e amigo, que, apezar de tudo lhe queria poupar a vida; mas preso em Fontainebleau veiu a ser decapitado (em 1602).

Blacharize *(M.r de la...)*, será *de la Blanchardière?* Este nome é que nós encontramos no *Rol* logo a seguir ao de *M.r du Laurens* e com as mesmas recommendações (V. *Hist.a do Ex.o, Provas*, t. 1, pag. 314); tambem vem mencionado na *Lista de Coroneis e Capitães (loc. cit.*, pag. 308)

como capitão do regimento de dragões de *Mazères;* e citada a sua patente de capitão com o nome de *João Chivallier Sor de la Blanchardière (loc. cit.,* pag. 320), com a data de 26 de Setembro de 1641, para o regimento de que é coronel: *Pedro de Berfriert S.^or de mageros (mazères).* Não encontramos mais nenhuma referencia a *Mr de la Blanchardière* e nem uma só a *Blacharize.*

Cit. a pag. 147.

Bloe, *Blois,* importante cidade da antiga provincia de *Orleanais,* capital do departamento de *Loir-et-Cher,* situada na margem direita do rio *Loire,* ligada á margem esquerda por uma ponte; prendem-se com esta cidade importantes factos da historia de França; foi sede de um antiquissimo condado, que andava unido ás casas de *Champagne* e de *Chatillon.*

Cit. a pagg. 39 — 40 — 42 — 48 — 124 — 125.

Blois *(Condes de...),* comquanto escreva *Bloe,* refere-se certamente o auctor aos condes e senhores *de Blois,* que desde o seculo x até ao xiv constantemente figuram na historia, embora o condado andasse por vezes ligado a outros feudos, *Vermandois, Chartres, Clermont, Champagne,* etc.

Cit. a pag. 42.

Bocage *(Michel du...),* é designado por *Mr de Bucage* por Franco Barreto; não vem na lista de *Coroneis e Capitães (Hist.^a do Ex.^o Provas,* t. i, pag. 307); mas apparece logo com o n.º 5, como Mr *de Boccage* no *Rol* das pessoas que vieram na Armada (*loc. cit.,* pag. 309), como capitão do regimento de *Chantereyne.* Parece porém que alli não encontrou logar porque em 10 de Dezembro de 1641 é mandado provêr n'uma «companhia de cavallo» que houver vaga em qualquer dos regimentos estrangeiros *(loc. cit.,* pag. 336 e seg.). Em

1648 é reconduzido com louvor e augmento de vencimento; e em 1649 designa-se-lhe uma determinada companhia.

Cit. a pag. 147.

Boco é *Cornelius Bocchus*, escriptor lusitano citado por *Plinio*. A referencia aos carbunculos vem na *Historia Natural*, liv. XXVII, cap 7.º.

Cit. a pag. 95.

Bodean. V. *Baudéan*.

Bogency, *Beaugency*, cabeça de cantão no departamento de *Loiret*, na margem direita do *Loire*, com uma ponte sobre este rio, a menos de meio caminho entre *Orléans* e *Blois*.

Cit. a pag. 124.

Boisemont *(Esme de Pillavoine, S.r de...)* é mencionado na *Lista de coroneis e capitães* com o nome de *Esme* (sic) *de Pillauojne S.r de Boisemont* e o posto de *Coronel Carrabinas* (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 308); no *Rol das pessoas que vieram de França* tem o n.º 35 e é designado por *Boizemont*, coronel de carabineiros (*loc. cit.*, pag. 312); na nota da sua patente aparece só: *Esme de Pillauoyne*, coronel de carauinas, sendo a data da patente 26 de Setembro (*loc. cit.*, pag. 320). Por dois documentos que lhe dizem respeito (*loc. cit.*, pag. 339 e seg.) sabe-se que foi mandado servir com o seu regimento em Estremoz, em Março de 1642, não constando nada mais.

Cit. a pag. 147.

Bordeus *(Arcebispo de...)* é *Henri d'Escoubleau de Sourdis*, que succedeu n'aquella archidiocese a seu irmão, feito arcebispo e cardeal (1591-1599), graças á protecção de *Gabrielle d'Estrées* com quem era aparentado; foi elle quem casou *Luiz XIII* (em 1615) e morreu em 1628. O novo arce-

bispo tomou parte muito activa no cerco da *Rochella*, sendo posto á testa da intendencia e da artilharia, e mais tarde entrou em varias operações navaes, entre outras a expedição naval á Italia (em 1633), e a expedição á Corunha, em 1639, a que *D. Francisco Manoel de Mello* se refere nas *Epanaphoras*, e que tão grandes receios causou em Hespanha. (V. *E. Prestage, D. Francisco Manoel de Mello Esboço Biographico*, pagg. 109 e segg.).

Cit. a pag. 205.

Bordim Aurelio *(Miguel)* deve ser *Michel Bourdin* artista conhecido em Orleans.

Cit. a pag. 43.

Borgonha *(ducado de)*, região da França que fazia parte da antiga provincia do mesmo nome *(Bourgogne)* e comprehendia os actuaes departamentos de *Côte-d'Or* e *Saône-et-Loire*, e fracções dos limitrophes de *Yonne, Aube* e *Nièvre*.

Cit. a pag. 107.

Botero, deve ser *João Botero* (1540-1617), theologo e publicista italiano, que desempenhou successivamente os cargos de secretario de *S. Carlos Borromeo*, de ministro de *Saboya* em Paris e de mestre dos filhos do duque *Carlos Manoel*. A sua obra *Delle cause della grandezza delle città*, impressa em 1589, teve muitas edições e foi vertida em latim, allemão, hespanhol e francez. Não pudémos verificar se são effectivamente da sua lavra os contrasensos que Franco Barreto lhe attribue a respeito das aguas do Sena, difficilmente desculpaveis mesmo n'um escriptor do seculo xvii.

Cit. a pagg. 44 — 107 — 110.

Botilher *(Monsiur...) Botillier*, ou *Bouthilier*. V. *Bouthillier. (Claude Le...)* e Chavigny *(Conde de ..)*.

Bouthillier *(Claude Le...)* foi feito secretario d'Estado dos negocios estrangeiros (em 1629) e passou (em 1632) a superintendente das finanças, succedendo-lhe no cargo anterior seu filho *Léon-Le-Bouthillier*, conde de *Chavigny*. Os dois *Bouthillier*, conjuntamente com o chanceller *Séguier*, foram os negociadores do tratado com Portugal de 1 de junho de 1641.

Cit. a pag. 102 — 141 — 143 — 168 — 201.

Bovilla, La Bouille, pequena e insignificante povoação, poucos kilometros a jusante de *Rouen*, na margem esquerda do *Sena*, sem nenhuma circunstancia que justifique o ser citada pelo auctor.

Cit. a pag. 107.

Brandão *(P.e Luiz...)* deve ser um jesuita, doutor em theologia e preposito da casa de S. Roque (n. em Lisboa em 1583 e m. em 1663), notavel escriptor, a quem Soares d'Abreu escreveria recomendando-lhe um jesuita da *Rochella* que pretendia ir para o Japão. Não encontramos a seu respeito nenhuma outra referencia.

Cit. a pag. 186.

Brassac, Franco Barreto escreve *Braxat*, era *Jean de Galard de Béarn, conde de Brassac*, cavalleiro das ordens de S. Miguel e do Espirito Santo, que foi ministro, embaixador, governador de varias provincias e tenente general do Poitou; era, como refere Franco Barreto, casado com *Catherine de Sainte-Maure de Montausier*, que fôra nomeada primeira dama de honor da Rainha em 1638, e ainda exercia as suas funções em 1641; mas o que não nos parece certo é que elle fosse irmão do *Conde de Parabère*.

Cit. a pagg. 26 — 27 — 130.

Brelengas, *Berlengas*, pequeno grupo de ilhas junto á

costa de Portugal, a NO do cabo *Carvoeiro*, de que fazem parte os ilheus denominados *Farilhões* (e não *Furilhões*); a ilha principal, ou *Berlenga grande*, tem apenas 1500m de comprimento na sua maior extensão.

Cit. a pag. 132.

Brionne *(Conde de...)*, cujo nome Franco Barreto escreve *Brion* e *Briona*, era, segundo informa Soares d'Abreu, um fidalgo de *Lorena*, que estava ou estivera ao serviço dos duques *Carlos* e *Henrique*. Era de ascendencia portugueza, aparentado com a casa de Bragança, segundo elle proprio allegava e Soares d'Abreu parece confirmar; nada podemos acrescentar ao que este auctor diz (a pag. 204), nem mesmo confirmal'o no que respeita aos seus antepassados portuguezes.

Cit. a pagg. 82 — 86 — 204.

Brézé *(Urbano de Maillé-Brézé)*, marquez e marechal de França, geralmente conhecido por *maréchal de Brézé*, foi capitão das guardas, embaixador em varias côrtes e vice-rei *de Catalunha*; era casado com *Nicole du Plessis Richelieu*, irmãa do *Cardeal-Duque*, e pae de *Armando de Maillé-Brézé*, tambem marquez *de Brézé*.

Cit. a pagg. 102 — 103 — 177.

Brézé *(Armando de Maillé-Brézé)*, filho do anterior, *Urbano de Maillé-Brézé*, foi tambem marquez *de Brézé* e depois duque de *Fronsac* e de *Caumont*; era o sobrinho valido do *Cardeal-Duque* e foi por elle enviado a Portugal, em 1641, com o caracter de embaixador e o commando da armada. Morreu na batalha naval de Orbitello em 1646.

Cit. a pags. 68 — 100 — 130 — 131 — 133 — 143 — 212 — 215.

Brison *(M.r de...)* é certamente *Barnabé Brisson, S.r de la Touche*, mencionado na *Lista dos coroneis e Capitães* (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. 1, pag. 307) como capitão de uma

das companhias do regimento de cavallaria ligeira *de Bucquoy*. A elle se refere o Sr. *Christovam Ayres* a pag. 318 *(loc. cit.,)* e dizem-lhe egualmente respeito uma patente de capitão de cavallaria, datada de 26 de Setembro de 1641, e mais dois documentos do mesmo ano (*loc. cit.*, pagg. 347 e seg.). No *Rol* não o encontramos, a não ser que o queiramos identificar com o n.º 95, *M.r de Granchamps Briçon (loc. cit.*, pag. 316); mas n'esse caso estaria repetido o seu nome na lista de Franco Barreto (V. *Grande Campo*).

Cit. a pag. 147

Brito *(Francisco Mendes de...)*, pae de *Heitor Mendes*, que trouxe comsigo e á sua custa, uma companhia portugueza composta de sessenta homens, para servir em Portugal; embarcáram na canhoneira *Neptuno*, do commando do capitão *Martin*, que fazia parte da armada do marquez *de Brézé*. Nem Franco Barreto nem Soares d'Abreu nos dão quaesquer indicações ácerca d'este bom portuguez; apenas a identidade dos apellidos nos leva a suppor que elle possa ser descendente de *Ruy Mendes de Brito* avô materno de *João Gomes da Silva*, que foi embaixador em França e em Roma no tempo de el-Rei *D. Sebastião*.

Cit. a pag. 131.

Brito Falcão *(Ruy de...)*, capitão portuguez que estava prisioneiro na Rochella quando alli chegáram os nossos embaixadores; nada mais sabemos a seu respeito além do que diz Franco Barreto.

Cit. a pag. 12.

Brouage *(Le)*. Burgo do departamento de *Charente-Inférieure*, pequeno porto de mar e logar fortificado, 6 kil. ao norte de *Marennes*, hoje completamente decahido da sua antiga importancia.

Cit. a pag. 12.

Brulon *(Conde de ..)* é o primeiro introductor de embaixadores na côrte de França, cujo nome Franco Barreto e Soares d'Abreu escrevem *Brulão* e *Brullon,* e que esteve constantemente no exercicio das suas funcções emquanto durou a embaixada de que ambos faziam parte. Soares d'Abreu refere-se largamente tanto ás funcções como ao funccionario (pag. 199).

Cit. a pagg. 50 — 54 — 57 — 60 — 67 — 83 — 99 — 105 — 120 — 165 — 168 — 169 — 170 — 199.

Brunhol *(Conde...).* Não encontramos menção de nenhum titulo parecido, nem terra d'onde proviesse. Ha uma terra chamada *Brignoles* (no departamento de *Var*), e uma familia *de Brigode* bastante conhecida; eis tudo o que pudémos averiguar.

Cit. a pag. 83.

Bruto deve ser *Decimo Junio Bruto* porquanto dos que a historia cita é o unico que se sabe ter estado na Gallia; ignoramos, porém, se teve algum filho chamado *Turno* que fosse morto em *Tours,* o que sabemos é que esta cidade era a capital dos *turones,* povos da *Gallia* que existiam antes da conquista romana, e foi capital da *3.ª Gallia Lyonesa.*

Cit. a pag. 125.

Bucquoy *(Jean de* ou *du (?)..., S.r de la Motte),* official francez que veiu para Portugal na armada do marquez *de Brézé* e tem na *Lista dos coroneis e capitães* o primeiro logar e no *Rol das pessoas que vieram de França* o n.º 21, indicando-se que trouxe oito criados e sendo designado como sargento de batalha ou mestre de campo de cavallaria (V. *Hist.ª do Ex.º, Provas,* t. 1, pagg. 307 e 311). Foi nomeado, em 4 de Setembro de 1641, coronel de um regimento de cavallaria ligeira (de 4 companhias a 50 cavallos), commandando elle proprio uma das companhias (*loc. cit.,* pagg. 352

e segg.); em 25 do mesmo mez foi determinado que se lhe desse o primeiro logar entre os coroneis francezes (*loc. cit.*, pag. 317); em Novembro do mesmo anno foi mandado servir no Alemtejo (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. II, pag. 123); e alli se conservou até á primavera de 1642 (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 356).

Cit. a pag. 147.

Bulliture *(Cavalleiro de...)*, não encontrámos em documento algum simelhante nome, nem outro que com este se parecesse; portanto não conseguimos descortinar a quem Franco Barreto quereria referir-se.

Cit. a pag. 146.

Burgo? Não conseguimos descubrir qual possa ser a localidade a que o auctor se quiz referir; pois não encontramos nenhuma cujo nome pudesse ser transformado n'este em todo o caminho de *Abbeville* a *Paris*, passando por *Amiens* e *Clermont*.

Cit. a pag. 105.

Busanci. V. *Beaugency*.

Bussy *(M.r de...)* deve ser *Étienne Pasquier, S.r de Bussy*, mencionado na *Lista dos coroneis e capitães*, sob o nome de *Esteuão pasquite S.r de Brossy*, como capitão do regimento de cavallaria ligeira de *Montjouant* (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 307); no *Rol das pessoas que vieram de França*, vemos, sob o n.º 54, com o nome de *S.r de Bussy* a indicação do seu destino e a de que era muito recomendado aos embaixadores por *M.r de la Barde* (*loc. cit.*, pag. 313); a sua patente designa-o como *Esteuão Paschier senhor de Brissi* para capitão do regimento de *Montjouant* e tem a data de 26 de setembro de 1641 (*loc. cit.*, pag. 319). Nada mais consta a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Caligula *(Caio Cesar Augusto Germanico...)* foi o terceiro Imperador Romano; sobrinho de *Tiberio*, subiu ao throno imperial no anno 37 da nossa era, morrendo em 41 depois de ter exercido o poder durante quatro annos pela forma mais indigna e escandalosa que é possivel conceber.

Cit. a pag. 31.

Calvino (João), natural de Noyon, na Picardia (n. em 1509) foi um dos principaes propugnadores da religião reformada em França e na Suissa, onde se estabeleceu e proclamou as suas doutrinas mais radicaes do que as de *Luthero* (m. em Genebra em 1564). Os protestantes de França seguiram na sua grande maioria as doutrinas de *Calvino* e intitularam-se *calvinistas*.

Cit. a pag. 37.

Campiena ou Compendio (em latim *Compendium*), *Compiègne*, sede de uma sub-prefeitura no departamento de *Oise* situada na margem d'este rio; antiquissima cidade fortificada construida pelos gaulezes, que Joanna d'Arc defendeu (em 1430) contra os inglezes que a sitiaram e tomáram.

Cit. a pagg. 47 — 108.

Carlos Martello, não chegou a intitular-se rei de França, comquanto exercesse a realeza com os titulos de duque de *Austrasia* (715) e de *Neustria*, e mesmo de duque de França (741), sendo mordomo-mór *(maire du palais)* com os reis merovingios *Clotario IV* e *Childerico III*. Ficou celebre na historia por ter desbaratado na batalha *de Poitiers* (em 732) os sarracenos, que haviam invadido a França sob o commando de Abd-el-Rahman. (M. em 741).

Cit. a pagg. 80 — 95.

Carlos I ou *Carlos Magno*, imperador do *Occidente* em 800, tinha succedido a seu pae, *Pepino*, (em 768), como rei de

Borgonha, Provença e *Neustria*, que era a parte central e septentrional da França, comprehendendo a *Normandia* uma porção de *Champagne* e *Paris*. Veiu a reunir toda a França (em 771), juntou-lhe depois a *Lombardia* e *Roma* (em 774) e finalmente a Allemanha (em 800) sendo então reconhecido como Imperador (m. em 814).

Cit. a pagg. 92 e 94.

Carlos o I *(el Rey...)* cit. a pag. 44 é *Carlos VII*, rei de França, a quem acima se refere Franco Barreto. (V. *Carlos VII*).

Carlos II, rei de França, cognominado *o Calvo* (n. em 823), neto de *Carlos Magno*, succedeu a seu pae *Luiz* o *Clemente* nos seus differentes reinos e senhorios. Mediante varias heranças e depois de prolongadas luctas com seus irmãos, foi finalmente proclamado imperador *do Occidente* em 875 e morreu em 877.

Cit. a pag. 92.

Carlos V, rei de França, cognominado o *Sabio* (n. em 1337), foi regente durante o captiveiro de seu pae, *João II*, em Inglaterra (1356-1364), succedendo-lhe por sua morte (1364). Habil politico, tendo sob suas ordens alguns famosos generaes, como *Clisson*, *Duguesclin* e *Boucicaut*, reconquistou sobre os inglezes parte dos territorios de que elles se haviam apossado no anterior reinado, e nos quaes se comprehendia a *Rochella*, que reedificou e fortificou convenientemente.

Cit. a pagg. 22 — 61 — 118.

Carlos VI, rei de França (n. em 1368), era filho de *Carlos V* e de *Joanna de Bourbon;* rei em 1380, casou, em 1385, com *Isabel de Baviera*, succedeu-lhe *Carlos VII*, o mais novo dos seus filhos varões, por morte dos dois primogenitos. Não foi

no tempo de *Carlos VI* (como diz o nosso auctor), porém no de *Carlos V*, seu pae, que *Aubriot* edificou a ponte de *S.* Miguel. (V. *Aubriot*).

Cit. a pag. 109.

Carlos VII, rei de França, cognominado *o Victorioso* (n. em 1403) era filho de *Carlos VI* e de *Isabel de Baviera;* e veiu a succeder a seu pae (em 1422) por terem morrido antes d'este e sem posteridade os seus dois irmãos primogenitos: *Luiz*, duque *de Guienna* e *Delphim de França* (n. em 1396, m. em 1415), e *João*, duque *de Touraine* (n. em 1398, m. em 1417). Casou *Carlos VII* com *Maria d'Anjou*, filha *de Luiz*, duque *d'Anjou*, que se intitulava rei da *Sicilia;* d'este matrimonio nasceu *Luiz XI.* Foi *Carlos VII* que teve a gloria de expulsar do territorio os inglezes, reconquistando quasi todo o reino, que então dominavam.

Cit. a pagg. 43 — 44 — 45 — 46.

Carlos VIII, rei de França, filho de *Luiz XI* e de *Carlota de Saboya*, sua segunda mulher, herdou a coroa por morte de seu pae (em 1483), exercendo a regencia durante a sua menoridade, sua irmãa *Anna.* Ao assumir o poder, (em 1491), formou-se contra elle uma poderosa liga á testa da qual estava *Maximiliano d'Austria*, cuja filha elle rejeitára para contrahir matrimonio com *Anna de Bretanha* e juntar esta provincia á França. Tendo emprehendido a conquista de Napoles, para fazer valer os antigos direitos da casa *d'Anjou*, reuniu quasi toda a Europa contra si, encontrando unicamente appoio em *D. João II* de Portugal. (V. *Reduccion y Restituycion del Reyno de Portugal*, de *Juan Bautista Morelli*, Turim, 1648, pag. 410).

Cit. a pag. 15.

Carlos IX, rei de França (n. em 1550, m. em 1574), filho de *Henrique II* e de *Catharina de Medicis*, succedeu a seu irmão

Francisco II, que morrera sem descendencia em 1560. Não deixando elle proprio filhos legitimos do seu casamento com *Isabel d'Austria* (1570), passou a coroa a seu irmão *Henrique III* (em 1574) que tão pouco teve descendencia.

Cit. a pag. 47 — 97.

Caron de Let, ou antes *Carondelet*, é o nome d'um fidalgo hespanhol que foi encarregado pela infanta *Isabel Clara Eugenia*, quando governava as *Flandres*, de ir a Paris para tratar de assumptos relativos á ida para *Bruxellas* da rainha-mãe *Maria de Medicis*. É a este caso que se refere Soares d'Abreu.

Cit. a pag. 192.

Cascaes *(Marquez de...)*, é *D. Alvaro Pires de Castro*, 7.º conde de *Monsanto*, que foi elevado a marquez de *Cascaes* por occasião de ser mandado a França como embaixador extraordinario afim de dar os pesames da morte de *Luiz XIII* á rainha viuva *Anna d'Austria*. Esta embaixada do marquez de *Cascaes* foi muito celebrada pelo seu esplendor.

Cit. a pag. 171.

Castello Rodrigo *(Marquez de...)*, *D. Manuel de Moura*, era filho de *Christovam de Moura*, fidalgo portuguez que passára ao serviço de *Filippe II*, e que foi primeiro marquez de *Castello Rodrigo*. O segundo marquez era, com effeito, embaixador de Hespanha em Roma, por occasião da acclamação de *D. João IV*, e depois exerceu na Allemanha o mesmo cargo.

Cit. a pagg. 51.

Castro *(Dom Fran.co de...)*, embaixador em Roma, que depois fosse conde *de Lemos* e monge de S. Bento, como diz Soares d'Abreu, não pudémos averiguar quem seja; tanto mais que *Boccalino* (que o nosso auctor cita), tendo nascido

em 1556 e morrido em 1623, de quem foi contemporaneo é de *D. Pedro Fernandes de Castro*, marquez *de Sarria* e conde *de Lemos* (n. em 1576, m. em 1622), que foi vice-rei de Napoles.

Cit. a pag. 196.

Catharina de Medicis (Franco Barreto escreve *Caterina*), rainha de França, era filha de *Lourenço de Medicis*, duque *de Urbino* (n. em 1519) e casou com *Henrique II*, rei de França (1533). Por morte d'este (em 1559) e do filho primogenito, *Francisco II* (em 1560), assumiu a regencia durante a menoridade do segundo, *Carlos IX* (n. em 1550), que succedeu; exerceu a *Rainha* influencia preponderante durante o reinado d'este filho, governando ainda depois da morte delle, até á chegada de *Henrique III*, que estava reinando na Polonia. *Catharina de Medicis* morreu em 1589.

Cit. a pag. 30 — 37 — 41 — 116.

Catharina (Dona..., Franco Barreto escreve *Caterina*), é a duqueza de *Bragança*, avó de *D. João IV*; filha do filho mais novo de el Rei *D. Manoel*, o infante *D. Duarte*, e de *D. Isabel de Bragança*, filha do duque *D. Jayme*. *D. Catharina* casou com o duque *de Bragança D João I* (em 1563); e d'este matrimonio nasceu o duque *D. Theodosio II* (em 1568), pae do duque *D. João II*, que foi acclamado rei em 1 de Dezembro de 1640. Os direitos de *D. Catharina*, e dos seus descendentes, á successão no throno foram habilmente sustentados por numerosos jurisconsultos e escriptores, portuguezes e estrangeiros.

Cit. a pag. 117.

Catulac, *Catolacum*, nome latino do logar onde veiu a ser edificada a abbadia de *S. Diniz*. (V. *S. Diniz*).

Cit. a pag. 87.

Cenis (monte), Franco Barreto escreve *Senys*, é um monte que faz parte da cadeia dos *Alpes*, na fronteira de *Saboya*, entre a *França* e a *Italia*. Não é exacto que o *Isère* tenha, como diz o auctor, a sua origem junto ao monte *Cenis*, tem-n'a uns 30 kilometros mais ao norte na vertente occidental do monte *Iseran* que, embora pertencendo ao mesmo systema orographico, é distincto do monte *Cenis*.

Cit. a pag. 106.

Cerralbo *(Marquesa de...)*, é provavel que Franco Barreto, comquanto escreva *Serralvo*, se refira á marqueza de *Cerralbo;* quanto ao filho e herdeiro é de suppor que seja o quarto marquez, *D. Juan Antonio*, que veiu a ser vice-rei da Catalunha e morreu em 1681.

Não pudémos averiguar se, com effeito, morreu em Flandres um marquez *de Cerralbo*, antigo governador das Indias, em 1640 ou 1641.

Cit. a pag. 40.

Chabostière *(M.r de ..)*, deve ser *Arnaud Bruneau*, capitão no regimento de cavallaria de *Bucquoy*, que é designado na *Lista dos coroneis e capitães*, por *Arnaldo Bruneau S.or de la Chabatiere*, (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. 1, pag. 307), cuja patente de capitão para o indicado regimento, datada de 26 de Setembro de 1641, é passada em nome de *Arnaud Bruneau (loc. cit.*, pag. 318). Não vem no *Rol das pessoas que vieram de França.*

Cit. a pag. 147.

Chambord (Franco Barreto escreve *Xamburg*), magnifico castello rodeado por uma vasta floresta, junto á povoação do mesmo nome no departamento de *Loir-et-Cher;* o castello foi mandado edificar por *Francisco I.*

Cit. a pag. 122.

Champagne (o auctor escreve *Xampanha*) é, sem a menor duvida *Philippe Champagne*, celebre pintor que nasceu em Bruxellas (em 1602) e veiu para França aperfeiçoar-se, estudando com *Nicolas Poussin*. Muito protegido por *Luiz XIII* e *Richelieu* tornou-se conhecido principalmente como pintor de retratos. O que elle fez de *D. Miguel de Portugal*, offerecido por este ao conde *Brulon*, não pode ser aquelle a que se refere o seu biographo: «No seu retrato de corpo inteiro, que he o que só ficou delle á casa de seu irmão, se vê a gentileza grave do seu aspecto e a grandeza proporcionada da sua estatura» (*Instrucçam que o Conde de Vimioso... dá ao seu filho*, etc. Lisboa, 1744, pag. 54).

Cit. a pag. 120.

Champuis, (o auctor escreve *Xampui*), pequena aldeia no caminho de *Beauvais* a *Abbeville*, muito perto de *Granvilliers*, no departamento de *Oise*.

Cit. a pagg. 103—104—106.

Chanciler, e *Chanselier*. V. *Séguier*.

Chantereyne (*François de Huybert* e não decerto *Huictbert, Senhor de...*) é o segundo mencionado na *Lista dos coroneis* como *S.or de Chanterigne* e commandante de um dos regimentos de cavallaria (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 307); no *Rol das pessoas que vieram de França* tem o n.º 27 e é designado por *M.r de Chanteraine* para ser coronel de cavallaria com a seguinte indicação complementar, manifestamente errada: «Marechal general de cavalaria que faz o mesmo cargo que um sargento mayor, ou sargento de Batalha na infantaria». O Sr. Christovam Ayres apenas indica a data de 26 de Setembro de 1641 para a patente d'este coronel de cavallaria (*loc. cit.*, pag. 318) sem comtudo citar mais documento nenhum que lhe diga respeito, informando unicamente que o coronel *de Chantereine* foi destinado á provincia

do Alemtejo em Novembro de 1641 (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. II, pag. 154) e publicando a nota das patentes de dois dos capitães do regimento de *Chantereyne*, *Henry de Belys* e *Louis de Chivray*, datadas de 26 de Setembro de 1641 (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 319).

Cit. a pag. 147.

Charron *(Jacques de...). Sire de Monceaux* escreveu *Histoire universelle de toutes nations et spécialement des Gaulois ou Français... depuis la création du monde jusques à l'an de Jésus-Christ 1621* (Paris 1621). A obra resente-se da muita credulidade do auctor, que no meio dos factos historicos conta prophecias, regista a apparição de cometas, etc. (V. *Bourgeois et André: Les Sources de l'Histoire de France, 1610-1715*, Paris 1913, pag. 274).

Cit. a pagg. 47—80—111.

Chartrain *(Pays...)* Franco Barreto escreve *Pais de Xartrê, de Xatren;* ou *Pays-de-Chartres*, é a região atravessada pelo *Eure* e que tem por centro aquella velha cidade, quasi toda comprehendida no departamento de *Eure-et-Loir*, e tambem na antiga *Beauce*. Não encontramos n'esta região localidede cujo nome justifique a referencia do auctor.

Cit. a pagg. 49 e 125.

Chartres, (Franco Barreto escreve *Xartrê* e *Xastres*) cidade de França, que foi desde remotos tempos (seculo X) séde de um condado annexo aos de *Champagne* e de *Blois;* passando este depois (seculo XIII) para a casa de *Valois* e sendo incorporado na coroa (1349); *Francisco I* alienou-o e *Luiz XIII* (1623) readquiriu-o. *Luiz XIV* elevou o condado a ducado, dando-o á casa de Orléans como apanagio do primogenito.

Cit. a pagg. 48—49.

Chasteignier de la Roche-Posay *(Henri Louis)* cujo nome Franco Barreto escreve *Xantanhier de la Roxepuzuy (Luis)*, foi bispo de Poitiers de 1611 a 1651.

Cit. a pag. 33.

Chatillon *(Marechal de...*, tambem *Chatilhon, Chatilhão* e *Xatilhão)* é *Gaspar III de Coligny* (n. em 1584), marechal de França, duque *de Chatillon*, representante de uma antiga e illustre familia, e um dos primeiros fidalgos da côrte de *Luiz XIII*, que foi encarregado de conduzir a nossa embaixada na sua entrada solemne em Paris; acompanhavam-no, segundo diz Soares d'Abreu, dois filhos: o conde *de Coligny* e o conde *d'Andelot*.

Cit. a pagg. 54—168—198—199.

Chatillon-sur-Seine, sub-prefeitura no departamento de *Côte-d'Or;* cidade atravessada pelo rio *Sena* que alli se divide em varios braços, com numerosas pontes.

Cit. a pag. 107.

Chavigny *(Monsiur de...* ou *O Secretario*, tambem *Xavigny, Chaviny* e *Chavery)* é manifestamente *Léon Le Bouthillier*, conde *de Chavigny*, secretario d'Estado. Era o homem de confiança de *Richelieu* e seu collaborador constante com respeito á politica externa; e foi elle o principal negociador do tratado com Portugal que veiu a assignar-se em 1 de Junho de 1641. Exercia, com effeito, cumulativamente as funcções de chanceller junto de *Gastão, duque d'Orléans*, como diz Franco Barreto.

Cit. a pagg. 86—102—141—143—165—167—187—191—201.

Chelant e de Torniele *(Conde de...)*, sobre este titular apenas podemos dizer que o titulo de conde *Tornielli* pertencia, ainda ha poucos annos, a um illustre diplomata italiano,

de familia originaria de Saboya, que foi embaixador de Italia em Madrid e Paris; nunca porém nos constou que elle contasse entre as suas ascendentes uma senhora portugueza, dama da Infanta D. Beatriz, filha de el-Rei D. Manoel.

Cit. a pag. 204.

Cher, (Franco Barreto escreve *Xer*). Affluente da margem esquerda do *Loire*, que nasce nas montanhas do departamento de *Creuse*, perto de *Auzance*, passa ao do seu nome, onde banha *Montluçon*, *S.t Amand* e *Vierzon*, entra no de *Loir-et-Cher*, que atravessa junto ao seu limite meridional, e vae acabar em *Indre-et-Loire*, depois de passar junto á cidade de *Tours*, a que se encosta pela parte do S.

Cit. a pag. 125.

Chevreuse *(duque de...* tambem *Xevrosa*, *Cheverosa* e *Chevrosa)*, é *Claudio de Lorraine* (n. em 1578), filho de *Henrique I*, duque *de Guise*, conhecido pela alcunha de *Balafré* (n. em 1550, m. em 1588). Exerceu o duque de *Chevreuse* altos cargos de côrte, governando varias provincias durante a menoridade *de Luiz XIV* e foi casado com *Maria de Rohan*, filha de *Hercules de Rohan*, duque *de Montbazon*, muito valida de *Anna d'Austria*. Era, com effeito, como diz Soares d'Abreu, irmão do duque *de Guise*, *Carlos de Lorraine*, que morrera pouco antes (em 1640).

Cit. a pagg. 57 — 60 — 119 — 168 — 199.

Childeberto III, (Franco Barreto escreve *Childiberto*), cognominado *o Justo* (n. em 683, rei em 695, m. em 711) foi um dos ultimos reis da primeira dynastia dos *merovingios*. Tendo sido este o XVII rei de França, d'elle até *Philippe Augusto*, que foi o XLIV, contam-se com effeito 28 reis a quem correspondem as 28 estatuas (incluindo as de ambos) a que se refere o nosso auctor.

Cit. a pag. 111.

Chilleurs-aux-Bois, no *Loiret*, cujo nome Franco Barreto escreve *Xilot*, é uma pequena povoação de 1500 habitantes, na orla septentrional da floresta de *Orléans*, e no caminho mais batido entre *Pithiviers* e esta cidade.

Cit. a pag. 124.

Chinaray. (V. *Chivray*).

Chivray *(Louis de... S.r du Plessis)*, vem inscripto: como *M.r de Chinaray* na lista de Franco Barreto, e como *Luis de Chiuray, S.r duplessis*, na *Lista dos Coroneis e Capitães* (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 307), commandante de uma das companhias do regimento de cavallaria de *Chantereyne*. No *Rol* das pessoas que vieram na armada tem o n.º 56, diz-se ser muito recommendado do *Grão Prior*, e que é «bom gentilhomem, bravo homem, capitão de cavallaria». O Sr. *Christovam Ayres* refere-se tambem (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. II, pag. 124) a este official dizendo que na correspondencia *de Lanier* (de 20 de outubro de 1642) se faz referencia aos elogios que d'elle faz o Monteiro-mór, já então general da cavallaria no Alemtejo. Diz *Lanier* que elle é natural da provincia de Anjou e parente de *M.r du Plessis*. É provavel que fosse aparentado tambem com o *Cardeal Richelieu*.

Cit. a pag. 147.

Cinesios é o nome que *Heródoto* dá aos povos que depois se chamavam *Cynetes*, moradores na região que corresponde ao actual Algarve.

Cit. a pag. 149.

Clarens *(M.r de...)*. Não encontramos este nome em documento algum dos relativos aos officiaes que vieram na armada do marquez de *Brézé*. Poderiamos, no emtanto, identifical'o com um *M.r de Craman* que figura no *Rol* com o n.º 6 e a designação de alferes do regimento de *Gravelines*

(*Hist.ª do Ex.º, Provas,* t. I, pag. 309), sem comtudo termos argumento algum que nos justifique; e tambem com um *M.r du Laurens,* n.º 72 da mesma lista. (V. *Laurens*).

Cit. a pag. 147.

Clary, é *Cléry-sur-Loire,* ou *Notre-Dame-de-Cléry,* cabeça de cantão do departamento de *Loiret,* 15 kilom. a S. O. de *Orléans.*

Cit. a pag. 42.

Claudio, é o IV Imperador romano, *Tiberius Claudius Drusus,* tio de *Caligula* e seu successor, elevado ao imperio no anno 41 da nossa era.

Cit. a pag. 31.

Claudio. V. *Universidade.*

Cit. a pag. 116.

Clément *(Jacques),* (Franco Barreto escreve *Jaques Clemente*), é o nome d'um frade dominicano, mandatario da *Liga catholica,* que se formára para combater e desthronar *Henrique III* suspeito de transigencia com o protestantismo, e que mandou assassinar este monarcha em 25 d'agosto de 1589. O assassino, immediatamente morto, que tinha apenas 25 annos, foi considerado como um martyr pelos catholicos exaltados, que até pretenderam fasel'o canonizar.

Cit. a pag. 80.

Clemente III, foi eleito Papa em 1187, depois de *Gregorio VIII,* e morreu em 1191; contemporaneo de *Filippe Augusto,* foi elle quem proclamou a terceira crusada em que tiveram parte principal aquelle rei de França e o rei de Inglaterra *Ricardo, Coração de Leão.* É portanto admissivel que *Clemente III* enviasse a *Filippe Augusto* quaesquer reliquias, como refere Franco Barreto.

Cit. a pag. 92.

Clemente V *(Bertrand de Got)*; francez de origem, eleito *Papa* em 1305, transportou para Avinhão a residencia dos pontifices e foi extremamente favoravel a *Filippe IV*, rei de França *(Philippe-le-Bel)*, que muito contribuira para a sua eleição (m. em 1314).

Cit. a pagg. 48 — 113.

Clemonte *(Collegio de...)* deve ser o collegio de *Clermont*.

Cit. a pag. 115.

Clermont, sub-prefeitura no departamento do *Oise*, e capital de um antigo condado, que data de 1054 e foi dado em 1269 a *Roberto*, filho de *S. Luiz* e chefe da casa de *Bourbon*, unido á qual se conservou o condado.

Cit. a pag. 105.

Clotario II, (n. em 584, m. em 628) foi o antecessor e o pae de *Dagoberto I*, fundador de *St. Denis*; quanto porém ao avô *Sadragisello*, não encontrámos vestigio d'elle nem na arvore genealogica dos reis *merovingios*, de França, nem na dos duques *de Aquitania*.

Cit. a pag. 87.

Clovis, (ou *Clodoveu)*, deve ser *Clovis I*, o *Grande*, primeiro rei de França que abraçou o christianismo, de quem justamente se pode dizer que foi o fundador e creador da nação franceza. Nascido em 465, succedeu a seu pae *Childerico I* (em 481), e, depois de ter vencido os allemães em *Tolbiac* (em 496), foi pouco a pouco conquistando em torno dos seus pequenos estados outros estados visinhos, e veiu assim a constituir sob o seu sceptro um reino poderoso, que os seus immediatos successores conserváram. Quanto a ser ou não o primeiro rei de França que curou as alporcas nada podemos dizer.

Cit. a pag. 80.

Clovis II, (n. em 632), filho e successor de *Dagoberto I*, foi um dos reis a quem a historia appellidou de *fainéants;* deixamos por conta do auctor os actos que lhe attribue, sem nos darmos ao trabalho de verificar a exactidão das suas affirmações, em que a lenda se confunde muitas vezes com a historia.

Cit. a pag. 87.

Clym, ou *Clyn*, é o *Clain*, rio que nasce perto de *Confolens*, na *Charente* (e portanto no *Poitou* e não no *Limousin* como diz o auctor); passa em *Poitiers* e vae lançar-se no *Vienne*, 4 kil. ao S. de *Châtellerault*.

Cit. a pag. 31.

Codros, decerto se refere o nosso auctor a *Codrus*, ultimo rei de Athenas, (m. em 1132 A. C.), celebre pelo sacrificio voluntario que fez da propria vida na convicção de que assim alcançaria a victoria dos Athenienses sobre os Jonios. Não achando ninguem digno de reinar depois d'elle, os Athenienses aboliram a realeza.

Cit. a pag. 133.

Colleitor, e «*colleitor passado*», é de suppor que seja *monsignor Castracani*, bispo de *Nicastro*, que fôra collector geral dos rendimentos apostolicos, expulso do Reino ainda em tempo do dominio hespanhol. Devemos suppor que, depois da expulsão, ficasse em Portugal um agente do collector e a esse escrevesse o nuncio em Paris. É uma mera hypothese que formulamos por nos parecer verosimil.

Cit. a pag. 52.

Compendio, *Compiègne*. V. *Campiena*.

Conde Capitão, deve ser o conde *da Calheta*, pois *Ericeira* menciona-o como tendo ido a Cascaes com o *conde da*

Vidigueira saudar em nome d'el-Rei o marquez *de Brézé.* Ignoramos porque motivo Franco Barreto o designa por *Conde Capitão,* pois quem encontramos mencionado na *Historia Genealogica* como *Capitão da Guarda* é *D. Lourenço de Souza (Calhariz).*

Cit. a pag. 133.

Condé *(Principe de...).* Ao tempo da embaixada era *Henrique II* de *Bourbon* (n. em 1588), filho de *Henrique I* de *Bourbon* e *Maria de Clèves, primeiro principe do sangue,* casado com *Carlota de Montmorency,* de quem teve dois filhos, *Luiz,* ao tempo duque *de Enghien,* que succedeu ao pae como principe *de Condé; Antonio,* que foi o tronco dos principes *de Conti;* e uma filha *Anna Genoveva de Bourbon,* que foi duqueza *de Longueville* pelo seu casamento com *Henrique II d'Orléans.* (V. *Longueville*).

Cit. a pagg. 55 — 101 — 119 — 167 — 201.

Condé *(Princeza de...),* era, ao tempo da embaixada, *Carlota Margarida de Montmorency,* (n. em 1593), filha de *Henrique I,* duque de *Montmorency* e condestavel de França, e casada (em 1609) com *Henrique II de Bourbon,* principe de *Condé, primeiro principe do sangue* (n. em 1588, m. em 1646).

Cit. a pagg. 98 — 100 — 167 — 201.

Confolant (em *Saboya*) ou antes *Conflans,* é uma antiga povoação situada na margem direita do *Isère* e esquerda do *Arly,* junto á confluencia dos dois rios. Não está portanto, como diz o auctor, onde o *Isère* começa, mas onde este rio muda de direcção, para tomar a de S. O., dirigindo-se para o *Rhodano.*

Cit. a pag. 106.

Constantino V, *(Porphyrogeneta I),* nasceu em 770, foi proclamado imperador do Oriente em 780 e morreu em 797,

sendo portanto contemporaneo de *Carlos Magno* que a esse tempo já reunira a toda a monarchia franceza (771), a coroa de Lombardia e o patriciado de Roma (774), embora não viesse a ser imperador do Occidente senão em 800. É portanto perfeitamente crivel que as reliquias, a que o nosso auctor se refere, fossem offerecidas por *Constantino* a *Carlos Magno;* e por este depositadas na cathedral de *Aix*, de Allemanha, que elle fundou e onde está sepultado.

Cit. a pag. 92.

Coquille *(Guy), sieur de Romenay*, é um insigne jurisconsulto francez, (1523-1603), auctor de varias obras sobre a politica e amigo de *Bacon* e de *l'Hôpital.*

Cit. a pag. 95.

Corbuel, é *Corbeil,* sub-prefeitura no departamento de *Seine-et-Oise,* sobre a margem esquerda do *Sena* e junto da confluencia do *Essonne;* fica 38 kilom. a montante de Paris. Cidade industrial, foi séde de um antigo condado.

Cit. a pag. 107.

Corson, é *Courson,* cabeça de cantão do departamento de *Charente Inférieure,* no caminho mais directo entre *Niort* e *La Rochelle,* a uns 27 kilom. d'esta cidade.

Cit. a pag. 130.

Costa *(P.e Paulo da...),* da Companhia de Jesus. Companheiro do *P.e Ignacio de Mascarenhas* na missão á Catalunha, enviada por D. João IV, foi o *P.e Paulo da Costa* especialmente encarregado de conduzir a Portugal, reunindo-os previamente na Rochella, portuguezes, francezes e catalães que quizessem vir servir contra a Hespanha.

Cit. a pag. 186.

Creusa, é o *Creuse,* rio que, depois de regar o departa-

mento em que nasce e a que dá o nome, vae juntar-se com o *Vienne* alguns kilometros a jusante de *Châtellerault*.

Cit. a pag. 38.

Cunha *(Nuno da...)* era filho de *Tristão da Cunha*, que foi mandado como embaixador ao papa *Leão X* por el-Rei *D. Manoel* (em 1514). Desde muito novo acompanhára o pae, na armada do seu commando enviada ao Oriente em 1505; n'ella ia tambem *Affonso de Albuquerque* por quem *Nuno da Cunha* foi armado cavalleiro. Foi depois nomeado para governar a India, onde se illustrou dando a morte a *Badur*, rei de *Cambaya*, e construindo as fortalezas de *Diu* e *Baçaim*.

Cit. a pag. 15.

Curcios, refere-se certamente Barreto a *M. Cartius*, jovem romano celebre já pelas suas proezas, que a lenda conta ter-se lançado a um abysmo, repentinamente aberto no *Forum*, em vista de os oraculos dizerem que o abysmo se cerraria novamente se Roma n'elle lançasse o que tinha de mais precioso. O abysmo fechou-se logo (em 360 A. C.).

Cit. a pag. 133.

Dagoberto I (n. por 600, m. em 638). filho de *Clotario II* (e não, como diz Franco Barreto a pag. 111, de *Hugo Capeto*, que viveu trez séculos mais tarde), foi um dos mais notaveis d'entre os reis da primeira dynastia *(merovingios)*. Fundou a célebre abbadia de *S. Diniz*, porém não a podia ter fundado em 641 (data posterior á sua morte), nem foi seu contemporaneo o abbade *Sugero* a quem tambem se refere Franco Barreto. (V. *Suger*).

Cit. a pagg. 87 e seg. — 111.

Dante, de Ante ou Danse *(Jean...)* vem designado por *Sr.* de *erbauuillins* ou de *Herbaiuniliens*; é portanto muito

difficil averiguar os seus verdadeiros nomes. A *Lista dos Coroneis e Capitães* chama-lhe: *João dante s.r de erbauuillins* e dá-o como capitão no regimento de cavallaria de *Montjouant* (*Hist.a do Ex.o, Provas,* t. I, pag. 307). O *Rol* dos que vieram na armada, chama-lhe *M.r Danse,* sob o n.º 53, recommenda-o para capitão de infanteria, mas dá o seu verdadeiro destino no regimento de *Montjouant* (*loc. cit.,* pag. 313). Na lista das patentes chamam-lhe *João Danse S.r de Herbaiuniliens,* sendo o despacho de 26 de Setembro de 1641 (*loc. cit*, pag. 319). Nada mais encontramos que lhe diga respeito.

Cit. a pag. 147.

Darc *(Jacques..),* ou antes *d'Arc,* é o pae de *Joanna d'Arc.* Modesto lavrador de *Domrémy,* perto de *Vaucouleurs,* na *Lorena,* cujos gados a filha pastoreava até á edade de 18 annos, em que, movida por extranha inspiração, se foi offerecer a *Carlos VII* para o auxiliar na libertação da França.

Cit. a pag. 45.

Datis. V. *Athis (Eustache Viole, S.r d'..).*

Decios, refere-se decerto Franco Barreto a *Decius Mus,* consul romano, que viveu no quarto seculo antes de Christo, e se tornou celebre pela heroicidade com que sacrificou a vida em defeza da patria.

Cit. a pag. 133.

Delphim, titulo de que usava o principe herdeiro da coroa de França desde que o *delphim de Vienna, Humberto II* (n. em 1313), barão *de Faucigny* e conde *d'Albon,* não tendo descendencia, cedera (em 1349) os seus direitos sobre as terras do *Delphinado (Dauphiné)* ao filho primogenito de *Filippe de Valois,* rei de França, *João,* duque de *Normandia* (n. em 1319), que depois foi *João II.* A cedencia tinha por condição que o herdeiro do throno usasse o titulo de *Del-*

phim de França. O principe que usava este titulo ao tempo da embaixada veiu a ser *Luiz XIV.*

Cit. a pagg. 61 — 65 — 107 — 183 — 200.

Delphinado, *Dauphiné,* antigo governo de França, que comprehende os actuaes departamentos de *Isère* e de *Hautes-Alpes* e uma parte do *Drôme.* Tendo constituido um estado independente, cujo soberano tinha o titulo de *Delphim (Dauphin),* passou no meado do seculo XIV para a coroa de França, sob a condição de que o respectivo herdeiro usasse até ser rei o titulo de *Delphim.*

Cit. a pag. 106.

Deniez *(Monsiur...),* ou antes *de Nier;* na *Lista dos Coroneis e Capitães dos Regimentos francezes* (*Hist.ª do Ex.º, Provas,* t. I, pag. 307) vem mencionado um *João Heitor deniz,* como capitão do regimento de *Gravelines;* no *Rol das pessoas* que vieram na armada de França encontramos, sob o n.º 4, como *capitão incerto* um *M.r de Beniez,* (*loc. cit.,* pag. 309). Documento que diga respeito a qualquer d'estes nomes não achámos nenhum senão a patente de capitão de cavallaria no regimento de *Gravelines* (*loc. cit.,* pag. 319), passada em 26 de Setembro de 1641, a favor de *João Heitor Sr. de Nier;* crêmos pois ser este o verdadeiro nome.

Cit. a pag. 147.

Deportenoire. V. *Portenoire (M.r de).*

Desempont, não encontrámos nenhuma referencia a seu respeito a não ser que o identifiquemos com um *Sr. de St. Paul,* engenheiro que vinha na companhia do engenheiro-mór *Mr. de Lassart,* citado duas vezes no *Rol das pessoas* que vieram de França, uma sob o n.º 26, em que apparece só «*St. Paul* com sete creados» e outra sob o n.º 55 e os seguintes dizeres: «Ingenheiro de la Comp.ª do Sr. *de Lassart.*

— *Ms^r. de Lribaut sr. de st. Paul.* Com dous criados. Hũ lugar Tenente na infantaria e alem disso primo engenheiro que sabe bem as mathematicas». (*Hist.^a do Ex.^o, Provas,* t. I, pagg. 311 e 313). Se *Desempont* corresponde ou não a *de st Paul* não podemos dizer.

Cit. a pag. 146.

Domremy *(Droemy, Damprenio* e *Dompremyo),* villa do departamento dos *Vosges,* 10 kilom. ao N. de *Neufchâteau,* na margem esquerda do *Meuse;* é notavel por ter nascido alli *Joanna d'Arc.*

Cit. a pag. 45.

Duarte *(Dom...),* é o infante d'este nome (n. em 1605), filho do duque de *Bragança D. Theodosio* e portanto irmão de *D. João IV,* que em 1634 partira para Vienna a offerecer os seus serviços ao Imperador, e tomára parte na guerra dos 30 annos. Não tendo sido *D. Duarte* avizado a tempo da revolução de 1640, *Filippe IV* sollicitou e obteve que o imperador *Fernando II* o mandasse prender e lh'o entregasse, ficando encarcerado até á sua morte (em 1649) no castello de Milão. Não é exacto que estivesse prisioneiro em *Nuestat (Neustadt)* como diz o auctor (V. *Ramos Coelho, Historia do Infante D. Duarte,* 2 vol., Lisboa, 1879-80).

Cit. a pag. 51 — 79 — 161 — 162 — 192 — 206.

Dume, ou antes *du Mé,* era o commandante da náo *Vice-almirante, o Cardeal,* na armada do marquez *de Brézé.* (V. *Quadro Elem.,* t. IV, p. I, pag. 44).

Cit. a pag. 144.

Dumenillet *(Mr....),* segundo escreve Franco Barreto, é decerto a mesma pessoa que vem mencionada simplesmente por *Menillet* na lista que o *V^e. de Santarem* publicou no *Quadro Elementar* (t. IV, p. I, pag. 144). como sendo o com-

mandante da náo o *Triumpho* na armada do marquez *de Brézé*.

Cit. a pag. 144.

Durando *(Guilhelmo ..)* (n. em 1230, m. em 1296), foi um notavel escriptor, bispo de *Mende*, auctor do *Rationale divinorum officiorum* e do *Speculum judiciale*.

Cit. a pag. 126.

Durant, provavelmente *Durand*, um dos juizes do tribunal da Rochella, que foram cumprimentar os nossos embaixadores.

Cit. a pag. 16.

Duver *(Senhor de...)*; não é facil adivinhar quem possa ser este presidente, decerto do *Parlamento*, porque nunca o teve o conselho de Estado; tambem não acertamos em descubrir porque o auctor se refere ao segundo marido da mãe de um governador de *Lusignan*, com o qual nem ao menos se encontrou a embaixada.

Cit. a pag. 30.

Eclusa; não encontramos, ao longo do rio *Loire* e na sua margem direita, que o auctor forçosamente seguiu, nenhuma povoação d'este nome; parece-nos pois que elle quererá referir-se a *Escure*, pequena aldeia á beira da estrada e do rio, a meio caminho entre *Amboise* e *Blois*.

Cit. a pag. 39.

Eleonor. V. *Leonor de Guienna*.

Embaixador de Genova, de quem diz o nosso auctor que estivera em Lisboa no tempo de *Filippe III* e conhecera *D. João IV*, ainda como duque *de Barcellos*, é personagem que não conseguimos identificar.

Cit. a pag. 52.

Embaixador de Hollanda, em Paris, a quem se refere Franco Barreto era *Guilherme de Lyere*, senhor *de Oosterwijck*, que fôra nomeado (em 1636) embaixador das *Provincias Unidas* em Paris depois de ter exercido egual cargo em Veneza. (V. *Waddington, La République des Provinces Unies*, t. 1, pag. 287).

Cit. a pagg. 52 — 82.

Embaixador de Inglaterra, que se chamava no dizer de Franco Barreto, *Roberto Signe*, conde de *Leisestrie*, é *Roberto Sydney*, conde *de Leicester;* pois tal era o nome do embaixador de Inglaterra em Paris n'aquella data. (V. *Notes on the Diplomatic Relations of England & France 1603-1688*, de Firth & Lomas, Oxford, 1906, pag. 12).

Cit. a pag. 52 — 82.

Embaixador de Saboya. (V. *Morette*, conde de).

Embaixador de Veneza, era *Angelo Coronaro*, ao tempo em que a embaixada do *Monteiro-mór* estava em Paris. Refere-se a elle Soares d'Abreu a proposito de uns presentes por elle offerecidos.

Cit. a pag. 184.

Embaixadores em Inglaterra e Hollanda. Refere-se o nosso auctor aos nossos embaixadores enviados ás côrtes de Inglaterra e de Hollanda. Eram elles: os que foram a Inglaterra, *D. Antão de Almada* e o dr. *Francisco de Andrade Leitão;* e o de Hollanda *Tristão de Mendonça Furtado.*

Cit. a pag. 7 — 215.

Embaixador... em Suecia, a quem se refere Soares d'Abreu deve ser *Francisco de Sousa Coutinho*, que esteve com effeito na Suecia quando estava em Paris a embaixada do *Monteiro-*

mór, e usou de toda a sua influencia junto do chanceller *Oxenstierna* a favor do desditoso infante *D. Duarte.*

Cit. a pag. 207.

Ena, é o *Aisne,* importante affluente da margem esquerda do *Oise,* que se lhe junta poucos kilometros a montante de *Compiègne;* nasce no departamento de *Meuse,* perto de *Vaubécourt,* atravessa em parte o de *Marne,* passando em *St. Méhould,* depois o de *Ardennes,* banhando *Vouziers* e *Rethel,* e o do seu proprio nome, passando em *Soissons* e acabando no departamento de *Oise.*

Cit. a pag. 108.

Enghien *(Duque de...),* ou *Anguien,* como mais geralmente se escrevia ao tempo da embaixada, era *Luiz II de Bourbon* (n. em 1621), depois, por morte de seu pae, principe *de Condé,* notavel general que ficou conhecido na historia de França por *Le Grand Condé;* era filho de *Henrique II de Bourbon,* principe *de Condé,* e de *Carlota Margarida de Montmorency.* A duqueza de *Enghien* (a que nos referimos em seguida) era uma *Maillé-Brézé,* sobrinha de *Richelieu.*

Cit. a pag. 101.

Enghien *(duqueza de...),* ou antes *Anguien* como mais geralmente se escrevia no seu tempo, era *Clara-Clemencia de Maillé* (n. em 1628), filha *de Urbano de Maillé-Brézé* (V. *Brézé,* marechal). O titulo da duqueza *de Anguien* vinha a esta senhora do seu casamento com *Luiz de Bourbon,* ao tempo duque *de Enghien* (ou *Anguien*) (n. em 1621) depois principe *de Condé.*

Cit. a pagg. 100 — 101.

Entrudo dos Inglezes. Devido aos preconceitos anti-catholicos, foi só em 1751 que a Inglaterra poz em uso a reforma

do calendario ordenada pelo Papa Gregorio XIII em 1582. Esta reforma foi acceite em Portugal desde o principio.

Cit. a pag. 10.

Escalla *(Mons.r de la...)*, segundo diz Soares d'Abreu, devia ser presidente do conselho municipal da Rochella; não é mencionado por Franco Barreto nem d'elle encontramos noticia alguma; de resto é provavel que o meu nome esteja mal escripto, sendo talvez o verdadeiro *Mr. de l'Échelle.*

Cit. a pag. 186.

Escoto. V. *Scot (John Duns...).*

Esol, deve ser *Essonne,* povoação do departamento de *Seine-et-Oise,* sobre o rio do seu nome, que é affluente da margem esquerda do *Sena,* tendo a sua confluencia em *Corbeil; Essonne* é notavel pelas suas fabricas de papel e moagens de cereaes.

Cit. a pag. 121.

Estissac. V. *Rochefoucauld.*

Cit. a pag. 185.

Etampes, antiga cidade, actualmente sub-prefeitura no districto de *Seine-et-Oise,* sobre a estrada directa de *Orléans* a *Paris* e cerca de 50 kilometros ao sul d'esta cidade; *Étampes* está, com effeito no paiz de *Beauce,* não no *Gatinais.* Foi sede de um condado creado em 1327, e elevado a ducado por *Francisco I.*

Cit. a pag. 49.

Favorino era um sophista gaulez que vivia no seculo II e escrevia em grego; tambem citado por Fernão Lopes no prologo da 2.ª parte da *Chronica de D. João I.* As suas obras estão perdidas.

Cit. a pag. 128.

Fernandes *(Medamoysele...)* é a filha de *Gaspar Fernandes de Lião*, que o pae designa por este modo em carta a Christovam Soares d'Abreu, na qual elle proprio assigna *frz de Lion.*

Cit. a pag. 168.

Fernando de... *(Fr...)* é Fr. *Fernando de la Houe,* correspondente do infante *D. Duarte* a quem largamente se refere Ramos Coelho no seu livro tantas vezes citado, e a quem allude Soares d'Abreu.

Cit. a pagg. 193 e 193 n. 1.ª

Ficino pode talvez ser *Massilio Ficino* (1433-1499) theologo e philosopho italiano, que verteu para latim as obras de Platão.

Cit. a pag. 85.

Fidias ou antes *Phidias,* que foi o mais notavel esculptor da antiga Grecia, viveu no seculo de Pericles (v antes de J. C.) por quem foi muito apreciado.

Cit. a pag. 85.

Filippe II, rei de Hespanha. (Franco Barreto escreve *Philippe*) (n. em 1527), casou (em 1559) com *Isabel de França* (n. em 1545), filha de *Henrique II* e *Catharina de Medicis,* que foi sua terceira mulher (m. em 1568); tendo sido a primeira a infanta *D. Maria,* filha de *D. João III,* de Portugal (n. em 1527, m. em 1545) e a segunda *Maria,* rainha de Inglaterra (n. em 1515, m. em 1558). Ainda casou uma quarta vez (em 1570), com *Anna-Maria d'Austria* (n. em 1549), de quem teve o infante *Filippe* (n. em 1578) que veiu a succeder no throno (em 1598) sob a designação de *Filippe III.*

Cit. a pag. 117.

Filippe IV, rei de Hespanha (n. em 1605), subiu ao throno

de Hespanha e de Portugal em 1621, tendo casado antes (em 1615), com *Isabel de França* (n. em 1602), filha de *Henrique IV* e de *Maria de Medicis;* por morte de *Isabel* (em 1644) casou com *Marianna d'Austria,* filha de *Fernando III,* imperador *d'Allemanha,* de quem teve descendencia.

Cit. a pag. 100 e *passim.*

Flavy *(Guilhelmo de...)* segundo Franco Barreto, commandava em *Compendio (Compiègne)* quando *Joanna d'Arc* defendia aquella praça, e é accusado pelo nosso auctor de a ter trahido.

Cit. a pag. 47.

Flechilha e Malagon *(D. Duarte, Marquez de...),* escrevia ao conde *de Brionne* em 1623, segundo refere Soares d'Abreu; não conseguimos saber nada a seu respeito.

Cit. a pag. 204.

Fó; é difficil identificar o logar a que o auctor se quer referir, podendo ser *Fors,* ou então *Pont-de-Vaux,* que são dois pequenos logares sobre a estrada de *Grip* a *La-Mothe-St Héraye* que os nossos diplomatas seguiram.

Cit. a pag. 25.

Fonseca *(Helena da...)* é uma senhora de origem portugueza que recebeu na sua casa de *Surgères* a embaixada e a quem se referem tanto Franco Barreto (a pag. 25) como Soares d'Abreu (a pag. 188). Conclue-se, do que elles dizem, que era filha de *Carlos da Fonseca,* fidalgo portuguez, e foi casada duas vezes; a primeira com um *La Rochefoucauld,* de quem teve um filho, *Carlos,* senhor de *Montandré* e *Monguion (Montguyon?);* e a segunda com um barão de *Réole (La Réolle?), Miguel de Xavier,* que se dizia parente do grande apostolo das Indias, *S. Francisco Xavier.* Não seria de admirar que realmente o fosse por ser o Santo natural de

Xavier, na Navarra hespanhola, haver frequentes relações de familia entre navarros hespanhoes e francezes, e ser *La Réolle* sobre o *Garonne*.

Cit. a pag. 25 — 188.

Fontané Condado, *Fontenay-Le-Comte*, sub-prefeitura no departamento de *Vendée*, situada junto ao rio d'este nome.

Cit. a pag. 26.

Fonteneblô é *Fontainebleau*, sub-prefeitura no departamento de *Seine-et-Marne*, a uns 60 kilometros de Paris. Residencia real desde o x seculo, o seu palacio tem sido successivamente augmentado e reedificado, principalmente por *Francisco I*, *Luiz XIV* e *Napoleão*, e admiravelmente conservada a magnifica floresta que o rodeia.

Cit. a pagg. 121 e segg.

Fontenelles, não encontramos em parte alguma este nome, nem mesmo outro parecido, a menos que o queiramos identificar com o n.º 88 do *Rol das pessoas que vieram de França (Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 315) onde se lê *Se auteuille*, que não é nem pode ser nome francez, mas que se pode confundir com *Fontenelle*, escripto com muito má calligraphia.

Cit. a pag. 146.

Forboe *(Santa Catherina de...)*, deve ser *Ste. Catherine de Fierbois*, celebre logar de peregrinação.

Cit. a pag. 46.

Forgetez *(Mr. de..)*. Não encontramos mencionado este nome em nenhuma lista ou documento.

Cit. a pag. 146.

Francisco de Valois *(El Rey...)* é *Francisco I*, rei de

França (n. em 1494), conde *de Angoulême* e duque *de Valois* (em 1515), que succedeu no throno a *Luiz XII*, seu primo, cuja filha primogenita, *Claudia*, desposára (em 1514). Notavel pelo seu amor das letras e das artes, não o foi menos pela bravura e espirito cavalheiresco, de que deu provas nas suas campanhas contra *Carlos V*, de quem foi vencido e prisioneiro (m. em 1547).

Cit. a pagg. 15 — 41 — 66 — 95 — 117 — 118 — 121 — 122.

Furilhões, *Farilhões*, grupo de ilhéus que fazem parte do pequeno archipelago das *Berlengas*. (V. *Brelengas*).

Cit. a pag. 132.

Gallieno *(Imperador...)*, foi, com effeito, imperador romano, succedendo ao imperador *Valerio*, seu pae, que o associára no governo em 253 e foi feito prisioneiro em 260. Sendo *Gallieno* imperador foram invadidos pelos barbaros a *Gallia*, a *Grecia* e o *Oriente*. Parece-nos porisso bastante duvidoso que este imperador mandasse edificar um palacio em *Poitiers* durante o seu breve governo (m. em 268, com 35 annos).

Cit. a pag. 33.

Gantes, em francez *Gand*, em portuguez *Gante*, cidade da Belgica, capital da *Flandres-oriental*.

Cit. a pag. 40.

Garcilasso, é o celebre poeta hespanhol *Garcia Laso de la Vega*, n. em Toledo, de illustre familia, por 1503; notavel poeta, foi cognominado o *Petrarca* hespanhol e tomou parte em numerosas guerras, morrendo em 1536, deante de Marselha, quando fazia parte do exercito com que *Carlos V* invadiu a França.

Cit. a pag. 187.

Gascunha, *(Gasconha), Gascogne;* região da França que constituia a parte meridional da antiga *Aquitania* ou *Guienna,* e que veiu a constituir os departamentos de *Hautes-Pyrénées, Gers* e *Landes.*

Cit. a pag. 103.

Gastão João Bautista (*Monsiur),* é o irmão de *Luiz XIII* (n. em 1608) *Monsieur,* duque *d'Anjou* (em 1614) e *d'Orléans* (em 1626), casado em primeiras nupcias (1626) com *Maria de Bourbon, duqueza de Montpensier,* de quem teve *Anna d'Orléans,* que succedeu a sua mãe no titulo; e em segundas nupcias com *Margarida de Lorena* de quem não teve descendencia (m. em 1660).

Cit. a pagg. 40 — 48 — 55 — 86 — 96 — 190 — 201.

Gatonoes, Gatinoes, antes *Gatinois,* actualmente *Gatinais.* V. *Montargis,* sua capital.

Cit. a pagg. 49 — 121.

Gaula, *Gaule.* O auctor parece querer referir-se á *Gallia* propriamente dita, ou *Gallia celtica,* comprehendida entre o *Rhodano,* o *Garonna* e o oceano *Atlantico,* para a distinguir da *Aquitania* que comprehendia a *Gasconha.*

Cit. a pag. 103.

Geofredo, *o Dente grande;* não conseguimos averiguar quem seja ao certo este filho de *Melusina;* se porém identificarmos a mãe com *Constança,* princeza de *Antiochia* e mulher de *Raymundo de Poitiers,* (V. *Melusina*), teremos de procurar o filho entre os *Lusignan;* infelizmente o primeiro de quem encontramos noticia é um certo *Hugo,* que vivia em 1165, de quem descendem os reis de Chypre e de Jerusalem.

Cit. a pag. 32.

Gesvres *(Marquez de ..)*, cujo titulo Soares d'Abreu escreve *Gevre*, deve ser *Louis Potier*, (n. em 1610), que serviu com distincção como marechal de campo e morreu no cerco de *Thionville* (em 1643); Soares d'Abreu deve tel'o conhecido, effectivamente, como capitão das guardas *(gardes du corps)*, pois consta que exerceu esse cargo.

Cit. a pag. 183.

Gigantomachia, poema em oitava rima castelhana de *Manuel de Gallegos*, impresso em Lisboa em 1628.

Cit. a pag. 6.

Giraud *(Monsieur...)* designado por *Monsiur Giró*, ou *Girom*, desempenhava as funcções de segundo introductor de embaixadores, como auxiliar do conde *Brulon*; não encotrámos noticia d'elle em parte alguma, senão nas referencias que lhe fazem Franco Barreto e Soares d'Abreu.

Cit. a pagg. 50—105—120—168.

Grande Campo (O); deve ser um *Mr. de Granchamps Briçon*, assim designado sob o n.º 95 no *Rol das pessoas* que vieram na armada de Brézé, (V. *Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 316), como sendo capitão no regimento de cavallaria commandado pelo barão *de Gravelines*. Nenhuma outra menção encontrámos a seu respeito, senão a nota de que foi recommendado ao auctor do *Rol* por *Mr. de la Vergne* para capitão de infanteria ou de cavallaria. Não figura entre os capitães do regimento de *Gravelines* na lista respectiva (*loc. cit.*, pag. 307).

Cit. a pag. 146.

Grão Prior *(da ordem do Hospital ou de Malta)*.. V. *La Porte*.

Gravelines *(Jean-Pierre de la Rocque, baron de...)*,

mencionado por Franco Barreto, tem o n.º 4 na *Lista dos coroneis...* (*Hist.a do Exo., Provas,* t. I, pag. 307), e é o primeiro mencionado no *Rol das pessoas que vieram de França,* (*loc. cit.,* pag. 309) com indicação de que deve ser «Mestre de Campo ou Coronel em um Regimento de Cavallaria» e de que houve a seu respeito «carta de El-Rey». A sua patente de coronel, para um dos regimentos de cavallaria ligeira, é de 26 de Setembro de 1641 (*loc. cit.,* pag. 318). No tomo II das *Provas* (pag. 150 e seg.) publica o Sr. Christovam Ayres dois documentos que dizem respeito a este official, de 22 de Agosto de 1642 e 15 de Junho de 1643, em que elle é designado por *marquez,* continuando com louvavel zêlo no exercicio do seu commando. Nada mais sabemos a seu respeito.

Cit. a pag. 82 e 147.

Grenobla, *Grenoble,* antiga cidade da França na margem esquerda do *Isère;* hoje capital do departamento do mesmo nome e antes capital do *Delphinado,* cuja sorte seguiu até este ser incorporado na França.

Cit. a pag. 106.

Gressean, magistrado que fazia parte do tribunal da Rochella, um dos que foram cumprimentar os nossos embaixadores.

Cit. a pag. 16.

Grude *(M.r de...);* não encontramos o seu nome no *Rol* dos que vieram de França na armada de Brézé; no emtanto, em documentos publicados pelo Sr. Christovam Ayres (*Hist.a do Ex.o, Provas,* t. II, pag. 151 e seg.), vê-se que elle serviu no regimento de cavallaria de *Gravelines,* como tenente, com os capitães *Rocier* (V. *Rosières*) e *Duplecis* (V. *Chivray, Sr. du Plessis*), e que foi promovido a *capitão de Dragões,* em 21 de Janeiro de 1647.

Cit. a pag. 147.

Guilherme IV, duque de *Aquitania*, foi o nono na serie dos duques e o segundo como conde *de Poitiers* por herança de seu pae *Guilherme III*, que falleceu em 963; em 990 abdicou e fez-se frade, morreu em 995. Não pode ter sido irmão de *Melusina*, a feiticeira de quem descendem os *Lusignan* (V. *Melusina*).

Cit. a pag. 30.

Guillon *(duqueza de...)*. V. *Aiguillon*.

Cit. a pag. 167.

Guimine (antes *Guémenée)*. V. *Montbazon*.

Cit. a pag. 201.

Guise *(Duque de...)*, a quem se refere (a pag. 199) Soares d'Abreu, (que escreve *Guisa*), é o IV duque, *Carlos de Lorena* (n. em 1570), filho de *Henrique I (le Balafré)* e irmão de *Claudio de Lorena*, duque de *Chevreuse*. Foi tambem principe *de Joinville*, conde *d'Eu* e duque *de Joyeuse* pelo seu casamento com *Henriqueta Catharina*, duqueza de *Joyeuse*. Succedeu-lhe seu filho *Henrique II*, V duque *de Guise*, adiante mencionado.

Cit. a pag. 199.

Guise, a quem se refere Franco Barreto (a pag. 119), (escrevendo *Guisa*), é o V duque *de Guise*, *Henrique II* (n. em 1614), da casa de *Lorena*, que succedera ao IV duque, *Carlos*, seu pae, (em 1640), como duque de *Guise*, principe *de Joinville* e conde *d'Eu*. Casára (em 1639) com *Anna de Gonzaga*, filha de *Carlos de Gonzaga*, duque de *Mantua* e de *Nevers*. O duque *Henrique II* morreu em 1664 sem descendencia.

Cit. a pag. 119.

Guiton, capitão do galeão *Oquendo*, em que regressáram ao Reino os embaixadores, é designado pelo nosso auctor

como *ugonote da Rochella.* Não encontrámos acerca d'elle indicação alguma e o mesmo nos succedeu com respeito aos capitães dos outros navios, de alguns dos quaes mal nos é dado conjecturar qual pudésse ser o seu verdadeiro nome.

Cit. a pag. 131 e 145.

Gyen, *Gien,* séde de uma sub-prefeitura no departamento de *Loiret,* sobre a margem direita do *Loire,* a montante de *Orléans,* a cuja antiga provincia pertencia.

Cit. a pag. 48.

Harflur é *Harfleur,* pequena cidade do departamento do *Sena-Inferior,* situada na margem direita do rio e junto á sua foz. Antiga cidade fortificada e por vezes disputada nas guerras entre francezes e inglezes: perdeu de todo a sua importancia e pode considerar-se hoje como um arrabalde do *Havre.*

Cit. a pag. 107.

Harum-al-Rachid, califa de Bagdad (n. em 765), succedeu no califado a seu irmão *Muça-el-Hadi* (em 786), e elevou o imperio dos califas do Oriente ao seu maximo esplendor; enviou, com effeito, a *Carlos Magno* uma sumptuosa embaixada acompanhada de valiosos presentes, com o fim de sollicitar o auxilio do imperador do Occidente contra *Irene* e *Nicephoro,* successores de Constantino V no imperio de *Byzancio,* com quem o Califa por vezes esteve em guerra (m. em 809).

Cit. a pag. 94.

Heliogabalo, (Franco Barreto escreve *Heliogabalos*), imperador romano, filho illegitimo e successor de *Caracalla,* foi proclamado imperador em 217 (A. C.), e ficou celebre pelos seus vicios, os seus desvarios e os seus crimes; morreu cinco annos depois (em 212 A. C.), assassinado pelos pretorianos que o seu procedimento indignára.

Cit. a pag. 148.

Hen, é *Ham*, cabeça de cantão no departamento do *Somme*, situada na margem esquerda do rio d'este nome; tem apenas de notavel o castello, que por vezes serviu de prisão a presos politicos.

Cit. a pag. 105.

Henault, é *Hainaut*, actualmente provincia do reino da *Belgica*, cuja capital é *Mons*. Condado independente do seculo v ao xi, uniu-se então ao de *Flandres* e passou com este para a casa de *Borgonha* e a casa *d'Austria*. Parte d'elle veiu a ser incorporada na França, em 1659 e 1678, unindo-se porém depois novamente aos *Paizes-Baixos*, em 1814, e á *Belgica*, em 1830.

Cit. a pag. 103.

Henrique II, *duque de Normandia* (n. em 1133), era filho de *Mathilde de Inglaterra* e de *Godofredo Plantagenet*, conde *de Anjou* e duque *de Normandia*. *Henrique* foi (em 1149) duque *de Normandia* por cedencia paterna e por sua successão duque *d'Anjou* e do *Maine* (em 1151); casando com *Leonor de Guienna* (em 1152), adquiriu o ducado *d'Aquitania* com o condado *de Poitiers*, que vieram a juntar-se com a coroa de Inglaterra, na qual *Mathilde* e *Henrique* succederam a *Estevão de Blois* (em 1154). Cedeu então *Henrique II* o ducado *de Normandia* ao filho primogenito (em 1168) *Henrique III* e, morrendo este sem deixar posteridade (em 1183), retomou o pae para si o ducado e conservou-o até á sua morte (em 1189). Succedeu-lhe *Ricardo, Coração de Leão*, que foi rei *d'Inglaterra*, duque *de Normandia* e *d'Aquitania*, conde *de Poitiers*, *d'Anjou* e *de Maine*.

Cit. a pag. 31.

Henrique II, *rei de França* (n. em 1519), era filho de *Francisco I* e de *Claudia de França*, filha de *Luiz XII*, e veiu a succeder a seu pae por ter morrido (em 1536) seu irmão mais

velho *Francisco;* casára antes d'isso (em 1533) com *Catharina de Medicis,* filha de *Lourenço II de Medicis,* duque *de Urbino.* Morreu em 1559, succedendo-lhe seu filho *Francisco II.*

Cit. a pagg. 116—118.

Henrique III, *rei de França* (n. em 1551, m. em 1589), filho de *Henrique II* e de *Catharina de Medicis,* foi eleito rei da Polonia (em 1573), quando reinava em França seu irmão, *Carlos IX.* Por morte d'este, sem descendencia legitima (m. em 1574), succedeu-lhe no throno paterno e resignou a coroa de Polonia. Foi elle, com effeito, o fundador da ordem do Espirito Santo, em 31 de Dezembro de 1578, commemorando a sua ascensão ao throno de Polonia, e depois ao de França, no dia de Pentecostes, dia em que a egreja commemora a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos.

Cit. a pagg. 30—43—96.

Henrique IV, *rei de França* (n. em 1553), fôra antes rei de Navarra (em 1572), succedendo a *Henrique III* ultimo rei da casa *de Valois,* que morrera sem deixar posteridade (em 1589), e cuja irmãa *Margarida de Valois,* desposára (em 1572). É certo ter elle tomado *Amiens* aos hespanhoes, que n'aquelle mesmo anno (de 1597) tinham conquistado a cidade.

Cit. a pagg. 33—37—41—63—104—109—118—121—122 124.

Henriqueta Maria de França. (Franco Barreto escreve *Henrica*) (n. em 1609) é a filha de *Henrique IV* e de *Maria de Medicis* que (em 1625) desposou *Carlos I, rei de Inglaterra,* e cuja existencia seguiu a sorte atribulada d'aquelle infeliz rei. Em 1641 é possivel que *Maria de Medicis* estivesse na côrte de Inglaterra onde ainda se conservava sua filha. *Henriqueta Maria de França* esteve algum tempo em Inglaterra depois da restauração de *Carlos II,* seu filho, mas voltou

para o convento *de Chaillot*, que fundára, e morreu em França em 1669.

Cit. a pag. 119.

Hipergervilla, é *Augerville-la-Rivière*, pequena povoação no departamento de *Loiret* na margem esquerda do rio *Essonne*, com uma ponte sobre este rio, uns cinco kilometros a montante de *Malesherbes*; ficava no caminho de *Fontainebleau* a *Orléans* por *La Chapelle-la-Reine* e *Pithiviers*. Convém não confundir este *Augerville* com *Angerville*, citada no itinerario que a nossa embaixada seguiu á ida para Paris.

Cit. a pag. 124.

Honflur é *Honfleur*, cidade cabeça de cantão no departamento de *Calvados*, situada na margem esquerda do *Sena*, junto á sua foz. Teve outr'ora importancia como porto de mar e foi disputada durante as guerras com os inglezes e as luctas religiosas; está hoje muito decahida por effeito da proximidade do Havre.

Cit. a pag. 107.

Hugo Capeto, *rei de França*, fundador da terceira dynastia (n. por 941), foi proclamado rei em 987, por morte de *Luiz V*, ultimo representante da dynastia *carlovingia*, e em detrimento do tio d'aquelle, *Carlos* duque *de Lorena*, que disputava a coroa. Tendo consolidado a sua situação e mantido a unidade dos seus estados morreu, em 996, transmittindo a coroa a seu filho *Roberto*. Com respeito á faculdade de curar as alporcas nada podemos accrescentar ao que diz o auctor, nem mesmo confirmal'o.

Cit. a pagg. 16 — 80 — 111.

Hurault *(Philippe... conde de Chaverny)*, (1508-1599), é decerto a quem se quer referir Franco Barreto sob o nome de *Huralto Xevernio (Philippe)*; foi chanceller de França,

governador das provincias de *Orléans* e de *Chartres, Étampes, Blois, Amboise, Dunois* e *Loudunois*.

Cit. a pag. 41.

Iffante, o *Infante*. V. *D. Duarte*.

Cit. a pag. 161 e *passim*.

Ilha de Adam, *Ile-Adam*, cabeça de cantão no departamento de *Seine-et-Oise*, na margem esquerda do *Oise*, a un 50 kilometros de Paris.

Cit. a pag. 108.

Ilha de França, *Ile de France*, antiga provincia situada em torno de Paris, que comprehendia o departamento do *Sena*, e a maior parte dos de *Seine-et-Oise*, *Seine-et-Marne*, *Oise* e *Aisne*, bem como uma pequena porção dos de *Loiret* e *Nièvre;* d'ella se pode dizer que foi sempre o coração da França.

Cit. a pagg. 103 — 107.

Ilha de Rey, *Ile de Ré*, ilha junto á costa de França (20 kil. por 7 kil.) a N O de *La Rochelle*, que conjuntamente com a ilha de *Oleron* cobre e protege a entrada dos portos de *La Rochelle* e *Rochefort*. A sua povoação principal é, com effeito, *São Martinho* ou antes *St. Martin-de-Ré*, na costa septentrional da ilha.

Cit. a pag. 10.

Imperador, é *Fernando III* (n. em 1608), imperador d'Allemanha em 1637, que succedeu a seu pae *Fernando II*, em cujo reinado começára a guerra dos trinta annos, vendo-se *Fernando III* obrigado a terminal'a com a paz de Westphalia (em 1648). Foi este imperador que entregou o infante *D. Duarte* ao rei de *Hespanha*, seu cunhado, practicando um

acto, altameete reprehensivel, é certo, mas que as relações entre os dois ramos da *casa d'Austria* facilmente explicam.

Cit. a pag. 162.

Indre, ou Lindre (por *l'Indre*), affluente da margem esquerda do *Loire*, que nasce perto de *St. Sevère* (o *São Severo* do auctor) e ao sul de *La Châtre* no antigo *Berry*, quasi no limite do departamento a que dá o nome com o de *Creuse;* depois de banhar *Chateauroux* e *Chatillon-sur-Indre*, entra no departamento de *Indre-et-Loire* e lança-se no *Loire* a jusante de *Tours*.

Cit. a pag. 125.

Infanta Archiduqueza, é *Isabel Clara Eugenia* (n. em 1566), filha de *Filippe II*, que foi regente dos *Paizes-Baixos*, e casou (em 1599) com o Archiduque *Alberto d'Austria*, filho de *Maximiliano II*, imperador *d'Allemanha* (n. em 1621).

Cit. a pag. 192.

Iorgeo, *Jargeau*, antiga cidade fortificada na margem esquerda do *Loire*, 15 kilometros a S. E. de *Orléans*, cabeça de cantão do departamento de *Loiret*. Tomada pelos inglezes em 1420, perdida e readquirida por elles, foi definitivamente reconquistada por *Joanna d'Arc* em 1429.

Cit. a pag. 46.

Isabel de França, *rainha de Hespanha* (n. em 1545), era filha de *Henrique II* e *Catharina de Medicis;* e casou (em 1559) com *Philippe II, rei de Hespanha*, de quem foi terceira mulher (m. em 1568).

Cit. a pag. 117.

Isara ou Lisara, *Isère* em francez, *Isara* em latim; rio que o auctor confundio com o *Oise* por terem ambos o mesmo nome latino; o *Isère* nasce na encosta S O do monte

Iseran, na *Saboya,* antigo condado de *Moriana (Maurienne)* passa em *Montmeillan,* rega o departamento a que dá o nome, banha *Grenoble,* e lança-se no *Rhodano,* 10 kilometros a jusante de *Valence,* no departamento de *Drome.*

Cit. a pag. 106.

Jardin *(Monsieur du...).* Franco Barreto chama *Monsiur de Jardim* a um velho e rico negociante francez, que estivera em Portugal, e era possuidor de uma casa de campo no arrabalde da *Villette,* onde recebeu os nossos embaixadores. Christovam Soares d'Abreu, nas *Advertencias para França,* refere-se largamente a este *Mr. du Jardin.*

Cit. a pagg. 53 — 191 e seg. — 212.

Joana, *rainha de Navarra,* (n. em 1273), era filha de *Henrique I,* rei *de Navarra* e conde *de Champagne,* de quem foi successora; casou (em 1284) com *Filippe IV* de França, *(Philippe-le-Bel),* continuando porém a reger os seus estados de Navarra até a sua morte (1305). Foi, com effeito, ella a fundadora (em 1304) do *collegio de Navarra,* que fazia parte da universidade de Paris e tambem foi conhecido por collegio de *Champagne.*

Cit. a pag. 114.

Joanna (a *Poncella*) é *Joanna d'Arc,* designada por *La Pucelle d'Orléans,* heroina lendaria da guerra entre francezes e inglezes no seculo xv, personnificação do mais puro e desinteressado patriotismo; foi ha pouco tempo beatificada.

Cit. a pag. 44 e segg.

Juivudi, é *Juvisy,* pequena povoação do departamento de *Seine-et-Oise,* sobre a margem do *Orge* affluente da margem esquerda do *Sena,* e situada perto d'este rio.

Cit. a pag. 121.

Julião Apostata, é o imperador romano *Flavius Claudius Julianus* (n. em 331), sobrinho de *Constantino*, que (em 355) foi nomeado governador da *Gallia* e habitou alguns annos Paris *(Lutecia)*. Proclamado imperador (em 361) pelas tropas do seu commando, abjurou do christianismo sem comtudo perseguir os christãos, e fez importantes conquistas na *Armenia* e *Mesopotamia*; ferido em combate, morreu ao fim de dois annos de imperio. Foi homem austero, virtuoso e illustradissimo tendo deixado importantes escriptos. Deve ter sido elle, com effeito, o constructor dos dois *Castellos (Chatelet)* a que o nosso auctor se refere, e que certamente não foram construidos por *Julio Cesar*.

Cit. a pag. 119.

Lamego *(Bispo de...)*. V. *Portugal (D. Miguel de...)*.

Lanier, residente de França em Portugal durante longos annos; segundo se deprehende do que diz (a pag. 212-213) Soares d'Abreu, já aqui estava em Setembro de 1641, no exercicio de funcções administrativas. Franco Barreto designa-o como «do Concelho de Estado» (a pag. 146), e dá-o como vindo na armada do marquez *de Bréze*. Em 1642 passou a residente de França, substituindo *Saint-Pé*, e demorou-se em Portugal longos annos

Cit. a pagg. 146 — 185 — 186 — 213.

La Porte *(Amédée de...)*, frequentemente designado por *Commendador de la Porte*, era *Grão-Prior de França* na ordem de *S. João de Jerusalem*, intendente geral da navegação, governador da *Rochella*, *Brouage* e *Aulnis*, e tio *de Richelieu* por ser irmão de *Suzanna de la Porte*, casada com *Francisco du Plessis*, senhor de *Richelieu* e mãe do *Cardeal-Duque*. Outro sobrinho do *Grão-Prior* era *Charles de la Porte*, marechal de *La Meilleraye*. *Amédée de la Porte* morreu em Paris em 31 de Outubro de 1644. (V. P. *Anselme*, *Histoire*

Généalogique de la Maison de France, t. IV, pag. 624). V. o que diz a seu respeito Soares d'Abreu a pag. 185.

Cit. a pagg. 12 e segg. — 131 — 132 — 148 — 157 — 161 — 177 — 184 — 185 — 187 — 200.

Laurens *(Michel de...),* talvez seja um *M.r de Clarens* que Franco Barreto menciona. Este *Mr. du Laurens* vinha, ao que parece, muito recommendado aos embaixadores pelo *Marquez (de la Mothe?),* e por *Mr. de Lavergne,* suppõe-se tambem ser parente de *Lanier;* e tudo isto consta do *Rol* (*Hista. do Exo., Provas,* t. I, pag. 314) onde tem o n.º 72. O sr. *Christovam Ayres* dá-nos ainda um documento em que este mesmo *Laurens* é promovido a capitão de cavallos, dizendo-se que é recommendado pelo rei de *França,* em 23 de Junho de 1645 (*Op. cit.,* t. II, pag. 260).

Cit. a pag. 147.

La Vergne *(Barão de...),* mencionado como tal por Franco Barreto entre os francezes que acompanharam o marquez de *Brézé;* só encontramos comtudo o seu nome como *Msr. de la Vergne,* sem titulo nobiliario, no *Rol das pessoas* que vieram na armada (*Hista. do Exo., Provas,* t. I, pag. 316), sob o n.º 95, com a indicação de ser recommendado *M.r de Granchamps Briçon* (sic), ao auctor do *Rol* para commandante de uma companhia de infanteria ou de cavallaria. Nenhuma outra noticia vimos a seu respeito entre os documentos publicados na *Hista. do Exo.*

Cit. a pag. 146.

Lefó, *Le Fau,* é uma pequena aldeia proximo da margem direita do *Indre.* Nada tem que vêr com *Leret-ableré,* isto é, com *Bléré,* na margem esquerda do *Cher,* e com *Dierré,* pouco afastado da margem direita d'este mesmo rio. O auctor confundiu tudo.

Cit. a pag. 39.

Lemos *(Dom Denis, Conde de...)*, cuja filha *Dona Messia (sic)* acompanhou a Saboya a infanta *D. Beatriz* (em 1521), não era decerto um fidalgo portuguez; devia ser um fidalgo gallego, muito aparentado com familias portuguezas, e um dos antepassados do conde *de Lemos, D. Pedro Fernandes de Castro* (n. em 1576 e m. em 1622 em Madrid), que foi vice-rei de Napoles, e de um outro a quem foi confiada a guarda da fronteira da Galliza quando o *duquè d'Alba* invadiu Portugal (em 1580).

Cit. a pag. 204.

Leonor de Guienna (Franco Barreto escreve *Eleonor*, (n. em 1122) é a filha primogenita de *Guilherme X*, duque *de Guienna* e conde *de Poitiers*, casada em primeiras nupcias com *Luiz VII*, rei de França (em 1137) e, depois de repudiada por este (em 1152), casada em segundas nupcias com *Henrique*, duque *de Normandia* e conde *d'Anjou*, que foi feito rei *d'Inglaterra* (em 1154), sob o titulo de *Henrique II*, tronco dos *Plantagenets* (V. *Henrique II*, duque *de Normandia*).

Cit. a pag. 32.

Leret, é *Loiret*, rio de brevissimo percurso, afluente da margem esquerda do *Loire*, que corre de leste para oeste poucos kilometros ao sul de *Orléans* e desemboca a jusante da cidade.

Cit. a pag. 49.

Leret-ableré, sob esta designação deve o auctor ter querido referir-se a duas povoações distinctas: *Bléré*, cabeça de cantão do departamento de *Indre-et-Loire*, 10 kilometros ao S. de *Amboise*, na margem esquerda do *Cher*, onde havia uma ponte; e talvez *Dierré*, a dois ou tres kilometros da margem direita do mesmo rio na direcção de *Amboise*.

Cit. a pag. 39.

Lexin; *Vexin?* Nos dois *Vexin,* quer seja no *francez,* quer no *normando,* não encontramos localidade cujo nome se possa confundir com *Meung,* ou com *Méhun,* senão *Melun,* no *Vexin-français.* (V. *Vexin* e *Melun*).

Cit. a pag. 125.

Lião *(Gaspar Fernandes de...),* negociante residente em Paris, natural de Flandres mas descendente de avós portuguezes e francezes; homem muito estimado, que muito obsequiou a embaixada do Monteiro-mór. Soares d'Abreu refere-se largamente aos seus serviços, dizendo que elle informava os embaixadores das visitas de côrte que deviam fazer, receitava remedios para a doença do Dr. Coelho de Carvalho e dava até o seu voto ácerca das tapeçarias com que os embaixadores haviam de ser presenteados. Damos cinco cartas suas no *Documento IV;* e indicações que lhe dizem respeito a pag. 164 n.

Cit. a pagg. 164 e segg. — 192 — 212.

Lilla Buxart é *L'ile Bouchard,* cabeça de cantão do departamento de *Indre-et-Loire,* situada n'uma ilha que forma o rio *Vienne,* logo abaixo da confluencia do *Manse* e no caminho entre *Tours* e *Richelieu.*

Cit. a pag. 127.

Loere é o rio *Loire.* Com um percurso de 1000 kilometros, atravessa muitas das mais ricas provincias do centro a oeste da França, sendo um dos seus rios mais importantes; nasce nas serras de *Montpezat* (limite da *Haute-Loire* e *Ardèche*), corre primeiro para o N e N O, depois para S O e O e vae desaguar no Oceano a jusante de *Nantes.*

Cit. a pagg. 39 — 40 — 124.

Longueville (tambem *Longavilla* e *Longeville*). Refere-se

Franco Barreto (pag. 55) ao palacio dos duques d'este titulo, que eram considerados principes do sangue real, descendentes do celebre *Dunois* (n. em 1402, m. em 1468), bastardo *d'Orleans*, e companheiro d'armas de *Joanna d'Arc*. Era duque *de Longueville*, ao tempo da embaixada, *Henrique II d'Orleans* (n. em 1595), que, depois de ter exercido importantes cargos durante o reinado de *Luiz XIII*, fez parte do conselho de regencia na menoridade de *Luiz XIV* e foi plenipotenciario no congresso de Munster. Casou em primeiras nupcias com *Luiza de Bourbon*, filha de *Carlos de Bourbon*, conde *de Soissons* e de *Anna de Montafié* (V. *Suason*) e depois com *Anna Genoveva de Bourbon-Condé*, por cuja instigação tomou grande parte nas luctas civis da *Fronde* (m. em 1663).

Cit. a pagg. 55 — 119 — 167.

Longueville *(Madamoiselle de...)* era *Maria de Orleans-Longueville* (n. em 1625), unica filha do primeiro matrimonio de *Henrique II d'Orléans* (n. em 1595, m. em 1663), duque *de Longueville*, com *Luiza de Bourbon-Soissons* (n. em 1603, m. em 1637), filha de *Carlos de Bourbon*, conde *de Soissons* e *de Dreux*, e de *Anna*, condessa *de Montafié* (m. em 1644). Com effeito, como diz Soares d'Abreu, *M.elle de Longueville*, que foi depois duqueza *de Nemours*, pelo seu casamento com *Henrique de Saboya* duque *de Nemours* (em 1657), era neta da condessa *de Soissons*, mãe do conde *de Soissons*, *Luiz de Bourbon*.

Cit. a pag. 201.

Lope *(Monsieur de...)*, homem rico e intrigante, decerto judeu e *Lopes*, que Soares d'Abreu suspeita de ter compromettido junto *de Richelieu* o nosso embaixador na Hollanda, *Tristão de Mendonça Furtado*, referindo-se tambem a outros factos com o mesmo judeu passados e que não abonam a sua discreção.

Cit. a pag. 192.

Lorena, *Lorraine,* antiga *Lothringia,* constituida em monarchia independente (em 855), depois simples ducado (em 959) que se tornou hereditario (em 1048), veiu a ser uma provincia da França (em 1766). Comprehendia ultimamente os departamentos de *Meuse, Meurthe-et-Moselle* e *Vosges.*

Cit. a pag. 45.

Lorena *(Duque de...),* era, em 1641, o XXVII duque, *Nicolau-Francisco* (n. em 1609), que fôra cardeal e deixára de o ser para succeder ao XXVI duque, *Carlos III* (n. em 1604). Tivéra este a coroa ducal (em 1624) por abdicação de seu pae o XXV duque, *Francisco II* (em 1624), e a transmittira dez annos depois ao duque *Carlos III* (1634), a quem, sob este nome, se refere Soares d'Abreu. Quanto ao duque *Anrique,* é o XXIV, *Henrique II* (n. em 1563), irmão primogenito do XXV duque *Francisco II,* que herdára de seu pae o ducado (em 1608) e morrêra em 1624.

Cit. a pag. 204.

Luc, não encontramos menção de localidade d'este nome nos dois departamentos que constituiam o *Poitou;* ha, com effeito *Luc-sur-Mer* no *Calvados* e *Luc-en-Provence* no *Var;* tambem não encontramos menção de nenhum ducado de *Luc* em França; em Italia é que havia um de *Lucca,* cujo nome francez é *Lucques.*

Cit. a pag. 26.

Lucas *(Ruy Correa...),* portuguez residente em Paris, a quem se refere Soares d'Abreu, sem comtudo dar qualquer indicação a seu respeito.

Cit. a pag. 181.

Lucena *(Francisco de ..),* por quem foram referendadas as instrucções para os embaixadores e decerto o seu auctor;

é o habil secretario d'Estado de el-Rei *D. João IV*, que tão bem dirigiu a politica externa de Portugal em seguida á restauração. Chamando-o a desempenhar o seu importante cargo em 31 de Janeiro de 1641, deu *D. João IV* uma eloquente prova do seu espirito ponderado e tolerante; aproveitava assim a experiencia adquirida por aquelle ministro durante trinta annos de carreira publica e em especial na secretaria d'Estado em Madrid. Intrigas, rivalidades e invejas sacrificáram este bom funccionario e deram-lhe com morte violenta, no patibulo, a paga dos serviços prestados ao paiz.

Cit. a pagg. 79 — 211 — 212.

Luciano é um conhecido escriptor grego (n. por 120, m. por 200) do segundo seculo da nossa era. Primeiro advogado em Antiochia, depois rhetorico e sophista, andou pela Asia e pela Grecia, pela Italia e pela Gallia, recitando os seus discursos e deixou varios e interessantes escriptos, em que se mostra philosopho espirituoso e arguto.

Cit. a pag. 128.

Ludumoes, deve ser *Loudumois*, referindo-se a *Loudun* e sua comarca, no departamento de *Vienne*, sub-prefeitura, 44 kilometros a N O de *Poitiers*, terras que estavam certamente comprehendidas no governo da provincia de *Poitou*.

Cit. a pag. 26.

Luis, filho de *Dagoberto I*, fundador *St. Denis*, nunca existiu, que se saiba; os filhos d'aquelle rei foram *Sigeberto*, que lhe succedeu como rei da *Austrasia* (n. em 630, rei em 632, m. em 650) e *Clovis*, rei de *França* (V. *Clovis*); o auctor deve querer referir-se a *Clovis*, cujo nome decerto ouviu mal ou não soube copiar.

Cit. a pag. 95 — 121.

Luiz VII, rei de França (n. em 1120, rei em 1137), era filho

de *Luiz VI*, de quem herdou a coroa; foi casado em primeiras nupcias com *Leonor de Guienna* (V. este nome), que lhe trouxe o ducado de *Guienna* e o condado *de Poitiers;* porém repudiando-o perdeu esses importantes dominios que passaram para a coroa de Inglaterra com a dynastia dos *Plantagenet*, e vieram ser a causa da guerra dos cem annos.

Cit. a pag. 32.

Luis (que Franco Barreto designa por o *sancto Rey Luis*), é *S. Luiz*, IX do nome na serie dos reis de França (n. em 1215), filho de *Luiz VIII* e de *Branca de Castella*, que governou o reino durante a sua menoridade (1226-1236). Grande santo e grande rei, tomou parte n'uma primeira crusada por elle mesmo organizada (em 1248), esteve prisioneiro no Egypto, regressou a França, por morte da Rainha mãe, que exercia a regencia; e ainda tentou uma nova crusada em 1270, morrendo de peste em *Tunis* n'esse mesmo anno. As suas virtudes, e particularmente o seu amor da justiça, foram mesmo em sua vida de tal modo apreciadas que logo lhe grangearam fama de santo.

Cit. a pagg. 81 — 92 — 93 — 94 — 96 — 112 — 113 — 114 — 121 — 122 — 129.

Luiz XI, rei de França, filho de *Carlos VII* e de *Maria d'Anjou* (n. em 1423), subiu ao throno por morte de seu pae (em 1461); foi um politico sagaz e astuto e um rei util á França, comquanto as suas qualidades moraes o tornem profundamente antipathico. Succedeu-lhe seu filho *Carlos VIII* (em 1483). Foi, com effeito, *Luiz XI*, o instituidor da ordem de S. Miguel, creada no 1.º d'Agosto de 1469, em honra d'aquelle santo patrono da França, como bem diz Franco Barreto. *Luiz XI* fazia alarde constante da sua devoção, talvez para fazer perdoar a sua falta de escrupulos.

Cit. a pagg. 43 — 97.

Luiz XII (n. em 1462), primeiro rei do ramo de *Valois-Orleans*, era bis-neto paterno de *Carlos V*, rei de França (n. em 1337, m. em 1380); e veiu, por extincção da linha primogenita e ausencia de parente mais proximo, a succeder a *Carlos VIII* (n. em 1470) que morrêra em 1498. Não tivemos ensejo de averiguar se foi, com effeito, este rei que mandou construir a ponte a que se refere o nosso auctor.

Cit. a pagg. 41 — 108.

Luiz XIII, rei de França, cognominado o *Justo*, era filho de *Henrique IV* e de sua segunda mulher *Maria de Medicis*, (n. em 1601), herdou a coroa por morte de seu pae em 1610, sendo a regencia exercida por sua mãe durante a menoridade. Casou em 1615 com *Anna d'Austria*, filha de *Filippe III* de Hespanha (n. em 1601).

Cit. a pag. 23 e *passim*.

Lusinhã (tambem *Lusinhan*) é *Lusignan*, cabeça de cantão no departamento de *Vienne*, 23 kilometros a S. O. de *Poitiers*.

Cit. a pagg. 26 — 30 — 129.

Luson é *Luçon*, cidade, cabeça de cantão no departamento de *Vendée* e sub-prefeitura de *Fontenay-Le-Comte*, 26 kilometros a O. d'esta cidade e a 8 kilometros do mar. Foi antigo bispado, tendo sido o cardeal *Richelieu*, bispo de *Luçon*.

Cit. a pag. 26.

Luthero *(Martinho)*, reformador da egreja, nasceu em *Eisleben* (Saxe) em 1483, foi frade agostinho e professor na universidade de *Witemberg*, enviado a Roma em 1510; mas descontente com o procedimento *de Leão X* com respeito á sua ordem, levantou a bandeira da revolta contestando varios dogmas da egreja catholica e sustentando a necessidade de a reformar. Pode dizer-se d'elle que foi o principal iniciador

das grandes luctas que dividiram a egreja christaã (m. em 1546).

Cit. a pag. 37.

Lymusin é *Limousin,* antiga provincia de França, que tinha por capital a cidade de *Limoges* e comprehendia o actual departamento de *Corrèze* e parte do de *Haute-Vienne.*

Cit. a pag. 103.

Lyra *(Guilhelmo de..., barão de Dooster Wick)* é *Guilherme de Lyere, senhor de Oosterwijck,* embaixador das Provincias-Unidas em Paris (V. *Embaixador de Hollanda*).

Cit. a pagg. 52 — 82.

Macedo *(Manoel Freyre de...),* é mencionado como estribeiro do Monteiro-mór.

Cit. a pag. 51.

Macedo *(Padre Francisco de...),* é o *P.e Francisco de Santo Agostinho de Macedo,* celebre polygrapho (1596-1681). Professou primeiro na Companhia de Jesus, donde passou para a ordem Franciscana. Foi incumbido por D. João IV de varias missões diplomaticas; e o Papa Alexandre VII o nomeou mestre de controversia no Collegio de Propaganda Fidi e lente de historia ecclesiastica na Sapienza. Tendo perdido as graças do Pontifice, foi para Veneza, e a Republica lhe conferiu as honras de cidadão e a cadeira de philosophia moral na Universidade de Padua. As obras do erudito franciscano mencionadas por Franco Barreto são as seguintes: 1) *Panegyrico Apologetico pro Lusitania vindicata a servitute injusta, ab jugo iniquo, a tyrannida immani Castellae* etc. (Paris, 1641, Lisboa. 1641, Barcelona, 1641); 2) *Jus succedendi in Lusitaniae Regnum Dominae Catharinae* (Paris, 1641); a traducção portugueza foi feita em quinze dias e dedicada ao cardeal *Richelieu,* que segundo refere a *Biblioteca*

Lusitana, desejava ver os fundamentos por onde a corôa de Portugal não pertencia á de Castella; 3) *Apendix libri de actu et jure possidendi Serenissimi Regis Joannis IV.* Supponho que as «inscripções» referidas por Franco Barreto sejam os dois opusculos citados por Barbosa Machado: *Statua equestris Ludovici XIII* (Paris, 1641, Lisboa, 1641 e 1683) e *Cardinalis Julio Mazzarino pro recens donata purpura elogium* (Paris, 1641, Lisboa, 1683).

Cit. a pagg. 117—182 e 182 n.

Mac Swiney *(Mauricius. .)? (M.r de Machuy* para Franco Barreto; é certamente um dos officiaes mais difficeis de identificar. Na *Lista dos Coroneis e Capitães* (*Hist.a do Ex.o, Provas,* t. I, pag. 308), temos um coronel de infanteria *Mauricio Maesiey,* que, por exclusão de partes, deve ser o nosso; os seus capitães são: *Anrrique Marast s.r de loges, Luis de la Mote s.r de la Prelle e Guilhermo Giroult s.r de la nardin.* Se formos ao *Rol das pessoas* encontramos lá (*loc. cit.,* pag. 316); *Le Colonel Mac suny hirlandes;* mas encontramos tambem: n.º 61 *de la Perelle,* capitam de Inf.ria no regto do *Colonel Masfuy,* olandez; n.º 65 «*de la Verdée* (?), Capitam no reg.to de *Macfuy;* n.º 68 *de Marast,* Capitam no reg.to *de Macfuy.* A patente ainda nos induziria em maior confusão, porque é passada em nome de *Mauricio Manssoy;* é de coronel de um dos terços de infanteria, com a mesma data, 26 de Setembro de 1641, que as dos outros trez coroneis, *Viole d'Athis, Hugo O'Reilly* e *Walter Tirrel* (*ob. cit.,* t. II, pagg. 208 e seg.). D'aqui concluimos que um official irlandez, *Mauricius Mac Swiney,* foi nomeado coronel de infanteria e teve sob suas ordens trez capitães francezes: *Henri de Marast s.r de Loges; Louis de la Motte, s.r de la Pérelle* e *Guillaume Giroult s.r de Lavardens.* Se estes não eram os seus nomes deviam ser muito parecidos; nada mais encontramos a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Madama, é sem a menor duvida *Christina de França*, filha de *Henrique IV* e de *Maria de Medicis* (n. em 1606), que, tendo casado (em 1620) com *Victor Amadeu I*, duque *de Saboya*, foi, por morte do marido (em 1637), declarada regente e estava, em 1641, governando o ducado em nome de seu segundo filho, *Carlos-Manoel II* (n. em 1634), que succedera ao primogenito *Francisco-Jacintho*, fallecido um anno depois do pae (1638).

Cit. a pag. 86.

Mademusella *(Mademoiselle* ou *la Grande Mademoiselle)*. V. *Montpensier (Duqueza de...)*.

Cit. a pag. 55—100.

Mahé *(Sébastien de... S.r de la Souche)*, é o quinto na *Lista dos Coroneis...*, onde apparece como *Sr. de la Souche*, (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 307); no *Rol das pessoas que vieram de França* tem o n.º 34, chamam-lhe simplesmente *M.r de Mahé*, com a nota: «Para dragões ou carabineiros por ordem de El-Rey Christianissimo e Ms.r de... (sic)», (*loc. cit.*, pag. 311); a sua patente é de 26 de Setembro de 1641 e para coronel de cavallaria ligeira (*loc. cit.*, pag. 318). Do que o Sr. Christovam Ayres diz a seu respeito (*Provas*, t. II, pagg. 204 e segg), parece deduzir-se que *M.r de Mahé* era recommendado por *M.r de Chavigny*, e que apesar d'isso se não poude conservar em Portugal em consequencia do seu mau comportamento. É de notar que as patentes dos officiaes nomeados para o seu regimento designam-n'o por *Sebastian de Mahé, S.r de Plessis (loc. cit.*, t. I, pag. 319 e seg.).

Cit. a pag. 147.

Mailly *(Barão de...)*, não o encontramos mencionado nem no *Rol* das pessoas que vieram na armada do marquez *de Brézé* nem nos variadissimos documentos publicados pelo

Sr. *Christovam Ayres* nos trez volumes de *Provas* da sua *Historia do Exercito Portuguez*.

Cit. a pag. 146.

Maiolo, talvez possa identificar-se com o medico italiano *Lorenzo Maggiolo* (1440-1501).

Cit. a pag. 85.

Malezes deve ser *Maillezais*, cabeça de cantão no departamento de *Vendée*, 12 kilometros a L. de *Fontenay-Le-Comte*, a cuja sub-prefeitura pertence; foi sede de uma abbadia de benedictinos (extincta em 1648), porém não foi bispado, como diz o auctor.

Cit. a pag. 26.

Manta é *Mantes*, sub-prefeitura do departamento de *Seine-et-Oise*, na margem esquerda do *Sena*, bonita e antiga povoação a uns 48 kilometros de Paris; saqueada pelos Normandos no seculo xi e successivamente conquistada por inglezes e francezes, ficou definitivamente em poder d'estes no meado do seculo xv.

Cit. a pag. 107.

Mantua. V. *Nevers*.

Cit. a pag. 167.

Marca *(Monsiur de la...)* ou *Dom Francisco de la Marcha*, nome porque é designado (a pag. 70) o mesmo auctor de um *Panegyrico de Richelieu*. É de suppor que seja algum *François de la Marche* ou *Delamarche*, escriptor de escassa fama visto que o não encontramos citado, nem a elle nem á sua obra.

Cit. a pagg. 59 — 70.

Margarida de França. designada por *Margarita* (a

pag. 117) por Franco Barreto, é a filha mais nova de *Francisco I* e de *Claudia de França*, (n. em 1523), que, (em 1559), casou com *Manoel Filisberto, duque de Saboya*, um dos pretendentes ao throno de Portugal por ser filho da nossa *Infanta D. Beatriz*, neto portanto de el-Rei *D. Manoel;* d'este matrimonio descenderam os duques *de Saboya*, sendo neta de *Margarida de França* a duqueza *de Mantua, Margarida de Saboya*, que era regente de Portugal em 1640.

Cit. a pag. 117.

Margarida de Valois, que Soares d'Abreu designa (a pag. 181) por *Raynha Margarita*, é a filha de *Henrique II*, rei de França, e de *Catharina de Medicis* (n. em 1552), que casou (em 1572) com *Henrique de Bourbon*, rei *de Navarra* e depois *de França*. Repudiada por este (em 1599), falleceu sem descendencia em 1615, depois de ter residido em Paris, n'um palacio que lhe foi destinado, a expensas de *Luiz XIII*, seu enteado.

Cit. a pag. 181.

Maria de Medicis (n. em 1573), filha de *Francisco I de Medicis*, grão-duque de Toscana, casou (em 1600) com *Henrique IV*, rei de França, e foi mãe de *Luiz XIII* (n. em 1601). Por morte de *Henrique IV* assumiu a regencia; mas entregou em grande parte o poder á sua compatriota *Leonor Galigai* e ao marido d'esta *Concino Concini*, exercendo-o elles por forma tal que *Luiz XIII*, apenas chegado á maioridade, teve de os expulsar da corte e pouco depois de exilar a rainha-mãe, que depois de ter estado em Bruxellas e em Londres veiu a morrer em Colonia em 1642.

Cit. a pagg. 56 — 109 — 119 — 192.

Marigni *(Enguerrando de...)*, ou de *Marigny*, foi primeiro ministro e valido do rei *Filippe o Bello* e feito por elle

conde *de Longueville*; o que elle não foi é senhor de *Cucy (Coucy)*, como diz Franco Barreto, que confunde *Enguerrand de Marigny* (n. em 1260) com *Enguerrand de Guines*, senhor de *Coucy*. *Marigny* foi, por morte de *Filippe*, victima dos invejosos do seu poder e riqueza, condemnado sem ser ouvido e justiçado (em 1315).

Cit. a pag. 118.

Marsilhac, não encontramos menção de nenhuma localidade proximamente com este nome no *Poitou*, ha sim *Marcillac*, no *Aveyron*, *Marcillat*, no *Allier*, e *Marcilhac*, no *Lot*; e houve um principe de *Marcillac*, depois duque de *La Rochefoucauld*, notavel escriptor do seculo xvii.

Cit. a pag. 26.

Masarin *(Mons.r...)*, é *Giulio Mazarini*, ou *Mazzarino*, italiano, oriundo d'uma familia siciliana protegida pelos principes *Colonna* (n. em 1602). Seguindo na sua mocidade a carreira das armas, fôra agente de *Richelieu* na Italia, sendo por elle encarregado de varias missões diplomaticas em que muito se distinguiu. Em 1632 deixou a vida militar e abraçou a carreira ecclesiastica, alcançando desde logo dois canonicatos em egrejas de Roma, continuando porém a servir a França e indo para Paris, em 1640; foi então que *Luiz XIII* e *Richelieu* diligenciaram alcançar para elle a purpura cardinalicia, conseguindo que fosse feito cardeal em 1641. Vê-se, pelo que diz Soares d'Abreu, que lhe apreciou as qualidades e previu o seu auspicioso futuro.

Cit. a pagg. 203 — 204.

Mascarenhas *(P.e Ignacio de...)*, da Companhia de Jesus (n. em 1607), irmão do conde de *Santa Cruz*, foi escolhido, logo em seguida á restauração, para ir entender-se com os catalães, revoltados contra o dominio castelhano, que encontravam na França um decidido e poderoso auxilio. No seu

regresso ao Reino o P.e *Mascarenhas* veiu por França, trazendo comsigo da Catalunha um avultado contingente de officiaes e soldados portuguezes, que alli estavam servindo.

Cit. a pagg. 21 — 186.

Masirez *M.r de...)*, que deve ser *Pierre de B... (?), Sr. de Mazères;* é um dos officiaes cujo nome é mais difficil decifrar e cuja biographia militar, em Portugal, é mais pobre de documentos. A *Lista dos Coroneis e Capitães* (*Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 308), dá-o como coronel d'um regimento de dragões e chama-lhe: *Pedro de Btefuril S.r de Maztres;* o *Rol das pessoas que vieram de França*, sob o n.º 31 e a designação de coronel de dragões, escreve: *Ms.r de Mazeros* (*loc. cit.*, pag. 311), mas, no mesmo *Rol*, escreve o nome do seu regimento duas vezes *Mazeres* e uma vez *Mazeros;* no extracto da patente (*loc. cit.*, pag. 320), que é de 26 de Setembro de 1641, chama-se-lhe *Pedro de Berfueit, s.r de Mageros.* Eis o que sabemos a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Mehun sobre Yeura é *Méhun-sur-Yèvre*, cabeça de cantão do departamento do *Cher*, antigo *Berry*, 15 kilometros a N. O. de *Bourges*, que o auctor receia poder confundir-se com *Meun*, ou antes *Meung-sur-Loire.*

Cit. a pag. 125.

Mel-leraye *(Marechal de la...)*, é o marechal de *la Meilleraye* (ou *la Melleraye* conforme elle proprio assignava), *Carlos de la Porte* (n. em 1602), sobrinho da mãe de *Richelieu* e do grão-prior *La Porte;* foi feito grão mestre da artilheria em 1634, marechal em 1639 e duque em 1642, tendo passado por ser competentissimo nas guerras de sitio, muito em uso nas campanhas do seu tempo. Morreu em 1664.

Cit. a pag. 168.

Melleraye *(Marechala de la...*, ou *Meilleraye)*, cujo nome Soares d'Abreu escreve *Milheré*, é *Maria de Cossé-Brissac*, casada (em 1637) com *Carlos II de la Porte*, marechal, duque e grão mestre d'artilheria. A duqueza morreu em 1710 com oitenta e nove annos.

Cit. a pag. 185.

Mello *(Pedro de...)*, filho do Monteiro-mór que o acompanhou na sua embaixada e veiu a morrer em Paris, em 24 de abril de 1641, com 20 annos de idade. A sua morte foi muito sentida pelo pessoal da embaixada, que o tinha em grande estima, e deu occasião a que fossem feitos ao Monteiro-mór, por parte de *Luiz XIII*, da *Rainha*, de *Richelieu* e da côrte, as mais expressivas manifestações de consideração e de apreço.

Cit. a pagg. 54 — 82 — 83 — 168.

Melusina, que Franco Barreto diz ser irmãa de *Guilherme IV*, duque *d'Aquitania* e fundadora da *Rochella* é uma personagem bastante phantastica, que passava por feiticeira e figura muito nos romances de cavallaria e nas lendas do *Poitou*. Se dermos credito á tradição que faz d'ella tronco dos *Lusignan*, reis *de Chypre*, teremos de a identificar com *Constança*, filha de *Boemundo II*, principe de *Antiochia* (m. em 1131), e de sua mulher *Alice*, filha de *Balduino II* rei de Jerusalem (m. em 1131); esta *Constança-Melusina* foi casada com *Raymundo de Poitiers* (m. em 1148), que era irmão de *Guilherme X*, ultimo duque de *Aquitania* (m. em 1137); foi este mesmo quem conquistou a Rochella sobre os seus possuidores d'então, os senhores de *Mauléon*. Do matrimonio de *Raymundo* e *Constança* descendem os *Lusignan*, principes *d'Antiochia* e reis de *Chypre*.

Cit. a pagg. 22 — 30 — 32.

Mena (ou *Mans*), *Matne*, antiga provincia de França, que

hoje constitue os departamentos de *Sarthe* e de *Mayenne*, tendo por capital a cidade de *Le Mans*.

Cit. a pag. 103.

Mendes *(Heitor)*, filho de *Francisco Mendes de Brito*. V. *Brito*.

Cit. a pag. 131.

Mendonça (*Tristão de...*, outros escrevem *Mendoça*) é *Tristão de Mendonça Furtado*, que foi por embaixador á Hollanda (em 1641). Filho de *Pedro de Mendonça*, governador de Chaúl, foi um dos conjurados da revolução de 1640; chamado a fazer parte do Conselho foi depois nomeado para a mais difficil de todas as embaixadas, a não ser talvez a de Roma; muito censurado pelos escriptores contemporaneos e pelos que d'elles copiáram, é de esperar que ainda venha a ser-lhe feita justiça cabal.

Cit. a pagg. 7 — 215.

Menillet. V. *Dumenillet*.

Menna, não shbemos a que palacio se refira sob esta designação Franco Barreto. Poderia ser o palacio dos duques *du Maine;* mas o titulo de duque *du Maine*, restabelecido por *Henrique II* para seu filho *Henrique*, fôra cedido por este a seu irmão o ultimo duque *du Maine, Francisco*, tambem duque *d'Alençon*, filho bastardo de *Henrique II* e de *Diana de Poitiers*, que morreu sem descendencia (em 1584), incorporando-se o ducado novamente na coroa. Em 1641 não havia portanto duque *du Maine;* é comtudo possivel que a designação de *Hotel du Maine* se conservasse, comquanto a familia a que pertencêra estivesse de ha muito extincta.

Cit. a pag. 119.

Mentor, celebre cinzelador grego que viveu no seculo de

Pericles, eximio em trabalhar o bronze, a prata e o ouro; muitas das suas obras primas ornamentavam o templo de *Diana* em *Epheso*.

Cit. a pag. 85.

Mere (*O...*) é *Pierre-Lemaire*, que foi tambem chamado *Poussin*, por ter sido discipulo de *Nicolas Poussin*, celebre pintor (n. em 1590, m. em 1665) e verdadeiro fundador da escola franceza. *Pierre-Lemaire* (n. em 1597, m. em 1659), foi, com effeito, o auctor das afamadas perspectivas de *Bagnolet* e de *Rueil*, ha muito tempo destruidas.

Cit. a pag. 86.

Mesieres, antes *Meżières*. Ha duas povoações deste nome em França: uma cidade, capital do departamento das *Ardennes*, sobre o *Meuse*; e uma villa, cabeça de cantão do departamento de *Haute-Vienne*; nenhuma d'ellas tem nada que vêr com o rio *Oise*, apesar do que diz o auctor.

Cit. a pag. 108.

Messia *(D.)*. V. *Lemos (Conde de...)*.

Cit. a pag. 204.

Meulan *(Mehun ?)*. Cabeça de cantão no departamento de *Seine-et-Oise*, situada na margem direita do *Sena*, poucos kilometros a jusante da confluencia do *Oise*. Antigamente fortificada, *Meulan* era uma das principais povoações do *Vexin-français*.

Cit. a pag. 125.

Meun-sobre-o-Loere, é certamente *Meung-sur-Loire* ou *Méhun-sur-Loire*, na margem direita d'este rio a jusante de *Orléans*, cabeça de cantão no departamento do *Loiret*.

Cit. a pag. 125.

Michael Angelo é *Michelangelo Buonarotti*, architecto, esculptor e pintor notabilissimo, que floresceu em Italia no fim do seculo xv e nos tres primeiros quarteis do xvi (n. em 1474, m. em 1563); natural da Toscana foi altamente apreciado por *Lourenço de Medicis*, o *Magnificente*, tendo depois da morte d'este seu generoso amigo e protector ido para Roma, onde os papas *Julio II, Leão X, Paulo III e Julio III* lhe permittiram dar largas ao seu variadissimo talento e realizar as suas obras immortaes, a todas as quaes sobresahe a basilica de S. Pedro. Tendo trabalhado muito pouco para França, não garantimos que em Richelieu houvesse obras suas.

Cit. a pag. 128.

Miguel de Vasconcellos, secretario d'estado junto da duqueza *de Mantua*, regente de Portugal em nome de *Filippe IV*, profundamente detestado em consequencia das suas exacções e violencias; foi a unica victima da revolução de 1 de Dezembro de 1640, morrendo ás mãos dos conspiradores quando estes se apossavam da secretaria d'estado.

Cit. a pag. 56.

Milet *(D. Germão)* é *Simon-Germain Millet*, benedictino francez (1575-1547) auctor de *(inter alia) Le Trésor Sacré, ou inventaire des Saintes reliques et autres précieux joyaux de l'église et du trésor de Saint-Denys* (Paris, 1638).

Cit. a pagg. 89 — 91.

Miron, antes *Myron*, celebre estatuário grego, contemporaneo de *Phidias*, que viveu no iv seculo antes de Christo.

Cit. a pag. 85.

Mobile *(Dom Vincelo...)*, não encontrámos noticia d'este agente do *Collector*, a que Franco Barreto se refere e cujo nome deve estar alterado; é de suppor que *Vincelo* seja *Vin-*

cenzo, quanto ao apellido não podemos formular nenhuma hypothese fundamentada. (V. *Colleitor).*

Cit. a pag. 52.

Monceaux, actualmente *Monceau;* era ao tempo da embaixada uma pequena aldeia, ao N. O. de Paris, onde havia um bello parque real. Hoje o parque é um jardim publico e a aldeia um dos melhores bairros da capital da França. Ignoramos porque o auctor lhe chama *Monte-de-Aguas.*

Cit. a pag. 122.

Montargis, hoje sub-prefeitura no departamento de *Loiret,* outr'ora principal povoação da região conhecida pelo nome de *Gatinais,* que fazia parte da provincia de *Orléans (Orléanais).*

Cit. a pag. 48.

Montbazon *(Duque de...),* é *Hercule de Rohan,* casado (em 1628) com *Marie de Bretagne,* filha de *Claude de Bretagne,* conde *de Vertus.* Este duque morreu em 1654 e a duqueza em 1657; quanto ao principe de *Guémené* (e não *Guiminée*) deve ser o filho primogenito e successor do marquez, que usaria o segundo titulo da casa.

Cit. a pag. 201.

Montmelião é *Montmeillan,* povoação do departamento do *Isère,* na margem esquerda d'este rio, pouco a montante do ponto em que elle sahindo da *Saboya,* ainda não annexada, entrava no *Delphinado* e portanto na França.

Cit. a pag. 106.

Montigny *(Commendador de...),* commandante da náo *almirante a Virgem,* na armada do marquez *de Brézé.* (V. *Quadro Elem.,* t. IV, p. I, pag. 44). É de notar que Franco Barreto menciona tambem uma *capitania* sem indicar o seu

nome, designação que se não usava na marinha franceza, emquanto o *Quadro Elem.* allude a náo *almirante* e *vice-almirante;* não lográmos conciliar as suas indicações.

Cit. a pag. 143.

Montjouant *(Claude de... Baron de Cornau)*, que Franco Barreto designa por *Monsiur de Monjovente, Barão,* deve ser o terceiro inscripto na *Lista dos coroneis*... com o nome de *Claudio de Montjouuent Baron de Cornau* (*Hist^a. do Ex^o.*, *Provas*, t. I, pag. 307); no *Rol das pessoas que vieram de França*... lê-se sob o n.º 10 o seguinte nome: *Msr. Le baron de Mouinuant con (sic) Verteman,* accrescentando-se que trouxe dois creados, e alludindo a uma carta de *M^r. Trão de lião* (Fernandes de Lião); diz-se mais que é um bom mestre de campo de cavallaria (*loc. cit.*, pag. 310); no extracto da patente, que é de 26 de Setembro de 1641 (*loc. cit.*, pag. 318) é designado por *Claudio Montjouuant Baron de Cornó,* e destina-se-lhe um regimento de cavallaria ligeira. De outras noticias publicadas tambem pelo Sr. Christovam Ayres (t. II, pag. 226 e seg.) deduz-se que este official se conservou em Portugal até 1643, tendo feito ainda a campanha d'esse anno.

Cit. a pag. 147.

Montpensier *(Duqueza de...)*, é *Anna Maria Luiza de Orleans* (n. em 1627), filha de *Gastão,* duque *de Orleans* (n. em 1608), irmão de *Luiz XIII,* e de sua primeira mulher *Maria de Bourbon,* duqueza *de Montpensier,* de quem *Anna Maria* herdou titulos e bens. Esta duqueza *de Montpensier* era geralmente designada por *Mademoiselle* ou *La Grande Mademoiselle,* e ocupava, na ausencia de seu pae, o primeiro logar na côrte (m. em 1693).

Cit. a pagg. 55 — 100 — 201.

Montpesat ou *Montpezat,* montanhas onde o rio *Loire* tem a sua origem e que fazem parte do massiço das *Céven-*

nes, que separa a bacia do *Rhodano* da vertente do Atlantico.

Cit. a pag. 39.

Moretto *(Conde de...)*, cujo nome Franco Barreto escreve *Morete*, é manifestamente o representante do duque *de Saboya*, que vemos mencionado na correspondencia de *Mazarins* só por conde *de Moretto*, sem indicação do titulo de marquez *de Chiusa* que o auctor lhe attribue; quanto á designação de *Mordomo de Madama*, refere-se muito naturalmente Franco Barreto ao cargo de côrte que o embaixador teria junto de *Madame Royale*, irmãa de *Luiz XIII*, duqueza viuva de *Saboya* e regente do ducado na menoridade do filho. (V. *Madama*).

Cit. a pagg. 52—86.

Morlaye *(Henri de la...)*, cavalleiro de Malta, foi muito recommendado aos nossos embaixadores pelo conde *de Brulon*, de quem era muito parente. Figura na *Lista dos coroneis e capitães* a pag. 308, e no *Rol* a pag. 310 com o n.º 17, a sua patente é de 26 de Setembro de 1641 e para o regimento de dragões de *Mazères*, a que parece vir já destinado (*Hist.ª do Ex.º*, t. I, *Provas*). Dos documentos publicados no t. II, (pag. 181 e segg.), parece, porém, deduzir-se que *H. de la Morlaye* era irmão d'um Cavalleiro de Malta, que morreu, e a quem succedeu como capitão de cavallaria no regimento de *Chantéreine*. Não sabemos como conciliar a *Lista*, o *Rol*, a patente e os documentos de 20 de Abril de 1643 (*Provas*, t. II, pag. 182 e segg.); seria preciso para averiguar o caso confrontar varios documentos, coisa que não tivemos occasião de fazer.

Mostrel *(M.r de...)*, não encontramos este nome mencionado em parte alguma.

Cit. a pag. 146.

Motta, *La-Mothe-Saint-Héraye,* cabeça de cantão no departamento de *Deux-Sèvres,* situada na margem direita de *Sèvre-Niortaise* a montante de *Niort.*

Cit. a pagg. 25 — 26 — 129.

Motte Aigron *(Senhor de la...),* deve ser *Jacques Aigron,* senhor de *la Mothe,* capitão de cavallaria e conselheiro da *curia presidial (sic)* da Rochella, um dos que foram cumprimentar os nossos embaixadores. (V. *P.e Arcèze, Histoire de la Rochelle,* t. II, pag. 542).

Cit. a pagg. 16 — 17.

Mussy, *Mussy l'Evêque,* ou *Mussy-sur-Seine,* cabeça de cantão no departamento do *Aube;* fica na margem esquerda do *Sena,* junto ao ponto onde este rio, sahindo do departamento de *Côte d'Or,* entra no do *Aube.*

Cit. a pag. 107.

Nemours *(Duque de...)* é *Carlos Amadeu de Saboya,* (n. em 1624), filho de *Henrique I de Saboya,* duque *de Nemours,* (n. em 1572), casado (em 1618), com *Anna de Lorena,* filha unica do duque *d'Aumale;* e fallecido em 1632. Tendo o duque *Carlos Amadeu* casado com *Isabel,* duqueza *de Vendome,* bis-neta de *Henrique IV* e de *Gabriella d'Estrées,* d'este matrimonio nasceu *Maria Francisca Isabel de Saboya,* conhecida em França por *M.elle de Nemours,* que foi rainha de Portugal. Por morte de *Carlos Amadeu* (m. em 1652), succedeu-lhe como duque *de Nemours* seu irmão *Henrique II* (n. em 1625), que casou (em 1657) com *M.elle de Longueville (Maria d'Orleans Longueville).*

Cit. a pagg. 104 — 199.

Nevers *(Princezas Maria* e *Anna de...),* devem ser as filhas de *Carlos de Gonzaga-Clèves* (n. em 1580), que herdára de sua mãe, *Henriette de Clèves,* o titulo de duque *de Nevers;*

fora elle feito duque *de Mantua* (em 1627) e morreu em 1637. Só este podia ser designado, em 1641, por *veterano duque;* pois o duque *Carlos III* (n. em 1629), tinha apenas 12 annos de edade, regendo em seu nome o ducado a duqueza viuva. O palacio *de Nevers* (a que se faz referencia a pag. 119) era naturalmente habitado pelas duas princezas, mencionadas a pag. 167.

Cit. a pag. 119—167.

Niort, cidade capital do departamento de *Deux-Sèvres*, situada na margem esquerda de um dos rios que lhe dão o nome, a *Sèvre-Niortaise.*

Cit. a pagg. 25—26.

Nojon é *Noyon,* cabeça de cantão no departamento do *Oise,* perto do rio, embora não banhada por elle, 22 kil. a N. E. de *Compiègne.* É uma antiquissima cidade que foi durante algum tempo capital do imperio de *Carlos Magno,* e onde foi coroado *Hugo Capeto.*

Cit. a pag 108.

Nojon *(Conde de...).* Não encontrámos mencionado semelhante titulo; havia sim o titulo de conde de *Noyon,* mas esse era inherente ao cargo de bispo da diocese, bem como a dignidade de Par; o bispo-conde *de Noyon* era um dos raros pares ecclesiasticos que havia em França no antigo regimen.

Cit. a pag. 83.

Normandia, uma das mais ricas e mais importantes provincias da França, que comprehendia os actuaes departamentos de *Seine Inférieure, Eure, Calvados, Manche* e uma parte do *Orne.*

Cit. a pag. 107.

Noronha *(D. Garcia de...)*, sobrinho de *Affonso de Albuquerque*, acompanhou o tio nas suas mais gloriosas conquistas mostrando valor, energia e aptidões de commando. Regressando ao reino foi mais tarde nomeado para governar a India, succedendo a *Nuno da Cunha*. Desembarcando alli quando estava prestes a terminar o cerco de *Diu*, ainda partiu para soccorrer os defensores, mas chegou depois de levantado o cerco. Fez um mau governo, dando provas de grande ambição pessoal, que o levava a sacrificar em beneficio proprio os interesses que lhe estavam confiados.

Cit. a pag. 15.

Nova *(o paúl de)*. Não pudémos encontrar indicação alguma acerca de semelhante paúl.

Cit. a pag. 107.

Novailler *(Abbade de...)*, mencionado por Franco Barreto como tendo acompanhado o marquez *de Brézé*, é pessoa cujo nome não encontramos no *Rol das pessoas* que vieram na armada, publicado na (*Hist^a. do Ex^o.*, *Provas*, t. 1, pag. 309), nem em qualquer outra lista ou documento. De resto o nome deve estar adulterado, podendo ser *Noailles* ou *Navailles*, que são dois apellidos conhecidos, e muito illustre o primeiro.

Cit. a pag. 146.

Noyers *(Mr. de...)* é *François Sublet de Noyers*, que fôra feito *intendente de finanças* em 1626 e passára a secretario d'Estado em 1636, cargo que ainda conservava em 1641. Em 1643 foi substituido por *Michel le Tellier* e morreu em 1645. *Mazarin*, receando o seu prestigio e a sua possivel influencia no animo da Rainha, fez quanto poude para affastar da côrte este perigoso rival.

Cit. a pag. 202.

Nuestat de Austria é *Neustadt de Austria* ou *Wienerish-Neustadt* para onde, segundo Franco Barreto, foi levado o infante *D. Duarte*, irmão de *D. João IV;* mas n'isso enganou-se, pois está provado, segundo Ramos Coelho, que o Infante nunca lá esteve.

Cit. a pag. 79.

Nunes da Costa *(Duarte...)*, que era consul de Portugal em Hamburgo, foi um dos agentes que mais dedicadamente se empenharam na libertação do infante *D. Duarte*, como pode vêr-se pela sua correspondencia com o conde da *Vidigueira*, tão frequentemente citada por *Ramos Coelho* na sua *Historia do Infante D. Duarte*. Deve ser este mesmo um *Duarte Nuñes* mencionado n'uma carta de *Gaspar Fernandes de Lião* para *Christovão Soares d'Abreu*, como devendo escrever aos embaixadores.

Cit. a pag. 170 — 207.

Oesa, *Oise* em francez, *Oesis* ou *Isara* em latim; rio que nasce em *Sélogne*, na Belgica, nos confins do departamento do *Aisne*, que atravessa, passando em *Guise* e *La Fère;* depois entra no departamento a que dá o nome, passa em *Compiègne*, e vai lançar-se no *Sena* em *Conflans*, departamento de *Seine-et-Oise*, depois de ter regado *Pontoise*.

Cit. a pagg. 106 — 107 — 108.

Oliveiros *(Pero de...)*, era o interprete da embaixada, como tal por vezes citado por Franco Barreto; mas nem o nosso auctor dá sobre elle qualquer indicação nem temos a seu respeito noticia alguma. O Monteiro-mór e o seu companheiro não entendiam o francez (vide pag. 17), o que acontecia a quasi todos os embaixadores portuguezes dos primeiros annos da Restauração. Francisco de Sousa Coutinho aprendeu a lingua na Hollanda, Antonio de Sousa de Macedo escrevia em francez quando estava em Inglaterra, mas não

consta onde o aprendesse. Nas suas *Advertencias*, Christovão Soares d'Abreu aconselhava ao Conde da Vidigueira que se applicasse á lingua franceza «pera entender tudo o que lhe dizem e manda dizer, porque estar ouvindo falar sem entender aquillo mesmo que a mim me importa, alem de ser cousa mui fria, não deixa de parecer falta» *vide supra*, pag. 181.

Cit. a pagg. 6 — 34 — 63.

Olona, poderia corresponder a *Olonne*, velho burgo fortificado da costa de França no departamento da *Vendée;* mas é mais provavel que se refira a uma cidade maritima que lhe fica a 5 kil. de distancia, *Sables d'Olonne*, actualmente subprefeitura, a 67 kil. a N O de *La Rochelle*.

Cit. a pag. 10.

Orcheza, *Orchèze*, pequena povoação a N O de *Blois*, que não sabemos porque merece ao auctor as honras de ser citada.

Cit. a pag. 42.

Orliens, *Orléans*, importante cidade de mais de 60.000 habitantes, antiga capital da provincia e governo de *Orléanais*, actualmente capital do departamento de *Loiret;* fica situada na margem direita do rio *Loire*.

Cit. a pagg. 34 — 45 — 46 — 49 — 124.

O'Reilly *(Hugh)* era um official irlandez, cujo nome tanto Franco Barreto como o auctor do *Rol das pessoas que vieram de França* com a embaixada escrevem *Aurelio* (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 316); ao passo que na *Lista dos Coroneis e Capitães* e em todos os documentos officiaes que o Sr. Christovam Ayres cita ou transcreve, vem escripto *Orelio* (*Hist.ª do Ex.º, Provas*, t. I, pag. 308; t. II, pag. 209, 512 e 513; t. III, pag. 425 e seg.). Tudo nos leva a crêr que o seu verdadeiro nome seja o que indicamos, por ser um

apellido muito conhecido da Irlanda. Sabemos que veiu para Portugal com sua mulher e mais sete pessoas de familia na armada do marquez *de Brézé*, que teve patente de coronel de infanteria em 26 de setembro de 1641, e que era recommendado pelo rei de França e pelo cardeal *Richelieu*. A principio destinado a servir no Alemtejo (Novembro de 1641), foi logo mandado para Traz-os-Montes (24 de janeiro de 1642), levando comsigo os officiaes nomeados para o seu terço e ordem ao governador da Provincia para que organizasse este sem detença ouvindo sempre o conselho do coronel, que devia ser homem experimentado.

Nenhum outro documento conhecemos a seu respeito senão um parecer do Conselho de Guerra de setembro de 1655 (*Hist.ª do Ex.º*, *Provas*, t. III, pag. 425) ácerca da pretenção que *O'Reilly* manifestára, de vir servir novamente no exercito com o posto de Mestre de Campo, «que largou por acudir a seu Pay natural quando começarão as guerras em Inglaterra». A pretenção não foi deferida mas foi-lhe abonada uma ajuda de custo para poder regressar a França.

Cit. a pag. 147.

Orpheo, e outros personagens da mythologia grega, ou da historia mais ou menos fabulosa da Grecia, pareceu-nos inutil identifical'os ou dar a respeito d'elles qualquer indicação, porque nada teem directamente com a nossa embaixada.

Cit. a pag. 61 e *passim*.

Parabère, *Conde, Visconde, Mademoiselle, de...* V. *Bodean;* quanto á *Condessa,* V. *Pardaillan.*

Cit. a pag. 27 e *passim*.

Pardaillan d'Armagnac *(Catharina, Condessa de..)*, cujo nome Franco Barreto escreve *Pardilhan*, e Soares d'Abreu *Pardaillan* e *Pardelhan*, era tambem, pelo seu casamento com *Henrique de Baudéan*, condessa *de Parabère* e marqueza

de la Mothe Saint-Héraye. Foi por elles e em sua casa luxuosa e bizarramente hospedada a embaixada do Monteiro-mór tanto na ida como no regresso.

Cit. a pagg. 27 e segg. — 189.

Paris *(Chevalier de...)* é o *Cavaleiro de Pario, Maltez,* que Franco Barreto menciona e com effeito commandava a náo *o Cysne* na armada do marquez de Brézé. (V. *Quadro Elem.,* t. iv, pag. 44).

Cit. a pag. 144.

Paronna, *Péronne,* sub-prefeitura do departamento do *Somme,* situada na margem direita d'este rio a montante de *Amiens.* Cidade muito antiga e fortificada, nunca foi tomada, apesar de ter passado ao dominio dos duques de *Borgonha* no seculo xv, depois do que voltou ao dominio da *França.*

Cit. a pag. 105.

Parrhasio, celebre pintor grego que floresceu uns 420 annos antes de Christo, contemporaneo e rival de *Zeuxis.*

Cit. a pag. 85.

Paté deve ser *Patay,* cabeça de cantão do departamento de *Loiret,* nas terras de *Beauce,* que faziam parte da antiga provincia de *Orléans.* Foi, com effeito o logar d'uma celebre batalha, que se realizou a 18 de junho de 1429, e na qual os francezes, conduzidos por *Joanna d'Arc* e o celebre *Dunois (João,* conde *de Longueville* e *de Dunois,* filho bastardo de *Luiz,* duque *d'Orleans)* desbarataram os inglezes e fizeram prisioneiro *Talbot,* um dos seus principaes caudilhos.

Cit. a pag. 46.

Penha de França *(Nossa Senhora da...).* A casa referida é a igreja do mesmo titulo, situada num monte sobranceiro á cidade de Lisboa. Estava então a cargo dos Eremitas de

N. S. da Graça; e alli se guardava uma imagem milagrosa da Virgem. (Vide *Corographia Portuguesa* do P.e Carvalho da Costa, t. III, pag 419).

Cit. a pag. 9.

Pepino-o-Breve, filho de *Carlos Martel*, succedeu a seu pae, com o mesmo titulo de *maire du palais*, no governo de *Neustria* e de *Borgonha* (em 741), e mais tarde, por desistencia de seu irmão *Carlomano* (em 747) tambem no de *Austrasia*. Foi finalmente, depois de ter promovido a deposição de *Childerico III*, coroado rei da França (em 752), fundando assim a dynastia dos *Carlovingios* (m. em 768).

Cit. a pag. 95.

Philippe II, rei de França, mais conhecido na historia por *Filippe-Augusto* (n. em 1165, rei em 1180, m. em 1223) e celebre pela cruzada que conjuntamente com *Ricardo Coração de Leão*, rei de Inglaterra, elle organizou e commandou. Foi, com effeito, como diz Franco Barreto, avô de *S. Luiz*, rei de França.

Cit. a pagg. 92 — 109 — 111 — 118.

Philippe IV, rei de França, mais conhecido por *Philippe-le-Bel* (n. em 1268), era filho de *Filippe III* e *Isabel de Aragão*. Casando com *Joanna de Navarra*, filha e herdeira de *Henrique I*, rei de Navarra, que herdou esta coroa, foi rei de Navarra, em 1284, e rei de França, por herança de seu pae em 1285; morreu em 1305.

Cit. a pagg. 43 — 48 — 118.

Picardia, *Picardie*, antiga provincia que comprehendia o actual departamento do *Somme* e parte do *Aisne* e tinha por capital *Amiens*. Successivamente dominada por *Inglaterra*, ou incorporada nas *Flandres* e no *Ducado de Borgonha*, foi

definitivamente reconquistada por *Henrique IV de França* no fim do seculo XVI, sobre os hespanhoes.

Cit. a pagg. 103 — 104 — 105.

PINEDA *(Juan de...)* é um escriptor hespanhol que publicou *La Monarquia ecclesiastica ó Historia universal del Mundo,* em 1588 (Salamanca, 14 vol.).

Cit. a pag. 45.

PICQUENY, *Picquigny,* cabeça de cantão no departamento do *Somme,* situada na margem esquerda d'este rio, a jusante de *Amiens* e a montante de *Abbeville.*

Cit. a pag. 105.

PILIERS é nome que não encontramos mencionado em parte alguma; mas no *Rol das pessoas* que vieram na armada lê-se, sob o n.º 75, *Boulieres* sem mais nada, e não haverá difficuldade em acreditar que, ouvindo mal ou escrevendo mal, o redactor do *Rol* confundisse um nome com o outro (*Hist.a do Ex.º, Provas,* t. I, pag. 315).

Cit. a pag. 146.

PIVIÉ deve ser *Pithiviers,* sub-prefeitura no departamento do *Loiret,* situada no caminho ainda hoje seguido entre *Fontainebleau* e *Orléans,* na margem esquerda do *Essonne.*

Cit. a pag. 124.

PLINIO, o *antigo* ou o *naturalista,* é um dos mais notaveis escriptores scientificos da antiguidade, podendo dizer-se que tudo quanto conhecemos do que no seu tempo se sabia de geographia e de sciencias naturaes a elle o devemos, comquanto se perdesse uma grande parte dos seus livros. Nascido em 23 da nossa era, morreu em 79 ao observar uma erupção do Vesuvio.

Cit. a pag. 85.

Plutarcho, notavel escriptor latino, cujos paralellos entre as vidas dos homens illustres da Grecia e de Roma nunca foram excedidos. O nosso auctor cita-o muito frequentemente; assim a pag. 21, a proposito da vida de *Romulo*, o trecho de *Plutarcho* a que se refere Franco Barreto é o seguinte: «Inde posteris quoque morem perhibente traditum ut propinquos feminae et viros suos salutent osculo: quod illæ, post classem inflammatam, deprecantes viros et iram eorum mulcentes, ita eos salutavissent et amplexi essent». *Plutarchi Chaeronensis Omnium quae exstant operum*, pag. 18 (Paris, 1624). E a pag. 35 refere-se ao seguinte: «et Anaxagoras, honoribus qui offerebantur recusatis, postulavit et ea qua decisisset e viris die pueris vocatio scholarum e dicendi concederetur». *Plutarchi Precepta gerendae reipublicae* em *Plutarchi Chaeronensis Omnium quae exstant operum*, t. II, pag. 820 (Paris, 1624).

Cit. a pag. 21 — 35 — 128.

Poetú é o *Poitou*, antiga provincia e antigo governo de França, que tinha por capital *Poitiers* e se dividia em *Alto* e *Baixo-Poitou*, comprehendendo aquelle os departamentos de *Deux-Sèvres* e de *Vienne*, e este a *Vendée;* fazia parte da antiga *Aquitania.*

Cit. a pagg. 25 — 33 — 127.

Poitiers, tambem *Potiers* e *Poetiers*, muito antiga e importante cidade, capital da antiga provincia de *Poitou* e do actual departamento de *Vienne;* sob muitos titulos notavel, populosa e culta, é uma das cidades que maiores recordações contém na historia da França.

Cit. a pagg. 26 — 31 e segg.

Pont-Antoni, *Antony* ou *Pont d'Antony*, é uma pequena povoação do departamento do *Sena*, 13 kilometros ao S. de *Paris*, proximo de *Sceaux*, com uma ponte sobre o *Bièvre*,

na estrada de *Orléans* a *Paris* por *Étampes*, que se encontra pouco antes de chegar a *Bourg-la-Reine*.

Cit. a pag. 49.

Ponte de Arça, *Pont-de-l'Arche*, cabeça de cantão do departamento de *Eure*, fica na margem esquerda do *Sena*, proximo e a jusante da confluencia do *Eure*. Muito antiga povoação dá-lhe, o nome a ponte sobre o *Sena*.

Cit. a pag. 107.

Ponte de Ruão, deve ser *le Pont-de-Ruan*, pequena povoação na margem esquerda do *Indre*, com uma ponte sobre este rio, que fica a meio caminho entre *Tours* e *L'Ile Bouchard*, na antiga estrada d'aquella cidade a *Richelieu*.

Cit. a pag. 127.

Pont-Dormi deve ser *Pont de Remy* ou *Pont-Remy*, povoação pouco importante na margem direita do rio *Somme*, proximo de *Abbeville* (departamento do *Somme*). Era logar fortificado, decerto por dominar a ponte que lhe deu o nome.

Cit. a pag. 104.

Ponteró é manifestamente *Le Portereau-de-Tutel*, arrabalde de *Orléans* na margem direita do *Loire*, unido á cidade por uma ponte e hoje conhecido por *faubourg-Saint-Marceau*.

Cit. a pag. 44.

Ponthiú deve ser *Ponthieu*, região da baixa *Picardia*, proximo da embocadura do *Somme*, que tinha por capital *Abbeville*, e foi constituida como condado no seculo x. No seguinte passou á casa de *Alençon*, e mais tarde á *Inglaterra* e e á *Borgonha*, ficando definitivamente em poder da França por morte de *Carlos o Temerario* (1477).

Cit. a pag. 105.

Pontoesa, *Pontoise,* sub-prefeitura do districto de *Seine-et-Oise,* situada na confluencia do *Viosne* com o *Oise,* era a antiga cidade principal do *Vexin-Français,* região da *Ile-de-France,* a N O de Paris, comprehendida entre a margem direita do *Oise* e a margem direita do *Sena.* Cidade antiga e importante, foi por vezes habitada pela côrte, ainda no seculo XVII.

Cit. a pag. 106 — 108.

Portalegre *(Conde de...),* é incontestavelmente o quarto conde, *D. João da Silva,* filho de *D. Manrique da Silva,* fidalgo ao serviço da Hespanha mas de origem incontestavelmente portugueza, a quem *Filippe II* deu o titulo de conde *de Portalegre* em recompensa dos serviços que lhe prestara na conquista de Portugal e por ser sua mulher, *D. Filippa da Silva,* filha e herdeira do 3.º conde *de Portalegre, D. Alvaro Gomes da Silva,* neto do primeiro conde. *D. João da Silva* foi tambem mordomo mór de Portugal por *Filippe II,* e como tal figurou nas côrtes de Thomar; morreu por 1601.

Cit. a pagg. 172 e 172 n.

Portenoire *(Mr. de...),* cujo nome Franco Barreto escreve *Deportenoire,* era o commandante de uma náo que o nosso auctor designa por *Coiqogallo (sic)* e devia chamar-se *le Cocq* (o gallo). (V. *Quadro Elem.,* t. I, pag. 44).

Cit. a pag. 144.

Portepila, *Le Port-de-Pilles,* pequena localidade na margem esquerda do *Creuse,* poucos kilometros a montante da confluencia d'este rio com o *Vienne.*

Cit. a pag. 38.

Portugal *(D. Miguel de...), bispo de Lamego* e embaixador junto da Santa Sé, era irmão do conde *de Vimioso,* que depois foi marquez *de Aguiar.* Recebêra elle instrucções

para passar por Paris e sollicitar o appoio da França junto do Papa, bem como as necessarias facilidades para poder realizar a sua viagem. Foi muito bem recebido, encontrando em *Richelieu* todo o auxilio que as circunstancias permittiram.

Cit. a pagg. 86 — 101 — 102 — 103 — 117 — 120 — 206 — 215.

Praxiteles, notavel esculptor grego, que os criticos collocam logo abaixo de *Phidias*, que o antecedeu na arte e o excedeu na celebridade (n. em 360, m. 280 ap. antes de J. C.).

Cit. a pag. 85.

Principe de Hespanha, no tempo de el-Rei *D. Sebastião*, a que se refere Soares d'Abreu, deve ser *D. Carlos* (n. em 1545, m. em 1568), filho primogenito de *Filippe II*; porisso que este foi rei de Hespanha em 1556, quando *D. Sebastião* tinha 2 annos, e *Filippe III* nasceu no proprio anno de 1578, em que morreu o rei de Portugal.

Cit. a pag. 195.

Principe *(O)*. V. *Theodosio (D.)*.

Ptolomeu Augustoritum, é de suppor que Franco Barreto quizesse referir-se á *Geographia* de *Ptolomeu*, sabio astronomo e geographo do segundo seculo da nossa era, e ao que elle tenha dito dos *pictavos* ou *pictões*, habitantes da região de *Poitiers* antes da conquista realizada pelos romanos.

Cit. a pag. 31.

Rabam. V. *Universidade*.

Cit. a pag. 116.

Radolpho *(Joseph de...)*. Não foi possivel identificar este individuo. *Guillandeau*, (cit. a pag. 158), não relata a conversão de nenhum protestante durante a estada dos embaixadores na Rochella.

Cit. a pagg. 18 a 20.

Raynha *(de França)*. V. *Anna d'Austria.*

Raynha mãe. V. *Maria de Medicis.*

Remes, *Reims,* antiquissima cidade, sede archiepiscopal desde remotissimos tempos, notavel pela sua cathedral, admiravel monumento de architectura onde eram ungidos os reis de França.

Cit. a pagg. 45 — 47.

Remigioux *(Zenard de...),* que Franco Barreto designa por *Senhor de Remigius,* era um tenente particular da curia presidial da Rochella, que vem mencionado pelo *P.e Arcèze* na *Histoire de la Rochelle,* (t. II, pag. 540). Foi um dos encarregados de ir cumprimentar os nossos embaixadores.

Cit. a pag. 16 — 17.

Rey de Castella. V. *Filippe IV.*

Richelieu, cidade, cabeça de cantão no departamento de *Indre-et-Loire;* de simples aldeia foi elevada a cidade ducal pelo cardeal *Richelieu,* que alli construiu a explendida residencia descripta pelo auctor e recentemente restaurada, depois de ter estado quasi em ruinas.

Cit. a pagg. 127 — 128 — 129.

Richelieu *(Armand-Jean-Duplessis, cardeal-duque de...),* cujo nome Franco Barreto escreve *Richieliu, Rucheliú* e *Rochilieu,* foi duque *de Richelieu* e *de Fronsac,* cardeal da Santa Sé e par de França; (n. em 1585) foi feito bispo *de Luçon* em 1607, secretario d'estado em 1616, cardeal em 1622 e primeiro ministro pouco tempo depois, tendo exercido esse cargo com poderes quasi discricionarios até á sua morte, em Dezembro de 1642. Tendo sido um dos maiores estadistas que tem tido a França, foi tambem um dos mais devotados pro-

pugnadores da nossa independencia, que sem elle talvez não tivesse podido manter-se. O palacio que o cardeal Richelieu mandou construir e a que o nosso auctor se refere é o *Palais Royal*, que elle legou a Luiz XIII e ainda hoje existe.

Cit. a pag. 13 e *passim*.

Roberto II, rei de França, era filho de *Hugo Capeto*, a quem se seguiu no throno (em 996); succedeu-lhe *Henrique I*, que por sua morte (em 1031) foi rei de França e duque de Borgonha. Era egualmente filho de *Roberto II*, outro *Roberto*, duque de Borgonha por cedencia de *Henrique* seu irmão primogenito, e tronco dos duques da primeira raça. Foi este *Roberto* avô do conde *D. Henrique*, de quem directamente descendem os reis de Portugal.

Cit. a pag. 16.

Rocha do Clin, *La Roche du Glun (?)*, pequena povoação da margem esquerda do *Rhodano*, perto da confluencia do *Isère*, a que talvez o auctor queira alludir.

Cit. a pag. 106.

Rochella, *La Rochelle*, capital do departamento de *Charente-Inférieure;* antiga cidade maritima fortificada, que até ao seculo xvii teve uma importante historia militar e politica, principalmente com respeito ás luctas religiosas; d'ella dependiam as terras de *Aunis* e *Saintonge* e as praças fortificadas de *Rochefort* e *Brouage*.

Cit. a pagg. 9 a 25 — 86 — 101 — 103 — 129 — 130.

Rochefoucauld *(Duque de la...)*, que Soares d'Abreu chama duque de *Rochefocau*, era o chefe de um familia illustre, a quem succedeu no titulo (em 1650) *Francisco VI de la Rochefoucauld*, seu filho, primeiro conhecido por *Principe de Marcillac*, que foi um notavel escriptor. O titulo de *Estissac* andava na familia *la Rochefoucauld* e n'ella se conservou; não

pudémos encontrar noticia alguma de irmão do duque que d'elle usasse em 1641.

Cit. a pag. 185.

Roisières *(M.r de...)* é *Étienne Bault*, ou *Boule, Sr. de Rosières*, que na *Lista dos coroneis e capitães* é designado como capitão do regimento *de Gravelines*, chamando-se-lhe *Estevão Boule Sr. de Rosieres* (V. *Hist.a do Ex.o, Provas*, t. I, pag. 307); no *Rol dos que vieram*, etc., tem o n.º 12, por nome *Rozieres* e a indicação de que deixou uma companhia de infanteria para vir servir em Portugal (*loc. cit.*, pag. 310); a sua patente, de 26 de Setembro de 1641, destina-o ao regimento *de Gravelines* e chama-lhe *Estevam Bault, S.r de Rosieres* (*loc. cit.*, pag. 319). Nada mais consta a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Roldão, em francez *Roland*, em italiano *Orlando*, é o heroe mais famoso das canções de gesta e dos romances de cavallaria, sobrinho de *Carlos Magno* e um dos seus mais decantados guerreiros. Veiu a morrer em *Roncesvalles*, (em francez *Roncevaux*), nos Pyrineus, em arduo e glorioso combate depois de ter chamado inutilmente os seus companheiros d'armas com os sons da sua *trompa* de guerra; é a esse lendario instrumento que se refere o auctor, sem decerto o ter visto.

Cit. a pag. 94.

Romãs é *Romans*, cidade na margem direita do *Isère*, cabeça de cantão do departamento de *Drôme*.

Cit. a pag. 106.

Rosna, *Rhodano* em portuguez, em francez *Rhône* é um dos maiores e mais importantes rios da França; nasce na *Suissa*, nos montes do *Valais*, forma o lago *Léman* ou de *Genebra*,

atravessa *Lyão* onde se lhe junta o *Saône,* passa em *Vienne, Valence, Avinhão* e *Arles,* dividindo-se depois em differentes braços antes de desembocar no mar Mediterraneo.

Cit. a pag. 106.

Roxesurion é *La Roche-sur-Yon,* capital do departamento de *Vendée,* que foi tambem officialmente conhecida em diversas epocas por *Bourbon-Vendée, Napoléonville, Napoléon-sur-Yon e Napoléon-Vendée;* actualmente é designada pelo seu nome primitivo.

Cit. a pag. 26.

Ruam é *Rouen,* antiga e importante cidade na margem direita do *Sena,* actualmente capital do departamento de *Seine-Inférieure.* Era já cidade notavel no tempo dos romanos; conquistada pelos normandos no seculo IX tornou-se capital do ducado de Normandia, cuja sorte naturalmente seguiu; conquistada aos inglezes no seculo XIII e novamente tomada por elles no seculo XV, alli foi julgada e justiçada *Joanna d'Arc* (em 1431).

Cit. a pagg. 47 — 107.

Rubiac *(M.r de...)* é *Jacques de Grille, Sr. de Rubiac, Roubiac, Roliac,* ou *Bombiac,* pois de todas as maneiras vemos escripto o seu nome, devendo ser *Rubiac,* como escreve Franco Barreto. Vem mencionado na *Lista dos coroneis e capitães* como capitão do regimento de cavallaria ligeira de *Montjouant* (V. *Hist.a do Ex.o, Provas,* t. I, pag. 307), e no *Rol dos que vieram* na armada, com o n.º 2, e com o destino que realmente teve (V. *loc. cit.,* pag. 309); a sua patente de capitão para o indicado regimento é de 26 de Setembro de 1641 (V. *loc. cit.,* pag. 319). Nada mais consta a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Ruel ou *Rueil* é a séde de uma communa do departa-

mento de *Seine-et-Oise*, 12 kilometros a O de *Paris* e 10 a NE de *Versailles*, onde foi construido por *Richelieu* um magnifico castello, que o cardeal habitava com muita frequencia, sobretudo quando a corte estava em *St. Germain*, em cujo caminho fica.

Cit. a pagg. 67 — 83 a 86.

SABOYA *(Principe do Sangue de...)* é *Carlos Amadeu de Saboya*, duque *de Nemours* (V. *Nemours*).

Cit. a pagg. 104 — 199.

SADRAGISELLO. Parece-nos muito duvidoso este duque de *Aquitania*, avô (diz o nosso auctor) de *Dagoberto;* porque na realidade a *Aquitania*, que fôra conquistada aos visigodos por *Clovis* (em 507) e incorporada no reino dos *Francos*, a este se conservou reunida até que o proprio *Dagoberto* a separou para a dar, como reino, a seu irmão *Cariberto* (628). Revertendo para a coroa de *França* (em 631) foi constituida em ducado, ainda por Dagoberto (631), a favor de seu sobrinho *Boggis*.

Cit. a pag. 87.

S. AIGNAM, ou antes *Saint-Aignan*, era com effeito bispo de Orleans em 451, por occasião da invasão capitaneada por *Attila* e parece ter contribuido poderosamente para a defeza da cidade; veiu a fallecer em 453.

Cit. a pag. 48.

SAINT-CHAMOND; sob a designação de *Marquez de Xomum*, é provavel que o auctor se queira referir a *Melchior Mites*, marquez de *Saint-Chamond*, *Saint-Chamont*, ou *Saint-Chaumont*, (pois de todas as maneiras encontramos escripto o seu nome), que foi nomeado (em 1643) para succeder a *Fontenay-Mareuil* na embaixada de Roma, mas pouco tempo alli se

conservou por não ter sabido oppor-se á eleição de Innocencio X (V. *Chéruel, Lettres de Mazarin*, t. I, *passim*).

Cit. a pag. 86.

SAINTONGE, região maritima da França que constituia a parte occidental do antigo governo de *Saintonge* e *Angoumois*, e hoje se acha comprehendida no departamento de *Charente-Inférieure*, tendo pelo norte o *Aunis*, o *Angoumois* pelo oriente e a *Guiena* propriamente dita pelo sul.

Cit. a pag. 29.

SANTA ELENA, *S.ta Helena*. Quer decerto o auctor referir-se á ilha d'este nome, isolada no Oceano, entre Africa e America, unico ponto de abrigo n'aquellas remotas paragens. Depois do captiveiro de Napoleão teria a referencia um sentido absolutamente contrario ao que o auctor parece querer dar-lhe.

Cit. a pag. 129.

SANTA MARTA, refere-se o auctor a *Scévole* e *Louis de Sainte-Marthe*, conhecidos escriptores francezes, irmãos gemeos (n. em 157), filhos de um alto funccionario e tambem conhecido escriptor *Scévole de Sainte-Marthe*. Escreveram, com effeito, a obra que Soares d'Abreu lhes attribue.

Cit. a pag. 197.

SÃO CHRISTOVAM *(Marquez de...)*. Segundo *Guillandeau*, escriptor do seculo XVII, (cit. a pag. 158), o *seigneur de St. Christophe* era da familia dos *Furgon*, que em 1476 deu á Rochella um presidente da camara, ou *maire*. Somente não diz que este individuo fosse filho natural de *Amadée de la Porte*. *Soares d'Abreu* tambem lhe chama *Marquez* e diz ser *sobrinho (ou filho) do Grão Prior* (V. pag. 185).

Cit. a pagg. 11 — 20 — 21 — 157 — 185.

São Diniz, *Saint-Denis*, sub-prefeitura do departamento do *Sena*, 10 kilometros ao N de Paris, que hoje constitue um arrabalde da cidade; deve o seu nome á celebre abbadia fundada por *Dagoberto* (seculo VII), de que foi abbade *Hugo Capeto*, e em cuja egreja eram sepultados os reis de França a partir de *Dagoberto I.*

Cit. a pagg. 87 a 95 — 107.

São Diniz, apostolo das Gallias, tendo realizado em Paris numerosas conversões ao christianismo foi o primeiro bispo d'aquella cidade e alli mesmo soffreu martyrio, no anno 272 da nossa era, com os seus companheiros *Rustico* e *Eleutherio*, na collina de *Montmartre*, que d'este acontecimento deriva o seu nome. Conta a lenda que *S. Diniz*, depois de decapitado, caminhou ainda, levando a cabeça nas mãos, até ao logar onde mais tarde (630 ou 632) o rei *Dagoberto* mandou edificar a sumptuosa egreja do seu nome.

Cit. a pagg. 88 — 93 — 108.

Sancto Eleutherio, um dos companheiros *de S. Diniz* com elle martyrisado (em 272). (V. *S. Diniz*).

Cit. a pag. 89.

Sancto Eloy (n. ap. 588), foi, como diz Franco Barreto, extraordinariamente perito na arte da ourivesaria, que largamente practicou deixando obras notaveis; dispondo da confiança de *Clotario II* e do seu filho e successor *Dagoberto I*, exerceu junto d'este as funcções de ministro e contribuiu para as suas boas obras. Recolheu-se depois a um convento, foi feito (em 640) bispo de *Noyon*, e morreu em 659 com fama de santo que a egreja confirmou.

Cit. a pag. 89.

São Gassiano (e não *Graciano*), é *St. Gatien*, bispo de Tours, um dos apostolos das Gallias, pelos annos 250 da

nossa era, que fez um grande numero de proselytos e foi canonisado.

Cit. a pag. 125.

Sam Germão (burgo de) é *Saint-Germain (faubourg)*; antigo arrabalde de Paris, na margem esquerda do Sena, que já ao tempo em que o auctor escreve estava inteiramente comprehendido na cidade. A rua de *Tournon* que elle cita (*Turnon* escreve elle) ainda hoje existe com o mesmo nome.

Cit. a pagg. 56—66.

Sam Germão (ou *Sam Germão em Laya*) é *Saint-Germain-en-Laye*, cidade no departamento de *Seine-et-Oise*, 18 kilometros a N O de Paris e 11 kilometros ao N de *Versailles*, residencia real desde 1370, edificada por *Carlos V*; foi esta successivamente melhorada e augmentada por *Francisco I*, *Henrique IV e Luiz XIII*, que alli residia muito frequentemente tendo lá nascido *Luiz XIV*.

Cit. a pagg. 56—60 a 63—66—80—81—84—99—100—101—107.

S. Gião, nome por que geralmente se designava no seculo xvii a fortaleza de *S. Julião da Barra* que, conjuntamente com a da *Cabeça Secca (Torre do Bugio)*, defendia a entrada do Tejo.

Cit. a pag. 7.

Santo Hilario, doutor da egreja e bispo de *Poitiers*, nasceu n'aquella cidade no principio do iv seculo da nossa era, de parentes nobres e pagãos; tendo, porém, estudado profundamente as doutrinas do christianismo abraçou-as e veiu a ser elevado ao episcopado pelos seus conterraneos em 350. Defensor eloquente da religião christãa, figurou brilhantemente em varios concilios e deixou importantes escriptos.

Cit. a pag. 126.

S. Joam de Lus é *St. Jean-de-Luz*, pequeno porto ao fundo do golfo de Gasconha, 18 kilometros a S O de *Bayonna* e da foz do *Adour* a partir da qual a costa, tornando-se quasi rectilinea, deixa de offerecer abrigo até á entrada do *Gironde*.

Cit. a pag. 21.

S. Joseph é *S. José de Ribamar*, pequena enseada na margem direita do Tejo, entre a ribeira d'Algés e o Dafundo, onde existia um celebre convento de frades arrabidos.

Cit. a pag. 7.

S. Luis *(S. Luiz, rei de França)*. V. *Luiz IX*.

São Lupo é *Saint-Loup*, cabeça de cantão no departamento de *Deux-Sèvres*, que fazia parte da antiga provincia de *Poitou;* velha cidade onde havia um importante castello.

Cit. a pag. 46.

São Martinho nasceu (por 316 da nossa era) na antiga *Pannonia*, que actualmente faz parte da Hungria, e era filho de um tribuno militar. Tendo sido primeiro soldado, veiu a ser ordenado por *Santo Hilario*, bispo de Poitiers, e depois de ter vivido algum tempo como eremita, foi eleito bispo de *Tours*, tornando-se notavel pela sua inextinguivel caridade (m. em 397 ou 400).

Cit. a pag. 126.

S. Quintim em Vermandois é *Saint-Quentin*, sub-prefeitura no departamento do *Aisne*, situada junto ao rio *Somme;* foi a capital do antigo condado de *Vermandois*, creado por *Carlos Magno* para o seu segundo filho. A cidade de *St Quentin* foi conquistada por *Filippe II* de Hespanha, por occasião da memoravel batalha a que deu o nome (em 1557), e reverteu para o dominio da França em 1559.

Cit. a pag. 105.

Sam Rustico, um dos companheiros de *S. Diniz*, com elle martyrisado (em 272). (V. *S. Diniz*).
Cit. a pag. 89.

São Severo é *Saint-Sevère-sur-Indre*. V. *Indre*.

Sam Valerio é *St. Valery-sur-Somme*, porto de mar e cabeça de cantão no departamento do *Somme*, na margem esquerda e proximo á foz do rio do mesmo nome.
Cit. a pag. 105.

Sardini *(Alessandro...)* deve ser o verdadeiro nome do italiano que Franco Barreto e Soares d'Abreu designam por *visconde de Sardigni*, visto que se achava, com effeito, em Paris pelo tempo da embaixada um *chevalier de Sardini* agente de Saboya, que vemos citado na correspondencia de *Mazarin* onde não é mencionado como visconde. Quanto ao titulo que segue, de conselheiro do Rei, pertence evidentemente a outro personagem (pag. 86).
Cit. a pag. 86 — 102 — 177.

Scismaticos da patria chama o nosso auctor, o *marquez de Villa Real*, o *arcebispo de Braga*, o *duque de Caminha*, o *conde de Armamar*, *D. Agostinho Manoel* e outros, que por terem conspirado contra *D. João IV*, foram presos em 28 de Julho de 1641, sentenceados em 23 de Agosto e justiçados em 28 do mesmo mez.
Cit. a pag. 133.

Schomberg, que Franco Barreto escreve *Scomberg*, deve ser *Carlos*, duque de *Schomberg* (n. em 1601), filho de outro duque de *Schomberg (Henrique)* e ambos elles marechaes de França. O segundo, *Carlos*, commandou o exercito francez na Catalunha, mas perdeu o valimento por morte de *Luiz XIII* e morreu em 1656. Não era da mesma familia um outro

Schomberg, que serviu mais tarde em Portugal e na Catalunha, e tambem foi marechal.

Cit. a pag. 119.

Scot, cujo nome Franco Barreto escreve *Escoto*, é *John-Duns Scot*, celebre philosopho, natural de *Duns*, proximo de *Berwick*, na Escocia (n. por 1275), que estudou em Oxford, entrou na ordem dos franciscanos de que foi um dos principaes ornamentos e professou com grande brilho nas universidades de Paris (1304) e de Colonia, vindo a morrer n'esta ultima cidade (em 1307); adversario de *S. Thomaz d'Aquino* e da sua escola philosophica e theologica foi talvez, depois d'elle, o maior theologo da egreja.

Cit. a pagg. 114—116.

Sebastião *(el Rey Dom...)*, (n. em 1554), era neto de el Rei *D. João III* e da Rainha *Catharina d'Austria*, irmãa de *Carlos V;* foram seus paes o infante *D. João*, que morreu pouco antes do nascimento do filho, e *D. Joanna d'Austria*, filha de *Carlos V. D. Sebastião* foi rei de Portugal, em 1557, por morte de seu avô, exercendo a regencia durante a sua menoridade a rainha *D. Catharina* e morreu em 1578 na desastrosa batalha de Alcacer-Quebir.

Cit. a pag. 195.

Secretario *(de Philippe II de Castella)*, deve ser *Antonio Perez*, pois parece ter sido o unico dos seus ministros que junto do rei teve valimento e influencia; não temos, no emtanto, conhecimento do dito a que o auctor faz referencia, aliás pouco clara.

Cit. a pag. 68.

Séguier *(Pierre)* (n. em 1588), duque *de Villemor*, conde *de Gien*, etc., feito chanceller de França em 1635, foi um dos mais celebres entre os altos magistrados do seu tempo e um

dos negociadores do tratado com Portugal que veiu a assignar-se em 1 de Junho de 1641.

Cit. a pagg. 102 — 141 — 143 — 201.

Sena (e não *Senna*), *Sequana* em latim, em francez *Seine*, é um dos rios mais importantes da França, nasce proximo de *Chanceaux* no departamento de *Cote-d'Or*, passa em *Chatillon* no mesmo departamento, atravessa o do *Aube* por *Mussy*, *Bar*, *Troyes* e *Nogent*, depois o de *Seine-et-Marne* por *Montereau*, *Melun* e *Corbeil*, entra no departamento do seu nome, atravessa *Paris* e banha *St. Denis;* depois, no de *Seine-et-Oise*, banha *St. Germain* e *Mantes;* no de *Eure* encontra *Vernon*, *Les Andelys* e *Pont-de-l'Arche;* e finalmente no departamento de *Seine-Inférieure* atravessa *Rouen*, e vae lançar-se no mar entre *Honfleur*, na sua margem esquerda, e *Harfleur*, na sua margem direita.

Cit. a pag. 107.

Seneterre *(Madamoiselle de...)*, ou melhor *de Senneterre*, deve ser uma irmãa, e pode tambem ser uma filha, de *Henri de la Ferté-Senneterre* (ou *Saint-Nectaire*), (n. em 1600), que foi feito marquez e mais tarde duque de *la Ferté* e marechal de França (em 1651), depois de se ter distinguido em varias batalhas (m. em 1662).

Cit. a pag. 201.

Senys (monte). V. *Cenis*.

Serralvo *(Marqueza de...)*. V. *Cerralbo*.

Setelarao (tambem *Setelarão*) é *Chatellerault*, sub-prefeitura no departamento de *Vienne*, na margem do rio d'este nome, notavel pela industria de pannos, cutilaria e fabricação d'armas. A este respeito diz Frei Manoel Homem: «de Puitiers fizemos jornada á cidade de Chatelro, ou Chatelaro,

lugar em que se fas o panno grosso que vai a Lisboa, a quem chamamos setelarão». (Vide *Descripção da jornada e embaixada extraordinaria que fez a França D. Alvaro Pires de Castro, conde de Monsanto, marquez de Cascaes*, etc., pag. 65. Paris 1644).

Cit. a pagg. 26 — 36 a 38 — 129.

Silveira *(Antonio da...)* foi um dos mais brilhantes soldados d'entre os que se cubriram de gloria na defeza dos nossos dominios no Oriente. Tendo partido para a India com *D. Vasco da Gama*, quando este para alli foi como vice-rei, cedo se tornou notavel pelas suas façanhas, merecendo assim que lhe fosse confiada (em 1537) a defeza de *Diu*, que defendeu durante o apertado cerco de 1538, em que tomaram parte não sómente indios mas turcos, vindos do Egypto, e que enchiam a Europa de terror. Foi immensa a fama adquirida pelo defensor de *Diu*, sendo certo que *Francisco I* de França lhe mandou fazer o retrato para o ter em *Fontainebleau*, como conta o nosso auctor.

Cit. a pag. 15.

Sindié é *St. Dié*, povoação de pequena importancia na margem esquerda do *Loire*, entre *Blois* e *Orléans*, uns 10 a 15 kilometros a montante de *Blois*.

Cit. a pagg. 40.

Sinesio, metropolitano de Pentapolis (Cirenaica) vivia no seculo IV e ainda no V, e escreveu um elogio da calvicie.

Cit. a pag. 128.

Soissons *(Conde de...)*. O representante d'essa casa ao tempo da embaixada é *Luiz de Bourbon* (n. em 1604), conde *de Soissons, de Clermont* e *de Dreux* (m. em 1641), filho de *Carlos de Bourbon*, terceiro filho de *Luiz I de Bourbon*, principe *de Condé* e tronco da familia, de que os condes *de Sois-*

sons eram um ramo secundario. Era sua mãe *Anna,* condessa de *Montafié* adiante mencionada; uma de suas irmãas, que foi sua successora, era *Maria de Bourbon Soissons,* casada (em 1625) com *Thomaz Francisco de Saboya Carignan,* outra sua irmãa, *Luiza de Bourbon Soissons,* casára (em 1617) com o duque de *Longueville* e morrêra em 1637.

Cit. a pagg. 55 — 119 — 201.

Soissons *(Condessa de...),* comquanto Franco Barreto escreva *Suason* e lhe chame princeza, deve ser *Anna,* condessa *de Montafié,* que desposára (em 1601) *Carlos de Bourbon,* conde de *Soissons* e de *Dreux,* filho de *Luiz de Bourbon,* principe *de Condé.* A filha, a quem o auctor se refere, deve ser *Maria de Bourbon Soissons* (n. em 1606), casada com *Thomaz Francisco de Saboya,* principe de *Carignan,* e que n'aquelle mesmo anno, de 1641, veiu a ser condessa de *Soissons* por morte de seu irmão, *Luiz de Bourbon Soissons,* sem descendencia.

Cit. a pagg. 100 — 167 — 201.

Solona é *La Sologne,* pequena região da antiga provincia de *Orléans* e do actual departamento de *Loir-et-Cher* junto a este rio; a sua principal povoação é *Romorantin.*

Cit. a pag. 44.

Somma é o *Somme,* rio de França que dá o nome a um departamento, por elle atravessado e no qual tem a sua foz, comquanto nasça no do *Aisne* perto de *St. Quentin* entrando no do seu nome pouco a montante de *Ham,* que lhe fica na margem esquerda; depois banha *Péronne,* atravessa *Amiens,* passa em *Picquigny* (margem esquerda), *Abbeville, Saint-Valery* e *Crotoy* que fica na margem direita junto á foz.

Cit. a pag. 105.

Sorbon *(Roberto de..),* cujo nome Franco Barreto es-

creve *Sorbona* (n. em 1201), foi capellão e confessor de *S. Luiz* rei de França, notavel orador e escriptor sagrado, conego em *Cambrai* e depois em *Paris* onde fundou, em 1252, uma associação de clerigos seculares destinada a facilitar a sua vida em commum, afim de se dedicarem exclusivamente ao estudo e ao ensino. Essa simples sociedade particular transformou-se com o andar dos tempos em faculdade de theologia da universidade de Paris, adquiriu celebridade europêa a partir do seculo XIV, combateu o protestantismo, recebeu de *Richelieu* um notavel incremento, e ainda hoje subsiste como admiravel instituição scientifica.

Cit. a pag. 114.

SORDIM. V. *Sourdis (Bailio de...)* e *Bordeus (Arcebispo de...)*.

SOURDIS *(Bailio de...)* que Soares d'Abreu escreve *Sordim*, deve ser um *bailli de Sourdis*, parente do arcebispo *de Bordeus Henri de Sourdis* (V. *Bordeus*) e cavalleiro de Malta, a quem estaria confiado o mando das galés na armada que o arcebispo superiormente commandava. Não vemos mencionado nenhum *bailio de Sourdis* entre os officiaes que vieram na armada *de Brézé;* portanto se este veiu a Sacavem foi n'outra occasião.

Cit. a pag. 206.

SOUSA DE MACEDO *(Dr. Antonio de...)*, doutor em direito e já apreciado escriptor quando se realizou a revolução de 1640, foi nomeado para acompanhar *D. Antão de Almada* quando este foi chamado para ir na primeira embaixada a Inglaterra. Os importantes serviços prestados durante essa missão e depois d'ella, ficando em Londres *Sousa de Macedo* como residente até 1646, justificáram a sua nomeação de ministro na Hollanda e, depois, a de secretario d'Estado, cargo que exerceu durante o ministerio de Castello Melhor.

Sousa de Macedo foi um dos mais notaveis diplomatas portuguezes do seculo XVII, em que tantos houve distinctissimos.
Cit. a pag. 213.

SOYSON e SUASON. V. *Soissons (Conde e condessa de...)*.

SUGERO, ou antes *Suger* foi um dos mais celebres abbades de *St. Denis*, contemporaneo e ministro de *Luiz VI* (n. em 1078, m. em 1137) e de *Luiz VII* (n. em 1120, m. em 1180), seu successor; e muito valido de ambos estes reis. Notavel escriptor, parece que foi elle o iniciador das *Chronicas* de *St. Denis*, tão apreciadas dos que se dedicam ao estudo da historia de França na edade media.
Cit. a pag. 87.

SULLY *(Duque de...)* é *Maximilien de Béthune*, duque *de Sully*, grande financeiro e notavel ministro de *Henrique IV* de França, de quem foi companheiro, confidente e amigo desde a mocidade. Entre os numerosos e elevados cargos que exerceu, contava-se o de governador do *Poitou*, um dos poucos que conservou depois da morte do rei; morreu em 1641.
Cit. a pagg. 33 — 37 — 119.

SURGIERA é *Surgères*, cabeça de cantão no departamento de *Charente-Inférieure*.
Cit. a pag. 25.

SYLVA *(Dom Phillippe da...)* é um irmão do *Marquez de Gouvêa*, que estando em Flandres, onde tivéra já uma brilhante carreira militar e fôra vencedor em Fleurus e Moguncia, tornou-se suspeito a Olivares por occasião da acclamação de *D. João IV* e esteve preso em Gand, sendo depois solto; ulteriormente commandou em chefe o exercito de Catalunha,

batendo La Mothe-Houdancourt (em 1644) e morreu pouco depois.

Cit. a pag. 40.

Sylva *(Ruy Gomes da...)* foi valido de *Filippe II.*, talvez por ser marido de *D. Anna de Mendoza*, conhecida na historia por princeza *d'Eboli*, que passa por ter sido a unica mulher que teve influencia no espirito severo e taciturno do rei. Comprehende-se porisso que *D. Sebastião* mandasse cumprimentar *Ruy Gomez da Sylva* e o *Duque d'Alba* pelo seu embaixador, como conta Soares d'Abreu.

Cit. a pag. 195.

Sylva Pereira *(Pero da...)* tambem *Dom Pedro da Sylva;* reportamo-nos ao que a seu respeito diz Soares d'Abreu, sem que sobre o assumpto tenhamos nada a accrescentar.

Cit. a pagg. 205 — 206.

Talmont, talvez melhor *Tallemond*, é um pequeno porto de mar da *Charente-Inférieure*, antigo burgo, que deu o seu nome a um principado da familia *La Trémoïlle.*

Cit. a pag. 26.

Tamericourt *(Achim d'Avaux, Sr. de...)* foi um dos mais conhecidos e de mais larga carreira d'entre os officiaes francezes que vieram na armada do marquez *de Brézé;* pois serviu no exercito portuguez perto de 20 annos e com incontestavel distincção. Na *Lista dos coroneis e capitães* é o primeiro mencionado, sob o nome de *Achim de Auaulx Sr. de Temiricour*, entre os capitães do regimento de cavallaria *de Gravelines (Hsta. do Exo., Provas*, t. 1, pag. 307); na *Lista das pessoas*, etc., apparece-nos *Mr. de Temericourt*, sob o n.º 11, como capitão do mesmo regimento mas com a indicação de ser: «Lugar Tenente coronel de Mons.r *de grauelline*» (*loc. cit.*, pag. 310); a sua patente, de 26 de Setembro

de 1641 (*loc. cit.*, pag. 319), chama-lhe *Achim de Auaux S.r de Tamaricour* e attribue-lhe uma das companhias do regimento de cavallaria ligeira de *Gravelines*. O Sr. *Christovam Ayres*, porém, dá-nos (no t. II das *Provas*, pag. 323 e segg.) numerosos documentos que lhe dizem respeito, o primeiro dos quaes é a sua nomeação de «commissario geral da cavallaria» da provincia de Traz-os-Montes (patente de 24 de Julho de 1646), passando ao Alemtejo com o mesmo posto em Fevereiro (patente de 26 de Fevereiro de 1647); logo depois é mandado exercer o cargo de tenente general da cavallaria no exercito do Alemtejo (26 de Junho de 1648), provido definitivamente n'aquelle alto cargo (20 de Maio de 1649), e finalmente nomeado «governador da cavallaria de ambos os partidos da Beira» (15 de Dezembro de 1660). Finalmente em Outubro de 1661 é auctorizado a ir ao estrangeiro na companhia da Infanta *D. Catharina*, com seis mezes de licença, devendo regressar ao Reino. Parece, porém, que não regressou.

Cit. a pag. 147.

Tarantesa, *Tarentaise*, região da alta *Saboya*, ao N. do condado de *Moriana*, comprehendendo as bacias do curso superior do *Isère* e dos seus affluentes da margem esquerda até *Albertville*, onde o rio muda de direcção tomando a de S O.

Cit. a pag. 106.

Theodosio *(O Principe D....)*, filho primogenito de *D. João IV* e *D. Luiza de Gusmão* (n. em 1634). Gosou este principe de grande fama de intelligencia, cultura e virtude, que os jesuitas, seus mestres, altamente encareceram e que a sua morte prematura (em 1653) concorreu para que fosse exaggerada. É certo, porém, que os seus meritos eram muito superiores aos de seus irmãos que reinaram em seu logar.

Cit. a pag. 6.

Thessereau *(M)*, pessoa em cuja casa, diz *Guillandeau*, se alojou um dos embaixadores (decerto Coelho de Carvalho) por occasião da sua chegada a Rochella; Franco Barreto não o menciona, nem tão pouco ao tenente general que hospedou o outro embaixador, apenas se conclue da sua narrativa que foram alojados nas mesmas casas na ida e no regresso.

Cit. a pag. 158.

Thou *(O Presidente de...)*, cujo nome Franco Barreto tambem escreve *Thu*, é *Jacques Auguste de Thou* (1553-1617) que foi um dos historiadores mais distinctos do seculo XVI. A sua grande obra, *J. A. Thuani historia sui temporis*, começou a publicar-se em 1604.

Cit. a pag. 30 — 116.

Thurs é *Thouars*, cabeça de cantão do departamento de *Deux-Sèvres*, 28 kilometros a NE de *Bressuire*, a cuja circumscripção pertence.

Cit. a pag. 26.

Ticiano, em francez *Le Titien*, é *Tiziano Vecelli*, celebre pintor veneziano, fundador da chamada escola de Veneza, que morreu n'aquella cidade com mais de 90 annos, em 1576, tendo conservado as suas faculdades de trabalho até uma edade muito avançada. Foi muito protegido de *Carlos V* a quem dedicou as suas obras mais notaveis, muitas das quaes estão no museu de Madrid. Deixamos á responsabilidade do auctor a affirmação de que houvesse em *Richelieu* quadros do *Ticiano*, bastante raros em França.

Cit. a pag. 128.

Tirrell *(Walter...)*, julgamos ser este o verdadeiro nome do official a quem Franco Barreto chama *Monsieur de Tirel*, e que na *Lista dos coroneis e capitães* (*Hist^a. do Ex^o.*, *Provas*, t. I, pag. 308) nos apparece como *Gualtiero Tirrel*, coronel

de infanteria. No *Rol das pessoas que vieram de França* não nos atrevemos a affirmar que seja elle um *Mr. de Tirae* que nos apparece sob o n.º 85, com mais seis officiaes e a indicação collectiva *Estos bolvieron de franza* (*loc. cit.*, pag. 315); a nota da sua patente (*ibid.*, t. II, pag. 209) chama-lhe *dõ Gualtero Tirel* e é de coronel de infanteria. Nada mais encontrámos a seu respeito.

Cit. a pag. 147.

Torre *(Conde da...)*, é o primeiro conde, *D. Fernando de Mascarenhas*, filho de *D. Manoel de Mascarenhas* que esteve com el Rei *D. Sebastião* em *Alcacer* e foi depois governador de *Mazagão;* o titulo de conde *da Torre* foi-lhe concedido (em 1638) por *Filippe III* em recompensa dos serviços prestados em Africa; depois foi-lhe confiado o commando de uma armada mandada ao Brazil contra os hollandezes, expedição esta em que foi infeliz, sendo no regresso preso em S. Julião da Barra onde o veiu encontrar a revolução do 1.º de Dezembro. Conseguindo alcançar que a praça se rendesse, foi-lhe este serviço recompensado com a nomeação de conselheiro de Estado, tendo mais tarde importantes commandos militares (m. em 1651).

Cit. a pag. 212.

Trémoïlle *(Duque de la...)*, que Franco Barreto designa por *Senhor de Trimulha*, é *Henri-Charles*, principe *de Tarente*, representante de uma das mais antigas e mais illustres familias da França, que tem o seu solar na terra de *La Trémoïlle* em Poitou.

Cit. a pag. 30.

Turena é a *Touraine*, antiga provincia de França, que actualmente corresponde ao departamento de *Indre-et-Loire;* é uma das mais formosas regiões da França e das mais interessantes pela sua historia e monumentos.

Cit. a pag. 39.

Turim, *Toury* ou *Thoury*, é uma pequena povoação de *Eure-et-Loire*, nos confins do *Loiret*, sobre a estrada de *Orléans* a *Paris* entre *Artenay* e *Augerville*, que fica a cerca de 35 kilometros de *Étampes*. *Fr. Manoel Homem*, citando este logar chama-lhe *Torim*.

Cit. a pag. 49.

Turno. V. *Bruto*.

Cit. a pag. 125.

Turpin, que Franco Barreto escreve *Turpim*, deve ser o *arcebispo Turpin* das chronicas de *Carlos Magno*, seu famoso companheiro d'armas, que primeiro foi monge de *St. Denis* e depois arcebispo de *Reims*, passando por ser o auctor primitivo da famosa chronica, absolutamente destituida de valor historico, mas que serviu de base á lenda.

Cit. a pag. 94.

Turs é *Tours*, antiga e importante cidade, capital da antiga *Touraine* e hoje do departamento de *Indre-et-Loire*, uma das mais notaveis e interessantes cidades do centro da França; está situada na margem esquerda do *Loire*, pouco acima da confluencia do *Cher* e fica comprehendida entre os dois, indo depois o *Cher* juntar-se ao *Indre* e ambos com o *Loire*.

Cit. a pag. 125.

Ulmi de S. Martinho deve ser *Les Ormes de St. Martin*, pequena povoação na margem direita do *Vienne*, poucos kilometros a montante da confluencia do *Creuse*.

Cit. a pag. 38.

Universidade de Paris, não foi fundada por *Carlos Magnó*, comquanto elle fosse um grande protector das lettras e esta instituição o tomasse por patrono; fundou-a *Philippe-Augusto* (em 1200), sendo os seus primeiros estatutos redigidos (em

1215) por um inglez *Robert Courson* (ou *Curson*). Quanto aos sabios citados pelo nosso auctor devemos notar que *Beda*, ou antes *Bede*, que passou por ser o homem mais erudito do seu seculo, nasceu em *Durham* (Inglaterra) em 672 e morreu em 735; *Alcuino* (726?-804?) seu compatriota e discipulo, foi chamado por *Carlos Magno* para fundar varias escolas e dirigir a que elle mantinha no seu proprio palacio; *Rabam* (em latim *Rhabanus Maurus*) foi bispo de *Moguncia*, em 827, e discipulo de *Alcuino*, mas quasi não foi contemporaneo de *Carlos Magno*, que morreu no anno em que elle se ordenou; *Claudio*, não o pudémos identificar, e quanto a *João*, cognominado *Scoto*, que não foi contemporaneo de *Carlos Magno*, veja-se *Scoto*.

Cit. a pag 116.

Urbano VIII, é o Papa d'este nome, *Maffeo Barberino* ou *Barberini*, a quem foi dirigida a embaixada do bispo de *Lamego*, *D. Miguel de Portugal*, e que não a recebeu. Aquelle Pontifice, apesar de ter sido eleito graças ao appoio e á influencia da França, estava na occasião da embaixada malquistado com *Richelieu* por questões da politica italiana, o que muito contribuiu para a sua attitude hostil com respeito a Portugal.

Cit. a pag. 215.

Valoes é o *Valois*, pequena região da *Ile-de-France*, actualmente repartida entre os departamentos de *Oise* e *Aisne*; foi constituida em condado (em 1284) e origem da dynastia de *Valois*, que deu numerosos soberanos á França (1328 a 1589); *Carlos VI* elevou o condado a ducado para seu irmão *Luiz d'Orléans* (1402); *Luiz XIV* deu esse ducado a seu irmão *Philippe* já então *duque d'Orléans*.

Cit. a pag. 48.

Vandoma é *Cesar*, duque de *Vendome*, filho legitimado de

Henrique IV e de *Gabriella d'Estrées* (n. em 1594), que casou (em 1609) com *Francisca de Lorena,* filha do duque *de Mercœur. Cesar de Vendome* tomou parte em todas as conspirações e movimentos revolucionarios que houve no seu tempo; no proprio anno de 1641, sendo governador da Bretanha, foi elle accusado de ter cooperado n'uma combinação para assassinar *Richelieu* e fugiu para Inglaterra d'onde só voltou em 1643 (m. em 1665).

Cit. a pag. 119.

VAUTER *(Isabel de...),* sob esta designação quer decerto Franco Barreto referir-se a *Isabeau de Vouthon,* mãe de *Joanna d'Arc,* pois este era o seu nome.

Cit. a pag. 45.

VERNOL deve ser *Verneuil.* O auctor quer decerto referir se ao castello de *Verneuil,* que está effectivamente sobre o *Oise,* a uns 50 kilometros de Paris, proximo de *Senlis.*

Cit. a pag. 108.

VERNON, cabeça de cantão no departamento de *Eure,* situada na margem esquerda do *Sena,* sobre o qual existe uma ponte em frente da povoação.

Cit. a pag. 107.

VIDIGUEIRA *(Conde da...)* era *D. Vasco Luiz da Gama, Almirante do mar das Indias* (n. em 1612), que depois foi embaixador em Paris e primeiro marquez *de Niza,* um dos mais notaveis diplomatas portuguezes do seu tempo. Foi certamente na sua qualidade de almirante que el-Rei *D. João IV* o encarregou de ir receber e saudar da sua parte o marquez *de Brézé,* que vinha com o caracter de embaixador.

Cit. a pag. 133 — 171.

VEXIN-FRANÇAIS é uma região da *Ile-de-France* a oeste de

Paris, que se prolonga para oeste com o *Vexin-normand;* outr'ora fazia o conjuncto parte da *Normandia,* depois separaram-se os dois, tomando a designação de *Vexin-français* a parte oriental, cujas principais povoações se acham comprehendidas no departamento de *Seine-et-Oise.*

Cit. a pag. 125.

Vienna é o *Vienne,* affluente da margem esquerda do *Loire,* que nasce no limite septentrional do departamento de *Corrèze,* atravessa o de *Haute-Vienne,* passando em *Limoges* que fica na sua margem direita, corta o N O da *Charente* por *Chabannes* e *Confolens,* depois rega o departamento do seu nome de S a N, passando em *Chatellerault,* e vae terminar em *Indre-et-Loire* juntando-se com este ultimo rio em *Candes.*

Cit. a pagg. 36 — 38 — 127.

Villamonté; só por este nome, visivelmente mal reproduzido, não conseguimos descubrir a quem Christovam Soares d'Abreu quer referir-se.

Cit. a pag. 185.

Villareal *(Manoel Fernandes...),* era um christão novo ou judeu portuguez que residia em França como consul de Portugal e parece ter prestado bastantes serviços aos nossos embaixadores, como refere Soares d'Abreu nas *Advertencias* (Doc. v); mais tarde, porém, foi denunciado á Inquisição por *Frei Francisco de Sto. Agostinho de Macedo,* e condemnado, por relapso, culpa que confessou, soffrendo a pena de morte em Lisboa a 10 de Outubro de 1652. A declaração que fez estando nas prisões do Santo Officio e a sentença veem impressas no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva, tomo xvi, pagg. 189 e seg. Vide o que a seu respeito diz a pag. 181, Soares d'Abreu, que o designa por capitão.

Cit. a pagg. 49 — 165 — 181 e 181 n. 2.ª — 187 — 212.

Villaviçosa, ou *Villa Viçosa*, villa de Portugal na provincia do *Alemtejo*, onde os *Duques de Bragança* tinham a sua principal residencia; magnifico palacio e vastas propriedades ruraes, que ainda hoje pertencem á casa de Bragança.
Cit. a pag. 82.

Villete é *la Villette*, então arrabalde de *Paris*, a N O da cidade, hoje um dos seus bairros, comprehendido dentro das fortificações e dos *boulevards* exteriores.
Cit. a pagg. 53 — 54 — 55.

Vimioso *(Conde de...)*, era ao tempo da embaixada *D. Affonso de Portugal* (n. em 1591), filho de *D. Luiz de Portugal* e *D. Joanna de Mendonça*, que foi feito marquez *de Aguiar* (em 1643) pelas constantes provas que déra do seu patriotismo e do seu valor. Tendo sido um dos primeiros a cooperar na revolução de 1640 e um dos que instaram com o duque *de Bragança* para que acceitasse a coroa, foi tambem um dos que mais contribuiram para fazer abortar a conspiração do arcebispo *de Braga*.
Cit. a pag. 86.

Viron *(Mariscal de...)*. V. *Biron (Marechal de...)*.

Vitemberg *(Duque de...)*. V. *Wurtemberg (Duque de ..)*.

Vocolor é *Vaucouleurs*, cabeça de cantão no departamento do *Meuse*, situada na margem esquerda d'este rio e a uns 30 kilometros a jusante de *Domrémy*, onde nasceu *Joanna d'Arc*. Consta ter sido em *Vaucouleurs* que ella offereceu os seus serviços em defeza da patria.
Cit. a pag. 45.

Voga *(monte)*, não conseguimos identificar este monte junto do qual nasce o *Sena* no dizer do auctor; é sabido

que a origem d'este rio é muito proximo de *Champceau*, (mais modernamente *Chanceaux*), nas montanhas da *Cote d'Or* e portanto no antigo ducado de *Borgonha*.

Cit. a pag. 107.

Volfranche, localidade que não conseguimos identificar; citada pelo auctor como logar onde nasce o rio *Creuse;* «no pais de *Berry (sic)*». Devemos notar que o rio citado não nasce no *Berry* porém sim na *Marche*, mais ao sul.

Cit. a pag. 38.

Wurtemberg *(Duque de...)* deve ser *Eberhardo III* (n. em 1614, duque em 1628), que os francezes contemporaneos frequentemente designam por duque, ou por principe, *de Wirtemberg;* era conde de *Montbéliard* em França e seguira o partido dos francezes na Guerra dos Trinta Annos. Achava-se effectivamente privado da posse dos seus estados da Allemanha em 1641, e porisso ao serviço da França; em 1643 entregavam-lhe os francezes a defeza de *Rothweil* (m. em 1698).

Cit. a pag. 82.

Xamburg. V. *Chambord.*

Xamerat. V. *Barbezières-Chemerault.*

Xampanha. V. *Champagne.*

Xampui. V. *Champuis.*

Xantanhier. V. *Chasteignier.*

Xartré, *Xastres.* V. *Chartres.*

Xartren (ou *Xatren*). V. *Chartrain.*

Xatilhon, tambem *Xatillon*, *Chatilhão* e *Chatilhon*. V. *Chatillon* e *Chatillon-sur-Seine*.

Xavigni, *Chaviny* e *Chavery*. V. *Chavigny*.

Xentonge. V. *Saintonge*.

Xer. V. *Cher*.

Xevrosa, tambem *Cheverosa* e *Chevrosa*. V. *Chevreuse*.

Xilot. V. *Chilleurs-aux-Bois*.

Xomum. V. *Saint-Chamond*.

Zeuxis, celebre pintor grego que viveu no 5.º seculo antes de Christo (475-400), competidor de *Parrhasio* e, como este, muito apreciado dos seus contemporaneos.
Cit. a pag. 85.

ERRATAS

Pág.	linha	onde se lê	leia-se
VI	6	lcrd	lord
7	1	Maria João	*Maria João*
49	10	despahcarão	despacharão
120	2	Architrenio	*Architrenio*
142	11	conhecida	concluida
»	21	como temos	commetemos
143	16	retificação	ratificação
158	5	Guillandeau.	Guillaudeau.
210	22	venda	vinda
313	18	duque	conde
328	3	37	19 — 37
»	7	103	31 — 36 — 103
335	15	54	20 — 27 — 28 — 54
351	6	perhibente	perhibent
»	12	et	ut
»	13	vocatio	vacatio
»	»	e dicendi	edicendi
»	23	25 — 33	26 — 31 — 33

ÍNDICE

Parecer do Sr. Joaquim Coelho de Carvalho v
Prefacio ix
Introducção xxv
Relação da viagem... 1
Documentos elucidativos 151
Personagens e logares citados. 257

Mappa do itinerario do Monteiro Mór 5

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
634
B35
1918

Barreto, João Franco
Relação da embaixada a
França em 1641

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 25 02 018 6